

AS CARTAS DE ELOGIO DE PLÍNIO, O JOVEM

KÁTIA REGINA GIESEN
LENI RIBEIRO LEITE



KÁTIA REGINA GIESEN
LENI RIBEIRO LEITE

AS CARTAS
DE ELOGIO DE
PLÍNIO, O JOVEM



EDUFES

Vitória, 2022



**Universidade Federal
do Espírito Santo**



EDUFES
EDITORA

Editora Universitária – Edufes

Filiada à Associação Brasileira
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514
Campus de Goiabeiras
Vitória – ES · Brasil
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852
edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor

Paulo Sergio de Paula Vargas

Vice-reitor

Roney Pignaton da Silva

Chefe de Gabinete

Aureo Banhos dos Santos

Diretor da Edufes

Wilberth Salgueiro

Conselho Editorial

Carlos Roberto Vallim, Eliana Zandonade, Eneida
Maria Souza Mendonça, Fátima Maria Silva,
Graziela Baptista Vidaurre, Isabella Vilhena Freire
Martins, José André Lourenço, Marcelo Eduardo
Vieira Segatto, Marcos Vogel, Margarete Sacht
Góes, Rogério Borges de Oliveira, Sandra Soares
Della Fonte, Sérgio da Fonseca Amaral

Secretaria do Conselho Editorial

Douglas Salomão

Administrativo

Josias Bravim, Washington Romão dos Santos

Seção de Edição e Revisão de Textos

Fernanda Scopel, George Vianna,
Jussara Rodrigues, Roberta Estefânia Soares

Seção de Design

Ana Elisa Poubel, Juliana Braga,
Samira Bolonha Gomes, Willi Piske Jr.

Seção de Livraria e Comercialização

Adriani Raimondi, Dominique Piazzarollo,
Marcos de Alarcão, Maria Augusta Postinghel



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Preparação de texto

Jussara Rodrigues

Projeto gráfico

Seção de Design da Edufes

Diagramação, capa e revisão de texto

Agência Três Criativos

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

G455c Giesen, Kátia Regina, 1992-
As cartas de elogio de Plínio, o Jovem [recurso eletrônico] /
Kátia Regina Giesen, Leni Ribeiro Leite. - Dados eletrônicos. -
Vitória: Edufes, 2022.
245 p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7772-509-0

Também publicado em formato impresso.

Modo de acesso: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/774>

1. Plínio, o Moço, ca. 61-ca. 114 - História e crítica. 2. Literatura - História e crítica. I. Leite, Leni Ribeiro, 1979-. II. Título.

CDU: 82

Elaborado por Cynthia Bachir – CRB-6 ES-000485/O

Esta obra foi composta com
a família tipográfica Crimson Text.

Agradecimentos

Aos meus queridos pais, Aloízio e Dorinha, pela preocupação e apoio incondicional aos meus estudos; às minhas irmãs, Rosa e Karina, e ao pequeno Guilherme, por se fazerem presentes e disponíveis; ao meu amado, Luiz Felipe, pelo carinho, apoio e incentivos constantes e incansáveis; à Leni, por todas as aulas dadas dentro e fora das salas de aula, pela amizade e pela parceria nesta tarefa; minha mais sincera gratidão.

Kátia

Aos meus alunos e orientandos, com quem divido os trabalhos e as dificuldades mas também as vitórias e alegrias; em especial à Kátia, que me proporcionou a oportunidade deste estudo.

Leni

Sumário

Apresentação	7
Introdução	9
A Epistolografia na Antiguidade Greco-Romana	23
Teoria epistolar antiga.....	31
Prática epistolográfica: das tabuinhas às coleções	45
As cartas de Plínio, o Jovem, na tradição romana	56
O Epidítico: Demonstração, Persuasão e Conselho.....	63
O discurso sobre o gênero: estruturas e funções do elogio na Antiguidade ...	64
As práticas do elogio em prosa: de Péricles a Plínio, o Jovem	85
O uso dos louvores na epistolografia pliniana.....	96
As Representações dos Contemporâneos de Plínio nas Epístolas Laudatórias.....	105
Imagens textuais, representações e discursos	105
Formas, funções e efeitos das cartas elogiosas de Plínio, o Jovem	112
Louvor aos contemporâneos: a eloquentia e o ingenium.....	134
Elogio às letras e aos letrados como forma de representação positiva da dinastia antonina.....	156
Considerações finais	173
Referências	180
Tradução das cartas citadas	202
Apresentação geral do conteúdo das cartas citadas.....	235
Apresentação dos correspondentes e destinatários das cartas citadas.....	236

Apresentação

Uma obra, publicada no Brasil, sobre um dos escritores romanos mais importantes da literatura latina imperial, mas ainda escassamente conhecido pelo público não especializado, é um acontecimento. O livro escrito por Kátia Regina Giesen e Leni Ribeiro Leite se destaca pela feliz coincidência entre uma sólida erudição e uma rara capacidade de interessar e encantar um público amplo e variado. Com efeito, este será um subsídio relevante para estudiosos em história antiga, retórica clássica e literatura latina, e também será útil e de prazerosa leitura para aqueles interessados em questões do mundo antigo e em história, literatura e teoria literária.

A correspondência de Plínio, o Jovem, constitui um conjunto variadíssimo de mais de trezentas cartas, distribuídas em dez livros. Os nove primeiros foram organizados e publicados pelo autor. O décimo, publicado depois de sua morte, registra a correspondência com o imperador Trajano. Este vasto conjunto inclui um leque vário de assuntos e destinatários e foi, durante muito tempo, considerado principalmente uma fonte para o estudo de fatos históricos e práticas sociais e culturais de sua época. Kátia e Leni, sem desdenhar este importante aspecto, abordam a correspondência pliniana como texto literário e tentam desvendar seus mecanismos de produção e recepção. Para atingir esse objetivo, servem-se não só do estudo dos gêneros discursivos da Antiguidade e suas inter-relações, mas também do arsenal teórico fornecido pela retórica antiga e pelas reflexões mais recentes da análise do discurso.

Estudar um conjunto de epístolas da Antiguidade romana supõe o levantamento de questões relativas aos limites entre o público e o privado; entre o texto artisticamente elaborado e a ostentação (ou simulação) de uma comunicação direta e espontânea. Ao mesmo tempo, a delimitação de um *corpus* preciso – as cartas de elogio a contemporâneos – estabelece um olhar que integra gêneros diversos, unidos tradicionalmente na

prática da escritura, mas separados, às vezes de forma artificial, na consideração crítica: o testemunho histórico, a carta pessoal ou de recomendação e o elogio retórico.

A proposta das autoras de classificar as epístolas estudadas como epidíticas sustenta-se em uma análise de sua estrutura, que situa o elogio do caráter, das ações e da atividade literária dos personagens retratados num lugar central. Surgem desses elogios a defesa do tempo presente, de sua dignidade e a tentativa de Plínio de desarticular determinadas oposições tradicionais: dedicação à coisa pública ou à reflexão filosófica; veneração do passado ou louvor do presente; oratória institucional ou declamação; cultura urbana ou vida rural. Vejamos alguns exemplos. O admirado filósofo Eufrates pretende conciliar os antagonísticos *otium* e *negotium*, para regozijo do próprio Plínio (*Epistulae*, 1.10). A versatilidade de Pompeio Saturnino, cujo *ingenium* é *varium* e *flexibile*, exercita-se em domínios tão variados como história, oratória e poesia (1.16). Comparável a Catulo, Calvo, Plauto e Terêncio, sofre, contudo, o preconceito derivado de estar vivo. Vergílio Romano, dramaturgo cujas obras lembram as de Menandro, poderá um dia se converter em modelo (4.21). Iseu é apresentado como homem eloquentíssimo, mas não é um orador; apenas um retor (*scholasticus tantum*) (2.3). Terêncio Júnior demonstrou uma grande erudição e solvência tanto em latim quanto em grego, apesar de levar uma vida retirada, no campo (7.25).

As diferentes aproximações a um texto clássico revelam escolhas, preferências e limitações de pontos de vista que são necessariamente históricos. Os autores da Antiguidade não falam a mesma coisa aos leitores dos séculos XIX e XX que aos de nosso tempo. A valorização tradicional de escritores do chamado período clássico da literatura latina – de Cícero até a época augustana – teve por efeito negligenciar autores posteriores, os quais a academia costumava relegar a um segundo plano por considerá-los pouco originais ou decadentes. Assim, grandes mestres da literatura latina pós-clássica, como Lucano, Estácio, Sêneca e Juvenal, entre muitos outros, mereceram uma atenção consideravelmente menor que seus pares do período clássico.

Talvez as mudanças nas práticas literárias contemporâneas, em que o cruzamento entre diferentes gêneros é frequente, facilitem a recepção a textos da Antiguidade clássica que não se ajustam a uma aproximação unívoca. As cartas de elogio de Plínio, o Jovem, certamente correspondem a essa categoria. Boa leitura!

Pablo Schwartz

Introdução

O interesse pela fragilidade e mesmo pelas rupturas das fronteiras entre o público e o privado foi a motivação inicial do estudo que ora apresentamos neste livro. De um lado, a opção pelo estudo da epistolografia de Plínio, o Jovem, nasceu da percepção de que um texto escrito *a priori* para ser lido em contexto privado – a carta pessoal – passou a ser encarado, pelo seu próprio remetente, como uma escrita pública, uma vez que ele decidiu organizar suas missivas em formato de coleção e publicá-las como uma obra literária¹. De outro, o interesse pelo epidítico, isto é, pelo texto de louvor, surgiu ao ler esse conjunto de cartas e verificar que existe, em várias delas, a formulação escrita de pequenos discursos de elogio, algo por nós reconhecido como próprio da oratória e, portanto, pertencente à esfera pública, mas, nesse caso, utilizado em um contexto de caráter originalmente privado. Foi, então, a partir desse

1 Os termos “literário” e “literatura”, frequentemente utilizados neste texto, se referem sobretudo a uma série de recursos linguísticos, estilísticos e composicionais dos quais um autor pode lançar mão para a produção de efeitos de interpretação em seus possíveis leitores, uma vez que reconhecemos que a categoria “literatura” como estudada modernamente não se aplica de maneira direta ao modo como os diferentes textos da Antiguidade latina eram compreendidos – conferir Albrecht (1997, p. 1-4) e Braund (2002, p. 37-39). Também com alguma frequência reforçamos a designação das cartas de Plínio como produção literária, em razão de uma tradição analítica que põe esse aspecto em segundo plano ou apenas o desconsidera em prol de uma percepção majoritária ou unicamente documental da obra.

entrecruzamento entre um discurso que, a princípio privado, passa a ser público e literário e outro que, inicialmente público, é aplicado em contexto privado, que se estabeleceu o nosso objeto de investigação: a utilização, nas cartas de Plínio, o Jovem, de recursos do gênero retórico – o discurso epidítico ou demonstrativo – para louvar seus contemporâneos vivos; e as representações sociais advindas dessa prática.

Tendo como ferramentas a tradução das cartas e seu estudo a partir de referenciais da análise do discurso e da história cultural, além das próprias concepções antigas sobre epistolografia e epidítico, nosso objetivo foi examinar de que modo e com quais funções Plínio, o Jovem, utiliza, em sua correspondência, o elogio dirigido a alguns de seus contemporâneos ainda vivos. Para isso, discutimos a inserção do autor na tradição epistolográfica antiga, assim como as conceituações e práticas do elogio na Antiguidade, o que permitiu observar elementos que compõem o estilo e a linguagem de Plínio. Nesta leitura, selecionamos, entre os nove primeiros livros que compõem a coleção epistolar pliniana, um total de treze missivas. Os textos selecionados têm por tema principal o elogio a um contemporâneo do autor e apresentam algumas estruturas próprias do discurso epidítico descrito pela retórica.

Nascido em Como, por volta de 62 d.C., *Gaius Plinius Caecilius Secundus* ficou conhecido como Plínio, o Jovem, ou Plínio, o moço, para diferenciar-se de seu tio Plínio, o velho (*Gaius Plinius Secundus*), que o adotou. Originário de uma família equestre, Plínio estudou retórica em Roma, sob a tutela de Quintiliano (Plínio, *Cartas*, 6.6.3), e ascendeu a diversos cargos da administração romana, assumindo, entre outras, as funções de questor, tribuno da plebe, pretor, cônsul e governador de província. Foi provavelmente no exercício dessa última atividade, na província da Bitúnia, que Plínio, o Jovem, faleceu, em 113 d.C. (CONTE, 1999, p. 525). Sobre a biografia desse autor, as fontes antigas mais importantes são: a) suas próprias cartas, ainda que as informações se encontrem de forma bastante esparsa ao decorrer da obra e tenham um caráter extremamente alusivo (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 11); e b) uma inscrição em pedra originária da cidade de Como². Para Gibson e Morello (2012, p. 14), “o livro 7 oferece uma breve e sugestiva narrativa, mas completa em seus próprios termos, de um período notável da vida de Plínio, isto é, seu início de carreira política

2 Conferir *Corpus Inscriptionum Latinarum* (CIL), V.5262; *Inscriptiones Latinae Selectae* (ILS), 2927, 5263, 5667, 5279; ILS, 6728; *Supplementa Italica*, 1.745.

até por volta de 97”. Já em relação à inscrição, os autores afirmam que ela “fornece o *cursus honorum* de Plínio, em ordem decrescente, modificado (como muitas vezes em tais inscrições) pelo consulado e sacerdócio (augurado, no caso dele), sendo colocados diretamente após o nome, fora da ordem cronológica” (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 271). Modernamente, informações bastante completas sobre a vida e a carreira de Plínio, o Jovem, são fornecidas por Mommsen (1873, p. 31-78), Sherwin-White (1998, p. 69-82), Birley (2000, p. 7-17), Gibson e Morello (2012, p. 265-273) e Souza (2013b, p. 150-152).

As obras desse orador, magistrado e poeta romano que sobreviveram até a modernidade foram o conjunto de suas *Epístolas* e o *Panegírico de Trajano*. Porém, como depreende-se de sua própria obra epistolar, Plínio teria escrito e publicado outros diversos discursos e conjuntos de poemas. Em muitas das cartas endereçadas a seus amigos, o autor declara estar enviando algum discurso para que seu correspondente leia e revise (Plínio, *Cartas*, 2.5, 5.12, 5.20, 6.33, 7.12, 8.3, 8.13 e 9.4). Em alguns casos, ele mostra claramente o desejo de publicação desses escritos. Na carta 1.2, por exemplo, dirigida a Maturo Arriano, o autor revela não só o desejo de publicar o texto que está enviando ao amigo, mas também menciona a existência de publicações precedentes. Plínio fala ainda a respeito de uma produção poética sua nas cartas 4.14, 5.3, 5.10, 7.4 e 9.34, em que comenta a escrita e a publicação de poemas hendecassílabos. Além de seu volume de hendecassílabos, obra poética mais comentada por ele, em uma de suas cartas (7.4.2-3), afirma ter escrito uma tragédia grega e mesmo alguns versos épicos.

A produção epistolar de Plínio compreende um conjunto de 368 cartas escritas em prosa e divididas em dez livros. Os nove primeiros livros, organizados e publicados pelo autor ainda em vida, contêm, no total, 247 epístolas. O livro 10 é publicação póstuma, constituída apenas pela troca de correspondência entre Plínio e o imperador Trajano e composto por 121 cartas. O texto do primeiro conjunto de misivas (livros 1-9) chegou até a modernidade por meio de três tradições de manuscritos, datados provavelmente do final do século IX e início do X (SOUZA, 2013a, p. 34): a família dos nove livros (α), a família dos dez livros ou das cem cartas (β) e a família dos oito livros (γ). Dessas famílias, a α é considerada a mais completa, ainda que apresente algumas lacunas (RADICE, 1969, p. xxvi). O livro 10, por sua vez, tem como principal fonte duas edições impressas datadas do final do século XV, ambas baseadas

no manuscrito denominado *parisinus*, que continha, já naquela época, todos os dez livros (FERNÁNDEZ, 2005, p. 44)³.

Os temas na correspondência pliniana são tão diversos quanto os tons do discurso e a extensão dos textos. Há cartas destinadas a assuntos mais graves, outras a assuntos mais cotidianos. Há missivas que tratam de assuntos literários, outras de política ou mesmo da prática no fórum. Há, ainda, alguns textos que se dirigem a sua esposa ou a familiares dela. As epístolas que compõem os nove primeiros livros se direcionam a uma diversidade de pessoas, em geral identificadas como amigos ou familiares de Plínio, e têm, portanto, uma característica de correspondência aparentemente privada. O décimo livro, que se direciona exclusivamente ao imperador Trajano, tem um tom muito mais oficial e público. Ele contém não apenas cartas enviadas por Plínio, que era, então, governador da Bitínia, mas também algumas das respostas do imperador para suas solicitações.

Por relatar, nas cartas, uma série de eventos cotidianos de Roma e das províncias romanas, Plínio é comumente utilizado como fonte de evidências a respeito da vida cultural, social e política durante o governo de Trajano⁴. Um dos principais comentários de sua obra, *The Letters of Pliny: a historical and social commentary*, do historiador Sherwin-White, tem como objetivo compreender os paralelos que as cartas estabelecem entre si como parte de uma mesma obra, além de mostrar as relações políticas e sociais depreendidas do texto. O comentarista considera que as cartas de Plínio servem de repositório para importantes evidências sobre o momento político, cultural e social do qual fazem parte (séc. I e II d.C.) (SHERWIN-WHITE, 1998,

3 Para informações mais detalhadas sobre as tradições de manuscritos das cartas de Plínio, ver Radice (1969, p. xxvi-xxviii), Sherwin-White (1998, p. 82-83), Fernández (2005, p. 44-46) e Souza (2013a, p. 33-35).

4 Como mostra Aubrion (1989, p. 323), “no início de um artigo intitulado ‘Plínio il Giovane in prospettiva letteraria’, Pier Vincenzo Cova observa que a obra de Plínio, o Jovem, por mais literária que seja, apaixona principalmente os historiadores. A *Correspondência* de fato fornece evidências únicas para aprofundar o nosso conhecimento da cultura e da vida dos romanos no tempo de Trajano. Um grande número de instituições romanas, como a advocacia ou a administração provincial, tem sido estudado através da *Correspondência*”. A tal afirmação Aubrion ainda acrescenta que os principais temas trabalhados pela história a partir das cartas são: a) a vida cultural do período; b) a vida social do período; c) a prosopografia (descrição); e d) o nascimento do cristianismo (p. 324-327).

p. v). Esse mesmo viés histórico-informativo parece ter sido adotado pelos estudiosos brasileiros da obra pliniana durante a segunda metade do século XX.

Nessa perspectiva de análise, porém, o caráter fundamentalmente literário desse texto epistolar acaba, muitas vezes, sendo negligenciado. De fato, como destaca Ilaria Marchesi (2008), as cartas de Plínio são documentos que fornecem informações sobre uma realidade extrínseca ao texto: as atividades econômicas, políticas e oratórias do próprio Plínio; lutas de poder; relações e costumes em seu círculo de amigos; a vida de alguns de seus contemporâneos; e a morte de muitos de seus anciãos. Por isso, elas já foram largamente estudadas como indicadores de uma realidade externa, no entanto ainda estão bastante abertas para uma abordagem diferente, mais preocupada com a sua construção interna (MARCHESI, 2008, p. ix). Para a autora, o texto de Plínio vem sofrendo, na crítica, de um duplo infortúnio: seu autor foi um praticante da epistolografia em prosa, um gênero pouco estudado porque supostamente subliterário; e ele esteve ativo durante um período tradicionalmente desvalorizado, a era pós-augustana (p. 1). A situação, entretanto, tem mudado, pois há um interesse atual em desenvolver aspectos menos explorados na obra pliniana, em especial o caráter literário das cartas e a feição da coleção como um repositório de imagens construídas linguisticamente e discursivamente sobre seu próprio autor, sobre seus contemporâneos e sobre sua época.

Em relação ao exame dos aspectos literários da epistolografia de Plínio, destacam-se como exemplos os textos *Reading the Letters of Pliny the Younger: an introduction*, de Gibson e Morello (2012), uma introdução geral aos nove primeiros livros de cartas, e *The art of Pliny's Letters: a poetic of allusion in the private correspondence*, de Marchesi (2008), que discute a alusão literária na obra. No que diz respeito a uma leitura direcionada à observação menos da vida cotidiana e mais das diversas representações construídas na produção epistolográfica desse autor, tendência que vem desenvolvendo-se recentemente no Brasil, alguns dos principais estudos produzidos são os trabalhos de Daniel Aparecido de Souza (2010), Thiago David Stadler (2010) e Marly de Bari Matos (2011)⁵.

5 Nesta introdução, fazemos referência apenas a uma tradição brasileira de estudos, todavia há uma série de publicações estrangeiras sobre o tema, como Henderson (2002), Méthy (2007) e Carlon (2009).

O estudo que ora apresentamos vai ao encontro da atual preocupação com as representações na obra pliniana. Tais representações, todavia, não foram analisadas neste livro no tocante ao imperador, como no estudo de Stadler (2010), ou às relações estritamente políticas, como em Souza (2010), mas no que se refere às ligações estabelecidas entre Plínio e seus pares perante o campo político, social e cultural do período. Além do mais, lemos as cartas de Plínio tendo sempre em vista seu caráter literário, assim como na perspectiva analítica já observada nos textos de Marchesi (2008) e Gibson e Morello (2012), o qual ainda precisa ser mais bem desenvolvido em contexto brasileiro⁶. O ponto de partida para a análise realizada neste estudo foi a utilização do gênero epidítico, temática que vem à tona na leitura das cartas em virtude, sobretudo, da importância literária assumida pelo *Panegírico* – texto de caráter majoritariamente laudatório – na produção literária do autor.

Ainda que haja alguns estudos publicados sobre a prática do elogio na epistolografia – Harpine (1998), Rees (2007a), Leach (1990), Riggsby (1995), Mayer (2003) e Gibson (2003) –, a classificação do texto de Plínio sob o nome de cartas epidíticas ou laudatórias é, neste trabalho, uma formulação nossa. Para agrupá-las sob essa nomenclatura, os critérios aplicados foram o tema central da carta e a estrutura do texto. Desse modo, consideraram-se epidíticas aquelas em que o assunto central fosse o louvor a alguém e em que esse elogio utilizasse, em algum grau, os elementos e as estruturas próprios do discurso epidítico retórico. Trata-se da utilização dos principais lugares comuns da argumentação laudatória, por exemplo, o louvor às origens (nascimento e família), à natureza (beleza física e de caráter), ao desenvolvimento e educação, às ações e às virtudes, além do uso de recursos de composição como a amplificação (Aristóteles, *Retórica*, 1366a-1368b; *Ad Herennium*, 3.10-15; Cícero, *De oratore*, 2.42-43; Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.7.7-28).

6 Temos notícias de uma produção nacional voltada para os aspectos literários do texto de Plínio. Tal produção é apresentada por Souza (2010, p. 46) e consiste *grosso modo* em textos publicados em formato de comunicação e palestras sob a autoria de Mára Rodrigues Vieira, vinculada à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assim como ocorre com o próprio Souza (2010), não conseguimos acessar esses textos, dos quais possuímos apenas os títulos e as datas de apresentação: “A beleza literária da Carta II, 17 de Plínio o Jovem” (1993), “A linguagem afetiva nas Cartas de Plínio, o Jovem” (1999) e “Considerações sobre o estilo de Plínio, o Jovem” (2002).

A tipificação e o agrupamento das cartas plinianas foi algo já realizado por Sherwin-White (1998, p. 42-45), que as dividiu, tendo por critério o assunto, em oito tipos principais: a) assuntos públicos (*public affairs*); b) esboços de personagens (*character sketches*); c) patronato (*patronage*); d) admoestações (*admonitions*); e) familiares (*domestic*); f) literárias (*literary*); g) cênicas (*scenic*); e h) de cortesia (*courtesy*). Entre essas categorias, três utilizam em algum grau as temáticas de louvor e vitupério. A primeira se refere aos esboços de personagens, que incluem como subtipos o louvor aos homens (*laus hominum*) e os obituários (*exitium illustrium*) (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 44); o segundo tipo são as admoestações, que abarcam, segundo o comentarista, os temas “conselho, louvor e censura” (p. 44); e o terceiro são as cênicas, categoria que designa as cartas caracterizadas por uma *laus locorum*. As cartas que, neste estudo, foram lidas como laudatórias não estão todas necessariamente distribuídas entre essas três categorias. Algumas delas também se encontram, na distribuição de Sherwin-White, classificadas como cartas sobre patronato, literatura e de cortesia.

Do conjunto total das 247 epístolas que compõem os livros 1 a 9 da produção pliniana, 46 apresentam encômios que obedecem, em algum grau, aos parâmetros descritos pela retórica antiga. Considerando o objeto de louvor de cada uma dessas cartas, foi possível categorizá-las e dividi-las em dois grupos fundamentais: os elogios póstumos e os elogios a contemporâneos vivos.

Os elogios póstumos abarcam onze missivas cujo assunto central é recordar a morte de um amigo, enumerando suas qualidades e feitos. De modo geral, os elogios são tomados como figuras exemplares e as cartas assumem um tom consolatório. Já os encômios aos contemporâneos vivos, que somam 35 epístolas, podem ser divididos em três subcategorias: a) elogio a amigos; b) recomendações (*commendationes*); e c) elogio a mulheres. No que se refere ao encômio a personagens femininas, o texto se configura de maneira diferente se comparado ao elogio de homens. Mais breve, o louvor à mulher é sempre em virtude da sua submissão à família, em geral representada pela figura do pai, de um marido ou de um irmão. As *commendationes*, por sua vez, são as cartas em que o elogio é desenvolvido com o objetivo de indicar alguém para a inclusão em algum círculo de amizade ou para um cargo político. Por fim, as cartas de elogio a amigos são aquelas cuja motivação principal do encômio são as práticas intelectuais e políticas dos indivíduos. Elas costumam

celebrar o elogiado em função de algum cargo que tenha assumido ou de alguma recente publicação literária.

É no segundo grupo de cartas – elogio de contemporâneos vivos – que se centrou a nossa inquietação inicial, evocada pelo texto de Cícero, quando afirma que os homens, em especial os vivos, não possuem merecimento de louvor (Cícero, *De oratore*, 2.341-342). Plínio, apesar de comumente associado ao estilo ciceroniano⁷, parece seguir em direção oposta, utilizando, com frequência, os louvores aos contemporâneos em sua obra epistolográfica. Tendo como suporte as epístolas, gênero literário de caráter cotidiano e geralmente pessoal, o emprego do epíteto realizado por Plínio compõe um quadro que é, de diversas maneiras, diferente dos elogios oratórios, lugar mais comum para a existência de discursos de louvor, o que requer uma reflexão sobre como esses gêneros se relacionam e com que finalidades eles são associados.

Diante desse panorama, optamos por não explorar as cartas em que Plínio elabora o elogio seguido de uma indicação (*commendatio*). Essas cartas são, em geral, mais breves e provavelmente levariam a uma análise mais centrada nas relações sociais de *amicitia* ou patronato que na constituição do gênero em si⁸. Também as cartas de elogio a mulheres, que se configuram de maneira diferente, requerem uma análise mais ampla, não pretendida aqui, acerca do lugar da figura feminina na sociedade romana. Definiram-se, então, como fontes textuais para a investigação desenvolvida

7 Ver Plínio (*Epistulae*, 1.5.12) e Pereira (2006).

8 Os conceitos de *amicitia* e patronato têm sido largamente utilizados como objeto de pesquisa no domínio da história. Alguns estudos nesse campo que têm como objeto a obra de Plínio, o Jovem, foram desenvolvidos por Renata Biazoto Venturini. A autora define que: “No modelo político romano, as candidaturas e a busca de apoio político se faziam por meio da recomendação de um indivíduo à carreira pública. Tratava-se de uma relação de caráter pessoal que dependia de um ‘patrono-amigo’. O termo patrono era usado para descrever o papel que um indivíduo tinha na sociedade, bem como a atenção que ele recebia em função de suas capacidades materiais e morais [...]. Desse modo, havia um contexto romano para a prática do patronato. Nesse contexto, a instituição da *amicitia* estava onipresente. A *amicitia*, que poderíamos traduzir muito genericamente por ‘amizade’, sugeria diversas formas de envolvimento social [...]. Ela significava uma relação entre os *amici*, na qual a afetividade vinha se ligar às determinações pragmáticas da vida política. [...] não era somente um laço subjetivo de afeição, mas também uma ligação objetiva baseada na assistência mútua e na *fides*, isto é, na lealdade entre os *amici*” (VENTURINI, 2001, p. 215-216).

neste texto, as cartas em que Plínio elabora elogios a amigos ou a literatos ainda vivos, tendo como motivação principal a atuação política e intelectual dos elogiados. Do conjunto das 21 cartas em que isso ocorre retiraram-se oito do *corpus* principal de análise em razão de sua pouca extensão e do desenvolvimento insuficiente do discurso epidítico nos textos. As cartas excluídas da análise foram: 3.8, 3.15, 4.3, 4.23, 5.15, 6.34, 8.7 e 9.8. Assim, o *corpus* específico do estudo foi composto por um grupo de treze missivas: 1.10, 1.16, 1.22, 2.3, 4.27, 5.14, 5.17, 6.11, 6.21, 6.26, 7.25, 8.12 e 9.22.

Tais cartas são um objeto propício para a leitura do elogio em Plínio porque se dirigem a contemporâneos ainda vivos, o que contraria a visão de que a prática laudatória romana sempre devia estar em posição periférica, sobretudo na perspectiva ciceroniana. O encômio aos vivos, no entanto, se torna uma prática comum ainda no período republicano e mostra-se crescente durante o período imperial. Pernot (1993, p. 55) considera que a valorização dos discursos de louvor durante a época do império se dá em virtude do desenvolvimento da *Segunda Sofística*, movimento cultural e social que, segundo ele, teve grande importância política para a aristocracia romana e o imperador. O recorte, portanto, teve como função colaborar para a leitura do panorama da utilização do elogio no período, assim como ponderar sobre o discurso epidítico como uma característica própria da obra pliniana.

Diante desse quadro, procuramos demonstrar como Plínio se relaciona, em sua obra, com a tradição epidítica em sentido mais estrutural, ou seja, de que modo o autor utiliza as técnicas e estruturas descritas por autores anteriores a ele (Aristóteles, *auctor ad Herennium*, Cícero e Quintiliano, por exemplo), aplicando-as no gênero epistolográfico. Examinamos ainda por que o autor utiliza o elogio em sua epistolografia, ou seja, quais funções os encômios têm no contexto em que estão sendo elaborados e publicados. Acreditamos que, nessas cartas, o emprego de um discurso elogioso sobre a atuação política e/ou literária de alguns dos contemporâneos de Plínio colabora para a construção da imagem deles como homens exemplares para a comunidade, cujas ações e virtudes deveriam ser imitadas.

A partir dessa compreensão, aplicamos, para a leitura das cartas de Plínio, o conceito de *representações* de Chartier (2002, p. 17), que as define como “categorias de percepção e apreciação do real”, dadas pelas classificações, divisões e delimitações que as organizam, e são determinadas pelos interesses sociais. De um modo um pouco mais simplificado, o conceito de representação pode ser entendido como o modo pelo

qual um objeto, pessoa ou grupo é visto – ou dado a ler – de acordo com um ponto de vista determinado. Interessou-nos examinar, nesse sentido, quais representações são construídas no texto de Plínio a respeito de seus contemporâneos, participantes, assim como o próprio autor, de determinados círculos políticos e intelectuais romanos. Considerando que a maneira – encomiástica – pela qual Plínio inscreve esses indivíduos em sua obra elabora uma representação desses homens como membros exemplares da sociedade romana de sua época, também se torna possível enxergar, na correspondência pliniana, alguns dos ideais de homem romano, especialmente no âmbito intelectual, durante o final do século I d.C. e início do II.

Empregar a noção de representação como uma das ferramentas teóricas para compreender as funções do elogio na correspondência pliniana leva, quase inevitavelmente, a operacionalizar também a concepção de identidade, pois há, entre esses conceitos, uma forte relação de interdependência, uma vez que “a fixação das identidades é um processo que depende sempre da maneira pela qual um determinado grupo concebe, interpreta ou representa seu mundo” (SILVA, 2004, p. 15). Em linhas gerais, entendemos por identidade o resultado das “posições que assumimos e com as quais nos identificamos” (WOODWARD, 2000, p. 55) e de “um discurso sobre a realidade, existindo justamente por intermédio da linguagem que enuncia, que divide, que classifica e, desse modo, identifica” (SILVA, 2004, p. 21). Assim, a identidade engloba o conjunto das posições que são assumidas por meio do discurso tendo em vista as diversas representações que se tem da realidade. No caso da correspondência pliniana, o autor representa, por meio do discurso laudatório, um determinado grupo de homens de cujos valores elogiados ele mesmo busca compartilhar. Tal identificação parece estar relacionada à manutenção da coesão desse grupo e à afirmação de sua posição naquela sociedade.

Por fim, recorreremos ao trabalho de Maingueneau, porque o modo como este autor concebe o discurso literário auxilia na compreensão do texto de Plínio como obra literária, condição que esteve sempre em vista neste trabalho, mesmo diante da análise de elementos como representação e identidade, que poderiam dar a impressão de que tratamos mais das relações sociais, políticas e históricas que de literatura. Maingueneau (2014, p. 43) considera o texto literário como um discurso que, como tal, é definido por uma série de “ideias-forças” (p. 40-42). Como discurso literário, as cartas de Plínio coincidem, em sua composição, com diversas dessas ideias

delimitadas pelo teórico, entre as quais identificamos, com alguma facilidade, pelo menos duas. A primeira diz respeito à afirmação de Maingueneau de que o discurso é regido por normas: como veremos, a obra epistolar de Plínio se compõe a partir de um determinado grupo de regras textuais e sociais delimitado por sua condição de gênero comunicacional e literário, o que faz com que o texto se configure num determinado formato, obedecendo a certa ordem tradicional da escrita de cartas. A segunda se dá a partir da afirmação de que o discurso é considerado no âmbito do interdiscurso: no texto de Plínio, essa delimitação se aplica não só porque o autor faz uso dos louvores e dialoga, conseqüentemente, com uma tradição epidítica que o precede, mas também porque seu texto indica – por meio de alusões e citações – uma interlocução com uma tradição literária anterior e contemporânea.

Outra questão importante para a definição de discurso postulada por Maingueneau é a indissociabilidade entre o texto e seu contexto. Tal indissociabilidade não se traduz na visão de que o texto exprime aquilo que está ao seu redor, mas sim a partir da compreensão de que a obra literária tanto é constituída por quanto constitui o universo em que se insere. Nesse aspecto, o próprio processo de publicação da obra pliniana é peculiar, uma vez que as cartas eram publicadas com uma diferença temporal não muito grande em relação a quando tinham sido escritas. Ao tratar de assuntos bastante contemporâneos, elas forneciam uma representação daquilo que estava acontecendo em volta de Plínio e seus pares, também influenciando de algum modo esse entorno. Exemplo dessa percepção em relação à obra de Plínio está nas diversas análises que pensam a correspondência como forma de atuação literária, social e política. Além disso, uma vez que os livros não foram publicados todos simultaneamente, é possível pensar que a composição de novos textos também estava relacionada à recepção dos anteriores, o que indica uma confluência entre fator contextual e desenvolvimento textual da obra.

Entre os diversos conceitos apresentados por Maingueneau, apropriamo-nos da noção de posicionamento. O autor emprega esse vocábulo para designar uma “identidade enunciativa”, isto é, “tanto uma ‘tomada de posição’ como recorte de território” no interior do campo no qual texto está inserido (MAINGUENEAU, 2014, p. 151). Trata-se de uma série de mecanismos textuais que são utilizados por um escritor para estabelecer seu posicionamento estético. Esses mecanismos são um modo de inscrever, no próprio texto literário, a sua legitimidade (p. 156). Os principais expedientes

discursivos identificados no estabelecimento de um posicionamento são, para Maingueneau, a evocação dos *ritos genéricos*, o intertexto e o uso da *interlíngua*.

Ritos genéricos seriam “as atividades mais ou menos rotineiras através das quais se elabora um texto” (MAINGUENEAU, 2014, p. 155), ou seja, trata-se de perceber que o escritor registra, em sua obra, alguns rituais de escrita, que ajudam a legitimá-lo enquanto autor. O intertexto, por sua vez, é entendido por Maingueneau não apenas como a intertextualidade estabelecida entre textos literários, mas sim como uma relação mais ampla entre diversas produções discursivas (p. 163-166). Para o autor, uma das formas de posicionamento via intertexto é o investimento genérico, uma vez que participar, negar ou reempregar um gênero literário marca certa filiação por parte de um escritor (p. 167-169). Por fim, para Maingueneau, a língua nunca é um fato estabelecido de antemão ao autor de um texto. O escritor, estando inserido em um universo de atuação literária e comunicando-se com outros escritores, participa de “uma interação de línguas e usos” e se reapropria dela mediante um trabalho criador, o que é denominado *interlíngua* (p. 181-182). É o modo como cada autor administra essa *interlíngua* que permite compreender seu posicionamento. Em relação ao texto epistolar de Plínio, adotamos o conceito de posicionamento para examinar quais recursos identificáveis *no texto* permitem compreender como Plínio se posiciona social, política e intelectualmente.

Para identificar e analisar, então, o modo como Plínio utiliza a escrita epistolar e o gênero epidítico inserido num suporte epistolográfico e como isso formula uma representação de seus contemporâneos, produzindo certa identidade por meio de um discurso literário, observamos, no texto das cartas, determinados itens-chave. Para cada carta que compõe o conjunto de treze missivas selecionadas, investigamos: a) qual a estrutura textual utilizada na carta, o que incluiu apontar sua extensão, sua motivação, o tipo de organização argumentativa e, se fosse o caso, suas alusões literárias; b) como se configura o discurso laudatório desenvolvido, o que englobou observar a ordem dos argumentos elogiosos, o tipo de virtudes louvadas e a linguagem utilizada; c) quem era, historicamente, o indivíduo – tanto o destinatário quanto o elogiado – retratado na carta, o que exigiu determinar, em linhas gerais, sua biografia e posição política, social ou intelectual. A partir de tais informações, buscamos responder como e com quais finalidades o elogio é utilizado na epistolografia pliniana. Para isso, alguns dos nossos principais questionamentos foram: de

que modo Plínio estrutura seu texto, literariamente, em relação ao uso dos gêneros epistolográfico e laudatório? Considerando que as representações não são neutras, mas participam sempre de um contexto de competições, há, em Plínio, um ambiente de conflito que as faz surgir? Como a utilização do elogio, elaborado de acordo com determinados critérios literários e inserido num suporte epistolar, participa do posicionamento de Plínio nesse ambiente?

O desenvolvimento das discussões que levam às respostas desses questionamentos se divide, neste livro, em três capítulos. No primeiro deles, caracterizamos a epistolografia como gênero literário. Embora modernamente seja vista como algo particular e reservado ao ambiente privado das relações entre pessoas, no mundo clássico a troca de missivas nem sempre conservava esse aspecto. Havia a consciência da publicidade de muitas cartas sob a aparente condição de textos privados. Esse é o caso da obra epistolar de Plínio, o Jovem. Suas missivas provavelmente foram de fato enviadas a amigos, no entanto o autor lidou com seus próprios textos vendendo-os não apenas como um meio de se comunicar com contemporâneos e amigos, mas como uma produção de caráter literário.

O segundo capítulo se concentra na apresentação e no debate do gênero epidítico. Considerando que, na Antiguidade, o conhecimento de oratória e retórica tornou-se não só a chave para compreender os textos, mas também um meio pelo qual estes eram produzidos para que participassem de um círculo cultural letrado, e que, portanto, os recursos de estilo e composição advindos do conhecimento da retórica figuravam como elementos constituintes dos textos literários, na primeira parte do capítulo, faz-se uma apresentação e discussão das principais conceituações antigas acerca dos discursos de elogio ou vitupério. Em seguida, são estudadas as principais práticas do elogio na Antiguidade. Com isso, procuramos refletir sobre as diferentes possibilidades de utilização do louvor e sobre a inserção de Plínio numa tradição de retórica epidítica.

No terceiro capítulo, é realizada, com base nos elementos epidíticos definidos pela retórica e no conceito de representação, a análise das missivas selecionadas para o *corpus*. Examinamos, no conjunto das treze cartas, o modo como Plínio utiliza o gênero epidítico e de que maneira essa utilização colabora para a construção de determinadas representações e para a formulação de uma identidade do círculo de notáveis literatos a que Plínio parece pertencer. Com isso, verificamos que

os louvores efetuados nas cartas laudatórias de Plínio apresentam imagens de indivíduos exemplares em razão tanto de suas virtudes morais quanto do envolvimento com a cultura letrada da época, por meio da atuação seja filosófica, seja oratória, seja poética. Essas imagens textuais são marcadas especialmente pelo otimismo de Plínio em relação à contemporaneidade, o que nos leva a considerar seu papel como apoiador do governo de Trajano.

Ao fim do livro, acrescentamos três apêndices que contêm: a tradução, de nossa autoria, em língua portuguesa, das treze cartas que compõem o *corpus* de análise; um quadro que apresenta o conteúdo geral das epístolas analisadas no estudo; e um quadro com as informações biográficas gerais dos destinatários e dos elogiados de Plínio nessas treze missivas.

Para leitura, estudo e tradução do texto de Plínio, utilizamos, além do comentário de Sherwin-White (1998), a edição em dois volumes da Harvard University Press, traduzida por Betty Radice (1969). Os trechos das cartas de Plínio citados em língua portuguesa são sempre de nossa tradução. Quando a tradução de um texto clássico é de nossa autoria, a versão latina está apresentada em nota de rodapé. Os textos modernos em línguas estrangeiras, quando citados diretamente em português, se não referenciados numa edição já traduzida, são traduções nossas.

A Epistolografia na Antiguidade Greco-Romana

O que é uma carta? Essa é a primeira questão que grande parte daqueles que se propõem a estudar o gênero epistolográfico colocam em debate. Sua resposta, contudo, não pode ser delimitada de maneira simples, uma vez que, sob essa nomenclatura, agrupa-se uma grande quantidade de textos não só advindos de tempos bastante remotos – Harpine (1998) realiza um estudo sobre a presença do elogio em um conjunto de tabuinhas, em escrita cuneiforme, conhecido como *Cartas de Amarna*, datado, quase certamente, do século XIV a.C. – mas também de tipos muito variados, incluindo cartas documentais, ficcionais, filosóficas, abertas ou privadas, em prosa ou em verso (MORELLO; MORRISON, 2007, p. 1). Um ponto de partida para tentar definir esse tipo de texto, todavia, é recorrer a uma reflexão moderna acerca dos gêneros dos discursos.

Para Maingueneau, a categoria *gênero do discurso* designa “dispositivos de comunicação sócio-historicamente definidos e que são concebidos habitualmente com a ajuda das metáforas do ‘contrato’, do ‘ritual’ ou do ‘jogo’” (MAINGUENEAU, 2014, p. 234). Trata-se de uma manifestação comunicativa que se define a partir de uma construção que é ao mesmo tempo linguística – pois depende dos termos utilizados na enunciação, das marcas linguísticas e da organização textual – e situacional – pois se organiza, entre outros elementos, a partir dos tipos de atores envolvidos, das circunstâncias e do canal utilizado (p. 234). Considerando tais fatores, uma definição

bastante completa para o que é uma carta, tanto antiga quanto modernamente, é fornecida por Trapp (2003, p. 1), ao afirmar que essa espécie de texto é

[...] a combinação de características formais e contextuais. Uma carta é uma mensagem escrita por uma pessoa (ou um grupo de pessoas) para outra, exigindo ser fixada num suporte material, que por si só é para ser fisicamente transportado entre emissor(es) e receptor(es). Em relação ao aspecto formal, é uma peça de escrita que é claramente dirigida de remetente(s) para destinatário(s) pelo uso, no início e no final, de um conjunto limitado de fórmulas convencionais de saudação (ou alguma variação alusiva) que especifica ambas as partes da transação. Pode-se também acrescentar, a título de explicação, que a necessidade de uma carta como um meio de comunicação normalmente surge porque as duas partes estão fisicamente distantes (separadas) uma da outra e, assim, incapazes de se comunicar por voz e gesto sem mediação; e que normalmente se espera que uma carta tenha um comprimento relativamente limitado.

Com exceção das categorias teóricas próprias da análise do discurso, claramente uma construção moderna, essa maneira de compreender e definir o texto epistolográfico já estava esboçada desde as primeiras considerações gregas sobre o gênero. Isso é evidente no trecho destinado ao assunto no tratado *Sobre o estilo*, de Demétrio, que, ao discutir o estilo simples dos discursos, afirma:

Ártemon, o editor das cartas de Aristóteles, disse que *se deve, do mesmo modo, escrever diálogo e cartas, pois a carta deve ser como uma das duas partes do diálogo*. Talvez tenha razão, mas não totalmente. A carta deve de algum modo ser mais elaborada do que o diálogo. Esse imita uma fala improvisada; já ela é escrita e enviada, de certa maneira, como um presente [...]. E se deve restringir o tamanho da carta, bem como o estilo [...]. Quanto à sintaxe, deve ser mais livre [...] (Demétrio, *Sobre o estilo*, 223-229. Tradução de Gustavo Araújo de Freitas, grifo do tradutor).

Desse modo, pode-se observar que já na Antiguidade a carta ganhou os principais contornos situacionais e formais que a delimitam como gênero até a atualidade:

circunstancialmente, é uma espécie de diálogo *in absentia* (EBBELER, 2010, p. 266), uma vez que os interlocutores estão fisicamente separados, que é escrito em material possível de transportar; formalmente, está delimitada pelas fórmulas de saudação e despedida, tem linguagem mais simples e tamanho mais ou menos reduzido. Porém é também ainda na Antiguidade que esse gênero amplia seus limites, ultrapassando sua função apenas comunicacional. Como afirma Goetzl (1952, p. 265), a carta é vista, logo no início da história da Grécia, como um meio de comunicação, “mas quase tão cedo quanto o discurso, a carta superou sua função original e tornou-se uma ferramenta de arte, bem como de informação”. Para a autora, no entanto, um melhor desenvolvimento dos aspectos artísticos do gênero epistolar foi realizado pelos escritores romanos, em especial Cícero, Ovídio, Plínio e Frontão. Neste texto, a leitura da obra epistolar de Plínio parte justamente de uma apreciação literária dessa produção, e não apenas do estudo de seu caráter informativo ou cotidiano.

No que diz respeito à crítica moderna, uma das primeiras reflexões a respeito do estatuto literário das cartas é o estudo, datado de 1908, do alemão Adolf Deissmann. A partir de algumas dicotomias, como público vs privado, descrição da realidade vs produção artística (verdadeiro vs. falso) e efêmero vs permanente, esse autor estabeleceu uma diferença entre carta (Brief) e epístola (Epistel). De acordo com sua interpretação, as cartas seriam textos reais e espontâneos, cujo conteúdo pode contribuir para a reconstrução da realidade do período; já as epístolas não seriam textos relacionados à realidade, mas construções textuais de intenção literária (EBBELER, 2001, p. 33-37). A semelhança entre essas duas modalidades seria, portanto, apenas o formato. Embora a análise de Deissmann tenha contribuído bastante para uma reavaliação dos textos epistolares que compõem o evangelho cristão e especialmente as cartas paulinas (ROSENMEYER, 2001, p. 6), ela vem sendo contestada já há algum tempo. Mais recentemente não se considera, de fato, uma divisão entre “carta” (documento particular) e “epístola” (texto literário para o público), pois não se pode afirmar que tenha existido, na Antiguidade, uma distinção entre uma carta privada e uma artisticamente elaborada (CASTILLO, 1974, p. 436-437; EBBELER, 2001, p. 36; ROSENMEYER, 2001, p. 7).

De fato, apesar de haver diferentes tipos de missivas escritas pelos antigos, não há, na Antiguidade, palavras diferentes para se referir a cartas públicas ou privadas, literárias ou não literárias. Os termos utilizados em português para definir o

gênero, carta e epístola, derivam, respectivamente, das palavras latinas *charta* e *epistula*, que têm origem nos vocábulos gregos *chártes* e *epistolé*. Em contexto grego, o primeiro desses vocábulos remete, na verdade, ao material no qual se escreviam os textos, em geral um pedaço de papiro. Já o segundo, origina-se do verbo *epistélo* – enviar, notificar –, daí o sentido de algo que se envia, uma mensagem. Em latim, os termos apareceram, inicialmente, na construção “*charta epistolaris*” (um papel para mensagens)⁹. Essa expressão se contrapunha ao vocábulo latino *litterae*, que a princípio designava apenas as letras ou aquilo que estava escrito (PIERNAVIEJA, 1978, p. 361). Aos poucos, porém, essa diferença diminuiu e a palavra *epistula/epistola* passou a ser usada em latim para se referir ao que designamos hoje em dia como carta ou epístola, ao lado do termo *litterae*, também utilizado com esse sentido. Plínio, por exemplo, emprega os dois termos indistintamente para se referir à correspondência: “*frequenter hortatus es ut epistulas [...]*” (Plínio, *Epistulae*, 1.1.1); “[...] *librum quem prioribus epistulis promisseram [...]*” (1.2.1); “[...] *mihi redditae sunt litterae tuae [...]*” (1.8.1); “[...] *scribo plurimas sed iliteratissimas litteras*” (1.10.9).

O que pode, enfim, caracterizar o gênero epistolográfico como uma forma literária, não é a possível distinção entre carta e epístola, mas sim sua capacidade de incluir em si outros estilos e mesmo outros gêneros. Como afirma Zeiner-Carmichael (2014, p. 5),

[...] a maioria das cartas servem simultaneamente a múltiplos propósitos, misturando diferentes recursos estilísticos e literários. A flexibilidade das cartas, em função e estilo, significa que a carta muitas vezes incorpora características de outros gêneros literários, como poesia, história e filosofia. Assim, cartas podem incluir recursos encontrados em outras formas literárias familiares – na narrativa histórica ou poesia, por exemplo – ou podem mesmo incorporar completamente um gênero – por meio do verso, ou tomando a forma de um tratado filosófico. Esta inclusão literária inata é o que levou um filósofo francês como Derrida a declarar que a carta “não é um gênero, mas todos os gêneros, a própria literatura”.

9 Conferir Marcial (*Epigrammaton libri*, 14.11).

Em contexto romano, há tanto a apropriação de recursos de outros gêneros na constituição de epístolas – como é o caso do próprio Plínio, em cuja obra se encontram influências não só de outros textos epistolares, mas também da oratória, historiografia, poesia e filosofia – quanto à utilização de um tom epistolar na construção de obras poéticas, tratadísticas ou filosóficas. Como afirma Cardoso (2013, p. 199-200),

Foram muitos os escritores latinos que conferiram a seus textos um tom epistolar. Fizeram-no Catão, ao dirigir-se expressamente a seu filho, na enciclopédia que escreveu, Lucílio, em algumas de suas sátiras, Lucrécio, em seu belo poema *Sobre a natureza*, ao endereçá-lo a Mêmio, Catulo em seus poemetos-bilhetes, Cícero, em alguns de seus tratados de retórica e filosofia. Salústio insere em seus textos históricos cartas simuladas de figuras reais e os poetas da época de Augusto se valem do tom epistolar em várias de suas obras. Se nas *Geórgicas* de Virgílio esse tom praticamente se dilui, conquanto o nome de Mecenas surja, de vez em quando, em apóstrofes, o mesmo não ocorre com Horácio, que, não satisfeito em dar um aspecto de carta a muitas das odes e sátiras, publicou dois livros de autênticas *Epístolas*, nas quais o destinatário é claro e expresso e o caráter epistolar patente. Tibulo e Propércio se valem algumas vezes da figura do receptor e Ovídio, se nas *Heroides* simula correspondência entre figuras mitológicas, nas *Cartas pânticas* se dirige, realmente, a personalidades da sociedade romana.

A correspondência, real ou simulada, foi, pois, nesse contexto, não só um meio de informar ou estabelecer contato entre indivíduos, mas também um modo de produzir textos literários (CARDOSO, 2013, p. 199). Afirmar, ainda, a inexistência de vocábulos diferentes para designar cartas públicas e privadas, como fez Rosenmeyer (2001, p. 5), não significa, por consequência, que os antigos não diferenciasssem essas práticas. Como afirma Cícero, “[...] escrevemos de uma maneira aquilo que acreditamos que apenas os indivíduos para os quais enviamos lerão, e, de outra, aquilo que acreditamos que será lido por muitos” (Cícero, *Ad familiares*, 15.21.4¹⁰); também Plínio esclarece que “[...] uma coisa é escrever para um amigo, outra para

10 “[...] *aliter enim scribimus, quod eos solos, quibus mittimus, aliter, quod multos lecturos putamus*”.

todos” (Plínio, *Epistulae*, 6.16.22¹¹). A distinção entre privado e público, porém, não está diretamente relacionada a uma classificação de literário e não literário, mas sim se refere à necessidade de adequação da linguagem epistolar ao público a que se destina. Em Cícero e Plínio, são justamente as cartas de caráter pessoal que tomam dimensões de obras literárias ao serem agrupadas em formato de coleção.

O aparecimento das coleções é, inclusive, um dos fatores que exemplifica a sofisticação literária alcançada pelas cartas ainda na Antiguidade greco-romana. Embora haja um número considerável de coletâneas epistolográficas gregas, como no caso das próprias cartas de Aristóteles mencionadas por Demétrio (*Sobre o estilo*, 223), dos textos de Epicuro e de outros filósofos e oradores, a atitude de reunir e publicar cartas é uma tradição marcadamente romana, da qual Plínio é um dos maiores representantes. Suas *Cartas* são resultado de um trabalho de seleção, organização e publicação de correspondências autênticas, realizado ainda em vida, algo original mesmo em contexto romano (ANTÓN, 1996, p. 108). Cabe destacar que a palavra *publicação* aqui empregada se refere à concepção antiga do termo: trata-se do fornecimento de uma cópia finalizada do conjunto de epístolas a partir da qual outras cópias podem ser feitas.

De acordo com Trapp (2003, p. 12-13), a reunião e publicação de cartas como uma atitude do próprio escritor não é facilmente comprovada em contexto grego. Para ele, as coleções de personagens do século VI a.C., como Sólon, Tales, Fálaris, Anacársis, Heráclito e outros pitagóricos, assim como de algumas figuras dos séculos V e IV a.C., como Temístocles, Artaxerxes, Hipócrates, Eurípides, Sócrates e os socráticos Xenofonte, Diógenes, Crates e Êsquines, podem ser consideradas pseudoepigráficas. Trapp (2003, p. 12) defende que o registro possivelmente mais seguro de coleção epistolar grega é o das cartas de Epicuro, cuja recepção moderna, todavia, é bastante fragmentária. Desse modo, a primeira coleção antiga mais completa e que sobreviveu até a modernidade foi a de Cícero, cujo processo de organização e publicação, ainda que pretendido durante a vida, é póstumo.

Trapp (2003, p. 12) também destaca que tanto emissor quanto destinatário tinham razões para preservar cópias de sua correspondência com o objetivo de possivelmente publicá-las. Algumas das principais razões elencadas por esse autor são: “salvaguardar reputações e ajudar na construção de monumentos pessoais; documentar um período

11 “[...] *aliud amico aliud omnibus scribere*”.

chave da história ou um conjunto de eventos; preservar os ensinamentos valiosos e/ou a escrita refinada”. Não são, no entanto, apenas as motivações para a organização das cartas em formato de coleção que importam para a compreensão do gênero como literário, também os efeitos que esse agrupamento causa na recepção dos textos devem ser levados em consideração. Para Morello e Morrison (2007, p. x-xi), alguns desses efeitos são: tornar-se um meio didático mais efetivo – como as cartas de Epicuro –; construir um senso de comunidade entre os destinatários e em relação ao leitor de modo mais geral; permitir que o remetente demonstre sua influência social; e, por fim, alcançar um número mais amplo de leitores, uma vez que as coleções agregam diferentes textos, sobre diferentes assuntos e com tons diversificados. Em resumo, Morello e Morrison (2007, p. xi) afirmam que “colocar cartas em conjunto as faz mais acessíveis, reforça o aspecto epistolar dos itens individuais da coleção [...] e oferece novas possibilidades literárias”. Desse modo, a edição e publicação das cartas de um escritor como uma obra única torna-se indício de seu valor literário.

A literariedade atribuída à correspondência pliniana especificamente está, em grande parte, associada ao fato de o processo de seleção, organização e publicação ter sido realizado pelo próprio autor. Uma das indicações mais importantes desse processo autoral é a epístola 1.1, que funciona tanto como uma carta pessoal dirigida ao seu amigo Septício Claro quanto como uma dedicatória pública de seu livro.

Ao amigo Septício Claro

Com frequência você me encorajou a reunir e publicar minhas cartas, caso as tivesse escrito um pouco mais cuidadosamente. Reuni, não conservando a ordem temporal, pois certamente não estava compondo história, mas como cada uma veio às mãos. Resta que nem você se arrependa da recomendação, nem eu da obediência. Certamente assim se fará, de modo que as que até agora permanecem esquecidas eu procurarei e, se as tiver juntado, não esconderei. Adeus (Plínio, *Cartas*, 1.1¹²).

12 “C. Plinius Septicio suo s. *Frequenter hortatus es, ut epistulas, si quas paulo curatius scripsissem, colligerem publicaremque. Collegi non servato temporis ordine – neque enim historiam componebam –, sed ut quaeque in manus venerat. Superest ut nec te consilii nec me paeniteat obsequii. Ita enim fiet, ut eas quae adhuc neglectae iacent requiram et si quas addidero non supprimam. Vale*”.

Nessa carta-proêmio, Plínio atrai a atenção de seu leitor por meio de uma *captatio benevolentiae*¹³, na qual afirma que não é ele quem deseja publicar as cartas, mas que existe certo público – representado pelo próprio Septício Claro – que deseja ter acesso a seus textos. Trata-se, ainda, de uma carta com conteúdo programático, uma vez que, por meio dela, Plínio revela aos leitores sua intenção de publicação, seu critério de escolha e o modelo de organização adotado por ele. O desejo de publicar é o ponto de partida para considerar que Plínio tinha objetivos literários com essa coleção; tal consideração é reforçada pelo estabelecimento de um critério linguístico e estilístico – *epistulae curatius scriptae* – que confirma esses textos como dignos da apreciação dos leitores. Além disso, apesar de a organização dos textos ser definida como algo casual, a ordem aparentemente aleatória de compilação da obra, é lida como um elemento artístico (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 1-3; MARCHESI, 2008, p. x-xi). Em sua carta-proêmio, o autor também se posiciona em relação ao próprio gênero em que se insere, quando nega que poderia estar escrevendo história e reforça o aspecto mais puramente epistolar da obra. Ao dizer que não utilizou uma ordem cronológica e que selecionou as cartas “do modo como vieram às mãos”, ou seja, não reescreveu os textos, Plínio reafirma a autenticidade dessa coletânea como algo de caráter pessoal e cotidiano, o que constrói uma atmosfera de aproximação com seu público. O misivista cria uma expectativa em relação ao texto que não é de elevação, mas de simplicidade da linguagem e proximidade com o leitor.

Partindo do exemplo dado pela obra de Plínio, pode-se afirmar que os critérios para a definição da prosa epistolar como texto literário na Antiguidade não estão relacionados necessariamente ao seu caráter público ou fictício, como foi teorizado por Deissmann, mas sim à preocupação com os recursos linguísticos utilizados e à própria consciência de um pertencimento genérico que delimita as estruturas, temas e modos de composição. Essas delimitações linguísticas, estruturais, temáticas e composicionais podem ser pensadas, para os textos da Antiguidade, a partir de um tratamento teórico realizado pelas próprias fontes antigas.

13 Trata-se de um método de persuasão utilizado sempre no início dos discursos para deixar os ouvintes dispostos e interessados no que vai ser pronunciado – conferir Quintiliano (*Institutio oratoria*, 4.1.7).

Teoria epistolar antiga

Discutir o tratamento dado por alguns textos antigos que se dedicaram a uma preceptiva da produção epistolográfica é significativo para compreender como se configura essa tradição, porque são eles os responsáveis não apenas por descrever as estruturas próprias e as funções dos textos epistolares na Antiguidade, mas também por fornecer os critérios para avaliação artística dessa produção. Como destaca Trapp (2003, p. 42-43), as instruções fornecidas pelos tratados, retóricos ou não, possuem, além de seu aspecto prático, uma abrangência estética e social, uma vez que possibilitam desenvolver a habilidade de ler e julgar um texto epistolar tanto quanto de escrevê-lo corretamente. Para esse autor (2003, p. 42-43),

Aceitabilidade social, em qualquer nível, dependia em parte, para qualquer um, da capacidade de compor uma carta reconhecível. Para a elite educada, acostumada, em geral, a julgar e ser julgada pela habilidade verbal, importava ser capaz de escrever com elegância (e reconhecer e apreciar a escrita elegante de outros) e seguir as regras em um nível muito mais elevado de sofisticação. O fato de a carta ter sido reconhecida como uma forma particularmente pessoal – expondo, portanto, mais abertamente o indivíduo a julgamento do que alguns outros – só pode ter intensificado a ansiedade de desempenho e, por isso, ainda mais o desejo de orientação.

Ter domínio dos recursos que podiam ser utilizados para a produção de um texto epistolar era, pois, importante para os autores antigos. Exemplos dessa preocupação são dados pelo próprio Plínio. Ainda no primeiro livro de suas cartas, o autor afirma o desejo de publicar suas *epistulae curatius scriptae* (Plínio, *Epistulae*, 1.1.1), as quais considera dignas de apreciação, ao mesmo tempo em que se queixa de estar escrevendo “[...] *plurimas sed illitteratissimas litteras*” (1.10.9), textos de caráter mais oficial, sem maior investimento no estilo da linguagem, que não figurariam, portanto, entre as cartas de sua coleção literária. Tais afirmações atestam a ciência de Plínio sobre os recursos estilísticos próprios das cartas em seus diferentes tipos e sobre quais eram publicáveis ou não. A propriedade da eloquência epistolar também é citada pelo autor nos conselhos que dá a Fusco Salinator, quando indica a escrita de

missivas como uma forma de alcançar a brevidade e a simplicidade do estilo (7.9.8). Por fim, Plínio se apresenta como capaz de julgar a elegância de uma carta, como o faz em relação às de Vocônio Romano, consideradas por ele como as mais elegantes e mais amáveis (9.28.1).

Há três tipos de fontes por meio dos quais é possível mapear a teorização antiga a respeito da epistolografia: a) textos teóricos exclusivos sobre o gênero epistolar; b) discussões feitas em tratados de retórica, geralmente excertos; e c) comentários existentes nas próprias epístolas. O primeiro tipo se desenvolve principalmente em língua grega e seus principais exemplos são os textos *Typói Epistolíkoí* e *Epistolimaíoi Charaktéres*. O tratado *Typói Epistolíkoí* é, de acordo com Malherbe (1988, p. 4), um manual que decerto fazia parte de um sistema retórico (embora não seja ele mesmo um manual de retórica) e que foi falsamente atribuído a Demétrio de Faleros, o mesmo autor de *Sobre o estilo*. Por essa razão, o texto é conhecido, modernamente, como de autoria de Pseudo-Demétrio. Sua datação é bastante incerta, variando entre II a.C. e III d.C., quando teria tomado o formato com o qual chegou até a atualidade. Além de uma definição do que é uma carta e de uma breve reflexão sobre sua utilização por secretários especializados, esse tratado contém a apresentação de 31 tipos de cartas seguidas de exemplos para cada um deles. Já o tratado *Epistolimaíoi Charaktéres*, cuja atribuição de autoria varia entre Proclo (CASQUERO, 1983, p. 381; CASTILLO, 1974, p. 428) e (pseudo) Libânio (MALHERBE, 1988, p. 5; POSTER, 2007, p. 27), é datado entre os séculos IV e VI d.C. De acordo com Malherbe (1988, p. 5), “o manual contém uma definição de carta (1-4), enumera quarenta e um tipos (4) e os define (5-45), fornece instruções de estilo (46-51) e adiciona uma breve nota a cada um dos quarenta e um tipos de cartas (52-93)”. Em razão da dificuldade de datação do primeiro desses tratados – que pode ser muito anterior ou muito posterior a Plínio – e da datação tardia do segundo – certamente posterior ao autor romano –, este estudo não desenvolve uma leitura mais minuciosa sobre essas produções.

Do segundo tipo de fontes, a Antiguidade nos legou dois exemplares, um grego – um excerto de *Sobre o estilo*, de Demétrio – e outro latino – “*De epistolis*”, de Júlio Vítor. Já o terceiro tipo, identificável desde o momento em que há cartas escritas, tem como seus principais representantes os autores romanos, mais especificamente Cícero e Sêneca. Neste texto, o destaque dado aos preceitos da escrita epistológica advindos dos textos antigos visou a oferecer os critérios para analisar a

obra epistolar de Plínio; por isso, a discussão sobre a teoria epistolar aqui proposta foi realizada a partir dessas quatro fontes principais: o excerto existente em *Sobre o estilo*, de Demétrio; as cartas de Cícero e de Sêneca em que tratam do assunto; e o “*De epistolis*”, de Júlio Vítor.

Apesar da dificuldade existente para estabelecer a datação e a autoria do tratado em grego *Sobre o estilo* (*Perí hermeneías*), atribuído a Demétrio de Faleros, o pequeno excerto que ele contém a respeito de como se devem compor as epístolas “[...] é, certamente, uma das passagens mais comentadas do tratado, pois se trata de um dos raros documentos gregos da Antiguidade que trazem uma reflexão sobre o gênero [...] e o primeiro texto conservado sobre a questão” (FREITAS, 2011, p. 76). O tratado de Demétrio objetiva apresentar as características dos diferentes estilos que podem ser adotados nos discursos. Os treze parágrafos (§ 223-235) que compõem a explicação sobre o gênero epistolar estão incluídos na discussão sobre o estilo simples, isso porque, “uma vez que também o tipo epistolar requer simplicidade, também a seu respeito falaremos” (Demétrio, *Sobre o estilo*, § 223).

Em primeiro lugar, Demétrio, discordando parcialmente de Ártemon, afirma que uma carta pode ser definida como uma das partes de um diálogo, porém com uma formulação mais elaborada, pois se trata de um texto escrito com a finalidade de ser enviado (§ 223-224). Por isso, nas cartas, não convém fazer uso das mesmas disjunções que são possíveis nos diálogos (§ 226), ou seja, deve-se prezar pela clareza da mensagem. O caráter (*éthos*) do sujeito epistolar, todavia, deve ser construído em semelhança daquele que se apresenta na eloquência dialógica (§ 227):

Mas que a carta tenha, ao máximo, uma mostra do caráter, tal como o diálogo. Pois cada qual escreve uma carta quase como uma imagem de sua alma. É, de fato, possível notar o caráter do escritor em qualquer discurso, porém em nenhum outro como na carta (Demétrio, *Sobre o estilo*, § 227. Tradução de Gustavo Araújo de Freitas).

Para Demétrio, portanto, a carta é o tipo de discurso em que mais claramente se pode notar o caráter de seu escritor. Essa é uma afirmação relevante, pois deixa clara a centralidade ocupada pelo emissor nesse tipo de discurso. Mais que *caráter*, como na tradução supracitada de Freitas (2011), o *éthos* do qual parece falar Demétrio está

ligado à noção retórica do termo. Como definido por Aristóteles (*Retórica*, 1356a), o *éthos* é, juntamente com o *páthos* e o *lógos*, um dos três tipos de provas persuasivas técnicas – ou seja, construídas pelo/no discurso – e talvez o principal deles. Para Aristóteles, trata-se da construção de uma imagem do orador como digno de confiança. No texto de Demétrio, a imagem de si construída pelo emissor da mensagem é definida como uma “imagem da alma”. O tratadista estabelece, então, o *éthos* como o elemento discursivo mais evidente da epistolografia e indica que o mais adequado para esse tipo de discurso é aquele que cria uma atmosfera de personalidade e proximidade com o leitor. Considerando essa visão, é possível concordar com Ebbeler (2001, p. 1), quando afirma que “não apenas as cartas são um modo de comunicar informação, mas elas são um meio de criar e circular um ‘eu’ textualizado”. A centralidade do sujeito epistolar é, inclusive, algo que tem destaque nas análises modernas do texto de Plínio, uma vez que há, nas cartas desse autor, uma visível preocupação em construir uma imagem positiva de si mesmo, como afirmam Leach (1990), Gibson (2003) e Morello (2007).

Após essas definições mais situacionais do gênero, Demétrio destaca seus aspectos formais: um tamanho mais restrito, uma linguagem menos pomposa (§ 228) e uma sintaxe mais simples (§ 229). Em seguida, o tratadista define suas características temáticas: a) nem todos os assuntos são apropriados para epístolas (§ 230); b) discursos longos, como sofismas e tratados científicos, não são adequados (§ 232); c) o conteúdo deve centrar-se nas mostras de amizade e nos provérbios (§ 232); e d) a demonstração (*apodéixis*) é própria das cartas (§ 233). Por fim, Demétrio observa que é necessário que o discurso epistolar se adapte ao receptor da mensagem. Sendo, por exemplo, uma carta direcionada a um rei ou a uma cidade, o tom da epístola deve ser elevado, mas sem tornar-se empolado em excesso (§ 234). Note-se que essas últimas definições estão, de algum modo, subordinadas a uma ideia geral de que as cartas são um texto de caráter pessoal e próximo. Para Trapp (2003, p. 44), Demétrio “insiste particularmente [...] sobre a necessidade de manter uma informalidade adequada e evitar elaboração estilística mais apropriada para outros tipos de escrita”.

Uma reflexão de caráter tratadístico e retórico como a de Demétrio não ocorre em contexto romano pelo menos até o século IV d.C. De acordo com Malherbe (1988, p. 2), a teoria epistolar esteve ausente dos primeiros manuais de retórica, nos quais logrou uma inserção gradual e relativamente tardia. O seu adiamento, porém,

não significa sua inexistência. No caso da epistolografia romana, essa reflexão inicial sobre o gênero acaba por ocorrer nos próprios textos epistolares.

A primeira coleção de cartas pessoais de um autor dadas à publicação em contexto romano são as de Cícero (106-46 a.C.) (PIERNAVIEJA, 1978, p. 367; CASQUERO, 1983, p. 386; TRAPP, 2003, p. 13). Trata-se de uma coleção composta por cerca de novecentas cartas, das quais pouco mais de noventa são não enviadas, mas recebidas pelo autor. Os textos cobrem um período de 25 anos da vida de Cícero, de 68 a 43 a.C. Tradicionalmente, a obra epistolar ciceroniana, dividida em 37 livros, é organizada em quatro grupos: a) dezesseis livros destinados a familiares e amigos (*Ad familiares*); b) dezesseis dirigidos ao amigo Ático (*Ad Atticum*); c) três livros de textos enviados a Quinto, irmão de Cícero (*Ad Quintum fratrem*); e d) dois livros remetidos a Bruto (*Ad Brutum*). Diante de tamanha diversidade, certamente se encontram epístolas em que o autor reflete sobre o próprio ato da escrita epistolográfica. Malherbe (1988, p. 2-3, p. 20-27) identificou as cartas em que há tais reflexões e as delimitou em um grupo de oito epístolas, quatro pertencentes ao conjunto *Ad familiares* (2.4, 4.13, 12.30 e 16.16) e quatro ao *Ad Atticum* (8.14, 9.4, 9.10 e 12.53). Para Malherbe (1988, p. 3), Cícero é, na verdade, uma “importante fonte secundária para a iluminação da teoria epistolar”, isso porque esse orador não é considerado, de fato, uma fonte teórica, mas sim o representante de “uma abordagem mais pragmática da escrita epistolar” (EBBELER, 2001, p. 469).

Cícero define as cartas como uma conversação entre pessoas fisicamente separadas cujo propósito principal é a comunicação. A essa definição primária o autor acrescenta a existência de mais dois tipos de cartas:

Não ignoras haver muitos tipos de epístolas, mas o único mais certo é aquele por cuja causa a própria coisa foi inventada, para que informássemos os ausentes se ocorresse algo que eles soubessem que interessaria a nós ou a eles mesmos. Sem dúvida, não esperes cartas minhas deste tipo, pois de teus assuntos particulares tens tanto copistas quanto mensageiros domésticos, porém, nos meus assuntos absolutamente nada há de novo. Há outros dois gêneros de epístolas, que muito me agradam: o primeiro familiar e jocoso; o segundo sério e melancólico. Não sei qual dos dois me convenha usar menos. Gracejaria contigo através de cartas? Juro que não creio haver um cidadão que possa rir nestes

tempos. Ou escreveria algo mais sério? O que há que poderia ser escrito seriamente por Cícero a Curião senão a respeito dos negócios públicos? Ora, dessa forma, esta minha situação é de tal modo que nem ousaria escrever o que sinto nem desejaria escrever o que não sinto (Cícero, *Ad familiares*, 2.4.1. Tradução de Marco Antônio da Costa).

Primeiramente, destaca-se nessa definição de Cícero a afirmação de que há muitos tipos de cartas, reconhecidos tanto por ele quanto pelo seu interlocutor. Essa afirmação demonstra que, embora não haja, modernamente, indícios suficientemente claros a respeito do assunto, a composição de textos epistolares fazia parte da formação escolar dos homens letrados. De acordo com Malherbe (1988, p. 6), “nós não sabemos até que ponto os exercícios de escrita de cartas faziam parte do currículo escolar, mas é provável que a forma epistolar fosse ensinada com base em cartas-modelo no estágio secundário de educação”.

Como descreve Quintiliano, especialmente nos dois primeiros livros de sua *Institutio oratoria*, pode-se dividir a formação do indivíduo letrado em três fases principais: a escola do *ludi magister*, o *grammaticus* e o *rhetor*. Iniciada na escola do *ludi magister*, a alfabetização se constituía pelo aprendizado desde o reconhecimento das formas e dos nomes das letras dos alfabetos grego e latino até a constituição de pequenas sentenças. Após o *ludi magister*, o *grammaticus* era o professor responsável por ensinar a arte de falar corretamente e comentar os textos dos poetas. Ele devia ensinar o aluno a perceber os processos comuns da língua, assim como as partes do discurso, os casos, os gêneros e as flexões (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 1.4-5). Era nessa fase que idealmente se adquiriam também os conhecimentos sobre estilo, constituídos em suma pelos vícios – que deveriam ser evitados – e pelas virtudes – que deveriam ser utilizadas – na prática de composição dos textos. O comentário aos autores de literatura, que também era introduzido nessa fase, baseava-se na leitura e correção dos textos, além da interpretação dos seus aspectos formais e de conteúdo (*Institutio oratoria*, 1, 7 e 9). A terceira etapa do aprendizado clássico era a escola do *rhetor* ou *orator*, momento em que se ensinava a arte retórica para os jovens já togados (MARROU, 1990, p. 436-446). A evidência mais forte dessa prática escolar é, talvez, o texto dos *Typói Epistólíkoí*, cuja dificuldade de datação impede que se afirme com certeza uma influência na prática romana de epistolografia. Vale observar que,

de acordo com Malherbe (1988, p. 2-3), “Cícero conhecia as prescrições retóricas sobre as cartas e provavelmente estava familiarizado com os manuais de composição epistolar. Nessa medida, ele mostra muitos pontos de contato com a teoria epistolar grega [...]”. O texto dos *Typói* é exemplar nesse sentido porque oferece, além da definição e demonstração de 31 diferentes tipos de cartas, uma breve reflexão sobre a utilidade do próprio manual, uma vez que indica a existência da prática profissional de epistolografia¹⁴.

Em segundo lugar, percebe-se que, ao definir esses tipos de carta, Cícero delimita também o conteúdo próprio para cada um deles. O primeiro modelo de cartas é aquele que fornece informações a respeito dos acontecimentos cotidianos, por exemplo, as ações e o estado de saúde daquele que as envia. O segundo tipo, familiar e jocoso, refere-se às cartas próprias para a manutenção das amizades. Os tópicos tratados nesses textos são, de acordo com Cícero, os de caráter mais livre. Já as missivas pertencentes ao terceiro tipo – de caráter mais grave – são, muitas vezes, na correspondência ciceroniana, destinadas às questões políticas.

Mais que uma comunicação entre ausentes, a carta se mostra, na visão ciceroniana, uma forma de se fazer presente. Ela se torna, para esse escritor, o modo de aproximar-se daqueles com os quais não se pode falar pessoalmente: “[...] me tranquilizo um pouco no meio dessa angústia quando quase falo com você, quando, de fato, leio suas cartas [...]” (Cícero, *Ad Atticum*, 8.14.1¹⁵); “Ainda que eu não tenha nada sobre o que escrever, eu escrevo para que pareça estar conversando com você” (12.53¹⁶).

Essa maneira de compreender a troca de missivas se relaciona de algum modo com a questão do *éthos* retórico já percebida em Demétrio. Em uma de suas cartas ao amigo Ático, Cícero, ao agradecer as informações dadas por meio de correspondência, afirma: “Vi você claramente por meio das cartas” (*Ad Atticum*, 16.16.2¹⁷). Ainda que Cícero não tivesse necessariamente em vista o tratado ou a percepção de Demétrio sobre o assunto, nessas cartas dirigidas a Ático fica clara a importância de que o texto epistolar forneça a “imagem da alma” de seus correspondentes, que é o que

14 Conferir Pseudo Demétrio (*Typói Epistolíkoí*, 1-5).

15 “[...] requiesco paulum in his miseriis, cum quase tecum loquor, cum vero tuas epistulas lego [...]”

16 “Ego, esti nihil habeo, quod ad te scribam, scribo tamen, quia tecum loqui videor”.

17 “Te totum in litteris vidi”.

garante, para os interlocutores, a presença daqueles com quem eles desejam manter certo diálogo.

A teoria epistolar presente nas cartas de Cícero mostra, portanto, maior ênfase nos aspectos situacionais e temáticos do gênero, sendo a primeira a fornecer as divisões de tipos de cartas. No que se refere a estruturas textuais e linguísticas mais apropriadas ao gênero, há uma breve consideração sobre o estilo epistolar em um comentário de Cícero a respeito da carta que recebeu de Gaio Trebônio, para quem ele diz:

Chego, agora, à sua epístola, a qual, escrita tão suave e copiosamente, não há como responder com muitas palavras: primeiramente, porém, eu enviei aquela carta (sua) a Calvo esperando, não menos que em relação a esta que você lê, que ela seja publicada. De fato, escrevemos de uma maneira aquilo que acreditamos que apenas os indivíduos para os quais enviamos lerão, e, de outra, aquilo que acreditamos que será lido por muitos (*Ad familiares*, 15.21.4).

Nessa carta, Cícero menciona a abundância e a suavidade como características positivas do gênero epistolar, esclarece que mesmo cartas privadas podem se tornar públicas e que, diante dessa hipótese, elas devem ser mais bem escritas.

A segunda grande coleção de cartas em latim conservada até a atualidade é a de Sêneca (4 a.C.-65 d.C.). Trata-se de uma obra composta por 124 *epistulae morales* destinadas a Lucílio, personagem provavelmente fictício, e escritas entre os anos de 63 e 64 d.C. (TRAPP, 2003, p. 25). Mais que em qualquer outro assunto, as cartas de Sêneca se concentram numa reflexão sobre a filosofia, em especial a moral, logo as ponderações sobre o discurso epistolar existentes nessa obra são constantemente associadas ao próprio discurso filosófico. Assim como ocorre com Cícero, não há, nas cartas de Sêneca, um texto destinado apenas à discussão do gênero epistolar. Por isso, para mapear as concepções teóricas desse missivista, selecionamos alguns trechos das cartas 38, 40, 45, 67, 75 e 118.

Para Sêneca, as cartas são um substituto de outros dois tipos de comunicação. Elas tomam o lugar da conversação filosófica, que poderia ocorrer pessoalmente, e substituem os compêndios ou manuais de filosofia. Na epístola 38, Sêneca esclarece:

Tens toda razão em exigir que tornemos mais frequentemente esta nossa troca de cartas. A conversação é sobremaneira útil, porquanto se grava no espírito a pouco e pouco; os discursos preparados e pronunciados perante um auditório, se se revestem de mais aparato carecem de familiaridade. Digamos que a filosofia é um bom conselho: ora ninguém dá conselhos em público! Uma vez por outra pode ser necessário usar um estilo, digamos assim, oratório, quando se trata de obrigar a decidir-se alguém que está hesitante; mas quando pretendemos não inculcar em alguém a vontade de aprender, mas sim transmitir ensinamentos, então é preferível recorrer a palavras mais despretensiosas, que penetram e se gravam na ideia com mais facilidade. De facto, o que é necessário não é a abundância, mas sim a eficácia de palavras (*Epistulae*, 38.1. Tradução de J. A. Segurado e Campos).

Nesse trecho, a carta é colocada em paralelo ao *sermo* (conversação), ainda que, segundo o autor, seja útil que o diálogo em questão ocorra de forma escrita, por meio da intensa troca de missivas. Desse modo, a carta conseguiria efetuar função dupla: é um registro escrito dos pensamentos filosóficos senequianos ao mesmo tempo que mantém a impressão de um diálogo familiar, mais eficaz para o ensinamento moral. A familiaridade pretendida por Sêneca baseia-se na visão do autor sobre a relação destinatário-remetente, semelhante à de Cícero, segundo a qual se estabelece, por meio do gênero epistolar, uma conversação quase presencial.

Agradeço-te a frequência com que me escreves, pois é esse o único meio de que dispões para vires à minha presença. Nunca recebo uma carta tua sem que, imediatamente, fiquemos na companhia um do outro. [...] a mão de um amigo gravada na folha da carta permite-nos quase sentir a sua presença – aquilo, afinal, que sobretudo nos interessa no encontro direto (Sêneca, *Epistulae*, 40.1. Tradução de J. A. Segurado e Campos).

As minhas conversas são quase todas com os livros. Sempre que aparece uma carta tua tenho a sensação de estar na tua companhia e isso dá-me uma

disposição de espírito que mais me parece estar a responder-te de viva voz do que por escrito (Sêneca, *Epistulae*, 67.2. Tradução de J. A. Segurado e Campos).

Sêneca expande essa reflexão sobre a relação ausência-presença e, ao realizar um paralelo entre as cartas e os retratos (*imagines*), estabelece uma noção da carta como a substituição de uma presença: “Se nós gostamos de contemplar os retratos de amigos ausentes como forma de renovar saudosas recordações, como não havemos de gostar de receber uma correspondência que nos traz a marca autêntica, a escrita pessoal de um amigo ausente?” (*Epistulae*, 67.2, Tradução de J. A. Segurado e Campos).

Porque compreende a carta como uma conversação, Sêneca defende que o estilo epistolográfico imite o *sermo* cotidiano, por isso o gênero é caracterizado por uma linguagem mais simples e um tamanho reduzido (*Epistulae*, 75.1, 45.13). Por fim, no que tange às temáticas próprias da epistolografia, ele afirma que

[...] antecipadamente [escrevo], mas sem fazer o que Cícero, esse mestre da eloquência, pedia a Ático que fizesse: ‘que, mesmo sem ter assunto, escrevesse o que lhe viesse à ideia’ [Cic. *Ad Atticum*, 1,12,4]. Comigo nunca haverá falta de matéria a desenvolver. Já sem falar daqueles temas que preenchem as cartas de Cícero: qual o candidato em campanha eleitoral; quem se apresenta como candidato de um grupo, e quem o faz contando apenas consigo mesmo; quem procura aceder ao consulado com esperança no auxílio de César, quem se apoia em Pompeio, quem se fia no poder da corrupção; até que ponto Cecílio é um agiota implacável, ele, a quem nem os parentes conseguem arrancar uma moeda por menos de doze por cento de juro [Cic. *Ad Atticum*, 1,12,1]. É mais importante cuidar dos nossos próprios males que dos alheios: analisarmo-nos com o maior empenho, verificarmos a quantas situações somos candidatos... e não deixarmos eleger! Isto, meu caro Lucílio, é que se chama proceder com nobreza, agir com segurança e liberdade: nada pedirmos para nós, atravessar incólumes todos os comícios da fortuna! (Sêneca, *Epistulae*, 118.1-3. Tradução de J. A. Segurado e Campos).

Nessa epístola, o autor reconhece que há diferentes possibilidades de assuntos a serem tratados por meio de cartas e que, na tradição romana – nesse caso, em

Cícero –, o assunto preferencial são os acontecimentos cotidianos, especialmente os políticos. Sêneca, no entanto, destaca que sua escolha temática é a filosofia. A atitude de demonstrar no próprio texto das missivas as razões para utilizar o gênero e de que modo o faz é, inclusive, algo que já aparecera nas cartas 38 e 75. Numa leitura geral das epístolas em que Sêneca escreve sobre a própria prática epistolar, nota-se grande consciência do autor a respeito da relação existente entre o suporte escolhido para uma obra e seu conteúdo. O conteúdo que Sêneca pretende discutir deve ser preferencialmente tratado, na visão dele, por meio do discurso epistolar. De acordo com Santos (1999, p. 72), na visão senequiana: “O discurso adequado ao filósofo deve ser, pelo gênero, a conversa, pode ser, pela espécie, epístola, e opõe-se ao discurso poético e oratório”. O gênero escolhido pelo autor não é, portanto, vazio de significado, mas, na verdade, auxilia a compor os sentidos da obra e os efeitos causados no público leitor. Como afirma Maingueneau (2014, p. 212): “A transmissão do texto não vem depois de sua produção; a maneira como o texto se institui materialmente é parte integrante de seu sentido”.

Além das reflexões de Sêneca, há um breve comentário, inserido na obra de Quintiliano, a respeito do gênero epistolográfico em contexto romano. Em sua discussão sobre os elementos que devem ser utilizados na composição dos diferentes tipos de discursos, o autor afirma que:

Portanto, há, antes de tudo, por um lado, uma linguagem encadeada e composta, por outro, uma livre, tal como [a que é usada] na conversa e nas cartas, a não ser quando tratam de algo que está além de sua própria natureza, como da filosofia, da república ou de algo similar (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 9.4.19).

Apesar de ser um trecho bastante breve, Quintiliano se posiciona em relação a vários elementos próprios da escrita epistolar. Em primeiro lugar, estabelece que a *oratio soluta* é o tipo de linguagem própria das epístolas. Ao mesmo tempo, afirma que as cartas e a conversa (*sermo*) são textos de uma mesma categoria. Em seguida, mostra que assuntos como filosofia e política não seriam habitualmente parte desse gênero. Tal afirmação contraria, no entanto, a própria prática romana, uma vez que os textos de Cícero tratam também de política, e os de Sêneca, de filosofia. A opinião de Quintiliano sobre a prática epistolar romana não é, contudo, de todo negativa. Em

relação a Cícero, afirma que não há nenhuma rivalização possível entre este e Demóstenes na epistolografia e nos diálogos (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 10.1.107); já em relação a Sêneca, sobre quem não possuía uma opinião positiva de modo mais geral (10.1.125-130), apenas registra a existência de uma produção epistolar.

Outra possível fonte para a compreensão de uma teoria epistolar romana posterior a Quintiliano é o próprio texto de Plínio, o Jovem, do qual este estudo se limita a destacar três indícios, pois um levantamento exaustivo a respeito de uma teoria epistolar pliniana foi desenvolvido recentemente por Kerr (2017). O primeiro está em 6.16.22, em que Plínio afirma, usando como argumento a contraposição entre epistolografia e história, existir uma diferença entre o texto escrito para muitos leitores e aquele destinado apenas aos amigos. O segundo indício está no conselho dado por Plínio a Fusco Salinator em 7.9.8, quando a carta é caracterizada como um texto marcado pela correção e brevidade. Tal conselho está de acordo com a visão expressa pelo autor ainda na carta 9.2, na qual diz a Sabino que prefere a brevidade à composição mais copiosa própria da epistolografia ciceroniana. Para o missivista, portanto, as cartas devem ser textos breves e acurados, embora nos discursos ele tenha preferência pela abundância.

O primeiro tratado retórico em latim em que há uma reflexão mais ampla sobre a produção epistolográfica é a *Ars rhetorica*, de Júlio Vítor, datada de por volta do século IV d.C., ou seja, é um texto bastante posterior à produção da prosa epistolar pliniana. Ainda assim é útil mencioná-lo, uma vez que, mesmo dada a diferença temporal, esse tratado fornece uma visão latina do tema e sua discussão contém de algum modo o resultado dos desenvolvimentos de uma prática epistolar mais ampla em contexto romano, uma vez que, no século IV d.C., já estava consolidado um *corpus* epistolográfico latino bastante extenso e diversificado, formado pelas obras de autores como Cícero (I a.C.), Horácio (I a.C.), Ovídio (I a.C.), Sêneca (I d.C.), Plínio (I-II d.C.), Frontão (II d.C.) e Cipriano (III d.C.). Esse *corpus*, que esteve em crescimento até o século IV d.C., tornou-se ainda mais copioso durante e após esse período, especialmente em virtude da utilização do gênero epistolar pelos autores cristãos, como Agostinho de Hipona (IV d.C.), Ambrósio (IV d.C.), Paulino de Nola (final do IV d.C.), Jerônimo (IV-V d.C.) e Sidônio Apolinário (V d.C.), que escreveram em latim; e João Crisóstomo e Basílio de Cesareia, ambos aproximadamente do século IV d.C., em contexto de língua grega. Também nessa época, uma produção

não cristã do gênero é exemplificada, em contexto latino, pelas epístolas poéticas de Ausônio (IV d.C.) e pela produção em prosa de Símaco (IV-V d.C.); em contexto grego, pela abundante coleção de Libânio (IV d.C.).

“*De epistolis*”, de Júlio Vítor, é um breve texto inserido no capítulo XXVII de seu tratado *Ars rhetorica*. Não só pelo posicionamento, mas também porque “os preceitos sobre a conversação e as epístolas, que se expõem nos dois últimos capítulos, [...] são estranhos a todas as artes, gregas e latinas, anteriores a C. Júlio Vítor, [e] tratam de material estranho a uma arte retórica [...]” (MARTIN, 2010, p. 17), esse texto é considerado, juntamente com “*De sermocinatione*”, um apêndice ao tratado do autor (MALHERBE, 1988, p. 3; TRAPP, 2003, p. 44). Para Trapp (2003, p. 44), “*De epistolis*” é um texto que oscila entre um manual prático e um ensaio teórico sobre a escrita epistolográfica. Já para Castillo (1974, p. 429), o tratamento de Júlio Vítor é um exemplo de que a epistolografia estava assumindo um papel de importância crescente no interior da discussão retórica a partir desse período, o que tem como resultado a explicação e análise das cartas, na *ars dictaminis* medieval, a partir de divisões análogas as que são usadas nos discursos oratórios.

Em seu tratado, Júlio Vítor divide as cartas em dois tipos principais: *negotiales* e *familiares*. As primeiras são destinadas aos assuntos oficiais e graves; as outras a assuntos mais livres. Desse modo, nas *negotiales*, é necessário escrever com clareza e utilizar as figuras e preceitos oratórios. Essas cartas podem conter passagens de história e assuntos mais eruditos, porém o missivista deve manter a leveza (*gratia*) própria das cartas. Nas *familiares*, por sua vez, os recursos sugeridos por Júlio Vítor são a brevidade e a simplicidade da linguagem.

Após essa divisão inicial, o autor passa a considerações mais amplas sobre a escrita epistolar. De modo geral, a preceituação realizada no tratado se refere a que recursos de estilo utilizar nos textos. O primeiro desses recursos é a clareza:

[...] quando absolutamente não há necessidade de esconder, a obscuridade deve ser evitada mais do que no discurso ou na conversa: pois podes pedir a quem fala pouco claramente, que diga mais claramente, o que não se dá nas epístolas trocadas por ausentes. E, por isso, não se deve inserir história meio obscura, nem provérbio meio desconhecido, ou palavra meio envelhecida, ou figura meio afetada (Júlio Vítor, *Ars rhetorica*, XXVII. Tradução de Thais Morgato Martin).

Subjaz no excerto a ideia de que as cartas são como uma conversa na ausência de um de seus interlocutores, por isso a mensagem deve ser escrita de maneira clara, uma vez que não há espaço para interpelações.

O segundo recurso sugerido é a adequação ao receptor da mensagem.

Que a epístola se escreveres a um superior não seja jocosa; se a um semelhante, que não seja impessoal; se a um inferior, que não seja soberba. Não escrevas de modo descuidado a um douto e nem de modo diligente a um indouto, nem de modo desleixado a um muito próximo, nem de modo inimistoso a um menos familiar. Felicita o caso bem-sucedido mais prolixamente, para que exaltes a alegria dele; quando topares alguém que se dói, consola-o com umas poucas palavras, porque a úlcera, quando tocada com a mão aberta, ainda se dilacera. Brincarás com os familiares nas cartas de modo que imagines que possa suceder que leiam essas cartas num momento mais triste. [...]

Os prefácios e subscrições devem ser computados conforme o discernimento da amizade ou merecimento, conservada a ordem do costume (Júlio Vítor, *Ars rhetorica*, XXVII. Tradução de Thais Morgato Martin).

Nesse trecho, Júlio Vítor dialoga, de alguma maneira, com a preceptiva de *Sobre o estilo*, de Demétrio. Como já mencionado, o tratadista grego recomenda que o tom da carta seja elevado caso ela se destine a algum governante (Demétrio, *Sobre o estilo*, 234). Em “*De epistolis*”, essas recomendações parecem ser expandidas. Primeiramente, Júlio Vítor enfatiza certa hierarquia a se ter em mente no momento de composição das cartas. Essa hierarquia delimita tanto o tipo de dicção a ser utilizada (jocosa ou não; acurada ou menos diligente; familiar ou mais distanciada) quanto o tipo de saudação ou despedida que a carta deve conter. A própria citação desses elementos – *praefactio* e *subscriptio* – é algo que não aparece nas reflexões anteriores sobre o gênero epistolar. Essa preocupação hierárquica está possivelmente relacionada ao destaque dado pelo autor às cartas *negotiales*. Para Poster (2007, p. 35),

Ao contrário da teoria epistolar grega, que pressupõe que todos os homens educados são amigos e iguais devido à sua iniciação comum na *paideia*, a tradição

latina parece insistir mais sobre a consciência hierárquica, algo antecipando as elaborações da *salutatio* fundamentada em distinções muito precisas de posição social na *ars dictaminis* medieval.

Em segundo lugar, percebe-se que Júlio Vítor enfatiza não apenas o processo de produção e emissão da carta, mas também de recepção desse texto, ao preocupar-se com quais recursos podem ser utilizados para que a carta não seja lida de forma incorreta nem cause efeitos negativos no receptor. O *éthos*, tão importante nas reflexões anteriores, parece então ficar em segundo plano nesse tratado.

Outras duas recomendações feitas por Júlio Vítor que se diferenciam dos tratados anteriores se referem mais propriamente a recursos linguísticos e de construção que podem ser utilizados nas missivas. Para o tratadista,

É agradável acrescentar algo em grego às cartas, se não fizeres isso nem intempestiva nem frequentemente, e é muito conveniente usar um provérbio não desconhecido e um versinho ou parte de verso. Não raro, é gracioso interpelar [o correspondente] como se [estivesse] presente, por exemplo, “ei, tu”, “que dizes?”, “vejo-te rir”. Muitas coisas desse gênero há em M. Túlio. Mas essas coisas, como disse, são familiares, pois a severidade daquelas outras é maior (Júlio Vítor, *Ars rhetorica*, XXVII. Tradução de Thais Morgato Martin).

Júlio Vítor enfatiza, pois, a importância da clareza – não utilizar citações desconhecidas – e da adequação – utilizar interpelações apenas nas missivas familiares. O autor ainda acrescenta Cícero como o modelo para se pensar a escrita de cartas, o que indica que as epístolas literárias antigas já circulavam naquele momento como modelo de imitação do estilo.

Prática epistolográfica: das tabuinhas às coleções

Se, por um lado, a teorização sobre a epistolografia é relativamente escassa, por outro, as fontes antigas legaram uma grande quantidade de textos que comprovam uma prática não apenas abundante – a Antiguidade greco-romana nos legou cerca de 15 mil cartas (COSTA, M. A., 2013, p. 30) –, mas também bastante variada do gênero,

uma vez que, sob o nome de epístolas, cartas ou missivas, costuma-se designar um grupo de textos com formas e conteúdos muito heterogêneos, que inclui produções documentais, ficcionais, filosóficas, abertas ou privadas, em prosa ou em verso (MORELLO; MORRISON, 2007, p. 1). Mesmo considerando apenas a seleção de um *corpus* greco-romano desses textos, há uma diversidade de fatores a serem pensados. Como destaca Trapp (2003, p. 2),

Além de estarem em duas línguas diferentes, sendo compostas em pontos muito diferentes no espaço e no tempo, e sendo transmitidas por diferentes meios, essas cartas também são o produto de diferentes origens sociais e educacionais, desde os mundos dos modestos provincianos (embora modestamente bem educados) que escreveram a produção em papiro, madeira e chumbo, aos correspondentes altamente cultivados e socialmente eminentes da estirpe de um Cícero, um Plínio, um Basílio ou Libânio; e elas são, respectivamente, de muitos diferentes graus de sofisticação conceitual e estilística, do ingênuo ao requintado.

Em que pese, nesse trecho, a ênfase do autor à diversidade da produção epistolográfica greco-romana, importa a este estudo destacar que o conjunto desses textos forma uma tradição, ainda que bastante multifacetada, de um gênero literário epistolar¹⁸. Diante da existência de tal tradição, buscou-se, neste volume, mapear alguns dos principais textos que compõem a prática epistolar antiga, especialmente a realizada em latim, contextualizando genérica e literariamente a produção epistolográfica pliniana.

18 Exemplos da consciência dessa tradição do gênero epistolar estão nas comparações, realizadas já na Antiguidade, entre as obras de alguns autores, como Cícero e Demóstenes (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 10.1.107), Sêneca e Cícero (Sêneca, *Epistulae*, 118.1-3), Cícero e Plínio (*Epistulae*, 9.2.2), e ainda modernamente, Sêneca e Horácio (TRAPP, 2003, p. 25) ou Sêneca e a tradição filosófica grega, especialmente Epicuro (EDWARDS, 2005, p. 278; CASQUERO, 1983, p. 396). Tal percepção do gênero se manifesta também nas apropriações do modelo epistolar para compor outros gêneros literários, como prefácios de livros não epistolares escritos em formato de cartas – conferir Marcial (*Epigrammaton libri*, 2, *praef.*; 8, *praef.*; e 12, *praef.*) e Estácio (*Silvae*, *praef.*).

As cartas, como parte de uma comunicação escrita entre dois ou mais indivíduos, eram compostas, na Antiguidade greco-latina, em variados materiais. Numa visão geral, as de que dispomos por meio de evidências arqueológicas sobreviveram “[...] na forma de tabuinhas de cera, tabuinhas de madeira, óstraco [...] e papiro. Cartas, especialmente aquelas [oriundas] de um imperador, poderiam assumir também a forma de inscrições em pedra ou bronze, destinadas à comunidade inteira” (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 8). Trapp (2003, p. 6) aponta também as placas de chumbo como um dos materiais utilizados para a escrita de cartas, ainda que, de acordo com o autor, não fosse o material mais comum. Por sua maleabilidade, as tabuinhas de cera eram mais vantajosas, uma vez que permitiam muitas reutilizações. Um destinatário poderia escrever sua resposta na mesma superfície em que recebeu uma correspondência, bastava reaquecer a cera e aplainá-la novamente¹⁹ (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 8-10). Essas tabuinhas, após receber uma inscrição, eram presas com fios ou faixas e, então, seladas com cera e um anel de sinete (ROSENMEYER, 2001, p. 22).

Segundo Rosenmeyer (2001, p. 23), o meio preferido pelos antigos para a escrita de missivas era o papiro, embora fosse um material mais caro. De fato, mais de uma centena de cartas em papiro já foi descoberta no Egito greco-romano, a maioria delas advinda da cidade de Oxirrinco e datada a partir do século III a.C. Os textos abrangem, por exemplo, missivas privadas, negociais e correspondência oficial. Nessas cartas, geralmente o endereçamento e, por vezes, a data de envio eram colocados na parte externa. O texto dessas missivas poderia ser escrito em colunas e, ocasionalmente, em mais de um lado do papiro; se o remetente empregasse um escriba para redigir a carta, ele poderia acrescentar a nota de despedida a próprio punho (ROSENMEYER, 2001, p. 23; TRAPP, 2003, p. 7; ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 10). Outro importante conjunto de evidências arqueológicas da prática epistolar está nas placas de madeira, datadas provavelmente dos séculos I e II d.C., descobertas em 1973 em Vindolanda, um forte romano localizado no Reino Unido (HALLA-AHO, 2008, p. 5-6). Trata-se de um grupo de tabuinhas muito finas, a maioria do tamanho de um cartão postal, em cuja superfície os textos eram escritos com tinta. De acordo com Trapp (2003, p. 9), do total dos itens originários de Vindolanda já publicados, cerca de 170 são cartas.

19 Conferir Ovídio (*Amores*, 1.11, 1.12).

Diante desses indícios arqueológicos, Zeiner-Carmichael (2014, p. 10) afirma que:

A evidência epistolar remanescente prova que a escrita de cartas não era exclusivamente reservada aos imperadores ou à elite da camada mais elevada (letrada), mas era usada cotidianamente por indivíduos de uma grande parte da sociedade, incluindo a camada mediana, escravos, estrangeiros, homens e mulheres, ricos e pobres. Os exemplos existentes ilustram a variedade de caligrafias (maiúscula, minúscula e cursiva), tanto em grego quanto em latim, e eles demonstram diferentes níveis de qualidade de escrita e letramento.

O texto dessas cartas atesta ainda que, em muitos casos, elas não eram escritas pelo mesmo indivíduo que aparece como seu remetente. A existência de uma variação de caligrafias reforça, como já mencionado, a hipótese da utilização de escribas, possivelmente profissionais, para a composição de cartas (TRAPP, 2003, p. 8; HALLA-AHO, 2008, p. 21). No período imperial romano, em que, por causa da vasta extensão geográfica do império, as missivas eram um meio de conduzir assuntos da administração e manutenção de fronteiras, as finanças e impostos, assim como a atividade militar, criou-se o posto de secretário *ab epistolis*, que tinha como função administrar a correspondência imperial (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 11). Poderia haver, na verdade, dois secretários epistolares, um responsável pelas cartas em grego (*ab epistolis Graecis*) e outro pelas missivas em latim (*ab epistolis Latinis*). Inicialmente, libertos eram apontados para o cargo, mas, a partir de Domiciano, sobretudo equestres e indivíduos da camada mediana mais elevada assumiam tal posição (PIERNAVIEJA, 1978, p. 362; ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 11-12).

Difícilmente se pode afirmar que tenha havido um sistema de correio estruturado na Antiguidade. Rosenmeyer (2001, p. 24) explica que, tanto na Grécia clássica quanto na helenística,

A entrega efetiva das cartas poderia ser um assunto complicado. Cartas oficiais tinham seus próprios canais: despachos militares iam por mensageiro – soldado ou escravo – e documentos do governo iam por emissários do governo. Mas cartas privadas estavam excluídas deste sistema, e um missivista sem os

meios financeiros para despachar seu próprio escravo dependia principalmente de viajantes que fossem na direção certa ou comerciantes que empregassem uma rota regular em terra ou mar. O envio não possuía nenhuma garantia: um missivista poderia esperar atrasos por conta do mau tempo, acidentes ou mensageiros não confiáveis.

Em contexto romano, a estrutura não era muito diferente. A correspondência particular era, em geral, enviada por meio de escravos, mensageiros profissionais ou viajantes. Os romanos ricos podiam designar um grupo específico de escravos para esse papel, conhecidos como *tabelarii* (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 11; PIERNAVIEJA, 1978, p. 361). Em relação à correspondência oficial, no entanto, especialmente durante o período do império, um sistema mais formal foi desenvolvido. Suetônio, ao narrar a vida e os feitos de Augusto, afirma que o imperador,

[...] para que pudesse mais fácil e prontamente ser anunciado e dado a conhecer o que se passava em cada província, dispôs de início jovens em pequenos intervalos nas vias militares, e depois carros. Isso lhe pareceu mais conveniente, porque aqueles que lhe levavam cartas pelo mesmo local também poderiam ser interrogados se as circunstâncias o exigissem (Suetônio, *Vita divi Augusti*, 49. Tradução de Matheus Trevisam, Paulo Sérgio Vasconcellos e Antônio Martinez de Rezende).

Em um primeiro momento, portanto, as cartas eram transferidas de mensageiro para mensageiro até alcançarem seu destino. Em seguida, com a implantação de carros, alguns mensageiros faziam o caminho completo. Para Zeiner-Carmichael (2014, p. 15), porém, mesmo com algumas das estruturas desenvolvidas durante o império, a correspondência antiga continuava a ser transportada majoritariamente de modo privado.

É difícil precisar em que momento as cartas começaram a ser utilizadas como um meio de comunicação escrita. Em contexto greco-romano, o primeiro registro literário desse tipo de comunicação está na *Ilíada* (6.168) (ROSENMEYER, 2001, p. 25; CASTILLO, 1974, p. 429), o que indica a existência de uma prática epistolar grega pelo menos a partir do século VIII a.C. Materialmente, as primeiras cartas

remanescentes em grego são três peças riscadas em folhas de chumbo: a primeira, conhecida como *carta de Berezan*, datada de por volta do ano 500 a.C.; as outras duas, de algum momento do século IV (TRAPP, 2003, p. 6). Advinda do período que abrange o século V a.C., porém, há uma série de textos epistolares embutidos em outros gêneros da literatura grega, como nas obras de Heródoto (*História*, 1.123; 5.35; 7.239), Tucídides (*História da guerra do Peloponeso*, 1.128, 4.50, 6, 7.11-15, 8.50-51) e Eurípides (*Ifigênia em Táuris*, 98 ss., 770 ss.; *Hipólito*, 85 ss.). Nesses casos, há tanto mis-sivas supostamente reais, uma vez que sua autoria é atribuída a algum personagem histórico – como nos textos presentes nas obras de Heródoto e Tucídides –, quanto cartas assumidamente ficcionais – como nas peças euripidianas.

No que se refere à existência de um *corpus* epistolar grego formado de textos não embutidos em obras de outros gêneros, Suárez de la Torre (1979, p. 22) afirma que “os antigos gregos, de fato, nos deixaram um riquíssimo conjunto epistolar, igualmente abundante de problemas”. Para o autor, há uma grande dificuldade em estabelecer a autenticidade da maioria das cartas, contudo o fato de talvez serem pseudoepigráficas não as torna menos importantes para o conhecimento da epistolografia grega (SUÁREZ DE LA TORRE, 1979, p. 23). Trapp (2003) explica que, sob a categoria de pseudoepigráficos, estão designados alguns conjuntos de textos cuja autoria é atribuída a diversos personagens históricos ou supostamente históricos do período entre os séculos VI a.C. e II d.C. O analista enumera esses autores com base na lista completa impressa e comentada por Hercher na obra *Epistolographi Graeci* (1873): Ésquines, Anárcasis, Apolônio de Tiana, Aristóteles, Artaxerxes, Bruto, Quíon de Heracleia, Crates, Demóstenes, Dião, Diógenes, Eurípedes, Heráclito, Hipócrates, Isócrates, Periandro, Fálaris, Platão, Pitágoras, Sócrates, Sólon, Tales, Temístocles e Xenofonte. De acordo com Trapp (2003, p. 27),

O estatuto de alguns [conjuntos de textos] (especialmente os de Platão e Demóstenes) é disputado, mas desde o célebre trabalho de Richard Bentley, no final do século XVII, tem sido geralmente (e corretamente) aceite que a grande maioria não é aquilo que afirma ser, mas sim o trabalho de autores posteriores imitando essas grandes figuras do passado.

Os motivos para tais composições imitadas, segundo Trapp (2003, p. 28), parecem ter sido variados, por exemplo, produzir modelos para vários tipos de correspondência, preencher partes de um registro histórico deixadas em branco por outros textos, transmitir um ensinamento moral de forma mais atraente ou, simplesmente, entreter por meio da suposta troca de cartas pessoais entre grandes figuras do passado.

Apesar das questões em torno da autenticidade, entre as coleções antigas em prosa consideradas mais importantes, de acordo com Suárez de la Torre (1979, p. 24), estão as atribuídas a filósofos e oradores, como Demóstenes, Isócrates e Platão. Em relação à epistolografia grega, a maior ênfase geralmente é dada aos autores tardo-antigos, como Libânio, mas em especial aos cristãos, como Basílio, João Crisóstomo e Gregório de Nazianzo (SUÁREZ DE LA TORRE, 1979, p. 29-30). Estudos recentes, porém, têm demonstrado maior interesse pela produção epistolográfica grega de caráter ficcional, como as cartas de Alcifrão e Filóstrato (ROSENMEYER, 2001; COSTA, 2001).

Assim como ocorre em contexto grego, os primeiros indícios de uma prática epistolar romana estão inseridos em textos literários (CASQUERO, 1983, p. 386). Evidências são encontradas em pelo menos quatro peças de Plauto (250?-184? a.C.): *Báquides* (728-750 e 983-1035), *O Gorgulho* (422-436), *Persa* (496-527) e *Psêudolo* (20-74 e 987-1014). Em todas essas obras, há cenas em que cartas são lidas em voz alta por algum dos personagens: ou se trata de alguém que traz a mensagem e a lê para o destinatário, ou o destinatário lê a carta na presença daquele que a entrega. A leitura é sempre entrecortada por diálogos e comentários dos envolvidos na ação cômica. Alguns desses comentários se dirigem aos aspectos linguísticos ou materiais das missivas, o que permite apreender uma série de expectativas acerca da composição e circulação desses textos. Em todas as ocorrências, por exemplo, a saudação inicial das cartas é lida. Quando não há saudação (*Báquides*, 1000; *Psêudolo*, 998), o personagem que ouve a leitura interpela em tom de estranhamento, indicando que se trata de uma ofensa. Esse estranhamento demonstra que as fórmulas próprias de saudação já eram fixas e esperadas para o gênero e essenciais para o estabelecimento de um diálogo epistolar adequado (PIERNAVIEJA, 1978, p. 365). Além da estrutura textual, as peças de Plauto mencionam a materialidade das epístolas. As tabuinhas de cera aparecem, nas peças, como o principal material utilizado. Também a existência do selo surge como uma questão importante no enredo das obras, uma vez que o

mensageiro – geralmente portando uma carta enganosa – faz questão que o receptor reconheça a marca própria do suposto remetente (*O Gorgulho*, 424; *Báquides*, 986).

O modo dinâmico pelo qual Plauto insere o texto epistolar em sua obra cômica é indício de uma prática já bastante difundida desse tipo de comunicação, uma vez que o humor das cenas costuma ser construído a partir da quebra de uma série de expectativas estruturais do gênero, das quais os ouvintes precisam partilhar²⁰. Para Barbiero, mais do que um indício para compreender as práticas do gênero, nessas comédias, a carta torna-se “um elemento essencial para o enredo e é composta, enviada ou lida no palco. [...] a maioria desses textos é artilosa, usada pelos personagens para disseminar informação falsa de modo a executar um esquema enganoso e é, então, apropriada, roubada ou forjada *ex nihilo*” (BARBIERO, 2014, p. 5).

Além das inserções ficcionais realizadas por Plauto, a relevância da prática epistolográfica é verificável em algumas fontes antigas que atestam, no período entre os séculos III e II a.C., a publicidade das cartas de Catão, o censor (Cícero, *De officiis*, 1.37), Cipião Africano (Políbio, *Historiae*, 9.9.3) e Cornélia, filha de Cipião (Cícero, *Brutus*, 211; Quintiliano, *Institutio oratoria*, 1.1.16). No entanto, como já mencionado, a primeira coleção de cartas antigas de fato publicadas da qual dispomos modernamente é a de Cícero. De acordo com Trapp (2003, p. 13): “Coletivamente, essas cartas fornecem uma visão incomparável sobre a carreira e as atitudes de Cícero, assim como sobre o mundo social e a linguagem informal da elite romana no final da República”.

Embora Cícero tenha manifestado o desejo de editar e publicar suas cartas ainda em vida (Cícero, *Ad Atticum*, 16.5.5), o processo de compilação e publicação desses textos foi póstumo. Acredita-se que as cartas aos familiares, a Bruto e ao irmão Quinto tenham sido publicadas após a morte do autor, provavelmente durante o governo de

20 Como aponta Rosenmeyer (2001, p. 63), ao analisar a presença de cartas nas tragédias de Eurípedes, “podemos supor que a escrita e a leitura haviam se tornado conceitos familiares suficientes na vida urbana cotidiana que a introdução e recitação de uma carta no palco não confundiriam a maioria dos membros do público”. Ainda, para essa autora, “do mesmo modo que dispositivos teatrais semelhantes, como o *ekkyklema* ou *deus ex machina*, ou adereços [...], [as] cartas eram introduzidas presumivelmente para animar uma cena, para apoiar uma discussão com um auxílio visual, ou para transmitir informação crítica que não poderia, de acordo com as convenções dramáticas, ser revelada de outro modo”.

Augusto, por Tirão, um liberto de Cícero. Não se sabe a data exata da publicação das cartas ao amigo Ático nem quem as compilou, todavia o texto já se encontrava em circulação durante o período neroniano (TRAPP, 2003, p. 13; EDWARDS, 2005, p. 271), o que é comprovado pela obra de Sêneca, que cita as epístolas de Cícero a Ático em algumas de suas próprias cartas (Sêneca, *Epistulae*, 21.4, 97.3-4 e 118.1-3). Modernamente, a obra epistolar de Cícero, após permanecer fora de circulação por algum tempo, foi redescoberta por Petrarca em 1345, em Verona. Os textos tiveram grande importância na obra deste humanista e mesmo para uma visão mais humanizada do próprio Cícero durante o Renascimento (CASQUERO, 1983, p. 391).

A epistolografia ciceroniana se caracteriza por ser o resultado de uma correspondência real, mas publicada posteriormente com valor literário. Em relação à forma, portanto, essas cartas possuem todos os elementos próprios do gênero epistolar. Além das expressões formularias de saudação e despedida, por exemplo, costumam apresentar a data de envio. Tais missivas são destinadas a muitos e diferentes personagens contemporâneos ao autor, por isso os assuntos tratados e a extensão dos textos também são variados. A linguagem utilizada se define, como é próprio do gênero, por certa familiaridade e coloquialidade, mas adequando-se ao assunto e ao destinatário de cada epístola. Como afirma Edwards (2005, p. 272),

Os destinatários de Cícero incluem aqueles com quem Cícero se relacionava, evidentemente, em termos próximos, como Curião e Célio, mas também outros, como os poderosos aristocratas Léntulo Espínter e Ápio Pulcro que ele conhecia bem menos. Cartas para os da segunda categoria tendem a ser redigidas em um estilo elaborado e formal que difere pouco do de outros tipos de obras de Cícero publicadas. Cartas para amigos íntimos, sobretudo aquelas a Ático, em contrapartida, estão repletas de termos vulgares, neologismos e diminutivos, que têm sido vistos como características distintivas da escrita epistolar informal de Cícero. Este último estilo é, com certeza, não menos autoconsciente e cuidadosamente trabalhado.

Diante disso, as missivas de Cícero têm sido lidas tanto como um complemento aos seus discursos (EDWARDS, 2005, p. 272) quanto como uma forma de elaborar uma autorrepresentação política e social (CASQUERO, 1983, p. 391-392; TRAPP, 2003, p. 14).

É da autoria de Sêneca a segunda coleção de epístolas latinas em prosa publicada, *Epistulae morales ad Lucilium*²¹. Desse autor, chegou à modernidade um conjunto de 124 missivas, compostas, provavelmente, entre o período de 63 e 64 d.C., quando Sêneca já havia se retirado da vida pública (TRAPP, 2003, p. 25; EDWARDS, 2005, p. 277). Diferentemente da epistolografia ciceroniana, a obra de Sêneca é toda dirigida a apenas um destinatário, Lucílio, sobre o qual há escassas informações, a maioria delas provenientes das próprias cartas de Sêneca (SEGURADO E CAMPOS, 1991, p. vi-viii). Não apenas por causa da grande incerteza a respeito desse destinatário, mas principalmente pelo modo como Sêneca desenvolve seus temas, enfatizando, em especial, os ensinamentos do estoicismo, a autenticidade das cartas como correspondência pessoal, de fato enviada a um destinatário, tem sido largamente debatida (TRAPP, 2003, p. 25; EDWARDS, 2005, p. 277). Segurado e Campos (1991, p. x) afirma que as epístolas desse autor “são uma correspondência real entre dois amigos em que, na quase totalidade dos casos, são desenvolvidos por Sêneca diversos problemas de índole filosófica”. Para Trapp (2003, p. 26), “Sêneca pode, de fato, ter trocado cartas sobre filosofia moral com Lucílio, e atuado como seu mentor, mas as Cartas, como nós as temos e lemos, são [...] mais próximas a ‘diálogos com um verniz epistolar’”.

Mesmo que não haja uma solução definitiva sobre esse aspecto, há algum consenso em relação ao fato de que, tendo sido enviadas ou não a um personagem real, essas cartas certamente foram escritas com vistas à leitura por um público maior que o receptor inscrito no texto (TRAPP, 2003, p. 25; EDWARDS, 2005, p. 277). Tal ciência de uma publicação é demonstrada por Sêneca em alguns momentos da obra. Na missiva 8, o autor afirma que se retirou dos negócios públicos com o objetivo de

21 Neste livro, as considerações sobre a tradição epistolográfica romana concentram-se nos textos publicados em formato de coleção e em prosa. No período entre a obra de Cícero e a de Sêneca, porém, há importantes produções de caráter epistolar em verso, a exemplo das obras de Horácio e de Ovídio. Possivelmente entre 20 e 19 a.C., Horácio publicou seu primeiro livro das *Epistulae*, consideradas a primeira coleção epistolar a tratar de uma temática filosófica, ainda que em formato poético (EDWARDS, 2005, p. 274). Ovídio (43 a.C.- c. 18 d.C.), por sua vez, lança mão de um formato epistolar como elemento constitutivo principal nas *Heroides* e nas *Epistulae ex Ponto* e utiliza-o, mais esporadicamente, também em alguns textos dos *Tristia*. Sobre as obras desses autores como parte da tradição de coleções epistolares romanas, conferir Trapp (2003, p. 23-25) e Edwards (2005, p. 274-277).

trabalhar para a posteridade: “[...] vou compondo alguma coisa que lhe possa vir a ser útil; passo ao papel alguns conselhos, salutares como as receitas dos remédios úteis [...]” (Sêneca, *Epistulae*, 8.2).

A ideia de que as cartas se propõem a uma fama maior na posteridade fica mais clara na epístola 21, na qual Sêneca cita as obras epistolares de Epicuro e Cícero.

Quem conheceria hoje Idomeneu se o filósofo [Epicuro] o não citasse em sua correspondência? [...] São as cartas de Cícero que não deixam esquecer o nome de Ático. [...] O mesmo que Epicuro prometeu ao seu amigo, eu to prometo a ti, Lucílio: a posteridade há-de recordar-se de mim, hei-de fazer com que alguns nomes perdurem por estarem ligados ao meu (Sêneca, *Epistulae*, 21.4-5. Tradução de J. A. Segurado e Campos).

Apesar dessa atribuição ao ficcional, associada, em grande parte, aos aspectos temáticos da obra senequiana, formalmente, os textos apresentam uma diversidade de estruturas que os confirmam como epistolares. Além das fórmulas de saudação e despedida, presentes em todas as missivas, Sêneca referencia, com frequência, mecanismos próprios da operação epistolar: a escrita, o envio, o recebimento e a leitura da mensagem (Sêneca, *Epistulae*, 3.1, 15.1, 18.14, 33.1, 38.1 e 40.1). O conjunto de missivas também se caracteriza pela brevidade dos textos e pela frouxidão própria da epistolografia em relação à variação dos tópicos entre uma carta e outra. Para Trapp (2003, p. 26), que se posiciona a favor da ficcionalidade da obra senequiana, a aparente naturalidade na mudança dos assuntos é, na verdade, algo planejado pelo autor.

Em *Epistulae morales*, nota-se a recorrência de algumas temáticas principais, geralmente relacionadas aos ensinamentos estoicos dados a Lucílio, como a brevidade da vida, a *ratio* estoica – dominação das paixões pela razão –, a irrelevância dos bens mundanos, a conveniência do suicídio e a resistência à dor (EDWARDS, 2005, p. 277; SEGURADO E CAMPOS, 1991, p. xxiv-xxvii). Trapp (2003, p. 25) define as cartas de Sêneca como “uma espécie de curso de filosofia estoica”, cujos ensinamentos são dados a partir não apenas de uma discussão teórica, mas da exemplaridade que Sêneca fornece por seus próprios atos descritos nas cartas. No decorrer da obra, Lucílio parece responder a esse curso, progredindo, de algum modo, em relação aos conselhos dados por Sêneca (*Epistulae*, 2.1, 4.1, 5.1, 19.1, 20.1, 31.1 e 34.1). Para Trapp (2003, p. 26)

os dois grandes modelos de imitação identificáveis na epistolografia senequiana são Cícero e Epicuro. De fato, ambos são citados diretamente nas missivas. Epicuro, de modo geral, é indicado para exemplificar ou ratificar algo que Sêneca diz a Lucílio (7.11, 9.1, 9.8, 21.3-4, 22.5, 79.15 e 92.25). Cícero, por outro lado, é, ao mesmo tempo, reconhecido e refutado (21.3-4 e 118.1-3).

As cartas de Plínio, o Jovem, na tradição romana

A obra epistolar de Plínio, o Jovem, como já foi brevemente mencionado, compreende um conjunto de 368 cartas escritas em prosa e divididas em dez livros. Os nove primeiros, organizados e publicados pelo próprio autor, contêm, no total, 247 epístolas, todas enviadas por Plínio aos seus amigos e familiares. O décimo livro, constituído apenas pela troca de correspondência entre Plínio e Trajano, é composto por 121 cartas, das quais 72 são enviadas por Plínio e 49 são as respostas que ele recebeu²². Trata-se de uma publicação posterior à morte de ambos.

Embora Plínio, diferentemente de Cícero, não inclua a data de envio em suas epístolas, sabe-se, por meio da interpretação das informações contidas nas próprias obras do autor e nas de seus contemporâneos, como Tácito, que o texto das missivas cobre um período de pouco mais de dez anos de vida e que seu processo de elaboração coincide com a ascensão da dinastia antonina ao poder imperial. Em relação à composição dos nove primeiros livros da obra, Sherwin-White (1998) estabelece a seguinte cronologia²³: os livros 1 e 2 foram compostos entre o final de 96 e setembro do ano 100; o livro 3, entre setembro do ano 100 e 103, exceto pelas epístolas 4 (99 d.C.) e 9 (metade do ano 100); o quarto livro foi elaborado entre 104 e 105; já o 5, entre 105 e 106, exceto pela carta 20, provavelmente datada do início de 107; o livro 7, por sua vez, data do ano 107, e o 8, do período entre 107 e 108; por fim, o

22 Observe-se que as epístolas 3, 7 e 86 são geralmente editadas contendo cada uma, na verdade, duas cartas – *a* e *b*.

23 Mommsen (1873) e Syme (1958) também propõem cronologias para a obra pliniana. As datações estabelecidas por esses autores diferem, em alguns casos, da fornecida por Sherwin-White (1998). Adota-se, neste livro, a cronologia deste último, pois realizou um trabalho minucioso de reavaliação dos autores anteriores, assim como de interpretação das próprias cartas de Plínio, fonte principal para o estabelecimento de qualquer datação.

livro 9 teria sido composto entre 106 e 108, com exceção das cartas 4 (100-101), 8 (104-105) e 26 (96-98) (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 41). Em relação ao décimo livro da obra, excetuando-se as missivas 1 a 14, que seriam de um momento anterior à ida de Plínio para Bitínia, as cartas compreendem o período em que o autor desempenhou suas funções como governador dessa província (112-113 d.C.).

Conquanto se possa falar seguramente sobre o processo de composição das cartas, a data de sua publicação é mais difícil de ser determinada. Sherwin-White (1998, p. 55-56), após discutir a visão de alguns autores sobre o assunto, considera que o primeiro grupo (livros 1-3) foi publicado antes de Plínio tornar-se curador do Tibre (entre 103-104) e os livros seguintes foram sendo publicados após 106, com uma diferença de um ou dois anos em relação à composição das cartas. O livro 9 teria sido publicado entre 109 e 110 ou um pouco depois, mas certamente antes de Plínio transferir-se para a Bitínia. Sobre o livro 10, Radice (1969, p. xvi) afirma que

A correspondência com Trajano, postumamente publicada (por Suetônio talvez, ou por outro amigo literato de Plínio depois da morte de Trajano), presumivelmente não foi revisada e fornece informações a respeito do funcionamento da burocracia romana que não existem em nenhum outro lugar.

Os processos de composição e publicação da obra demonstram que, embora modernamente os dez livros circulem como uma coleção única, há uma série de diferenças estruturais e de conteúdo que separam os textos que compõem o conjunto 1 a 9 das missivas do livro 10 (ANTÓN, 1996, p. 134-135; MARCHESI, p. 18, nota 20). Em virtude do aspecto literário dessa primeira parte da obra pliniana, levado em consideração neste estudo, as análises aqui desenvolvidas se concentram apenas no conjunto de cartas dos livros 1 a 9.

A crítica moderna considera que a obra epistolar pliniana é marcada pela originalidade em comparação às cartas de Cícero e Sêneca, seus predecessores na epistolografia romana em prosa. Essa visão é resumida por Ebbeler (2001, p. 77) ao afirmar que,

Enquanto Sêneca escreveu cartas eruditas para a posteridade, longe da confusão e agitação do fórum, as cartas de Cícero são, em contrapartida, cotidianas e efêmeras. As cartas de Plínio diferem tanto das de Cícero quanto das de

Sêneca: elas evitam o abertamente político, mas são ainda sobre a vida cotidiana. Plínio empurra Cícero e Sêneca para fora do caminho para criar uma situação [apropriada] para a originalidade de sua contribuição.

Tal constatação é feita também por Casquero (1983, p. 400), Arcos Pereira (2008, p. 351), Marchesi (2008, p. 7) e Gibson e Morello (2012, p. 78).

Sêneca, pelo caráter filosófico-ensaístico e possivelmente não autêntico de suas cartas, é, de modo geral, desconsiderado como modelo para a epistolografia pliniana (EDWARDS, 2005, p. 279). De fato, tendo em vista uma intertextualidade mais direta, há apenas uma menção na obra que pode ser entendida como um reconhecimento de Plínio acerca da obra senequiana. Na carta 9.2, Plínio afirma que seu destinatário, Sabino, o associa ao estilo epistolar ciceroniano e que solicita que escreva epístolas mais frequentes e abundantes. O missivista, porém, recusa essa possibilidade e declara que suas missivas se aproximam muito mais de exercícios escolares ([...] *scholasticas* [...] *atque, ut ita dicam, umbraticas litteras*) (*Epistulae*, 9.2.3). Para Ebberler (2001, p. 77), nessa missiva,

Plínio não se refere a Sêneca pelo nome, mas podemos assumir que ele está aludindo ao caráter decididamente não político e filosófico das *Epistulae morales*. Ao descrever as *litterae* de Sêneca como *scholasticae* e *umbraticae*, Plínio reforça a distinção desenhada por Sêneca entre suas próprias cartas inspiradas pelo *otium* e as cartas de Cícero que documentam as convulsões políticas no fim da República.

Sherwin-White (1998, p. 3) também menciona, brevemente, esse trecho da carta de Plínio como sendo uma referência a Sêneca. Gibson e Morello (2012, p. 169-199) e Marchesi (2008, p. 15) confirmam que a concepção pliniana do *otium* – que é um elemento de algum modo evocado nessa missiva – é um dos pontos de contato entre a epistolografia de Plínio e Sêneca. De acordo com Gibson e Morello (2012, p. 169-199), para ambos, Plínio e Sêneca, o período ocioso deve ser aproveitado, majoritariamente, com atividades intelectuais. As epístolas 9.36 e 9.40, por exemplo, que descrevem em detalhe a rotina de Plínio quando em um período de recesso, encontram uma contraparte na missiva 83, de Sêneca.

Em relação a Cícero, o estabelecimento de um diálogo se mostra quase imperativo, uma vez que, “nos dias de Plínio, Cícero havia se tornado o grande arquétipo latino, tanto na prosa epistolar quanto na oratória” (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 77). Todavia, a busca por referências mais óbvias da obra epistolar ciceroniana nas cartas de Plínio pode revelar-se frustrante, uma vez que este último, embora frequentemente se filie à oratória e mesmo à produção poética de Cícero, raras vezes, e apenas de maneira muito sutil, alude às cartas de seu antecessor (EBBELER, 2001, p. 75; GIBSON; MORELLO, 2012, p. 77). O único momento em que Plínio cita mais claramente a possibilidade de aproximação com a epistolografia ciceroniana é por meio da recusa, na carta 9.2²⁴.

De modo geral, no entanto, o próprio investimento genérico – e aqui retomamos o conceito de Maingueneau (2014, p. 167-169) –, realizado por Plínio ao decidir compilar, revisar e publicar suas cartas cotidianas em formato de coleção, algo que havia sido feito, ainda que não pelo próprio autor dos textos, com as epístolas de Cícero, faz com que a comparação entre suas *Epistulae* e a obra ciceroniana seja inevitável. Para Marchesi (2008, p. 209),

Como um todo, o *corpus* epistolográfico de Cícero constitui um poderoso e inevitável ponto de comparação para a obra de Plínio, mesmo do ponto de vista da sua recepção. Leitores de Plínio associariam mais facilmente seu esforço literário ao exemplo dado por Cícero do que à experiência mais recente com as convenções epistolares tentada por Sêneca. Ao contrário da de Sêneca, a *persona* epistolar de Plínio reflete, principalmente, o seu papel público como homem de política e de letras, e sua filosofia moral é, no máximo, ocasional.

Embora essa comparação com a *persona* epistolar da obra ciceroniana seja comum e mesmo vantajosa para a epistolografia de Plínio (RIGGSBY, 1995, 131-132), há uma série de fatores que diferenciam a produção pliniana da tradição que o precede e atestam certa originalidade na obra.

24 Cabe destacar, porém, que é possível encontrar outras referências e alusões implícitas à epistolografia de Cícero na obra pliniana. Uma análise de tais possíveis diálogos se encontra nos estudos de Marchesi (2008, p. 207-244) e Gibson e Morello (2012, p. 74-103).

O primeiro desses elementos distintivos é o fato de que a coleção foi organizada e editada pelo próprio autor. Uma das consequências desse ato é a percepção de que a obra se organiza a partir de critérios literários. Um dos princípios de composição atribuídos a Plínio no que se refere à reunião de suas cartas é a *variatio*, recurso poético de origem helenística (AUBRION, 1989, p. 358; GUILLEMIN, 1929, p. 88). Pensada pelo autor, a organização, à primeira vista aleatória, teria como objetivo uma variação temática e de correspondentes que atribuiria maior vivacidade ao texto como um todo. Recentemente, Gibson e Morello (2012, p. 36-73 e 235-263) enfatizaram uma diversidade de simetrias encontradas no interior de alguns livros e uma simetria mais ampla marcada entre o primeiro e o último livro da obra. Análises que defendem uma total consciência de Plínio sobre a organização de seus textos atribuem, inclusive, um significado poético aos nomes dos destinatários da primeira e da última carta da coleção: *Septicius Clarus* (1.1) e *Fuscus Salinator* (9.40). Esses nomes, estabelecendo um jogo de luz (*Clarus*) e sombra (*Fuscus*), indicariam uma ideia de progressão da obra, que contempla abertura e fechamento (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 238; MARCHESI, 2008, p. 239).

Uma segunda consequência da publicação autoral de Plínio se relaciona mais diretamente com o diálogo que esta acaba por estabelecer com o texto de Cícero. Se considerarmos que um dos efeitos dos conjuntos epistolares é fornecer a imortalidade aos nomes e feitos não só de seus autores, mas também de seus correspondentes e mesmo dos que são citados neles, assim como desenvolver um autorretrato – em geral, positivo – da vida social e política dos missivistas, Plínio gerencia essas possibilidades de maneira ativa, enquanto Cícero o faz passivamente, por não ter sido o organizador de sua própria correspondência. Nesse aspecto, é possível considerar que Plínio supera seu modelo (MARCHESI, 2008, p. 213).

Outra diferença da obra epistolar pliniana em relação à epistolografia em prosa que o precede é a utilização de cartas monotemáticas (CASTILLO, 1974, p. 433; MARCHESI, 2008, p. 171; GIBSON; MORELLO, 2012, p. 78). Em contraposição ao que ocorre nas epístolas de Cícero, nas quais muitos temas distintos costumam ser tratados no interior de uma única carta (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 78), as missivas de Plínio, de modo geral, ocupam-se de apenas um assunto principal cada uma. A utilização de missivas monotemáticas é o que permite que, muitas vezes, o autor elabore miniaturas de outros gêneros no interior de sua obra epistolar. Esse é o caso das narrativas

históricas sobre a erupção do Vesúvio (6.16 e 6.20), consideradas, por Guillemín (1929, p. 130), como um epílio em prosa.

Por fim, outro elemento de diferenciação nas cartas plinianas é um ocultamento, na maior parte das vezes, de indicadores de tempo e lugar. De acordo com Gibson e Morello (2012, p. 78-79),

Plínio também tende [...] a retirar detalhes como datas, horários, lugares ou especificidades da situação – tanto a sua própria quanto a de seu destinatário – deixando o leitor em dúvida, por exemplo, sobre onde (ou mesmo se) um destinatário militar está servindo em campanha, ou sobre qual dos seus próprios discursos ele está atualmente polindo para publicação. Isso promove certa atemporalidade que torna a correspondência mais fácil de ler para o leitor comum (mesmo que acabe por criar outros desafios e frustrações [...]), bem como mais fácil de imitar.

Esse ocultamento reforça o aspecto literário da obra ao diminuir a importância de elementos que marcam sua origem prática e exclusivamente comunicacional.

Essa breve leitura sobre as relações que o autor estabelece com a epistolografia de Cícero e Sêneca permite perceber, portanto, que a obra epistolar pliniana executa um posicionamento bastante ativo em relação à tradição epistolográfica romana, o que também contribui para uma leitura literária das *Epistulae*. Mais tarde, Plínio é tomado como modelo de imitação para as obras de Aurélio Símaco, no final do século IV d.C., cuja produção epistolar se organiza também em dez livros – os nove primeiros aos familiares e o último contendo cartas oficiais –, e de Sidônio Apolinário (V d.C.), que, de acordo com Fernández (2005, p. 46), cita Plínio mais diretamente em sua coleção, formada por nove livros.

O diálogo da prosa epistolar pliniana com a tradição literária latina não se restringe, certamente, apenas aos modelos epistolográficos em prosa que o precedem. A obra desse autor, de acordo com Marchesi (2008, p. 7-9), relaciona-se de forma mais direta com pelo menos quatro tradições genéricas: a epistolografia, a oratória, a historiografia e a poesia. Não há o propósito, porém, de discuti-las neste texto, por isso se sugere a leitura dos textos de Guillemín (1929), Hershkowitz (1995), Ash (2003) e Marchesi (2008).

Conquanto modernamente seja vista como um gênero de caráter comunicacional, particular e reservado ao ambiente privado, a troca de missivas, como demonstra a abundante e variada prática epistolar greco-romana, não era compreendida dessa forma na Antiguidade. Real ou fictícia, a correspondência foi, nesse contexto, tanto um meio de informar ou estabelecer o contato entre indivíduos quanto um modo de produzir textos literários. Tal produção foi acompanhada por uma discussão teórica sobre o gênero, que forneceu não apenas as características formais dessa modalidade da escrita, mas também as preceptivas a respeito de seu estilo e conteúdo. Em contexto romano, a prática literária da epistolografia tornou-se recorrente no formato de coleções que reúnem cartas originalmente pessoais em uma publicação de caráter público. Isso ocorre com a obra epistolar de Plínio, o Jovem, que agrupa missivas enviadas a amigos, mas que receberam um tratamento literário, perceptível pelo modo como o autor organizou seu texto e pelo diálogo que manteve com a literatura que o precedeu. É nesse contexto de uma produção que tem como ambiente a esfera pessoal das relações, mas que possui caráter literário e público, que o autor elabora elogios a alguns de seus contemporâneos. Tais louvores se organizam de acordo com uma série de elementos próprios do gênero epidítico retórico, que parecem reforçar, de algum modo, seu aspecto público. A inserção de Plínio numa tradição epidítica greco-romana é o tema discutido no segundo capítulo deste volume.

O Epidítico: Demonstração, Persuasão e Conselho

O termo epidítico (*epideiktikós*) é originário da palavra grega *epídeixis*, utilizada para designar, de modo abrangente, uma “exibição”, “palestra pública” ou “demonstração oratória” (PERNOT, 2005, p. 175). A partir das delimitações de Aristóteles, no entanto, que define sob esse vocábulo um dos três tipos de discurso tratados pela retórica, ele passou a significar, tradicionalmente, discurso de louvor. Como destaca Russell (1998, p. 21), o equivalente latino dessa palavra grega, em acepção aristotélica, é *genus demonstrativum*. A essa equivalência o autor acrescenta que,

De acordo com sua associação do gênero à descrição do presente, ele [Aristóteles] parece ter pensado no sentido de que esse tipo de oratória “exibe” ou “demonstra” como as coisas são. Porém, mais habitualmente, a “exibição” ou a “demonstração” é pensada como a do orador colocando sua habilidade em cena. Neste sentido, o termo abrange todo tipo de discurso que não tem nenhuma finalidade prática, em outras palavras, sempre que a audiência é composta de espectadores que apreciam e não que tomam decisões (RUSSELL, 1998, p. 21).

Esse tipo de discurso é, pois, associado, desde muito cedo, a uma fala ornamental e supérflua. Todavia, o epidítico, tanto em relação à terminologia quanto em relação à sua função e prática na Antiguidade, não está restrito ao supérfluo ou vazio.

Quando circunscrito pela definição de gênero oratório, o epidítico é, juntamente com o deliberativo e o judiciário, uma das três formas de discurso que podem ser produzidas por um orador (PERNOT, 1993, p. 25-42). Tal modalidade discursiva possui ainda uma subdivisão, que se dá entre louvor (*epainós*, em grego; *laus*, em latim) e vitupério (*psógos*, em grego; *vituperatio*, em latim). Neste capítulo, as reflexões são desenvolvidas principalmente a respeito dos discursos de louvor, uma vez que a prática do vitupério não é tão recorrente na obra epistolar pliniana (Plínio faz uso desse gênero, sobretudo para confrontar a figura de Régulo, como em 1.5, 1.20, 4.2, 4.7 e 6.2) e, como mostra Pernot (2005, p. 181), o vitupério, por não possuir uma utilização oficial, não alcançou a mesma condição de discurso retórico público atingida pelo elogio²⁵.

O discurso sobre o gênero: estruturas e funções do elogio na Antiguidade

O exercício da eloquência remonta a tempos bastante recuados: há autores que identificam já na obra homérica e na literatura arcaica grega, de um modo geral, a evidência da prática de uma eloquência que pode ser considerada parte de uma “pré-retórica” (EIRE, 1987, p. 16-17; ALEXANDRE JÚNIOR, 2005, p. 17-18; PERNOT, 2005, p. 1-10). Também no período clássico da literatura grega, encontram-se exemplos dessa prática oratória nos famosos discursos de Péricles citados na obra historiográfica de Tucídides (*História da guerra do Peloponeso*, 1.14-145, 2.35-46, 2.60-64) e, é claro, nos próprios discursos políticos e forenses gregos que chegaram até nós. No que diz respeito à prática epidítica mais especificamente, não ocorre de maneira muito diferente, como será demonstrado na seção deste capítulo destinada ao mapeamento da prática laudatória em prosa na Antiguidade.

25 De acordo com Pernot (2005, p. 181), “[...] a invectiva nunca teve a mesma importância que o elogio. Teoricamente, a censura é o inverso de louvor. Pode-se censurar pessoas e cidades (os deuses não eram incluídos) empregando os mesmos *tópoi* e revertendo-os. Isso acontecia na escola como parte dos exercícios preparatórios [...]. Mas, na sociedade da Era Imperial, as invectivas não tinham uso oficial e, por isso, mantiveram-se restritas aos ataques encontrados em discursos judiciais, admoestações dos filósofos, diatribes [...]. Elas forneceram um terreno fértil para a literatura sem nunca se tornar um gênero retórico das instituições públicas”.

A reflexão sobre a prática do discurso de louvor ou vitupério e a teorização sobre o gênero epidítico surgem no século IV a.C., na Grécia (RUSSELL; WILSON, 1981, p. xix), e vão se desenvolvendo de diferentes maneiras nos séculos seguintes, tanto em contexto grego quanto em contexto romano. A teorização se manifesta, a princípio, como parte de textos cujo objetivo era um tratamento mais amplo da retórica, como é o caso da *Retórica* de Aristóteles (séc. IV a.C.), em contexto helênico, e mesmo das produções latinas posteriores sobre o tema, como a *Retórica a Herênio* (séc. I a.C.), diversos textos de Cícero (séc. I a.C.) e a *Institutio oratoria* (por volta de 95 d.C.), de Quintiliano. Há também, no entanto, desenvolvimentos que poderíamos chamar de mais específicos e mesmo práticos sobre o assunto, como ocorre em alguns *progymnasmata* – exercícios preliminares de composição utilizados para preparar os estudantes que estavam ingressando no aprendizado da retórica (KENNEDY, 2003, p. x; WEBB, 2001, p. 289) – e nos dois tratados sobre o gênero epidítico relativamente tardios – ao que tudo indica do século III d.C.²⁶ – atribuídos a Menandro, o retor.

A *Retórica* é certamente um marco para toda a teorização posterior sobre a oratória; como disse Barthes (1975, p. 155), “todos os elementos didáticos que alimentam os manuais clássicos vêm de Aristóteles”. Incluído num contexto de conflito entre retórica e filosofia, Aristóteles colabora para uma visão menos negativa da prática do discurso persuasivo e estabelece a posição da retórica como *téchne*. Como mostra Alexandre Júnior (2005, p. 34),

A grande inovação de Aristóteles foi o lugar dado ao argumento lógico como elemento central da arte de persuasão. A sua *Retórica* é sobretudo uma retórica da prova, do raciocínio, do silogismo retórico; isto é, uma teoria da argumentação persuasiva. E uma das suas maiores qualidades reside no fato de ela ser uma técnica aplicável a qualquer assunto. Pois proporciona simultaneamente um método de trabalho e um sistema crítico de análise, utilizáveis não só na construção de um discurso, mas também na interpretação de qualquer forma de discursos.

26 Conferir Russell e Wilson (1981, p. xl).

Concebida desta maneira, a retórica aristotélica se distanciaria de retóricas anteriores e talvez principalmente da visão platônica sobre o tema. Afinal, é válido lembrar que há, em contexto helênico, uma produção bastante mais ampla de reflexões sobre a retórica, muitas delas inclusive anteriores a Aristóteles. Esse é o caso das discussões sobre a matéria, já existentes nos diálogos platônicos *Fedro*, *O banquete* e *Górgias*. Ainda que não muito anteriores a Aristóteles, esses diálogos discutem concepções retóricas diferentes e mesmo mais antigas, uma vez que a produção oratória de Górgias, por exemplo, e, portanto, suas concepções retóricas que são de algum modo reportadas no texto platônico, estão localizadas principalmente no século V a.C. Antes ainda de Platão, as primeiras iniciativas de sistematização e ensino de retórica são atribuídas aos sicilianos Córax e Tísias (ALEXANDRE JÚNIOR, 2005, p. 19-20; KENNEDY, 1994, p. 30-31). Neste estudo, optou-se, em virtude da importância e influência que o autor possui também nas produções latinas sobre o tema, por examinar, entre as obras mais antigas, apenas o trabalho de Aristóteles.

No que se refere ao tratamento mais específico dos discursos de louvor e vitupério, destacam-se alguns princípios estabelecidos por Aristóteles. No primeiro livro de sua obra, divide-se a exposição oratória em três gêneros a partir dos tipos de orador, assunto e ouvinte possíveis. Tais gêneros são: o deliberativo, o judicial e o epidítico. Para cada tipo de discurso, o autor fornece as seguintes definições:

Numa deliberação temos tanto o conselho como a dissuasão [...]. Num processo judicial temos tanto a acusação quanto a defesa [...]. No gênero epidítico temos tanto o elogio como a censura. Os tempos de cada um destes são: para o que delibera, o futuro, pois aconselha sobre eventos futuros, [...] para o que julga, o passado, pois é sobre atos acontecidos que um acusa e outro defende; para o gênero epidítico o tempo principal é o presente, visto que todos louvam ou censuram eventos atuais, embora também muitas vezes argumentem evocando o passado e conjecturando sobre o futuro (Aristóteles, *Retórica*, 1358b. Tradução de Manuel Alexandre Júnior).

As primeiras definições de Aristóteles sobre o discurso epidítico estabelecem que: a) trata-se de elogio ou de censura; b) possui como tempo principal o presente, ainda que possa evocar o passado e conjecturar sobre o futuro; e c) o fim desse tipo

de discurso é o belo e o feio. Após essas definições iniciais, Aristóteles retoma a retórica epidítica apenas depois de dissertar longamente sobre o gênero deliberativo, que parece ser, inclusive, o tipo de eloquência mais caro ao autor, se considerarmos o espaço que ele dedica ao assunto em seu trabalho e a própria finalidade e aplicação da deliberação: trata das coisas boas ou más e se aplica nas discussões políticas.

Em sua explicação mais ampliada sobre o tema, Aristóteles (*Retórica*, 1366a-1368a) define melhor o objetivo, o objeto e os meios de persuasão próprios do louvor ou da censura. Para o autor, o objetivo é tratar das virtudes e dos vícios, ou, em outras palavras, do belo e do feio. O objeto desse tipo de discurso pode ser os homens, os deuses, os seres inanimados ou os animais. Durante toda a teorização sobre os recursos usados no discurso epidítico, fala-se somente do louvor, pois, no que se refere à censura, o autor diz, apenas ao final de suas considerações sobre o gênero, que, “[...] adquiridas estas noções, são evidentes os seus contrários; porquanto a censura deriva dos contrários” (*Retórica*, 1368a). Além disso, a discussão sobre o elogio só incide sobre os homens, pois os louvores direcionados aos deuses ou a outros seres não são mencionados. Por fim, os meios de persuasão utilizados nesse discurso, segundo Aristóteles, são as virtudes, consideradas, de modo geral, como aquilo que é útil ao bem comum.

[...] se isto é belo, então a virtude é necessariamente bela; pois, sendo boa, é digna de louvor. A virtude é, como parece, o poder de produzir e conservar os bens, a faculdade de prestar muitos e relevantes serviços de toda a sorte e em todos os casos [...]. As maiores virtudes são necessariamente as que são mais úteis aos outros, posto que a virtude é a faculdade de fazer o bem (*Retórica*, 1366a-1366b. Tradução de Manuel Alexandre Júnior).

Nesse contexto, o autor pondera sobre as principais virtudes: justiça, coragem, temperança, magnificência, magnanimidade, liberalidade, mansidão, prudência e sabedoria. Sem estabelecer exatamente uma ordem de preferência para todas, Aristóteles afirma a existência de pelo menos três principais: a justiça, a coragem e a liberalidade (*Retórica*, 1366b). Suas reflexões passam pela definição sucinta de algumas delas e pela menção a seus opostos. Os atos a serem louvados, de acordo com o texto de Aristóteles, são aqueles dirigidos por essas virtudes. Além das virtudes, o

autor defende que o principal recurso argumentativo do epidítico é a amplificação. Para ele, a amplificação é adequada ao epidítico, assim como os exemplos são ao deliberativo, e os entimemas ao judicial. Na definição dada pelo autor, a amplificação é a capacidade de, pelo discurso, aumentar a importância dos feitos do elogiado, tornando-os mais relevantes e mais belos (1368a). Tal recurso pode ser utilizado, na concepção aristotélica, juntamente com a comparação entre o elogiado e outra pessoa de renome.

Uma passagem relevante na *Retórica* é a distinção entre elogio e encômio.

O elogio é um discurso que manifesta a grandeza de uma virtude. É, por conseguinte, necessário mostrar que as ações são virtuosas. Mas o encômio refere-se às obras (e as circunstâncias que as rodeiam concorrem para as provas, como, por exemplo, a nobreza e a educação; pois é provável que de bons pais nasçam bons filhos, e que o caráter corresponda à educação recebida). E por isso fazemos encômio de quem realizou algo. As obras são sinais de caráter habitual de uma pessoa; pois elogiaríamos até quem nenhuma fez, se estivéssemos convencidos de que era capaz de fazer. A benção e a felicitação são idênticas uma à outra, não são, porém, o mesmo que o elogio e o encômio. Mas, como a felicidade engloba também a virtude, também a felicitação engloba estes (*Retórica*, 1367b. Tradução de Manuel Alexandre Júnior)²⁷.

Primeiramente, destaca-se o fato de que a diferença entre elogio e encômio não é comum nas retóricas latinas, como veremos ao falar de Cícero e Quintiliano. Em segundo lugar, é relevante nessa passagem a definição aristotélica do elogio como aquele que é feito à virtude mais que às ações, com a qual Cícero (*De oratore*, 2.342) vai dialogar. É também nesse trecho que Aristóteles define, ainda que muito sucintamente, algumas das categorias utilizadas para louvar alguém: a nobreza, que compreende a origem e, em especial, a família; e a educação. Tais categorias serão expandidas em diversos tratados posteriores.

Outra definição aristotélica que se destaca pela singularidade é a associação entre o elogio e o conselho.

27 Essa diferenciação entre elogio e encômio também é discutida na *Ética a Nicômaco* (1.1101b).

O elogio e os conselhos pertencem a uma espécie comum; pois o que se pode sugerir no conselho torna-se encômio quando se muda de forma de expressão. Quando, portanto, sabemos o que devemos fazer e como devemos ser, basta que, para estabelecer isso como conselho, se mude a forma de expressão e se dê a volta na frase; dizendo, por exemplo, que importa não nos orgulharmos do que devemos à fortuna, mas só do que devemos a nós mesmos. Dito assim, tem a força de um conselho; mas, expresso como elogio, será: ele não se sente orgulhoso do que deve à fortuna, mas apenas do que deve a si próprio. De sorte que, quando quiseres elogiar, olha para o conselho que se poderá dar; e quando quiseres dar um conselho, olha o que se pode elogiar [...] (*Retórica*, 1367b-1368a. Tradução de Manuel Alexandre Júnior).

Tal afirmação se distingue na tradição retórica pelo fato de os textos de elogio ou vitupério se tornarem, com o passar do tempo, um repositório de personagens viciosos ou virtuosos tomados como exemplo para certas ações. Essa compreensão do louvor ou censura como forma de exemplificar e educar fica evidente na concepção desse gênero como conselho.

O período entre a reflexão aristotélica sobre a retórica e a publicação de um tratado latino sobre o assunto é bastante significativo, não só pelo espaço temporal existente, mas também pela transformação cultural identificada no período, conhecido como Alexandrino.

Nos dois séculos entre a morte de Aristóteles (332 a.C.) e o aparecimento do primeiro grande tratado romano por volta de 90 a.C., os desenvolvimentos mais importantes na retórica clássica ocorreram na codificação e esquematização. Sistematizar o conhecimento existente foi a atividade central do grande complexo de biblioteca pública em Alexandria, no Egito [...]. Tanto quanto sabemos, nenhum trabalho retórico importante surgiu a partir do trabalho dos estudiosos alexandrinos, mas o seu interesse em digerir, analisar e editar o trabalho de outras pessoas dá-nos uma boa ilustração do tom intelectual do período imediatamente após Aristóteles (MURPHY, 2003, p. 128).

Embora não tenhamos notícias de outros trabalhos tão consagrados quanto os de Aristóteles, as discussões gregas sobre a retórica não cessam após a teorização aristotélica da matéria. Como mostra Murphy (2003, p. 130),

Sabe-se que outros retores gregos atuaram durante os dois séculos que separaram Aristóteles e Cícero, mas seus trabalhos não sobreviveram. Nós sabemos a respeito de suas teorias apenas pelas referências nos textos de escritores como Cícero e Quintiliano.

Um texto remanescente é a *Retórica a Alexandre*, provavelmente contemporânea ao período de vida de Aristóteles, que chegou a ser considerado autor da obra. Segundo Chiron (2000, p. 111): “O texto foi transmitido no seio do *corpus* aristotélico, mas evidentemente não é de Aristóteles. Hesita-se, pois, em contar com um texto de origens incertas”. Em que pesem as diferenças e mesmo inovações em relação ao texto aristotélico (MURPHY, 2003, p. 130; RUSSELL; WILSON, 1981, p. xxi), é provável que esse tratado não tenha sido tão influente quanto o próprio texto da *Retórica*, por isso não nos deteremos na análise de seus preceitos.

Em virtude dessa fase de desenvolvimento cultural grego e do período de expansão territorial romano, os séculos II e I a.C. são marcados por mudanças culturais e processos de adoção de alguns ideais helênicos na formação romana. Tal adoção, porém, ocorre de modo gradual e certamente mediante oposições. O processo não uniforme de assimilação da cultura grega está registrado justamente no primeiro livro do texto que inaugura a teorização latina sobre a retórica: *Retórica a Herênio*. Em sua dedicatória ao possível discípulo Caio Herênio, o autor do texto – cuja identidade é ainda incerta – afirma:

Desprezamos, por isso, as coisas de que se apropriaram, por vã arrogância, os escritores gregos. Para não parecerem saber muito pouco, empenharam-se no que não era pertinente, a fim de que a arte fosse considerada mais difícil de reconhecer. Nós, entretanto, adotamos aquilo que parece pertencer ao método do discurso, pois não viemos a escrever movidos pela glória ou pela expectativa de lucro, como os demais, e sim, para, com diligência, atender a

tua vontade ([Cícero], *Rhetorica ad Herennium*, 1.1. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra).

Há pelos menos dois aspectos a se notar nesse próêmio da obra. Primeiro, a negação inicial feita pelo autor mais aproxima que afasta a influência dos autores gregos do campo de reflexão de seu leitor. A menção a uma forma grega de elaboração e, talvez ainda mais, de teorização dos discursos revela a clara interferência desse paradigma cultural na formação do paradigma romano, uma vez que só é possível negar algo que de fato existe; só é possível desprezar uma interferência se, de fato, ela ocorre. Segundo, essa mesma negação estabelece uma diferença entre uma forma romana de oratória – e mesmo de reflexão sobre a oratória, ou seja, retórica – e uma forma grega anterior. O texto de Aristóteles pode ser lido como a produção de um conhecimento teórico sobre a retórica preocupado mais em descrever e explicar certas categorias que em informar e ensinar como deve ser feito. Daí ter como característica marcante o estabelecimento de cada termo pela definição e subdivisão. Já a retórica latina, desde o surgimento, caracteriza-se por uma maior preocupação em ensinar a arte do dizer – “[...] adotamos aquilo que parece pertencer ao método do discurso (*rationem dicendi*) [...]” –, ou seja, de deixar clara a utilização do conhecimento retórico para uma finalidade prática. Por isso, mesmo com a consciência de que a circulação da *Retórica a Herênio* talvez não tenha sido tão intensa na Antiguidade, sua utilização como um exemplo preservado do que se produzia ou se pensava sobre retórica naquele momento da história romana é útil à nossa discussão.

Algo que aponta para o caráter mais prático desse texto é a ênfase dada ao discurso de tipo judiciário. Dos quatro livros que compõem a totalidade da obra, pelo menos dois se dedicam quase que inteiramente ao tratamento do gênero. Como ressalta o próprio tratado,

[...] como não pudemos falar de tudo juntamente e precisávamos escrever primeiro sobre as coisas mais importantes para que as outras te parecessem mais fáceis de entender, decidimos começar pelo que era mais difícil. Os gêneros das causas são três: demonstrativo, deliberativo e judiciário. De longe o mais difícil é o judiciário, por isso o desenvolvemos em primeiro lugar nesse livro

e no anterior (*Rhetorica ad Herennium*, 2.1. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra).

Além da afirmação dessa preferência discursiva, que pode ser associada a uma prática judiciária frequente em contexto romano, o emprego da segunda pessoa (tu/você) como interlocutor, evidente nesse trecho, corrobora a compreensão do tratado como um texto, se não escolar, ao menos didático, já que o seu objetivo é instruir alguém acerca de uma disciplina. O texto da *Institutio oratoria*, de Quintiliano, que será também discutido neste capítulo, assume um formato parecido. A diferença maior está no fato de que Quintiliano projeta seu texto para uso dos professores de retórica ou oradores com alguma experiência, e não para alguém que queira aprender a disciplina. Ainda assim, a *Institutio* não deixa de possuir fortes laços com o ensino.

O autor da *Retórica a Herênio* segue, como se vê no último trecho citado, a divisão em três gêneros de discurso já adotada por Aristóteles. Ele estabelece essa divisão ainda no primeiro livro (*Rhetorica ad Herennium*, 1.2) e a reitera no segundo (2.1). No entanto, o comentário sobre os outros dois gêneros que não o judiciário só se inicia a partir do livro 3 e, na verdade, fica limitado a ele, uma vez que o quarto livro se dedica ao exame da elocução, ou seja, ao estilo dos discursos.

O elogio e o vitupério são apresentados, na *Retórica a Herênio*, como partes do discurso demonstrativo (*demonstrativum*) e discutidos de forma mais precisa e aprofundada entre os capítulos 10 e 15 do livro 3. Em comparação com Aristóteles, o tratado latino fornece maior quantidade de informações, especialmente no que se refere à estruturação do discurso. O método seguido para a apresentação de cada gênero passa pela definição geral do tipo de discurso, seguida de uma explicação pormenorizada de cada item que o compõe.

De acordo com esse tratado, o elogio incide sobre três categorias principais: coisas externas, coisas do corpo e coisas do ânimo (3.10) – essa divisão é, segundo Ponce (1998, p. 222), uma tripartição de origem socrática. As coisas externas são obra do acaso, dependem da fortuna, como ascendência, educação, riqueza, poder, etc. As coisas do corpo se referem, como o nome sugere, às características físicas, que podem ser classificadas como boas ou más. Já as coisas do ânimo dizem respeito ao que chamamos, de acordo com o tratado de Aristóteles, de virtudes. As principais virtudes apresentadas na *Retórica a Herênio* são: prudência, justiça, coragem e

modéstia (*prudentia, iustitia, fortitudo e modestia*). No trecho dedicado ao discurso epidítico mais propriamente (*Rhetorica ad Herennium*, 3.10), o autor apenas menciona as quatro virtudes principais e redireciona seu leitor para uma passagem anterior (3.3), sobre o gênero deliberativo, na qual enumera e descreve cada uma delas. Após isso, as virtudes são apenas citadas no momento em que explica o que se deve ser dito e em que ordem (3.15). Nota-se, portanto, uma drástica diminuição da quantidade de virtudes principais, formato que se estabiliza posteriormente.

Após a enumeração das virtudes, o autor indica o que se deve fazer em cada parte do discurso demonstrativo. Ele começa (3.11) especificando a partir de que elementos podem ser conseguidos os argumentos iniciais (do próprio orador, da pessoa de quem se fala, dos ouvintes ou da própria matéria do louvor ou vitupério). Após a explicação sobre o proêmio, o tratado estabelece a ordem cronológica como estratégia para o elogio ou vitupério das ações (3.13) e mostra como as virtudes devem ser aplicadas a elas (3.14-15). Um aspecto singular na *Retórica a Herênio* é que a explicação de toda essa estrutura é feita tendo em vista tanto o vitupério quanto o louvor. O comentário sobre a invectiva não se encontra, como ocorre em outros textos, no final do capítulo, mas é feito, de modo bastante sistemático, durante a enumeração de cada virtude. Por fim, o potencial mentor de Herênio fala do epílogo (3.15). Nesse momento, segundo o autor, o objetivo é retomar e amplificar certos argumentos utilizados anteriormente.

Um último aspecto relevante nesse primeiro tratado latino sobre retórica é sua ressalva a respeito da prática do discurso de louvor.

[...] e se, isoladamente, o gênero demonstrativo é tratado com menos frequência, é comum que nas causas judiciais e deliberativas grandes seções se ocupem do elogio e do vitupério. Por isso consideremos que também esse gênero de causa deve demandar alguma dedicação (*Rhetorica ad Herennium*, 3.15. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra).

A utilização do epidítico como recurso para outros tipos de discurso é algo que aparece também nos demais autores latinos que versaram sobre a retórica. Tal visão parece ser, inclusive, uma contribuição marcadamente romana para a teorização sobre a oratória. Embora não se possa falar de um diálogo direto entre a *Retórica*

a *Herênio* e outros textos latinos imediatamente posteriores, uma vez que essa retórica permaneceu desconhecida pelos retores romanos por um longo período (FARIA; SEABRA, 2005, p. 12), há semelhanças entre as considerações feitas na *Rhetorica ad Herennium* e os textos de Cícero e Quintiliano. A subordinação do gênero epidítico a tipos diferentes de discurso no que se refere à prática oratória dialoga com a visão ciceroniana; considerando a forma completa como trata as diversas partes e categorias que compõem o discurso epidítico, a *Retórica a Herênio* partilha de concepções presentes em Quintiliano.

Versados na arte da persuasão oratória, Cícero e Quintiliano escreveram textos que pretendiam de algum modo reunir e divulgar os principais preceitos da retórica para aqueles que estavam se formando para o exercício nos fóruns. Cícero, entre outros escritos, dedicou-se aos conhecimentos sobre a retórica em seu *De oratore* (55 a.C.), texto em formato de diálogo e dividido em três livros, nos quais o autor buscou explicar os preceitos que devem ser aprendidos por um bom orador. Também Quintiliano, em sua principal obra e única remanescente, *Institutio oratoria*, cujo objetivo é mais amplo que o de Cícero no *De oratore*, uma vez que pretende tratar da formação do orador desde a tenra idade, ocupa-se abundantemente da matéria.

No texto de Cícero, as primeiras considerações sobre os gêneros aparecem a partir do livro 2. Em *De oratore* (2.42-43), Cícero divide o discurso retórico em três tipos:

[...] Tais tipos parecem residir, ou na exposição dos litígios, ou no aconselhamento; pois aquele terceiro tipo, que foi abordado por Crasso e que, segundo ouvi dizer, o próprio Aristóteles, que trouxe enorme luz a tais temas acrescentou, ainda que seja útil, é menos necessário. – Qual?, perguntou Cátulo, os louvores? Pois vejo que este é o proposto como terceiro gênero (Tradução de Adriano Scatolin).

Apesar de se destacar que o discurso epidítico está identificado na prática oratória desde Aristóteles, ele é apresentado como um “terceiro tipo”, numa expressão que denota certo menosprezo por esse modo de discursar. No parágrafo 44, questiona-se, inclusive, sua validade como parte da arte oratória: “parece-me que nem tudo o que falamos deve ser remetido à arte e aos preceitos” (Cícero, *De oratore*, 2.44).

Em Quintiliano, a divisão da retórica é explicada em *Institutio oratoria* (3.3), logo após o autor enumerar as cinco partes principais da oratória (invenção, disposição, elocução, memória e pronúnciação).

Dizem que as divisões retóricas são: laudatória, deliberativa e judiciária. Se são divisões, são mais propriamente da matéria que da arte. Uma vez que cada uma delas contém toda retórica, também exige, cada uma delas, não só a invenção, mas também a disposição, a elocução, a memória e ainda a pronúnciação. Por isso, alguns preferiram nominá-las os três gêneros retóricos, melhores, no entanto, foram aqueles que Cícero seguiu: gêneros das causas (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.3.14-15²⁸).

Quintiliano divide os gêneros (*genera causarum*) pelos quais podem ser compostos os discursos em *laudativum*, *deliberativum* e *iudiciale*. Após citá-los, o autor discute mais demoradamente os fundamentos de cada um deles (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.4). Em um primeiro momento (3.4.4-5), mostra as diferentes opiniões sobre essa divisão genérica, posiciona-se em relação a elas e explica, em linhas gerais, o que define cada um dos gêneros. Para ele, o discurso de tipo epidítico, como já delimitado por outros autores, é aquele que se destina a vituperar ou elogiar alguém. Além disso, o autor analisa, em 3.4.12-16, os termos empregados para nomear o gênero formado pelo louvor ou censura. Segundo ele, os vocábulos latinos mais utilizados seriam demonstrativo e laudativo (*demonstrativum*, *laudativum*), e os termos gregos, encomiástico, panegírico e epidítico (*enkomiastikós*, *panegyrikós*, *epideiktikós*). A enumeração das diferentes maneiras de nomear e mesmo de compreender esse tipo de discurso é algo que se encontra quase que exclusivamente na obra de Quintiliano. Tal capacidade de retomar diversas perspectivas anteriores é resultado da posição privilegiada desse autor, localizado, temporalmente, após uma

28 “*Partes enim rhetorices esse dicebant laudativam deliberativam iudiciale. Quae si partes sunt, materiae sunt potius quam artis. Namque in his singulis rhetorice tota est, quia et inventionem et dispositionem et elocutionem et memoriam et pronuntiationem quaecumque earum desiderat. Itaque quidam genera tria rhetorices dicere maluerunt, optime autem ii quos secutus est Cicero, genera causarum*”.

série de textos e autores que já haviam estabelecido, de algum modo, uma tradição retórica, e, talvez, consequência do próprio objetivo da obra, direcionada aos professores de retórica.

Nesse primeiro momento de divisão e definição dos gêneros, podem ser observadas diferenças no tratamento dado por cada um dos oradores latinos. Cícero aborda o tema de modo mais conciso e não se preocupa em fornecer outras visões acerca da divisão dos gêneros, nem mesmo discute a variedade de termos existentes para nomear cada um deles. A apresentação feita pelo autor se dá mais pela definição que pela nomenclatura. Além disso, no que se refere ao gênero laudatório, Cícero deixa bastante claro seu menor apreço por esse tipo de discurso. No texto do livro 2 do *De oratore*, um diálogo entre Cátulo e Antônio, as opiniões que predominam são principalmente as do segundo orador. Enquanto Antônio demonstra certo menosprezo pelo gênero epidítico, Cátulo insiste para que o amigo fale dele. Assim, percebe-se que existiam, nas discussões sobre a oratória, opiniões divergentes acerca dos gêneros e em especial acerca dos discursos do tipo epidítico e que Cícero parece propositalmente colocar o epidítico num segundo plano, como um gênero menos valorizado. Cícero não mantém, no entanto, na totalidade de sua obra sobre oratória, uma visão exclusivamente depreciativa do discurso encomiástico. Nos parágrafos 37 a 42 do *Orator*, o autor faz um excursus de dimensões consideráveis no qual discute a utilidade do discurso demonstrativo para a formação do orador. Além disso, elabora um breve histórico da produção epidítica em contexto grego. Nesse excerto da obra ciceroniana, as produções de tipo encomiástico se apresentam como um bom exercício para o desenvolvimento do estilo ornado e da prosa rítmica, um dos principais assuntos do tratado. A valorização do epidítico se realiza, todavia, no trecho em questão, pela subordinação a outros gêneros em contexto oratório e pela sua caracterização como um tipo de discurso a ser apreciado em circunstâncias não forenses.

Quintiliano, por outro lado, realiza uma abordagem mais ampla, preocupando-se em dar maiores detalhes sobre os gêneros. Suas considerações sobre o discurso de tipo epidítico, em especial, tornam-se notáveis, pois, diferentemente de Cícero, o autor cita o discurso de louvor primeiro e, em vários momentos de sua *Institutio*, explica os preceitos relacionados a este antes dos demais. Essas são constatações que permitem pensar o próprio estatuto dado ao gênero epidítico na transição entre os períodos republicano e imperial. Embora pareça dar maior visibilidade aos discursos

de louvor, Quintiliano não deixa de lembrar aos leitores que: “No decurso de um inquérito rigoroso sobre a questão, ocorreu-me que as tarefas de oratória ou devem se preocupar com o que é judicial ou com que está para além do judicial” (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.4.6²⁹). Tal afirmação mostra a centralidade da oratória do tipo judiciário.

Assim, a posição de Cícero no texto do *De oratore* e a declaração de Quintiliano mostram que, provavelmente em virtude da atividade política e forense em Roma, os discursos deliberativo e judiciário – e talvez sobretudo esse último – eram considerados mais importantes na educação do orador. Como afirma Russell (1998, p. 19): “Esses tipos de oratória ‘celebrativa’ [discurso epidítico] eram bastante distintos, no objetivo, dos tipos ‘deliberativo’ e ‘judiciário’, nos quais – e particularmente no ‘judiciário’ – o ensino retórico naturalmente se concentrava”. Havia, no entanto, como os textos de Cícero e Quintiliano nos comprovam, diversas manifestações que se davam por meio do gênero laudatório e uma longa tradição de sua prática. Para Cícero, a utilização dos discursos de louvor era uma tradição grega e aparentemente menos apreciada na prática oratória romana.

[...] não costumamos fazer grande uso dos louvores. De fato, os próprios gregos com frequência escreveram louvores mais para a leitura e deleite ou para honrar algum homem do que para uma utilidade prática do fórum; há livros deles em que louvam Temístocles, Aristides, Agesilau, Epaminondas, Felipe, Alexandre e outros; os nossos louvores, que empregamos no fórum, ou apresentam uma brevidade nua e sem adornos de um testemunho, ou são escritos para um discurso fúnebre, que é completamente inadequado para exibir habilidades discursivas (Cícero, *De oratore*, 2.341. Tradução de Adriano Scatolin).

Quintiliano apresenta as possibilidades da utilização do discurso laudatório preocupando-se menos com essas ressalvas ciceronianas, mas destacando o fato de

29 “*Mihi cuncta rimanti et talis quaedam ratio succurrit, quod omne orationis officium aut in iudiciis est aut extra iudicia*”.

que, em contexto grego, a prática de louvor e vitupério teve como função principal o deleite da audiência:

Porém o costume romano também inseriu esse trabalho em suas ocupações públicas. Pois não só as orações fúnebres recaem frequentemente como tarefa para aqueles que exercem algum cargo público ou muitas vezes são confiadas aos magistrados por ordem do senado, como também louvar a testemunha, ou o inverso, é adequado para a moção do processo judicial [...]. E não nego que haja alguns discursos desse gênero compostos apenas para exposição, como os elogios aos deuses e aos homens que os tempos anteriores legaram [...] (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.7.2-3³⁰).

Para além dessas definições iniciais, Cícero e Quintiliano fornecem aos seus leitores uma série de preceitos sobre o que deve ser louvado e sobre como realizar o vitupério ou louvor. Em Quintiliano, esses preceitos se encontram reunidos principalmente no sétimo capítulo do terceiro livro. O autor esclarece que os discursos de louvor se direcionam, em geral, aos deuses ou aos homens, mas que podem ser também direcionados a animais ou seres inanimados (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.7.6). Com isso, ele dialoga de forma bastante próxima com a definição aristotélica. O texto da *Institutio* (3.7.7-28) apresenta, ainda, como deve ser louvado cada uma dessas figuras a partir de uma série de passos, que podem ser sistematizados da seguinte maneira:

a. Louvor aos deuses: i) mostrar veneração à natureza divina do deus; ii) exaltar o poder específico do deus, mostrando o benefício dele para a humanidade; iii) falar da antiguidade e da descendência; iv) falar da origem imortal ou da aquisição da imortalidade por mérito (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.7.7-9).

30 “*Sed mos Romanus etiam negotiis hoc munus inservit. Nam et funebres laudationes pendent frequenter ex aliquo publico officio atque ex senatus consulto magistratibus saepe mandantur, et laudare testem vel contra pertinet ad momentum iudiciorum [...] Neque infitias eo quasdam esse ex hoc genere materias ad solam compositas ostentationem, ut laudes deorum virorumque quos priora tempora tulerunt [...]*”.

b. Louvor aos homens: i) se vivo, ponderar sobre a época do elogiado e sobre como tudo era antes de seu nascimento; ii) se morto, pensar no tempo depois de sua vida; iii) elogiar coisas que precedem seu nascimento: cidade de origem, os pais, parentes (se for de origem nobre, mostrá-lo como um belo exemplo de sua estirpe; se não for nobre, como um indivíduo que enobrece sua família), mencionar alguma possível profecia; iv) elogiar o próprio indivíduo: o seu caráter (se procedeu bem com os bens da fortuna) e seu físico (beleza e força). No elogio ao caráter, podem-se destacar os feitos do elogiado de modo cronológico e ressaltar como foram realizados de acordo com algumas virtudes principais: coragem, justiça e temperança (*fortitudo*, *iustitia* e *continentia*). Além disso, os feitos devem ser considerados inusitados, singulares e não direcionados ao próprio favor (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.7.10-16).

c. Louvor a cidades: deve ser feito de acordo com a estrutura do elogio aos homens, a partir de algumas equivalências. O fundador é elogiado como um pai; a antiguidade, como a autoridade; os habitantes, como os descendentes; os feitos dos habitantes, como as fontes de virtudes ou vícios; a arquitetura e infraestrutura, como a beleza (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.7.26-27).

No texto de Cícero, o discurso de louvor é tratado de modo diferente. Para o autor, o primeiro aspecto que deve ser considerado na prática do gênero epidítico é o fato de que os homens não possuem, na verdade, atributos próprios para serem louvados, mas devem-se louvar seus atos quando dirigidos pela virtude. Segundo ele,

É evidente, então, que alguns elementos são desejáveis num homem, outros, louváveis. A estirpe, a beleza, as forças, os recursos, as riquezas e demais coisas que a fortuna concede exteriormente ou ao corpo não contêm em si verdadeiro motivo de louvor, o qual, segundo se julga, é devido unicamente à virtude; no entanto, pelo fato de se perceber a virtude sobretudo no uso e na medida de tais coisas, devem receber tratamento nos louvores também esses bens da natureza e da fortuna, nos quais há enorme motivo de louvor (Cícero, *De oratore*, 2.342. Tradução de Adriano Scatolin).

Desse modo, o louvor se dirige menos aos homens que à própria virtude. Como já mencionado, essa é uma definição que dialoga, ainda que não diretamente, com o texto de Aristóteles. Cícero não diferencia elogio e encômio, mas acaba mantendo

resquírios dessa divisão. Nesse contexto, o encômio deve ser feito considerando como aquele que é louvado agiu diante das situações impostas pela fortuna (Cícero, *De oratore*, 2.342). Em relação às virtudes, Cícero destaca que todas são dignas de louvor, mas que clemência, justiça, benignidade, lealdade e coragem (*clementia*, *iustitia*, *benignitas*, *fides* e *fortitudo*) seriam as mais agradáveis nos homens (2.343). Tais são as mais louváveis porque são qualidades que favorecem os outros mais que beneficiam o próprio elogiado. Além delas, destacam-se a sabedoria, a magnanimidade, a inteligência, a reflexão e a própria eloquência. Estas últimas são menos valorizadas porque não contribuem para o bem-estar de outros, mas são boas apenas para o próprio elogiado. Essa é uma reflexão relevante em Cícero, pois o pensamento que parece estar subjacente é que a cidade e o bem comum (*res publica*) sempre funcionam como a referência. Algo só é bom ou ruim em comparação ao bem ou mal que causa à cidade e aos seus cidadãos, o que se relaciona, no fim, com um entorno político republicano próprio do período e da concepção do autor.

Um dos últimos temas tratados na discussão sobre o epidítico é o vitupério. No *De oratore* (2.349), Cícero explica a invectiva como a inversão do processo de elogio. Ele acrescenta, ainda, que, para isso, o orador deve considerar uma reflexão sobre as virtudes e os vícios. Em *Institutio oratoria* (3.7.19-21), o tema do vitupério é tratado no espaço entre o elogio aos homens e o elogio às cidades. Quintiliano, porém, estende-se mais que seu antecessor no tratamento do tema, pois comenta ponderações anteriores, como as do próprio Aristóteles, e oferece alguns exemplos.

Na comparação dos preceitos explicados por Cícero e Quintiliano, tornam-se perceptíveis algumas diferenças. Enquanto Cícero mostra certa resistência em tratar do tema e parece explicá-lo apenas pela obrigação que se impôs de fornecer os preceitos sobre todos os assuntos ligados à prática da retórica, Quintiliano apresenta a prática laudatória como exercício fundamental para a formação do orador exemplar. Diferentemente de Cícero em *De oratore*, Quintiliano propõe o discurso epidítico como algo que pode ser positivo e mesmo valorizado em contexto romano.

A compreensão das proposições estabelecidas por esses autores é fundamental, pois o texto de Plínio, o Jovem, participando de uma tradição literária romana, estava sujeito às influências desses modelos de construção do discurso vindos da oratória e retórica. Cícero, por exemplo, é considerado um dos modelos de imitação para a obra pliniana. Quintiliano, por sua vez, oferece, com o texto da *Institutio*, a

reunião de uma série de preceitos já existentes antes dele. Assim, não apenas expõe sua opinião ou suas recomendações para o orador, mas permite que se conheçam as principais hipóteses já levantadas por outros autores precedentes. Como foi contemporâneo e professor de Plínio (*Epistulae*, 6.6.3), acredita-se na possibilidade de as considerações expressas em seu ideal de formação terem influenciado diretamente a produção literária pliniana.

Assim, há uma mudança operada por Quintiliano em relação ao gênero epidítico, visto que o valoriza como parte frequente da prática oratória. Tal mudança pode estar relacionada ao entorno político cultural do século I d.C., uma vez que se está diante de um regime imperial, quando a prática do encômio parece tornar-se mais comum. Exemplo disso é o próprio panegírico de Plínio, o Jovem, ao imperador Trajano, que alcançou visibilidade e importância: além de publicado nas atas oficiais do senado (Plínio, *Panegyricus*, 95.1), o texto da *gratiarum actio* de Plínio foi revisado e publicado em uma versão estendida algum tempo após seu pronunciamento (RADICE, 2012, p. 77). A importância desse discurso pode ser observada por sua recepção durante a Antiguidade tardia e a Idade Média, pois é o primeiro do conjunto de panegíricos conhecido como *XII Panegyrici Latini* (p. 78). Como primeiro texto dessa coleção composta por outros onze panegíricos e o mais antigo entre eles, o discurso de Plínio provavelmente foi utilizado como modelo para os demais.

A valorização do gênero epidítico vista em Quintiliano é, portanto, parte de um movimento mais amplo de reconhecimento e validação do uso dos louvores em contexto romano. Como destaca Pernot (2005, p. 176), esse foi um gênero preterido durante o período helenístico grego e a República romana, mas que tomou força em Roma durante o período imperial. Para o autor, a ascensão do gênero dos louvores está relacionada à própria configuração política (PERNOT, 2005, p. 181), marcada pela concentração de poder nas mãos do imperador, assim como ao desenvolvimento da Segunda Sofística, movimento cultural e social que, segundo Pernot (1993, p. 55), teve grande importância política para a aristocracia romana e o imperador.

O trabalho mais amplo que possuímos sobre o discurso de tipo epidítico na Antiguidade, no entanto, aparece somente na segunda metade do século III d.C., sob a possível autoria de Menandro, o retor (ou Menandro de Laodiceia). Parte da tradição retórica grega, tal obra consiste em dois tratados incompletos (RUSSELL; WILSON, 1981, p. xxxvii) – geralmente intitulados *Tratado I* e *Tratado II* – cujo objetivo é

discutir apenas o “terceiro gênero” da oratória. Uma das passagens mais conhecidas da obra de Menandro é justamente o *basilikòs lógos*, que se dedica à preceituação do discurso de elogio ao imperador.

Embora sejam textos distantes, temporalmente, de Plínio, o Jovem, e seja, pois, impossível afirmar que eles tenham influenciado as concepções desse autor acerca do uso do elogio, os tratados de Menandro são paradigmáticos para a compreensão de como se dá o desenvolvimento da discussão sobre a retórica epidítica em contexto greco-romano e mesmo para situarmos o lugar da obra pliniana diante desse desenvolvimento. As obras de Plínio, datadas do final do século I e início do II d.C., encontram-se justamente num período intermediário entre o começo de uma valorização teórica do epidítico, exemplificada, neste capítulo, pela obra de Quintiliano (séc. I d.C.) e uma reflexão sobre o elogio como prática já bastante difundida e sistematizada, o que se constata pelos tratados de Menandro (séc. III d.C.).

O *Tratado I* está dividido em três livros. O texto apenas cita, no início, a divisão da retórica em três gêneros de discurso e, em seguida, delimita o terceiro como seu objeto principal (Menandro, *Tratado I*, 1.331.4-14). Tal gênero é definido de modo comum aos outros textos vistos até aqui, ou seja, compõe-se pelo louvor e pelo vitupério. Um pouco diferente dos demais, no entanto, o texto de Menandro expande com maior detalhe as subdivisões do discurso de louvor, uma vez que o vitupério, de acordo com o tratado, não possui subdivisões. O tratado separa o elogio direcionado aos deuses daquele endereçado às coisas mortais (1.331.15-20). O que se destina aos deuses são os hinos, que possuem vários tipos, os quais Menandro comenta com algum aprofundamento no primeiro livro (1.333-344). No campo das coisas mortais, o elogio é novamente subdividido, sendo destinado a cidades, criaturas vivas (irracionais ou racionais, entre as quais, o homem) e seres inanimados. No livro 1, não há comentários adicionais sobre o louvor a coisas mortais; elas são objeto de tratamento dos livros 2 e 3, que estabelecem o modo e as categorias próprias para o louvor de regiões e cidades. Uma notável ausência no *Tratado I* é o tópico do louvor aos seres humanos, provavelmente em razão da incompletude do tratado. Esse é um fato relevante, uma vez que, como destaca Pernot (2005, p. 176), o louvor a pessoas foi a prática laudatória mais frequente na Antiguidade e servia de modelo para as demais formas de louvor, algo que Quintiliano demonstra ao falar da possibilidade de aplicar às cidades as categorias de elogio aos homens (Quintiliano, *Institutio oratoria*,

3.7.26-27). Um dos elementos utilizados para o louvor às cidades é justamente a virtude existente nas ações e nas decisões de seus cidadãos. Para o elogio dessas ações, Menandro enumera as quatro virtudes cardinais, já vistas nos tratadistas anteriores: justiça, temperança, prudência e coragem (Menandro, *Tratado I*, 3.361.10-20). Além de citá-las, o tratado as subdivide e explica brevemente (3.361-364).

A ausência do louvor aos homens no primeiro tratado é, de algum modo, suprida pelo *Tratado II*. Para Pernot (2005, p. 178): “O segundo tratado atribuído a Menandro se aproxima do encômio em um espírito mais prático e concreto, enumerando os diferentes tipos de discursos epidíticos”. De fato, a segunda parte da obra, dividida em dezoito espécies de orações laudatórias, é bastante detalhada a respeito de que categorias o orador deve utilizar e quais tópicos no interior de cada uma delas³¹. Para alguns discursos, o tratado indica inclusive a extensão mais apropriada (Menandro, *Tratado II*, 411.28, 423.3, 434.7, 437.1).

É de maneira bastante metódica, portanto, que o tratado apresenta os diferentes discursos de tipo laudatório. Para os objetivos deste texto, interessam principalmente as descrições sobre aqueles feitos para pessoas notáveis e ocasiões oficiais, cujo exemplo modelar é o discurso ao imperador (*basilikòs lógos*), primeiro tipo abordado pelo tratado. De maneira geral, a estrutura dos discursos aos seres humanos se mantém razoavelmente uniforme, sendo composta pelo proêmio, pelo desenvolvimento dos tópicos – que se pode entender como encômio propriamente dito – e pelo epílogo. Cada uma dessas partes contém subdivisões, que variam de acordo com o discurso realizado.

De modo similar a seus antecessores, Menandro destaca como tópicos principais a família, o nascimento (ou origem), a natureza (física e mental), o desenvolvimento, a educação, os feitos e os bens da fortuna. Tomando a explicação sobre o elogio imperial como modelar, destacamos a síntese elaborada por Ponce (1998, p. 222) dos tópicos e virtudes indicados por Menandro:

O elogio ao imperador se desenvolve do mesmo modo que o elogio à pessoa.

O esquema tripartido de origem socrática (bens da alma, do corpo e exteriores)

31 Não é pertinente a este trabalho enumerar e explicar cada uma dessas espécies. Para uma sinopse útil dos discursos abordados no *Tratado II*, conferir Pernot (2005, p. 178).

é reconhecido em algum momento pelo nosso autor (397.16-398.26), mas vê seu papel consideravelmente reduzido em benefício da virtude, que se alça como principal motivo do elogio. Menandro desenvolve uma lista de *tópoi* que trata de seguir uma ordem cronológica, marcando as etapas da biografia até chegar ao núcleo do encômio: as ações e virtudes da idade adulta. Contempla, assim, sucessivamente, *eugéneia* ou *génos* [família] (369.17-371.3), *génesis* [origem] (371.3-14), *phýsis* [natureza], que compreende, por sua vez, vários *tópoi*, *sôma* [corpo] (371.14-17), *trophé* ou *anatrophé* [crescimento] (371.17-24), *paidéia* [educação] (371.24-372.2) e *epideúmata* [desenvolvimento] (372.3-13) e, finalmente, *práxeis* e *aretai* [ações/feitos] (372.25-376.23) que constituem o *tópos* mais importante da época imperial [...]. A classificação das virtudes se realiza conforme a tétrede platônica (*phrónesis* ou *sophía*, *sophrosýne*, *dikaíosýne* e *andreía*) [sabedoria, moderação, justiça e virtude] como vinha sendo regra desde o século II d.C. (373.7-8).

Com essa sistematização dos discursos a governantes, o segundo tratado de Menandro acaba preenchendo uma lacuna teórica sobre os discursos de louvor imperial deixada, de algum modo, por Quintiliano. Este último, embora tenha vivenciado um período de crescimento da prática de elogio aos governantes, não a discute em seu texto sobre a oratória.

Mesmo com a diferença em relação a sua natureza e objetivo – textos que versam exclusivamente sobre o discurso laudatório –, os *Tratados*, pela centralidade das virtudes e as estruturas utilizadas na descrição do discurso de elogio, ainda mantêm muitas das bases teóricas já expostas nas diferentes artes oratórias antigas. Fornecem, todavia, um tratamento bastante mais expandido e detalhado acerca dos discursos de louvor.

O gênero epidítico é um dos temas principais deste estudo e, por isso, com o objetivo de perceber quais são os elementos principais que o compõem e também de que modo esse tipo de discurso era visto na Antiguidade, retomou-se, até aqui, o tratamento que lhe foi dado pelos próprios autores antigos. O objetivo dessa retomada foi compreender como se configura o pensamento sobre os discursos de tipo laudatório que possivelmente influenciou a formação e a prática literária de Plínio, o Jovem. Acrescentamos a esta discussão os tratados de Menandro, que, mesmo sendo

posteriores, auxiliam na percepção de que o uso dos louvores, em processo de ascensão durante o período vivido por Plínio e, portanto, verificável em sua produção literária, resulta, no século III d.C., em uma produção teórica exclusivamente dedicada à oratória epidítica. Doravante, com a intenção de refletir sobre as diferentes possibilidades de utilização do louvor e sobre a inserção de Plínio numa tradição de retórica epidítica, discutiremos brevemente as principais práticas do elogio na Antiguidade.

As práticas do elogio em prosa: de Péricles a Plínio, o Jovem

Pensar a produção de textos de caráter encomiástico na Antiguidade requer observar que as categorias *louvor* e *vitupério*, definidoras do gênero epidítico, abarcam um campo bastante amplo de produção literária. Além do desenvolvimento de espécies oratórias quase independentes, como a *laudatio funebris* (*epitáphios lógos*, em contexto grego) e os panegíricos, as modalidades do encômio ou da invectiva estão inseridas em uma diversidade de outros gêneros literários e oratórios antigos³². Sem a intenção de ser exaustivo no trato do tema, este livro limita suas considerações sobre a prática do epidítico aos discursos em prosa.

De acordo com Cícero (*De oratore*, 2.341; *Orator*, 39-40), os gregos foram os pioneiros e talvez os que mais praticaram o gênero epidítico. Pernot (1993, p. 19-20), em concordância com os depoimentos desse e de outros autores antigos, mostra que os discursos epidíticos, enquanto prática oratória, nasceram em Atenas, pouco depois das Guerras Pérsicas. As primeiras manifestações do louvor em prosa de que temos notícias foram os elogios fúnebres (*epitáphioi lógoi*), cujo principal exemplo é o discurso de Péricles em honra aos mortos na expedição de Samos, durante a guerra do

32 Sobre essa prática mais ampla do elogio na literatura antiga, conferir Burgess (1902, p. 166-241). Esse texto oferece um levantamento exaustivo de textos literários que utilizam elementos epidíticos, especialmente produções em poesia, história e filosofia. Como apontaram os tratadistas latinos (*Rhetorica as Herennium*, 3.15; Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.7; Cícero, *De oratore*, 2.349), a prática do discurso epidítico podia ser bastante proveitosa na construção dos argumentos nos discursos deliberativos e judiciários. Exemplos desse uso podem ser encontrados nos discursos de Cícero, como *Pro Marcello* e *Pro Archia*, assim como em seus antecessores gregos, como Demóstenes, que, na *Oração da Coroa*, elabora, para sua própria defesa, tanto um elogio aos atenienses quanto um eloquente vitupério ao seu adversário.

Peloponeso. O *epitáphios* era um discurso pronunciado como parte dos ritos funerários coletivos em Atenas, nos séculos V e IV a.C. O costume é descrito por Tucídides (*História da guerra do Peloponeso*, 2.34), introduzindo a oração fúnebre de Péricles. Pronunciado no inverno de 431/430 a.C. (AMATO, 2010, p. 129-130), esse elogio fúnebre pode ser considerado, na verdade, como de autoria do próprio Tucídides, que é quem o reporta em sua obra (Tucídides, *História da guerra do Peloponeso*, 2.35-46).

Discurso breve, o epitáfio de Péricles é composto da seguinte forma: no exórdio, o orador evoca rapidamente a tradição do pronunciamento desse tipo de discurso (Tucídides, *História da guerra do Peloponeso*, 2.35) e, em seguida, aponta como pretende organizar sua exposição (2.36). Na argumentação, que se baseia menos no elogio aos mortos que no louvor à cidade de Atenas e aos antepassados, Péricles enaltece a política democrática ateniense, sua superioridade cultural e financeira, sua formação militar e táticas de guerra e as características intelectuais/humanas da população (2.37-40). Tais argumentos são sucedidos pela exaltação da bravura dos que morreram (41-42), pela consolação dos parentes e pela exortação ao público (43-44). A exposição termina com o anúncio das medidas que serão tomadas em relação à família dos mortos e com a dispersão da audiência (45). Nota-se, nesse discurso, uma série de elementos que, como já visto, serão descritos, no século seguinte, por Aristóteles e que continuarão integrando a teorização e prática desse gênero. Um desses elementos é o elogio a uma virtude. No discurso de Péricles, a principal virtude enaltificada é a coragem dos que morreram em função do bem comum. Assim, mais que prestar honras aos mortos – seu aparente objetivo inicial –, o orador parece utilizar os atos deles como um exemplo a ser seguido pelos demais cidadãos atenienses. O epitáfio, portanto, executa um louvor à cidade de Atenas e, por meio dele, exorta os cidadãos presentes ao engajamento nas questões mais importantes para a pólis naquele momento, especialmente a guerra.

Diante desse quadro, é pertinente a visão de Pernot (1993), que, ao considerar o caráter institucional e cívico do pronunciamento desse tipo de discurso epidítico, uma vez que integrava a tradição dos ritos fúnebres, conclui que: “No alvorecer do gênero, a retórica do elogio se caracteriza por sua função social” (p. 19). Tal função social não se deve apenas ao seu caráter convencional e coletivo, como parece defender Pernot, mas também ao impacto que o discurso pretende causar nos ouvintes e às relações que estabelece com o seu contexto de realização. Assim, contrariando

uma visão que parece ter sido comum mesmo na Antiguidade, a utilização do gênero epidítico não deve ser considerada apenas ornamental ou vazia³³.

A concepção do epidítico apenas como prática de exibição oratória, ou seja, de menor valor, pode ter surgido, inclusive, a partir de outra tradição de discursos laudatórios: os de caráter puramente literário ou ficcional. A prática grega de discursos epidíticos não se restringiu, mesmo em seu momento inicial, aos elogios de caráter institucional e coletivo, como é o caso dos epitáfios. Muito cedo, os sofistas introduziram modalidades laudatórias com finalidades literárias bastante evidentes e cujo objeto passou do coletivo para o individual. Os exemplos mais relevantes desse tipo de louvores são os de Górgias (475-370 a.C.) e Isócrates (436-338 a.C.).

Considerando-se a afirmação de Cícero em *Orator* (39), Górgias está entre os primeiros a fazer uso do gênero demonstrativo. Seu mais famoso discurso e um dos únicos a chegarem íntegros até nossos dias é o *Elogio de Helena*. Esse é um discurso paradigmático para a leitura da tradição epidítica, porque é um encômio a uma personagem mitológico-literária, Helena de Troia, cuja imagem não é necessariamente positiva, mesmo na literatura. O orador se dispõe, portanto, a defender uma causa quase impossível: provar a inocência de Helena.

Breve, esse discurso de Górgias mantém uma estrutura retórica bastante tradicional. Embora intitulado *Elogio* (*enkómion*), o discurso é, na verdade, uma defesa, já que o louvor propriamente dito ocorre apenas entre os parágrafos três e quatro. Tal louvor é feito a partir de dois bens externos à elogiada: primeiramente, Górgias celebra a genealogia da personagem, fosse ela divina, fosse humana; em seguida,

33 Há vários testemunhos antigos que mostram uma menor valorização dos discursos de louvor. Em contexto grego, o próprio Aristóteles, embora não faça nenhuma crítica à prática de encômios, dá menor atenção ao gênero em comparação com tratamento dispensado ao forense e ao deliberativo (PERNOT, 1993, p. 29). Em contexto romano, Cícero parece ter sido o maior depreciador desse gênero. Para Rees, a própria atitude negativa moderna diante do elogio tem suas raízes nos relatos de autores gregos e romanos. Segundo o autor: “Essa atitude ecoa autores antigos tão díspares como Agostinho, que condenou suas próprias performances de panegírico imperial em Milão (*Conf.* 6.6.9), Luciano, punindo o panegírico como tudo aquilo que uma historiografia respeitável não deveria fazer (*Hist. Conscr.* 7), e Juvenal, crítico violento de seus contemporâneos em Roma que buscaram vantagem social para si mesmos ao oferecer louvor (3.41–2)” (REES, 2007b, p. 136).

argumenta sobre a sua beleza. O orador omite, sabiamente, as ações de Helena relativas ao mito da guerra de Troia, da qual ela teria sido causadora, assim como não atribui à personagem nenhuma virtude relacionada a suas ações.

Uma passagem que se destaca no discurso de Górgias é a sua irônica afirmação final:

Com este discurso, afastei a ignomínia que pesava sobre uma mulher e permaneci fiel ao objetivo que fixei no início do discurso; tentei destruir a injustiça dum censura e a ignorância dum opinião; quis fazer deste discurso um elogio para Helena e um divertimento para mim (Górgias, *Elogio de Helena*, 11.21. Tradução de Manuel José de Sousa Barbosa e Inês Luisa de Ornellas e Castro).

Sobre esse trecho, podem ser feitas duas considerações. Primeiramente, ao afirmar que seu discurso é um divertimento, o orador manifesta o caráter de exercício – muitas vezes escolar – que os discursos de elogio tiveram na Antiguidade (RUSSELL, 1998, p. 22-23). Nesse sentido, o gênero epidítico é pensado como uma forma de treinamento de estilo para o orador ideal. É esse argumento que Cícero defende em *Orator* (42), afirmando que o gênero demonstrativo, pelo uso de uma diversidade de recursos artísticos e por vezes poéticos, é mais próprio dos exercícios escolares que da prática política e judicial dos fóruns. Górgias, inclusive, é conhecido por ter um estilo quase poético de oratória. Segundo Pernot (2005, p. 17-18), seu discurso beira a persuasão pela arte poética. Em segundo lugar, o aspecto jocoso defendido por Górgias faz com que a exposição seja entendida não apenas como uma defesa de Helena, mas como uma proposta de discussão sobre a própria prática oratória.

Trata-se, assim, de uma vertente da tradição epidítica, que, diferentemente dos epitáfios, se baseia num elogio ficcional – cujo objeto é uma personagem mitológico-literária – e individual. Górgias não é o único a atuar nesse tipo de discurso. Como afirma Pernot (1993, p. 22), o *Elogio de Helena* inaugura uma série de exercícios laudatórios jocosos próprios do final do século V e início do IV a.C. que se destinavam a personagens mitológicas e paradoxais. Podem ser acrescidos a esse tipo de louvores ficcionais aqueles elaborados com o objetivo de louvar animais, objetos e mesmo seres inanimados, prática bastante comum em contexto grego (PERNOT, 1993, p. 20; BURGESS, 1902, p. 165-166). Entre os que possuem discursos nesse formato, está

o próprio Isócrates, que também escreveu um elogio a Helena, ainda que se contrapondo, em muitos aspectos, ao discurso de Górgias (LACERDA, 2011, p. 29). A maior inovação de Isócrates em relação à oratória epidítica, no entanto, está em seus encômios de caráter não mitológico, principalmente no *Panegírico* e em *Evágoras*.

Extenso, se comparado aos textos laudatórios de Górgias e Péricles, o *Panegírico*, escrito provavelmente entre 380 e 379 a.C., ainda sob os efeitos da guerra do Peloponeso, é, na verdade, um discurso de caráter deliberativo, uma vez que seu objetivo principal é persuadir os gregos a estabelecerem novas alianças entre si. Tal persuasão passa por uma longa exaltação à cidade de Atenas, que parece ter como meta mostrar a capacidade ateniense em assumir a hegemonia do Peloponeso. O título desse discurso se origina do termo *panégyris*, utilizado para designar assembleias públicas mais comuns (REES, 2007b, p. 136) e também nomear os grandes festivais pan-helênicos, como os Jogos Olímpicos, Píticos, Ístmicos e Nemeus, ocasião em que comumente se faziam louvores e que é apenas simulada por Isócrates na composição desse discurso. Bertacchi (2014, p. 42-43) afirma que o discurso de Isócrates nunca foi, de fato, pronunciado durante um festival, pois se destinava apenas à leitura. Todavia, o autor considera importante a cenografia estabelecida pelo orador, pois, ao situar seu discurso na ocasião de um importante festival pan-helênico, Isócrates intensifica a estratégia para atingir seu objetivo – persuadir uma conciliação entre os helenos – ao mesmo tempo em que estabelece indiretamente um diálogo com a produção celebrativa de outros autores, como Górgias e Lísias, que discursaram em Olimpíadas. Apesar da origem bastante específica, o vocábulo *panegírico* foi utilizado posteriormente para designar os discursos de elogio de modo mais geral e tornou-se, por fim, epônimo para um gênero de discursos laudatórios bastante praticado a partir do período imperial romano.

O *Evágoras*, por sua vez, é considerado o primeiro elogio individual em prosa a um contemporâneo. Tal ineditismo é evocado pelo próprio Isócrates no início de seu discurso (§ 5-8). Ainda que haja alguma controvérsia sobre a total primazia isocrática, Pernot (1993, p. 22) afirma que: “Mesmo que o elogio de um contemporâneo em prosa tenha estado em germe em Atenas no início do século IV a.C., Isócrates continua a ser o primeiro, de nosso conhecimento, que assumiu o risco de tratar o gênero de uma maneira séria”. Escrito em 365 a.C., esse discurso é um encômio ao rei Evágoras, de Salamina, cidade da ilha de Chipre, falecido em 374 a.C. Composto

por 81 parágrafos e dedicado ao filho do próprio Evágoras, Níocolos, o texto está organizado de modo muito próximo à estrutura descrita, posteriormente, por Aristóteles, Quintiliano e Demétrio. Pode-se afirmar, inclusive, que o discurso executou um papel importante no estabelecimento das regras do gênero encomiástico (BRAUND, 2012, p. 85; INNES, 2011, p. 69).

Para Pernot (1993, p. 21), o *Evágoras* estabelece uma dupla inovação em relação à prática laudatória grega. Trata-se de um discurso direcionado a um indivíduo, e não ao coletivo, como as orações fúnebres e discursos em festividades, e é o louvor de uma figura contemporânea, e não de uma personagem mitológica, como nos elogios jocosos iniciados por Górgias. Todavia, mesmo sendo inovador, o *Evágoras* de Isócrates não deixa de dialogar com manifestações laudatórias precedentes. Para Braund, o novo formato isocrático é, na verdade, a junção de dois outros tipos de elogio bastante tradicionais: os epinícios de Píndaro e as orações fúnebres. De acordo com a autora, “como Píndaro, em seus hinos epinícios, Isócrates louva um indivíduo; assim como na oração fúnebre, o objeto do elogio está morto” (BRAUND, 2012, p. 86). O formato epidítico inaugurado por Isócrates, sobretudo quando direcionado a soberanos, tornou-se comum durante o período helenístico (PERNOT, 1993, p. 22) e é considerado um dos principais precedentes dos elogios individuais romanos, especialmente os panegíricos imperiais (BRAUND, 2012, p. 85).

Apesar da aparente relutância de Cícero em admitir a produção epidítica romana (*Orator*, 38; *De oratore*, 2.44-45; 2.341), os latinos também se exercitaram em diferentes modalidades de louvor. Assim como ocorre em contexto grego, a prática latina surge dos encômios póstumos, as denominadas *laudationes funebres*³⁴, modalidade para a qual o próprio Cícero admite uma exceção (*De oratore*, 2.44). A *laudatio* era parte dos funerais públicos ou privados de romanos ilustres. Embora se saiba da existência de inúmeras *laudationes* pronunciadas por e para figuras notáveis, temos

34 É provável que o primeiro discurso fúnebre romano tenha acontecido mesmo antes das primeiras evidências atenienses do gênero. Conforme argumenta Crawford (1941, p. 20), a primeira *laudatio* teria sido realizada por Valério Públicola em honra de Bruto, seu companheiro no consulado, pouco tempo antes da batalha de Maratona. Sobre referências antigas à prática de elogios fúnebres, conferir Políbio (*Historiae*, 6.53-54), Cícero (*Brutus*, 61; *De oratore*, 2.44), Tácito (*Annales*, 13.3) e Plínio (*Epistulae*, 2.1). Para uma explicação mais detalhada do gênero, conferir Crawford (1941).

acesso, por meio de inscrições fragmentárias, a apenas três elogios póstumos, dirigidos a personagens femininas razoavelmente obscuras. São esses discursos os elogios a Matidia, a Murdia e a Turia (CRAWFORD, 1941, p. 27; PERNOT, 2005, p. 182). Entre eles, o mais famoso é o elogio de Turia, sobre o qual Rees (2007b, p. 138) afirma:

O exemplo melhor preservado, a *laus Turiae*, é a mais longa inscrição privada remanescente do mundo romano e data do século I a.C. [...]. O fato de que ela foi inscrita em pedra revela que foi projetada para comemorar seu assunto bem depois de sua morte, mas o elogio de Turia não pode ser descrito como retórico.

Segundo o detalhado relato de Políbio (*Historiae*, 6.53-54), a oração fúnebre era pronunciada por um filho ou um parente próximo do falecido. Em cerimônias públicas, passava também a ser dever de magistrados, senadores e cônsules (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.7.2). O discurso geralmente era composto por duas partes. Em uma delas, eram louvados os feitos e as virtudes daquele que estava sendo sepultado; em outra, os feitos e virtudes de seus ancestrais. Segundo Políbio, essa forma de organização do discurso tinha uma importante função: estimular os jovens e as gerações futuras para que se comprometessem com a coletividade e desejassem uma glória igual a de seus precedentes (*Historiae*, 6.54). Diante desse quadro, pode-se afirmar, juntamente com Rees (2007b, p. 138) que a prática romana de elogios fúnebres possuía um caráter ritualístico, ornamental e comemorativo. No entanto, percebe-se que ela também assume funções culturais mais amplas, em especial políticas, principalmente porque se baseia numa ideia de exemplaridade.

Em que pese a importância cultural das orações fúnebres romanas³⁵, elas não parecem ter obtido a mesma visibilidade literária que alguns dos epitáfios atenienses. De fato, no que se refere ao desenvolvimento estilístico das *laudationes*, há diferentes opiniões. Por um lado, Cícero recomenda a menor utilização de recursos nesse tipo de discurso (*De oratore*, 2.341 e 2.44); por outro, há evidências de um maior cuidado literário em sua elaboração e execução. A *laudatio* de Tácito, então cônsul,

35 Segundo Crawford (1941, p. 25-26), uma cópia do discurso pronunciado passava a fazer parte dos *monumenta privata* da família. Desse modo, sua importância pode ser comparada a outras representações monumentais (bustos, por exemplo) feitas após a morte de algum ilustre romano.

pronunciada em honra ao político romano Vergínio Rufo e mencionada por Plínio, o Jovem (*Epistulae*, 2.1.6), o qual a descreve como realizada pelo mais eloquente panegirista (*laudator eloquentissimus*), demonstra esse esmero. O próprio Tácito, nos *Anais*, destaca a grande diligência demonstrada por Sêneca ao compor o discurso fúnebre de Cláudio, pronunciado por Nero (Tácito, *Annales*, 13.3).

As divergências entre os autores ilustram, inclusive, as diferenças existentes entre a retórica epidítica republicana e a imperial. As afirmações de Cícero sobre a *laudatio* são próprias do período republicano, em que o elogio é, pelo menos teoricamente, colocado em uma posição periférica, enquanto as afirmações de Plínio e Tácito colaboram para a ideia de crescimento da prática laudatória no período imperial. A dúvida se mantém porque, segundo aponta Manuwald (2011, p. 85-103), embora, em nível teórico, o gênero pareça ser menos valorizado, há uma oratória epidítica bastante desenvolvida ainda sob a República.

Conquanto afirme que o primeiro panegírico latino – entendido como um gênero dos discursos de elogio, escrito em prosa e com a finalidade de aclamar um governante ainda vivo – foi, de fato, o texto de Plínio, o Jovem, em honra ao imperador Trajano, publicado por volta do ano 100 d.C., Roger Rees (2007b, p. 136) destaca que a prática do louvor individual a uma figura de autoridade política pode ser encontrada já em alguns textos do próprio Cícero. Para o autor, o primeiro exemplo dessa prática está no discurso deliberativo conhecido sob os nomes de *Pro lege Manilia* ou *De imperio Cn. Pompei*, datado do ano 66 a.C., no qual o orador executa, no decorrer de sua defesa, uma série de elogios a Pompeu. Tais elogios, na análise de Rees (2007b, p. 140-141), utilizam estruturas, conceitos e recursos estilísticos próprios do gênero epidítico. Além disso, ele afirma que

Uma razão pela qual o discurso [*pro lege Manilia*] é importante na história da oratória romana está no fato de que ele é nosso primeiro exemplo da aplicação da retórica epidítica em assuntos estritamente político-militares. [...] Cícero, então, teve a versatilidade de empregar, nesse contexto deliberativo, aspectos da retórica epidítica que serviriam para seu objetivo. Mas, se pode ser visto como um exemplo da praticidade romana, isso também demonstra como a retórica traçava os contornos da política, uma vez que o *Pro lege Manilia* defendeu

e celebrou uma concentração sem precedentes de poderes em um só homem (REES, 2007b, p. 140-141).

Colaboram para essa visão outros discursos de Cícero considerados cesaristas: *Pro Marcello*, *Pro Ligario* – ambos de 46 a.C. – e *Pro rege Deiotaro*, de 45 a.C. Tais textos são vistos dessa maneira porque, ao pedir desculpas (*Pro Ligario* e *Pro rege Deiotaro*) ou agradecer (*Pro Marcello*³⁶) a Júlio César, o orador lhe faz loas. Todavia, a sinceridade do encômio executado por Cícero nesses discursos ou seu alinhamento político em favor de seu elogiado certamente têm sido objeto de questionamento e de diferentes interpretações (REES, 2007b, p. 141-142). Esses discursos têm sido lidos muito mais como elaborados para instruir ou corrigir as ações de seu elogiado que para celebrá-lo³⁷.

Sendo possivelmente parte do processo de centralização do poder na mão de um soberano, o elogio individual romano de fato se desenvolveu quando direcionado ao imperador (PERNOT, 2005, p. 171-176; HESK, 2009, p. 159). Isso não impede, entretanto, a existência de encômios individuais em honra a outras figuras da sociedade romana. Não sendo comumente executados como prática isolada (*Rhetorica ad Herennium*, 3.15), os louvores a contemporâneos podem ser encontrados, ainda durante a República, em textos forenses e deliberativos (MANUWALD, 2011, p. 90). Um exemplo desse tipo de oratória está no *Pro Archia poeta*, de Cícero. Nesse discurso, datado de 62 a.C., Cícero defende o direito de cidadania romana concedido ao poeta grego Aulo Licínio Árquias. Trata-se, portanto, de um texto forense, mas que, como aponta

36 Esse discurso chama especial atenção porque é lido como uma *gratiarum actio* de Cícero para César (BRAUND, 2012, p. 101), mesma classificação dada ao discurso pronunciado por Plínio em honra ao imperador Trajano.

37 Essa é uma interpretação defendida, por exemplo, por Braund (2012), que analisa alguns textos latinos considerados por ela *protopanegíricos* justamente pelas relações entre o elogio e uma prática protréptica (*protreptic*) – instrutiva – desses discursos. Tal interpretação também pode ser aplicada a outro texto anterior aos panegíricos imperiais, mas já posterior ao período republicano, o *De clementia* (55/56 d.C.), de Sêneca. Apesar de ser um tratado filosófico, ele contém, no início, um elogio a Nero que participa claramente, segundo Braund (2012, p. 104-106), de diversas convenções do gênero epidítico, mas que parece ter por objetivo mais que felicitar o imperador por sua clemência, persuadi-lo a exercitá-la.

o proêmio do próprio discurso, tem como característica a exaltação tanto da figura do poeta quanto da própria literatura. Cícero capta a benevolência de seus ouvintes e indica o caráter epidítico de seu discurso como que se retratando por utilizar o gênero (Cícero, *Pro Archia*, 2). Ainda que o trecho possa ser lido como um pedido de desculpas antecipado em virtude do caráter quase literário do encômio que Cícero propõe, a permissão solicitada pode também ser relacionada ao aspecto mais livre da própria eloquência laudatória.

No elogio do poeta Árquias, identifica-se uma série de elementos próprios dos discursos de louvor a um indivíduo, como referências a sua origem e família nobres, à formação liberal e literária e à distinção entre os seus.

Com efeito, logo que Árquias saiu da puerícia e daqueles exercícios em que a idade infantil se costuma preparar para as belas artes, entregou-se ao estudo da composição. Primeiro em Antioquia, onde nascera de família nobre. Nesta cidade, outrora famosa e rica, repleta de homens eruditos, em breve conseguiu avantajá-lo a todos pelo brilho da inteligência. Depois, nas restantes partes da Ásia e da Grécia (Cícero, *Pro Archia*, 4. Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves).

Nesse trecho, que faz parte da *narração* do discurso, o orador menciona também a atuação de Árquias em face das famílias ilustres romanas, quando beneficiou seus benfeitores “não apenas pelo seu talento nas letras, mas também exercitando sua natureza e virtude” (Cícero, *Pro Archia*, 5). O louvor ao poeta é retomado após o elogio da própria literatura (18), quando o orador eleva o talento poético de Árquias e afirma ser ele comparável a grandes literatos, embora não cite quais – a comparação também é um elemento próprio do discurso de louvor (Cícero, *De oratore*, 2.347).

O caráter epidítico desse discurso de Cícero, no entanto, não se limita ao encômio do poeta e nem mesmo ao elogio às letras. No epílogo de sua fala, o orador faz uma reflexão acerca do desejo de glória, considerado por ele como natural aos homens (Cícero, *Pro Archia*, 26). A esse desejo, ele acrescenta uma comparação que dialoga muito proximamente com o discurso de Isócrates, no *Evágoras*. Cícero (*Pro Archia*, 30) defende:

E, se milhares de homens nobilíssimos procuraram deixar estátuas e imagens, efêmeros reflexos não de suas almas e sim de seus corpos, não devemos nós, com muito maior razão, esforçar-nos por deixar o retrato de nossos pensamentos e de nossas virtudes traçado pelo talento de um grande gênio? Quanto a mim, tudo que realizava já mesmo ao empreendê-lo, pensava em dá-lo à publicidade e propagá-lo na memória eterna universal (Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves).

Isócrates, por sua vez, afirma:

[...] E eu, Níocles, considero muito belas as estátuas e os monumentos, mas julgo muito mais grandiosas as imagens dos seus feitos e das suas decisões, aquelas que só poderiam ser contempladas no discurso que tem arte. Prefiro antes estas porque sei bem que os homens nobres não são tão louvados pela beleza de seus corpos quanto são amados pelo reconhecimento de suas ações e convicções. Depois, porque as imagens necessariamente permanecem perto daqueles junto dos quais foram erigidas, mas os discursos são capazes de viajar por toda a Hélade [...] (Isócrates, *Evágoras*, 73.4. Tradução de Júlio de Figueiredo Lopes Rego).

Não se pode dizer com certeza que Cícero esteja imitando diretamente o texto isocrático, uma vez que o orador pode estar apenas utilizando um lugar comum dos discursos de louvor em que se faz uma comparação entre a beleza corporal e as virtudes, todavia, como destaca Murphy (1958, p. 104, nota 12), há estudos que apontam para a possibilidade de uma imitação nesse trecho. De todo modo, a existência dessa semelhança é relevante, pois ela faz com que Cícero se inclua, de algum modo, numa tradição de retórica epidítica. Além disso, ambos os excertos demonstram com bastante clareza a função memorial do louvor. Como destacam os dois oradores, o encômio, sendo superior aos monumentos físicos, concede honra, glória e imortalidade ao nome do elogiado.

Os louvores individuais a outros cidadãos se desenvolveram, após o estabelecimento do Principado, também em outros gêneros literários que não apenas os discursos oratórios. Esse é o caso de *Agrícola*, um dos primeiros textos historiográficos

de Tácito, que pode ser encarado, ao mesmo tempo, como discurso de elogio e como biografia. Escrita em 98 d.C., essa obra objetivou, segundo o próprio Tácito, “narrar a vida de um morto” (*narraturo mihi vitam defuncti*) (Tácito, *Agrícola*, 1). Tal objetivo fez com que ela se identificasse de algum modo com o gênero das *laudationes funebres*, classificação na qual não se integra completamente, no entanto, por não ter sido composta para o ritual funerário. A vida narrada é a de Gneu Júlio Agrícola, general romano bastante envolvido com a conquista da Britânia e sogro de Tácito. Mais que apenas expor os feitos e as virtudes desse general, Tácito escreve um texto que dialoga fortemente com seu entorno político e social (FAVERSANI; JOLY, 2013). Composta por 46 parágrafos, a obra se dedica, em grande parte (Tácito, *Agrícola*, 10-39), também a narrar os diversos conflitos ocorridos na Bretanha, assim como a comentar a situação contemporânea de Roma, especialmente os problemas do governo de Domiciano.

A biografia-elogio de *Agrícola* é relevante no contexto deste estudo porque não se trata de um elogio ao imperador, mas a um cidadão romano, prática que se aproxima da realizada por Plínio, o Jovem, em suas cartas. Se, como se vê pela leitura de outros discursos que exaltam uma figura autocrática, os elogios podem ser interpretados como uma maneira de instruir e sugerir um curso de ação ao elogiado (ROCHE, 2011b, p. 5), os elogios a um aristocrata contemporâneo estão relacionados a uma exemplaridade ainda mais ampla. Nesse tipo de elogio, o aconselhamento subjacente aos encômios parece não se aplicar apenas ao elogiado, que é o motivo e, muitas vezes, o interlocutor, mas também apresentar um conjunto de atitudes ideais a serem seguidas por um público aristocrático mais amplo. Nesse sentido, a obra de Plínio, o Jovem, é exemplar, pois é marcada tanto pelo elogio imperial de caráter oratório do *Panegírico* quanto pelo louvor realizado em um gênero literário mais privado, que é aquele que se encontra em sua obra epistolar.

O uso dos louvores na epistolografia pliniana

Há pelo menos duas vias pelas quais se pode discutir a prática epidítica na obra de Plínio, o Jovem. De um lado, suas cartas, quando lidas como fontes para uma diversidade de informações sobre o cotidiano romano do século I d.C., fornecem relatos

sobre a utilização do elogio em Roma naquele período. De outro, várias de suas epístolas e seu discurso mais preclaro – o *Panegírico* a Trajano – são exemplos eloquentes da prática epidítica do autor. Neste estudo, o objetivo é seguir os passos dados em apenas uma dessas vias possíveis, a do elogio praticado pelo próprio Plínio. Esse caminho permite, entretanto, pelo menos mais uma divisão, estabelecida entre o exercício encomiástico realizado no *Panegírico* e o realizado na obra epistolar. Diante disso, optamos por investigar como o autor faz uso do gênero epidítico em suas cartas e quais as possíveis funções dessa utilização, sejam elas literárias, sejam sociais, sejam políticas. Tradicionalmente reservada à declamação pública, a prática do elogio ainda não foi estudada de forma mais acurada e exaustiva em relação a suas particularidades numa tradição epistolográfica³⁸. Assim, para fornecer uma perspectiva mais ampla sobre a utilização do louvor por Plínio, faz-se necessária uma apresentação, ainda que breve, sobre outras abordagens do encômio na obra do autor.

As informações dadas por Plínio acerca dos discursos de elogio em Roma começam a aparecer ainda nos primeiros livros de sua obra epistolar. A carta 2.1, destinada a Vocônio Romano, faz, ao lamentar a morte de Vergínio Rufo, uma menção à *laudatio funebris* realizada por Tácito por causa da morte desse amigo em comum (Plínio, *Epistulae*, 2.1.6). Além disso, Plínio afirma que o próprio Vergínio estava, na ocasião em que sofreu o acidente que o debilitou, terminando de preparar um discurso de agradecimento ao imperador (2.1.5). Essa carta a Vocônio Romano é talvez a única referência sobre a performance de *laudationes*, porém não é a única a respeito de agradecimentos a um *princeps*. Plínio cita a prática em mais quatro cartas: 3.13, 3.18, 6.27 e 7.32. As duas primeiras são relativas ao discurso do próprio autor em honra a Trajano e fornecem um quadro amplo sobre o processo de revisão, edição e recitação desse texto. Na 3.13, Plínio afirma estar enviando a Vocônio Romano uma versão do seu discurso que já havia sido pronunciada no senado (3.13.1) e solicita ao destinatário que revise seu texto (3.13.4-5). Em 3.18, o missivista comenta

38 Sobre o *Panegírico*, por outro lado, encontra-se uma série de estudos recentes que analisam a estruturação e os objetivos do elogio de Plínio, ainda que isso certamente não signifique um esgotamento do tema. Indicativos dessa produção são: o volume organizado por Paul Roche (2011a) dedicado exclusivamente à *gratiarum actio* de Plínio; uma série de artigos sobre o mesmo tema publicados no livro editado por Roger Rees (2012); e, em contexto brasileiro, a dissertação de mestrado de Alex Aparecido da Costa (2013).

as motivações que o levaram a revisar e recitar seu agradecimento. Nessa carta, ele aproveita para falar da qualidade oratória de sua própria obra, ao mostrar uma recepção muito positiva de seu discurso, destacando uma renovação do gosto pelo elogio imperial. Seguro de uma nova valorização dos discursos de elogio, Plínio afirma que: “Acrescentar-se-á, portanto, também isso ao elogio do nosso príncipe: que algo antes tão odiado quanto falso, fez-se, agora, tanto verdadeiro quanto amável” (3.18.7³⁹).

As missivas 6.27 e 7.32, por sua vez, não tratam, a princípio, do texto de Plínio. Em 6.27, o autor tem como objetivo principal aconselhar a seu destinatário, Vetênio Severo, como elaborar seu próprio agradecimento ao *princeps*. Para isso, no entanto, o missivista versa sobre suas próprias escolhas na elaboração do elogio a Trajano. Já em 7.32, destinada ao avô de sua esposa, Fabato, Plínio apenas menciona rapidamente o fato de que os dois foram louvados em uma *gratiarum actio*. Mais interessante que a simples menção, porém, é o comentário do autor ao fato. Citando Xenofonte, ele afirma que o louvor é uma das melhores coisas de se ouvir (7.32.2). Essa citação reforça o caráter positivo dado por Plínio à prática laudatória realizada de modo independente de outros discursos – como o forense e o deliberativo – e direcionada a pessoas contemporâneas àquele que elogia, visão que difere da expressa por oradores anteriores, como Cícero e Quintiliano.

Ainda que se note, na obra pliniana, uma visão positiva sobre o elogio, ela não deve ser aplicada como perspectiva unânime para o contexto de Roma no fim do século I e início do século II d.C. O próprio Plínio deixa transparecer a existência de uma crítica ao uso dos louvores. Na breve carta 7.18, destinada a Septício Claro, o autor responde, de maneira jocosa, às críticas recebidas por louvar demais seus amigos. Embora nessa missiva Plínio reafirme seu gosto pelo encômio, fica clara a existência de algum incômodo social causado pelo excesso da prática.

O maior exemplo de prática laudatória autônoma na obra pliniana é justamente a sua única produção oratória remanescente, o *Panegírico* a Trajano. Conhecido sob o nome de *Panegírico*, esse discurso foi, na verdade, uma *gratiarum actio*, tipo de agradecimento tradicional e recorrente desde o período republicano e que

39 “Accedet ergo hoc quoque laudibus principis nostri, quod res antea tam invisa quam falsa, nunc ut vera ita amabilis facta est”.

era pronunciado ao se assumir o cargo de cônsul (MANUWALD, 2011, p. 96). Proferido por Plínio no ano 100 d.C., na ocasião de sua nomeação como *consul suffectus*, e, em seguida, revisado e publicado em uma versão escrita, o discurso em honra a Trajano passou a ser nomeado como *Panegírico* apenas a partir de Sidônio (séc. V d.C.) (RADICE, 2012, p. 78). Sua importância assenta-se no fato de que é considerado o primeiro panegírico imperial e, por isso, é visto como o maior influenciador dos louvores imperiais desenvolvidos nos séculos III e IV d.C., especialmente o conjunto de discursos conhecido como *Panegyrici Latini* (RADICE, 2012, p. 78). Para Morford (2012, p. 129) o discurso de Plínio representaria, na verdade, um novo tipo de oratória para Roma, uma vez que “esta foi a primeira vez que um *princeps* (‘imperador’) vivo foi elogiado em sua presença por meio de um discurso que foi projetado mais para persuadir que para adular”. Todavia, ainda que não se negue a importância do *Panegírico* de Plínio para o desenvolvimento do gênero, a posição completamente original, primeira e modelar do texto tem sido repensada. Para Nixon e Rodgers (1994, p. 3):

Está claro que a *gratiarum actio* tornou-se laudatória (*panegyric*) em uma fase inicial. Na República, era costume que os cônsules pronunciassem um discurso de agradecimento ao *senatus populusque Romanus* pelo seu consulado. Nos tempos de Augusto, o incumbido agradecia aos deuses e ao César (Iv. *Pont.* 4.4.65-39). O *Panegírico* de Plínio apenas aconteceu de ser o primeiro desses discursos que sobreviveu.

Já para Henderson (2011, p. 183), é necessário ter em vista que “a coleção dos *Panegyrici Latini* privilegia Plínio ao colocá-lo em primeiro lugar, mas ela não é um álbum de decalques”.

Composto por 95 capítulos, o texto de Plínio é também o maior da coleção. Sua extensão notória se deve aos processos de revisão, edição e mesmo recitação pelos quais passou após ter sido pronunciado no Senado. A estrutura seguida pelo autor certamente dialoga com a tradição epidítica que o precede, sem, contudo, deixar de utilizar estratégias singulares na composição de seus argumentos.

Para além de uma fonte histórica de informações sobre o início do principado de Trajano, uma vez que cita uma diversidade de eventos relacionados à ascensão e realizações iniciais desse imperador – nomeado em 98 d.C., apenas dois anos antes

do pronunciamento do *Panegírico* –, o encômio elaborado por Plínio tem sido analisado por seu valor literário, que passa, fundamentalmente, pela utilização que o autor faz da retórica. Tal viés de análise tem contribuído para que se observe esse texto não só como informativo do período ou apenas um discurso adulatório, mas como uma obra que, pelo modo que se constrói, cria determinadas imagens dos atores sociais envolvidos em sua performance e, além disso, parece querer influenciar nas decisões futuras do novo *princeps*. Um elemento bastante marcante quando se trata da leitura do *Panegírico* é a insistência de Plínio a respeito da própria sinceridade. Grande parte do proêmio (capítulos 2 e 3) se dedica a mostrar que o discurso que está sendo pronunciado é parte da obrigação de cônsul e de cidadão, mas que, mesmo sendo algo tradicional, é realizado, naquela ocasião, de maneira renovada e sincera. Como recurso que visa a atribuir verdade ao que está sendo dito, essa insistência também se relaciona ao desafio político que se coloca diante de Plínio: elaborar uma distância entre os governos de Domiciano e Trajano. Tal distância seria necessária para o panegirista em virtude de sua ascensão política ter ocorrido em grande parte sob o governo de Domiciano. Com esse objetivo, o autor constrói, no discurso, pelo menos três imagens principais: a de si mesmo como orador e cidadão verdadeiro, a de Trajano como exemplo positivo de imperador e a de Domiciano como modelo negativo de governo (MORFORD, 2012; BARTSCH, 2012; ROCHE, 2011b, p. 6-22).

Adjacente a essa interpretação, outra leitura recorrente do *Panegírico* se relaciona ao seu aspecto aconselhador. Dado o momento em que o discurso foi pronunciado – logo no início do principado de Trajano –, o destaque que Plínio dá ao papel do Senado e a escolha por enfatizar o louvor a virtudes como *moderatio* e *modestia* – as mesmas escolhidas por Tácito para louvar Agrícola (ROCHE, 2011b, p. 8) –, o *Panegírico* é lido menos como adulação ao novo imperador que como a construção de um *princeps* ideal que deve ser seguido por Trajano. Essa perspectiva é corroborada pelo próprio Plínio, em 3.18.2, quando afirma que seu discurso tinha como objetivo aconselhar Trajano por meio do louvor às virtudes, assim como oferecer um bom exemplo aos imperadores futuros.

Assim como ocorre com o *Panegírico*, a leitura dos aspectos literários da obra epistolar de Plínio, o Jovem, na qual o autor também executa muitas formas de elogio, conduz a uma reflexão sobre as configurações políticas das quais participa o texto. Do conjunto total das 247 epístolas que compõem os livros 1 a 9, 46 possuem encômios

que obedecem, em algum grau, aos parâmetros descritos pela retórica. Nesse conjunto, encontram-se tanto elogios póstumos quanto a contemporâneos vivos. No grupo dos elogios a contemporâneos, identificam-se ainda diferentes objetos e motivações, o que possibilita a percepção de subgrupos de cartas: elogios a mulheres, *commendationes* e elogios a amigos.

Foram definidas como fonte de investigação para este estudo apenas as cartas em que Plínio elabora elogios a seus amigos ainda vivos, tendo como motivação principal a atuação política e intelectual dos elogiados. Mais especificamente, examinou-se um conjunto de treze cartas: 1.10, 1.16, 1.22, 2.3, 4.27, 5.14, 5.17, 6.11, 6.21, 6.26, 7.25, 8.12 e 9.22. Esse grupo de missivas abrange quase todos os livros da obra pliniana, com exceção do livro 3, no qual os textos de elogio são ou muito breves, ou póstumos, e do livro 10, que, por suas características, muito se afasta dos demais da coleção.

Por isso, é possível afirmar que o tom epidítico do texto de Plínio é razoavelmente constante. Não se trata de uma característica presente apenas em um período específico da produção ou da carreira do autor, mas algo que acompanha sua escrita ao longo dos aproximadamente dez anos durante os quais os livros foram sendo compostos e publicados. Tal fato se torna ainda mais claro se o conjunto total das cartas epidíticas, que somam o número de 46 epístolas, for considerado, uma vez que há, em média, cinco textos de caráter laudatório em cada livro: nos livros 1-3, há exatamente cinco missivas epidíticas em cada um; no livro 4, sete; no livro 5, seis; no livro 6, cinco; no livro 7, seis; no livro 8, quatro; e, no livro 9, três. No caso das cartas de elogio a amigos ainda vivos, a distribuição é um pouco menos regular. Cinco livros – 2, 4, 7, 8 e 9 – possuem apenas um exemplar desse tipo de texto cada e as outras oito cartas estão distribuídas entre os demais livros – 1, 5 e 6. Embora seja difícil argumentar com certeza a razão dessa distribuição, uma vez que o próprio Plínio afirma no prefácio à sua obra que reuniu suas cartas na ordem em que elas lhes vieram à mão (1.1.1), alguns indícios ajudam a compreender a forma de organizá-las.

De acordo com Goetzl (1952, p. 256), a *variatio*, princípio de composição atribuído a Plínio para a organização das cartas, é utilizada por ele como “o grande remédio contra ‘a mesmice e saturação das coisas’ (*rerum similitudo et satietas*– Tácito, *Annales*, 4.33). Outros notáveis escritores e poetas como Lívio, Horácio, Tibulo e Propércio e, acima de tudo, Cícero, usaram esse recurso antes dele”. Para essa mesma autora, enquanto poetas como Horácio executaram a variação a partir do

uso de diferentes metros, Plínio o faz em pelo menos quatro instâncias de sua obra: no vocabulário, no estilo, nos conteúdos e na organização (GOETZL, 1952, p. 266). Esses dois últimos modos de variação são facilmente identificáveis pelo leitor, ainda numa primeira leitura, pois, em todos os livros, encontram-se sequências de cartas que, apesar de muito próximas, têm extensões, assuntos, tons discursivos e destinatários muito diferenciados.

Observando, por exemplo, a sequência das últimas cinco cartas do livro 1, o leitor se encontra, primeiramente, com uma carta bastante extensa – 25 parágrafos – destinada a Tácito e cujo conteúdo é o posicionamento de Plínio acerca da brevidade na eloquência, da qual ele discorda, em tom ao mesmo tempo tratadístico e jocoso (Plínio, *Epistulae*, 1.20); em seguida, há um breve bilhete – dois parágrafos – endereçado a Plínio Paterno a respeito de uma compra de escravos (1.21); a missiva seguinte, 1.22, enviada a Catílio Severo, é o elogio de Plínio a Tício Aristo, realizado num texto razoavelmente longo e com um tom grave e comovente; já na 1.23, Plínio aconselha, em quatro parágrafos, a seu receptor, Pompeio Falco, como conciliar os deveres de advogado e de Tribuno; por fim, em 1.24, solicita, também em quatro parágrafos, a Bêbio Hispano que procure uma propriedade para ser comprada por Suetônio. No decorrer de cinco epístolas, portanto, há cinco destinatários diferentes, para os quais são enviadas missivas com assuntos bastante diversos e extensões de texto razoavelmente variadas.

Outro elemento que demonstra o princípio de variação na correspondência pliniana é que, no decorrer de sua obra, Plínio dificilmente repete mais de duas vezes um mesmo correspondente em um livro. Tácito, mesmo sendo o destinatário numericamente mais frequente da obra, recebe apenas onze cartas, distribuídas entre os nove primeiros livros da coleção. Não é diferente o princípio que organiza a disposição das treze cartas analisadas neste estudo. Com exceção da possibilidade de que os correspondentes das cartas 6.21 e 7.25 sejam a mesma pessoa, não há repetição

de destinatários quando o tema é o elogio de contemporâneos vivos⁴⁰. Do mesmo modo, dificilmente ocorre reincidência em relação à pessoa elogiada nas epístolas.

Por fim, nos livros em que há mais de uma carta de elogio, ele não é de um mesmo tipo. No livro 1, em que há três cartas laudatórias, a primeira é um elogio direcionado a um filósofo (1.10), a segunda, a exaltação dos talentos de alguém versado tanto em gêneros de prosa quanto de poesia (1.16), e a terceira, o louvor a um jurista (1.22). Esse mesmo procedimento ocorre nos livros 5 e 6. A carta 5.14 tem por objetivo principal louvar Cornuto Tértulo pelos cargos públicos que assumiu; já a 5.17 se concentra na avaliação de uma recitação poética. No livro 6, Plínio primeiramente elogia Fusco Salinator e Umídio Quadrato por sua atuação oratória (6.11), em seguida aprecia a produção artística do comediógrafo Vergílio Romano (6.21) e, por fim, exalta as qualidades morais de Fusco Salinator no contexto de uma felicitação pelo seu casamento (6.26).

Desse modo, a utilização da *variatio* como um princípio de organização dos livros garante que as cartas não se tornem uma leitura monótona e contribui para que um mesmo tema apareça de forma razoavelmente constante no conjunto. Observando a distribuição das treze cartas laudatórias, verifica-se que Plínio não concentra muitas missivas desse tipo em apenas um livro, porém utiliza um mesmo tipo de cartas em livros diferentes, expandindo o tratamento do tema. Além da *variatio*, o autor observa padrões próprios dos discursos epidícticos oratórios na realização dos louvores em suas epístolas.

Na leitura dessas missivas, para além das estruturas fixas próprias do gênero epistolar, o que determina que os textos sempre sejam iniciados com “*C. Plinius suo* [nome do amigo] *S.*”, ou seja, “Caio Plínio saúda o querido [nome do amigo]”, e terminados

40 Na carta 7.25, Plínio nomeia seu destinatário apenas pelo *cognomen*: *Rufus*. Tal modo de nomeá-lo dificulta a identificação precisa desse personagem, uma vez que, como mostram Radice (1969, p. 579) e Birley (2000, p. 85), há pelo menos treze personagens presentes nas cartas de Plínio que possuem esse sobrenome: *Acilius*, *Asinius*, *Calvisius*, *Caninius*, *Corellius*, *Curtius*, *Minicius*, *Octavius*, *Pomponius*, *Saturius*, *Sempronius*, *Varenius* e *Verginius*. Em algumas cartas, eles são identificados com dois nomes, em outras apenas com o *cognomen*. Os apresentados apenas por sobrenome nem sempre são a mesma pessoa. No caso dessa carta, seguimos o que é estabelecido por Sherwin-White (1998, p. 434), que, juntamente com Radice (1969, p. 579) e Birley (2000, p. 85), considera mais provável a identificação do Rufo da carta 7.25 como Canínio Rufo, o mesmo que recebe a missiva 6.21, cujo objetivo é elogiar Vergílio Romano.

com um “*valē*” (adeus), é perceptível uma organização própria das passagens laudatórias. Quando o elogio se refere a algum amigo reconhecido estritamente por sua atividade literária ou filosófica, Plínio segue *grosso modo* a seguinte estrutura: a) inicia a carta com alguma motivação para o texto, por exemplo, diz que as artes liberais estão em crescimento ou evoca a recitação da qual participou recentemente; b) menciona o nome daquele que será o elogiado e tece seu julgamento sobre ele; c) elogia o amigo analisando-o: fala do estilo utilizado, das técnicas que compõem sua produção, de sua postura, da vestimenta, da habilidade de fala, etc.; d) ao fim da carta, tece alguma reflexão sobre a literatura, ou exorta seu destinatário a ler ou ouvir o elogiado. Em alguns casos, durante o elogio, Plínio compara o elogiado a algum autor anteriormente consagrado que é seu provável modelo de imitação.

Quando se trata de algum amigo retratado majoritariamente por sua atuação social ou política, a estrutura segue uma ordem bem parecida, mas sofre algumas modificações. A motivação das cartas é, por exemplo, algum acontecimento de ordem política, como a promoção do elogiado a algum cargo, ou de ordem íntima, como o lamento por uma doença. Após mencionar o amigo que é motivo do encômio, Plínio fala de suas características morais e destaca quão fortes são os laços de amizade que os unem. O missivista disserta, ainda, sobre as contribuições políticas e/ou literárias do amigo em questão e termina com alguma exortação, prece ou expressão de bons votos para o sucesso do elogiado.

Como se vê, o elogio das cartas possui vários elementos em comum com os descritos para a elaboração de discursos epidícticos oratórios, reforçando-se, desse modo, a percepção de que as concepções retóricas e literárias não se encontram separadas na literatura antiga, mas que, na verdade, participam de um mesmo campo de atuação cultural e política em que a produção letrada é um dos elementos mais valorizados. É justamente sobre a participação nesse campo letrado que muitas das cartas epidícticas de Plínio incidem. Trata-se da utilização de um gênero retórico, o encômio, em uma produção de caráter literário, mas originalmente privado, a epístola, com vistas a formular imagens de si e de seus pares diante de um público mais amplo. Ao utilizar esses recursos, a preocupação do autor parece ser tanto mostrar envolvimento com a literatura produzida em seu tempo quanto formular uma representatividade política – de si mesmo e de seus pares – na *Vrbs*. Esse é o tema abordado no terceiro capítulo deste livro, juntamente com a leitura atenta das formas de utilização dos elementos epidícticos nas epístolas.

As Representações dos Contemporâneos de Plínio nas Epístolas Laudatórias

Imagens textuais, representações e discursos

Aparentemente contrariando suas próprias opiniões negativas sobre a utilização do epidítico, expressas em algumas passagens do *De oratore* (2.41-44, 2.49-50, 2.69), Cícero, na defesa do poeta Árquias, concede uma mostra bastante eloquente de seu desejo de ter o nome, talento e virtudes propagados por meio da obra literária de alguém. Após apontar claramente, no parágrafo 28 de *Pro Archia*, seu amor pela glória e afirmar que o próprio Árquias havia escrito um poema elogiando suas ações durante o consulado, Cícero reitera:

E, se milhares de homens nobilíssimos procuraram deixar estátuas e imagens, efêmeros reflexos não de suas almas e sim de seus corpos, não devemos nós, com muito maior razão, esforçar-nos por deixar o retrato de nossos pensamentos e de nossas virtudes traçado pelo talento de um grande gênio? Quanto a mim, tudo que realizava já mesmo ao empreendê-lo, pensava em dá-lo à publicidade e propagá-lo na memória eterna universal. (Cícero, *Pro Archia*, 30. Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves).

Em tal passagem, o orador utiliza como argumento para defender a cidadania de Árcuias – identificado indiretamente como “grande gênio” – a sua capacidade de, pela literatura, eternizar os feitos de um cidadão notável – cujo exemplo, nesse discurso, é o próprio Cícero. Tal eternização é comparada, no excerto, a elementos de caráter monumental e imagético, com o emprego de palavras, no texto latino, como: *statuas, imagines, simulacra e effigiem*. Desse modo, estão relacionadas num mesmo breve trecho, duas formas de propagar a imagem de alguém de maneira perene: a construção de uma imagem física, como uma estátua, e a construção de imagem verbal, como um poema. O entrelaçamento desses dois modos de representação se dá, no discurso de Cícero, justamente por meio de um símile em que o orador relaciona “um retrato gravado e polido” (“*effigiem expressam et politam*”), algo de caráter bastante imagético, à expressão “dos nossos pensamentos e virtudes” (“*consiliorum et virtutum nostrorum*”), elementos que não se retratam graficamente com facilidade. Assim, reitera a ideia de que a melhor imagem é, na verdade, o texto de um literato, e não uma pintura ou estátua.

É de modo bastante similar ao texto ciceroniano que Plínio demonstra o desejo de ser retratado literariamente. Esse desejo toma forma de um pedido bastante direto na carta 7.33, dirigida a Tácito:

Eu prevejo, e não me engana a previsão, que suas histórias serão imortais. Por isso, mais ainda eu anseio – e falarei abertamente – ser incluído nelas. Pois, se costumamos nos preocupar para que nossa aparência seja retratada pelo melhor dos artífices, não deveríamos eleger para que desenhe as nossas atuações um escritor e encomiasta similar a você? Exponho, então, algo que não pode escapar do seu cuidado, uma vez que foi publicado nos atos públicos; eu exponho, porém, para que você confie ainda mais. Será uma alegria para mim se você tiver engrandecido, com seu talento e seu testemunho, um feito meu, cujo crédito foi concedido pelo perigo (Plínio, *Epistulae*, 7.33.1-3⁴¹).

41 “*Auguror nec me fallit augurium, historias tuas immortales futuras; quo magis illis – ingenue fatebor – inseri cupio. Nam si esse nobis curae solet ut facies nostra ab optimo quoque artifice exprimatur, nonne debemus optare, ut operibus nostris similis tui scriptor praedicatorque contingat? Demonstratio ergo quamquam diligentiam tuam fugere non possit, cum sit in publicis actis, demonstro tamen quo magis credas, iucundum mihi futurum si factum meum, cuius gratia periculo crevit, tuo ingenio tuo testimonio ornaveris*”.

Torna-se perceptível por meio dos trechos de Cícero e Plínio que a elaboração de uma imagem de si diante da sociedade de seu próprio tempo e, conseqüentemente, também da futura é algo importante para alguns homens romanos, pelo menos entre os séculos I a.C. e II d.C. A importância dada à imagem textual é geralmente atribuída, como bem mostrou o próprio Cícero (*Pro Archia*, 28), ao desejo de *gloria*. A *gloria* romana pode ser definida como “o público reconhecimento das qualidades do cidadão” (PEREIRA, 1990, p. 335). Trata-se de um conceito fortemente associado à *virtus* – entendida, de modo geral, como virtude própria do homem romano (p. 399-409) – e aos deveres da *res publica* e, por isso, a algo que os homens querem e buscam durante sua carreira, seja ela militar, seja política, seja literária. Essa busca se justifica pelo fato de que a glória era, para esses homens, uma garantia da imortalidade (GUILLEMIN, 1929, p. 17). Outro fator que deve ser destacado é que a imagem textual positiva da qual falam Cícero e Plínio é ainda mais valorizada quando provém da obra literária de outra pessoa, uma vez que, como demonstra o próprio Cícero, a glória precisa ser comprovada pelos testemunhos de outros: “Ora, a glória é o louvor por justo motivo dos feitos grandiosos e dos serviços prestados à República, que é certificado pelo testemunho não só das melhores pessoas, mas também pelo da multidão” (Cícero, *Filípicas*, 1.29. Tradução de Bruna Fernanda Abreu).

Considerando as imagens textuais positivas que criam, as cartas laudatórias de Plínio analisadas neste estudo assumem um papel de testemunho notável – que é, ao mesmo tempo, a própria construção – dos atos e do caráter de diversos homens de seu tempo. Sendo assim, a elas poderia ser atribuído o conceito mais lato de representação, definido por Chartier (2002, p. 21) como a reapresentação de um objeto ausente por meio de uma imagem presente. E não é apenas nesse sentido mais amplo que os retratos criados por Plínio atingem o conceito formulado por Chartier. Para compreender a ideia de representação em Plínio a partir da definição mais estrita de “categoria de percepção e apreciação do real” (CHARTIER, 2002, p. 17), dada pelas classificações, divisões e delimitações que as organizam e determinada pelos interesses

sociais, é necessário levar em consideração o estatuto literário da correspondência pliniana⁴².

Embora não se possa negar o valor das cartas de Plínio como fontes para o conhecimento acerca da sociedade e do cotidiano dos dois primeiros séculos da era cristã, a obra não é apenas um conjunto de registros colocados em formato epistolar que nos fornece trechos da realidade do autor. Trata-se, de fato, de um texto elaborado esteticamente. A despeito da alegação de Plínio na carta 1.1 de não ter premeditado o modelo de composição dos livros, é possível indicar uma diversidade de recursos linguísticos e de organização que tornam sua correspondência uma obra de apreciação literária. Como aponta Casquero (1983, p. 401), a própria atitude de Plínio ao selecionar, compilar e publicar suas cartas pode ser considerada um ato literário. Para Guillemín (1929, p. 113-157) e Marchesi (2008, p. ix-x), são a consciência do gênero utilizado, os processos de alusão e a importância dada aos modelos oratórios, historiográficos e, em especial, poéticos que garantem a estruturação literária da correspondência pliniana. Já Aubrion (1989, p. 356), Edwards (2005, p. 280) e Gibson e Morello (2012) destacam a importância da disposição das cartas em cada livro, assim como a ordenação dos próprios livros, como um elemento de

42 Na literatura antiga, a noção de uma imagem produzida no/pelo texto – que escolhemos, neste estudo, analisar por meio do conceito de representação – frequentemente é definida, em termos retóricos e mesmo poéticos, pelo conceito de *écfrase*. A *écfrase* é explicada, por grande parte dos autores de retóricas e de *progymnasmata*, como habilidade ou procedimento narrativo capaz de colocar algo ausente “diante dos olhos” dos ouvintes de maneira que eles possam ter a impressão de vê-lo (WEBB, 2009, p. 20; RODOLPHO, 2010, p. 98). Tal procedimento possui como qualidade a *enargia* (*enargeia*, em grego; ou *evidentia*, em latim), que é uma descrição não apenas clara, mas vívida dos fatos e/ou objetos (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 4.2.63-65; 6.2.32 e 7.3.61-70). Na obra epistolar pliniana, a formulação das imagens de seus elogiados, como ainda será discutido, está muito mais relacionada ao caráter e às virtudes do que aos atributos físicos. Portanto, não acreditamos ser o mais adequado ler tais cartas a partir das ideias de *écfrase* e *enargia*. Não obstante, talvez se pudesse evocar, nesse caso, a *etopeia* (*ethopóia*, em grego) para definir conceitualmente os retratos textuais criados por Plínio nas cartas. Diferentemente do que significa em português atual – uma *descrição* dos costumes ou das paixões humanas –, a *etopeia*, na retórica antiga, era uma forma de *representação* por meio da qual se *imitavam* os costumes ou características de alguém (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 10.2.58; conferir também Rodolpho, 2010, p. 103-105). Por não ser um procedimento de descrição, mas sim um recurso muito mais próximo da personificação, não o utilizamos como categoria de análise dos elogios executados por Plínio na epistolografia.

literariedade. Tais fatores estão, ainda, fortemente inter-relacionados com a utilização de uma linguagem marcada pela diversidade de estilos imitados e pela presença constante de figuras (FERNÁNDEZ, 2005, p. 39-42; SÁNCHEZ, 2011, p. 46).

Diante disso, a metáfora dos quadros ou esculturas textuais pode continuar a ser utilizada no campo das representações presentes na epistolografia de Plínio. Agora, porém, com a clareza de que o autor elabora retratos artísticos que, como qualquer produção desse tipo, são concebidos a partir de uma série de procedimentos e técnicas de composição. Sobre isso, Trapp (2003, p. 4) afirma que:

Consciente ou inconscientemente, missivistas selecionam o que eles vão dizer e o que eles não vão dizer, e escolhem como eles vão verter aquilo que dizem. Desse modo, constroem uma versão personalizada da realidade à qual se referem. Igualmente, na escrita, os escritores de cartas constroem e projetam uma *persona* que pode suportar todos os tipos de relação (incluindo uma bastante tênue) do seu personagem como percebido por outros além do seu correspondente do momento.

Nesse ponto, concordamos com a visão de Ebbeler (2001, p. 51) sobre a relação entre as cartas e suas condições de produção: “Se cartas são ‘fotografias da vida cotidiana’, elas são retratos posados e muito retocados”. A interpretação de Ebbeler coincide com a concepção de Plínio sobre os retratos textuais na carta 7.33, uma vez que a imagem que ele solicita de Tácito, mesmo baseada em feitos comprovados pelos atos públicos, depende do ornamento realizado pelo historiador para que tenham sucesso: “[...] Será uma alegria para mim se você tiver *engrandecido*, com seu talento e seu testemunho, um feito meu, cujo crédito foi concedido pelo perigo” (Plínio, *Epistulae*, 7.33.3. Grifo nosso). Desse modo, o elogio nas cartas de Plínio se configura como um recurso por meio do qual se torna viável criar imagens de seus contemporâneos acrescidas de uma valoração positiva.

Trata-se, então, de um modo de conceber e apresentar o real que passa pela utilização de um determinado tipo de discurso e tem, como fim, o estabelecimento de uma identidade do autor e de seu grupo. Para compreender como esse mecanismo funciona, todavia, é necessário levar em consideração que mesmo essa realidade referencial já não é absorvida por Plínio de forma neutra. Não há nem uma

realidade pura que o missivista busca retratar, nem uma visão completamente pessoal sobre aquele objeto. Nas palavras de Maingueneau (2014, p. 44),

Não há, de um lado, um universo de coisas e atividades mudas e, de outro, representações literárias dele apartadas que sejam uma imagem sua. Também a literatura constitui uma atividade; ela não apenas mantém um discurso sobre o mundo, como produz a sua própria presença nesse mundo.

Aquilo que está representado na obra é também uma construção influenciada por outros fatores e representações mais ou menos estabelecidos tanto social quanto literariamente. Cada carta que Plínio escreve precisa ser pensada a partir da forma pela qual o autor se insere em seu grupo social e literário.

Nesse sentido, é útil recorrer, ainda que de maneira bastante breve, ao conceito de paratopia, definido por Maingueneau (2014, p. 108). A paratopia é, para esse analista do discurso, algo inerente à produção literária, pois é o que define o estatuto do escritor em relação a sua obra e sua sociedade. Para Maingueneau, o escritor é alguém que ocupa um não lugar no mundo e deve se posicionar através de sua obra, que é, na verdade, o resultado da gestão que o escritor faz dos espaços sociais e literários em que está, de algum modo, inserido. Tal conceito contribui para a reflexão a respeito das representações dos contemporâneos nas cartas de Plínio desenvolvida aqui, pois consegue explicar as epístolas como textos que são parte de um cotidiano e, portanto, ligadas ao seu entorno histórico, ao mesmo tempo que configuram uma construção literária desse mesmo contexto. Assim, não são apenas fontes de informação para a compreensão de um dado momento da história, mas uma construção filtrada por determinadas concepções de mundo, expressas por determinados modelos de escrita e produção, e que, por isso, produz uma visão própria do contexto e dos indivíduos que o compõem. Considerando que Plínio escreveu suas cartas sobre contemporâneos vivos e as publicou ainda em vida, as representações que ele evidenciou em suas missivas são um modo de influenciar seu entorno.

Tendo em vista o conceito de paratopia de Maingueneau, pode-se afirmar que coube a Plínio, então, gerir, em sua obra epistolográfica, diferentes fatores literários e sociais que estão ligados à produção de suas cartas. É para compreender como

Plínio realizou essa gestão que os conceitos de discurso, representação e identidade são empregados neste estudo.

Em relação ao seu pertencimento literário, é necessário ter em vista que Plínio foi formado em uma determinada maneira de pensar e atuar: a retórica. Tal formação interferiu na produção de suas cartas, uma vez que o autor empregou, em seus textos, uma diversidade de recursos originários das práticas oratórias. Esse é o caso da utilização do discurso epidítico em contexto epistolar. Seu vínculo com a literatura se dá, ainda, por meio do investimento genérico feito pelo autor, ou seja, a epistolografia. Sendo assim, aquilo que ele escreveu levou em consideração uma série de elementos próprios da literatura epistolar precedente. Essa relação é complementada por sua comunicação com diversos modelos oratórios, historiográficos e poéticos. É o conjunto desses elementos que integram o que se pode analisar como o discurso utilizado por Plínio, cujo exame mais detalhado fornece seu posicionamento.

O discurso, para Maingueneau (2014, p. 39), não é um conceito de fácil definição, mas pode ser delimitado por uma série de “ideias-forças”: é uma organização transfrástica; é uma forma de ação; é interativo; é orientado; é contextualizado; é assumido por um sujeito; é regido por normas; e é considerado no âmbito do interdiscurso (MAINGUENEAU, 2014, p. 40-42). Nesse sentido, a epistolografia pliniana pode ser pensada como discurso, pois é um conjunto de textos (organização transfrástica) que não apenas descreve seu cotidiano, mas participa dele e o modifica (forma de ação). Além disso, é constituído a partir da *interação* com outros discursos, especialmente o retórico e epistolográfico, *contextualizados* na sociedade imperial romana dos séculos I e II d.C. Esse discurso parte de um *sujeito* epistolar concentrado na figura de Plínio, o Jovem, e é construído a partir das *normas* próprias tanto da epistolografia quando da eloquência laudatória, além de estar em constante comunicação (interdiscurso) com a tradição literária que o precede.

Em relação ao pertencimento social de Plínio, alguns dos fatores que dizem respeito mais propriamente à leitura aqui apresentada são sua origem municipal algo afastada do centro do Império – uma vez que nasceu em Como, cidade localizada na região Transpadana do norte da Itália –, sua ascensão no *cursus honorum* – inicialmente como membro da classe equestre e, depois, atuando como senador em diversos cargos – e seu papel como grande apoiador de Trajano, já que, de acordo com Stadler (2010, p. 53), Plínio executou um papel central no processo de legitimação

do imperador – que era também de origem provinciana – e contribuiu muito, ao formular uma imagem virtuosa e ideal, para que o período de governo desse *princeps* tivesse uma representação positiva não só contemporânea, mas também nos séculos que se seguiram. O modo pelo qual Plínio gerenciou esses fatores de pertencimento social por meio de seu discurso é, então, o que compõe as representações elaboradas em suas cartas, uma vez que, como definidas por Chartier (2002, p. 17), as *representações* são “categorias de percepção e apreciação do real” dadas pelas classificações, divisões e delimitações que as organizam e determinadas pelos interesses sociais.

Formas, funções e efeitos das cartas elogiosas de Plínio, o Jovem

Um dos pontos de partida para se compreender a importância do gênero epistolar na leitura das representações é a consideração de que a interpretação de um discurso não deve ser dissociada de uma reflexão acerca do meio pelo qual ele se dá a ler, uma vez que: “Os textos não são depositados nos objetos, manuscritos ou impressos que o suportam como em receptáculos” (CHARTIER, 2002, p. 25). Desse modo, o meio pelo qual um texto é veiculado interfere no modo como ele é concebido e lido. Como afirma Maingueneau (2014, p. 213),

A transmissão do texto não vem depois de sua produção; a maneira como o texto se institui materialmente é parte integrante de seu sentido [...] [e] é inegável que as mediações materiais não vêm acrescentar-se ao texto como circunstâncias contingentes, mas em vez disso intervêm na própria constituição de sua “mensagem”.

Embora, na perspectiva analítica de Chartier e Maingueneau referida nesses excertos, os autores estejam aludindo principalmente aos suportes materiais dos textos e às práticas de leitura como partes constituintes dos sentidos da obra, é possível aplicar igual reflexão ao gênero textual por meio do qual uma obra é concebida e veiculada.

Em Plínio, o Jovem, esse fato se torna bastante evidente. As cartas que compõem o conjunto de sua correspondência foram concebidas, inicialmente, como

textos cotidianos de finalidade comunicacional, uma vez que fizeram parte de uma comunicação privada entre Plínio e muitos de seus conhecidos (SHERWIN-WHITE, 1998, p.

No que se refere aos aspectos situacionais, os elementos que possibilitam a utilização das missivas são: a existência de um diálogo *in absentia*, caracterizado pela distância geográfica dos interlocutores; a finalidade comunicacional do texto; e a possibilidade de esse texto ser enviado. Como consequência dessa configuração, as epístolas se compõem pela elaboração de imagens de seus emissores, pela construção de uma atmosfera familiar e pelo tratamento de assuntos diversificados, mas especialmente dos ligados ao cotidiano. Em relação aos aspectos formais do gênero, as cartas costumam apresentar os seguintes elementos: a) são textos escritos; b) estão limitadas pelas fórmulas de saudação e de despedida; c) têm um espaço delimitado: geralmente são breves; e d) utilizam uma linguagem simples (*sermo cotidianus*) caracterizada pela clareza, incisos ou interpelações coloquiais, uso de provérbios e, possivelmente, citações ou expressões em grego.

Como destaca Trapp (2003, p. 34), o que faz com que um texto seja mais rapidamente identificado como uma carta são seus aspectos formais, por isso a leitura aqui proposta começa por eles. Entre os elementos estruturais, o que mais claramente identifica o texto como uma epístola são as fórmulas de saudação e de despedida: *inscriptio/praefatio* e *subscriptio* (ARCOS PEREIRA, 2008, p. 362). Em contexto latino, as cartas são, de modo geral, iniciadas sempre com a estrutura “*aliquis alicui salutem dicit*” e encerradas com um *vale*. Essas formas podem sofrer algumas variações, tanto pela abreviação (*aliquis alicui s.d.* ou *salutem* ou apenas *s.*) quanto pela expansão: “*aliquis alicui s(alutem) p(lurimum) d(icit)*”, na saudação, e “*cura ut valeas*”, na despedida (TRAPP, 2003, p. 33; ARCOS PEREIRA, 2008, p. 363). De acordo com Trapp (2003, p. 35), também se encontram as estruturas “*alicui aliquis s.d.*” – usada pela primeira vez em Marcial (VIII, *Praef.*), mas frequente na obra de Frontão – e “*alicui ab aliquo salutem*”, recorrente a partir de meados do século II d.C. Pode haver variações também em relação aos nomes e adjetivos utilizados. De acordo com Arcos Pereira (2008, p. 363-364),

A *inscriptio* entre familiares e amigos pode apresentar, na época de Cícero, as seguintes formas: *praenomen – praenomen* (*Marcus Quinto fratri*); *nomen – nomen* (*Tullius s.d. Terentiae*); *cognomen – cognomen* (*Cicero Attico salutem*). Outras vezes, sobretudo nas cartas mais afetuosas, se pode adicionar *suus* como mostra de carinho: *Tullius s. d. Terentiae suae et Tulliolae et Ciceroni suis* (Cic. *Ad fam.* XIV, 2) [...]. Nas cartas em que o grau de intimidade é muito menor, ou quase nulo,

mas sem chegarem a ser cartas oficiais, o *titulus honoris* pode encontrar-se precedido: a) por um dos *nomina*: *M. Cicero s. d. Lentulo imp.* (Cic. *Ad fam.* I,9,1); b) por dois *nomina*: *M. Cicero imp. s. d. M. Catoni* (Cic. *Ad fam.* XV, 13,1); ou c) pelos *tria nomina*, acompanhados dos nomes do pai e do avô: *M. Tullius M. f. M. n. Cicero imp. s. d. C. Coelio L. f. C. n. Caldo q.* (Cic. *Ad fam.* II, 19, 1). Na carta oficial, o cargo acompanhará os *tria nomina*, se a carta for de pessoa para pessoa: *M. Tullius M. f. Cicero Q. Metello Q. F. celeri pro. cos. s. d.* (Cic. *Ad fam.* V, 2,1). Se a carta for de uma pessoa para uma entidade ou instituição, então se colocarão os *tria nomina*, o *titulus honoris* e a denominação oficial: *M. Tullius M. F. Cicero procos. s. d. cos. pr. tr. pl. senatui* (Cic. *Ad fam.* XV, 1, 1).

A estrutura geral utilizada nas cartas de Plínio é “*C. Plinius alicui suo/suae s.*”. A *inscriptio* do autor, portanto, é composta pelo seu *praenomen* abreviado, seguido do *nomen*, sem o uso do *cognomen*. Os receptores das cartas, por sua vez, são majoritariamente apresentados apenas pelo *cognomen* seguidos do adjetivo *suus/sua*. As principais exceções a essa regra geral são as missivas à mãe da esposa falecida de Plínio, Pompeia Celerina – *C. Plinius Pompeiae Celerina socrui s.* (Plínio, *Epistulae*, 1.4) –, ao avô de sua última esposa, Calpúrnio Fabato – *C. Plinius Fabato prosocero suo s.* (4.1, 5.11, 6.12, por exemplo) – e as cartas do livro X, dirigidas ao imperador Trajano – *C. Plinius Traiano imperatori* –, nas quais são acrescentados os títulos de familiaridade ou cargo. No que se refere às despedidas, todas as epístolas de Plínio são encerradas com um simples *vale*, sem uso de expressões mais afetuosas.

Diante desse quadro, é possível comparar as *inscriptiones* de Plínio às de Cícero e Sêneca. Cícero, como atesta Arcos Pereira (2008, p. 363-364), utiliza, no decorrer da obra, diversos formatos de saudações, que se modificam em relação ao destinatário ou ao conteúdo da carta, enquanto Sêneca emprega apenas um mesmo tipo (*Seneca Lucilio suo salutem*). Plínio, de algum modo, tem características que remetem à obra dos dois. Assim como Cícero, Plínio envia cartas para uma diversidade de personagens, porém não modifica suas fórmulas de saudação para diferenciá-los; antes prefere a escolha mais padronizada, próxima a de Sêneca, que lida de modo sempre mais próximo com seu único destinatário. Importa perceber que as cartas de Cícero, por terem sido publicadas postumamente, manifestam, por meio das próprias fórmulas, a diversidade de adaptações próprias da correspondência real; já Sêneca é o

autor de uma correspondência elaborada para a publicação e apresenta o resultado de uma produção pensada para ser lida não apenas pelo destinatário inscrito no texto. Plínio mantém características de uma correspondência real ao se dirigir a muitos e diferentes indivíduos, mas também apresenta um processo de edição de seus textos, algo visível na padronização de suas *inscriptiones*. Tal padronização, portanto, é parte de uma escolha estilística do autor.

Um dos principais efeitos causados por essa escolha é que as cartas que compõem os livros 1-9 da coleção apresentam todos os destinatários como amigos de Plínio em um mesmo nível. Com exceção das poucas cartas a familiares, o missivista não assinala, em seus textos, quaisquer diferenças ou hierarquia entre os correspondentes. Em contrapartida, ele utiliza em suas epístolas o pronome *suus/sua*, algo que marca a proximidade com os destinatários e que cria o ambiente de afeto mútuo, próprio do gênero epistolográfico.

Além das fórmulas de cumprimento, as cartas possuem uma estrutura textual característica. Quando se trata da produção epistolográfica antiga, tal estrutura pode ser compreendida com base nos critérios retóricos do discurso. Afirma-se que essa estrutura *pode* ser compreendida com base nos critérios retóricos porque há leituras modernas que consideram que o aspecto literário das cartas está justamente naquilo que as diferencia do discurso retórico. Almería (1996, p. 239) considera que “a interpretação retórica tem sido um obstáculo para desenvolver outro tipo de investigação: a investigação estética que [...] deve oferecer outra interpretação qualitativamente superior”. De fato, a própria ausência de uma teorização mais antiga e mais estruturada do gênero nos manuais de retórica indica certo afastamento da epistolografia em relação à produção de discursos oratórios. Porém deve-se levar em conta que a retórica teve um papel fundamental na formação letrada dos indivíduos na Antiguidade e que, por meio dessa formação, passou a também influenciar as produções literárias de modo geral (DOMINIK; HALL, 2007, p. 367-450). Nas cartas de caráter elogioso da obra pliniana, essa influência retórica é reforçada, uma vez que Plínio lança mão de estruturas próprias do discurso epidítico oratório. Opta-se, portanto, neste estudo, por considerar o caráter retórico da construção epistolar, compreendendo-o como parte de uma configuração literária do texto. Mediante essa compreensão, a disposição geral do texto epistolar se configura da seguinte maneira:

Introdução (*captatio benevolentiae*): serve como um próêmio para captar a atenção ou benevolência do destinatário.

Corpo da carta (*narratio/confirmatio*): exposição do motivo que origina a carta, processamento do assunto.

Despedida (*peroratio*): representa o encerramento da carta, expressam-se emoções, sentimentos, cumprimentos, desejos por meio de fórmulas de cortesias, mostra o grau de familiaridade ou relação entre emissor e destinatário (SÁNCHEZ, 2011, p. 39).

Esse esquema foi proposto por Sánchez (2011, p. 39) para designar a estrutura retórica das missivas de modo geral. Para o autor, tal organização “[...] corresponde à estrutura que vem se estabelecendo desde a Antiguidade, especialmente em Roma, com as coleções de cartas de Cícero, Sêneca, [e] Plínio, o Jovem [...]”. Arcos Pereira (2008, p. 381) elabora uma esquematização similar para demonstrar a influência dos recursos retóricos na escrita epistolar a partir da *ars dictaminis* medieval. De acordo com ele, é possível fazer um paralelo entre as partes do discurso ciceroniano (*exordium, divisio, narratio, confirmatio, refutatio* e *peroratio*) e a organização textual das epístolas (*salutatio, captatio benevolentiae, narratio, petitio* e *conclusio*).

Na leitura das treze epístolas analisadas neste trabalho, há mais um fator a ser considerado: a inserção de um breve discurso de elogio no texto epistolar. Embora os tratados *Typói Epistólíkoí* e *Epistolimaíoi Charaktéres* tenham atestado a existência e realizado uma breve descrição de um tipo epistolar laudatório, não há, na teorização antiga, a definição de uma estrutura específica para esse tipo de missiva. No caso das epístolas de Plínio, consideradas monotemáticas (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 3), o discurso de elogio se configura como a parte principal do texto (o corpo da carta/*confirmatio*). Assim sendo, as cartas laudatórias do autor obedecem a seguinte organização:

a) Introdução: apresenta o nome do elogiado e uma razão para a carta ter sido escrita (ocorreu ou vai ocorrer uma recitação; o elogiado está doente; Plínio o visitou ou recebeu alguma notícia sobre ele).

b) Desenvolvimento do tema: argumentação do discurso de elogio.

c) Encerramento: nesse momento Plínio reforça a argumentação desenvolvida durante a carta ou solicita alguma ação por parte do destinatário (geralmente ler, ouvir ou admirar o elogiado).

Para Sherwin-White (1998, p. 6-10), Plínio tem como característica de estilo uma formalidade própria nas frases iniciais de suas cartas, as chamadas “aberturas estilizadas” (*stylized openings*). Essas aberturas são pequenos trechos razoavelmente padronizados e recorrentes, mas que, na verdade, indicam uma escolha estilística do autor. As frases mais comuns nesses inícios são as que indicam uma correspondência precedente com o receptor da carta, a partir da utilização de estruturas como “*rogas ut*”, “*quaeris*”, “*petis ut*” (Plínio, *Epistulae*, 6.18, 6.27, 1.14, 3.15, 7.9, 9.36), e as que afirmam o recebimento ou envio de algum texto, em geral discursos (7.20.1, 9.35.1, 2.5.1). Há, ainda, outras duas formas importantes de introdução, não consideradas, porém, como formatos estilizados: a) uma frase que introduz diretamente o tema por meio de uma declaração específica; e b) o emprego de uma abordagem menos direta, que utiliza uma declaração geral ou frase proverbial (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 9-10).

Nas cartas de elogio, não ocorre o primeiro tipo de introdução. A maioria dessas missivas (nove, no total: 1.16, 1.22, 2.3, 4.27, 5.14, 6.11, 6.26, 8.12 e 9.22) apresenta o tema diretamente. Já na primeira frase da carta, Plínio nomeia a pessoa sobre quem irá falar e por qual razão está falando sobre ela, como ocorre nos seguintes trechos: “Eu apreciava Pompeio Saturnino – me refiro àquele, nosso amigo – e elogiava o seu talento mesmo antes de saber quão variado [...]” (Plínio, *Epistulae*, 1.16.1⁴³); “Alegro-me e o felicito porque prometeu sua filha a Fusco Salinator” (6.26.1⁴⁴); “Apenas durante este dia eu me desocupo: quem está para fazer uma recitação é Ticínio Capitão, algo que ouvirei não sei se mais por dever ou por desejar” (8.12.1⁴⁵); “Foi grande a preocupação que a saúde de Passeno Paulo me causou, e, de fato, por variadas e justíssimas razões [...]” (9.22.1⁴⁶); “Eu havia me retirado para

43 “*Amabam Pompeium Saturninum – hunc dico nostrum – laudabamque eius ingenium, etiam antequam scirem, quam varium [...]*”.

44 “*Gaudeo et gratulor, quod Fusco Salinatori filiam tuam destinasti*”.

45 “*Hunc solum diem excuso: recitaturus est Titinius Capito, quem ego audire nescio magis debeam an cupiam*”.

46 “*Magna me sollicitudine affecit Passenni Pauli valetudo, et quidem plurimis iustissimisque de causis [...]*”.

minha cidade natal quando fui informado de que Cornuto Tértulo se tornou curador da Via Emília” (5.14.1⁴⁷).

As motivações para esses elogios podem ser variadas, mas todas estão relacionadas, de algum modo, a um acontecimento cotidiano. Há cartas enviadas por causa da preocupação de Plínio com a saúde do amigo em questão (Plínio, *Epistulae*, 1.22, 9.22), outras em consequência de alguma conquista realizada pelo elogiado (5.14, 6.26) e, principalmente, em virtude de uma recitação ou discurso recente (1.16, 2.3, 4.27, 6.11, 6.21, 8.12).

As missivas que não apresentam essa abordagem direta do assunto são a minoria das cartas laudatórias (quatro epístolas: 1.10, 5.17, 6.21, 7.25), e sua introdução é feita com frases sentenciosas. Essas frases são afirmações de caráter mais geral e opinativo e que se relacionam com o restante do texto epistolar de maneira mais ou menos indireta. Trata-se de um breve momento de ponderação do autor sobre um assunto. Esse tipo de construção se assemelha ao que é denominado na retórica de *sententia*. De acordo com Quintiliano (*Institutio oratoria*, 8.5.1), uma *sententia* pode ser definida como um pensamento, uma opinião. Em sua aplicação nos discursos oratórios, no entanto, esse recurso possui formas e funções mais amplas, aproximando-se dos entimemas (8.5.3-4).

Nesses casos, antes de apresentar o elogiado e a circunstância motivadora do elogio, o autor acrescenta uma breve consideração sobre um assunto mais geral. Tais considerações iniciais comumente indicam o otimismo de Plínio em relação à produção literária de seu tempo, como em: “Se alguma vez nossa cidade floresceu por causa das artes liberais, ela, agora, floresce em seu máximo” (Plínio, *Epistulae*, 1.10.1⁴⁸); “Conheço com quanto empenho você encoraja as artes liberais, quanta alegria alcança se os jovens nobres fazem algo digno de seus antepassados” (5.17.1⁴⁹); “Estou entre os que admiram os antigos, no entanto não desconsidero, como alguns, os talentos de nosso tempo. Não está certamente tão cansada e exausta a natureza que

47 “*Secesseram in municipium, cum mihi nuntiatum est Cornutum Tertullum accepisse Aemiliae viae curam*”.

48 “*Si quando urbs nostra liberalibus studiis floruit, nunc maxime floret*”.

49 “*Scio quanto opere bonis artibus faveas, quantum gaudium capias, si nobiles iuvenes dignum aliquid maioribus suis faciant*”.

já não produza algo de louvável” (6.21.1⁵⁰); “Ó! a fama de tantos eruditos é ocultada e roubada ou por sua própria modéstia ou por sua quietude! Nós, porém, tememos, quando estamos para discursar ou recitar alguma coisa, apenas os que expõem sua cultura, quando, na verdade, aqueles que se calam os ultrapassam largamente, pois reconhecem, com seu silêncio, o mais elevado dos labores” (7.25.1⁵¹).

Observando a recorrência desse tipo de introdução, percebe-se que a missiva laudatória não se apresenta ao leitor da mesma maneira que a maioria das cartas da obra, caracterizada pelo uso abundante de aberturas estilizadas (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 6-10; GUILLEMIN, 1929, p. 145). Os inícios estilizados, de acordo com Guillemín (1929, p. 11), causam um efeito de naturalidade na prosa epistolar. De fato, esse tipo de frase inicial reforça a existência de um interlocutor – pela presença frequente de verbos em segunda pessoa – e de um diálogo epistolar constante – pois indica que o destinatário pediu algo ou enviou uma carta anteriormente. Essa é uma ambientação que não ocorre em contexto das cartas laudatórias. O elogio não aparece como algo esperado pelo interlocutor ou como parte de uma conversa já estabelecida, mas sim como um texto de caráter fortemente expositivo e no qual a presença de um correspondente fica em segundo plano a maioria do tempo.

Em virtude dessa tendência, concordamos, ainda que parcialmente, com a visão de Casquero (1983, 400-401), ao afirmar que, nas cartas de Plínio,

[...] a base fundamental de toda epístola – a relação entre autor e destinatário – desaparece por completo. Entenda-se: não é que Plínio não escreva a uma pessoa determinada, mas sim que a relação estabelecida com ela é totalmente fictícia [...]. Plínio não pensa no destinatário, mas sim no público expectador ou leitor.

50 “*Sum ex iis qui mirer antiquos, non tamen – ut quidam – temporum nostrorum ingenia despicio. Neque enim quasi lassa et effeta natura nihil iam laudabile parit*”.

51 “*O quantum eruditorum aut modestia ipsorum aut quies operit ac subtrahit famae! At nos eos tantum dicturi aliquid aut lecturi timemus, qui studia sua proferunt, cum illi qui tacent hoc amplius praestent, quod maximum opus silentio reverentur*”.

Não acreditamos, de fato, que a relação entre emissor e destinatário desapareça completamente da prosa epistolar de Plínio, uma vez que há, no decorrer da obra, cartas em que o destinatário é inscrito de maneira mais ativa no texto, reforçando-se o aspecto dialógico e de correspondência real (Plínio, *Epistulae*, 1.3, 1.5, 1.11, 2.2, 2.8, 7.21, 8.13). Todavia, como mostra a análise dos textos, a relação entre os correspondentes está colocada em segundo plano, especialmente quando se trata das cartas laudatórias. A maneira por que Plínio elabora sua relação com os correspondentes possui, por isso, características comparáveis tanto à produção de Cícero quanto à de Sêneca, seus principais predecessores na prosa epistolar.

Por um lado, considerando a afirmação de Casquero a respeito de uma ficcionalidade das cartas, a obra pliniana, ao construir um texto elaborado com vistas à publicação e cujo remetente, portanto, participa de uma correspondência quase fictícia, relaciona-se mais proximamente à prática epistolográfica de Sêneca⁵². De fato, nas cartas laudatórias, o conteúdo desenvolvido parece querer atingir um público mais amplo, e não apenas o destinatário. Por outro lado, diferentemente do que ocorre na epistolografia senequiana, as cartas de Plínio não são enviadas a um único indivíduo e são resultado de uma correspondência real do autor com muitos de seus contemporâneos. Nesse ponto, percebe-se a influência da obra epistolar de Cícero. Na epistolografia ciceroniana, os correspondentes têm um papel mais ativo em relação à composição da obra. Além de o autor inscrevê-los mais em seus textos, ao aplicar diferentes conteúdos, tons do discurso e modalidades de linguagem para os diferentes receptores (ANTÓN, 1996, p. 119; EDWARDS, 2005, p. 272), a própria coleção das cartas, publicadas postumamente, segue como critério, em geral, a divisão por destinatário. Essa pluralidade é o que mantém o aspecto de correspondência autêntica da obra epistolar de Cícero, algo que também ocorre na obra pliniana.

Se, por um lado, as cartas mostram que esses textos elogiosos não foram, de nenhum modo, solicitados pelos correspondentes e nem fazem parte de algum assunto já em processo no interior da própria correspondência, por outro, o autor

52 Como afirma Edwards (2005, p. 277) a respeito da obra senequiana: “Enquanto alguns estudiosos têm procurado ver as cartas como correspondência genuína [...], a maioria agora concorda que as cartas produzem mais sentido se vistas como um projeto filosófico, endereçado a um destinatário específico, mas escrito com um ‘leitor externo’ em mente”.

se preocupa em apresentar os elogios a partir de alguma motivação de caráter cotidiano, cuja função parece ser preservar, de alguma maneira, o aspecto de conversação e comunicação pessoal e privada dos textos. Nas missivas, os elogios são apresentados ou como fruto de uma amizade já constituída e de uma admiração progressiva que o missivista deseja reforçar (Plínio, *Epistulae*, 1.10, 2.22) ou como resultado de um recente encontro de Plínio com aquela pessoa, o qual o autor decide comunicar a outros (2.3, 4.27, 5.17, 6.11, 6.21, 6.26, 6.25). Algumas vezes, ocorrem os dois (1.16, 5.14, 8.12, 9.22).

Já na introdução de suas epístolas, Plínio elenca alguns argumentos para justificar além do envio da carta, o elogio que fará. Essa necessidade de se justificar pode estar ligada a uma visão negativa que o elogio poderia ter em contexto romano (Cícero, *De oratore*, 2.41-69). O próprio Plínio (*Epistulae*, 7.18) revela ter recebido críticas por elogiar frequentemente seus amigos, das quais se defende afirmando ser esta uma amostra do afeto que tem por eles (7.18.3). Desse modo o missivista parece também querer captar a benevolência de seus leitores para que apreendam o texto a partir de seu caráter mais íntimo e cotidiano, o que evidencia uma similaridade entre a introdução do texto epistolar de Plínio e o exórdio (ou proêmio) retórico.

Tendo como objetivo preparar e predispor a audiência para o discurso que vai ser realizado (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 4.1.5), o exórdio tem como figura principal aquele que emite o discurso. É a imagem positiva desse emissor que, muitas vezes, garante que o discurso será bem recebido (4.1.6). Na epistolografia, essa formulação ganha ainda mais importância, uma vez que: “As cartas foram não só um meio de comunicar informações, mas um meio de criar e circular um ‘eu’ textualizado” (EBBELER, 2001, p. 1). Nas treze cartas laudatórias analisadas, a principal imagem formada na introdução dos textos é, portanto, a do próprio Plínio. Tal representação é realizada a partir das conexões de amizade e da frequente participação de Plínio em recitações. Em 1.10.2, 1.22.1, 6.26.2, 5.14.2, 9.22.1, por exemplo, o autor destaca as ligações antigas de amizade que mantém com seus elogiados; já em 1.16.2, 2.3.1, 4.27.1, 5.17.1, 6.11.1, 6.21.2, 8.12.1, ele informa ter participado de algum tipo de auditório. A imagem criada é de um homem intensamente preocupado com seus amigos e com a vida cultural da *Vrbs*.

Nas cartas em que há inícios sentenciosos (Plínio, *Epistulae*, 1.10, 5.17, 6.21, 7.25), a similaridade com os proêmios oratórios fica ainda mais evidente. De acordo

com Aristóteles (*Retórica*, 1415b), no exórdio dos discursos do tipo epidítico, “é necessário fazer o ouvinte pensar que partilha do elogio, ou ele próprio, ou a sua família ou o seu modo de vida, ou pelo menos algo desse tipo”. Nas cartas de Plínio, o missivista se aproxima do interlocutor por meio do envolvimento com a produção literária do período. Isso fica bastante evidente em 1.22 e 5.17:

O que me atormenta é a longa e demorada doença de Tício Aristo, alguém que eu admiro e amo de modo especial. Não há nada mais sério, mais nobre ou mais douto que ele, de modo que, para mim, não é apenas um homem, mas a própria literatura e todas as boas artes que, em um só homem, parecem correr o mais alto risco (Plínio, *Epistulae*, 1.22.1⁵³).

Conheço com quanto empenho você encoraja as artes liberais, quanta alegria alcança se os jovens nobres fazem algo digno de seus antepassados (Plínio, *Epistulae*, 5.17.1⁵⁴).

Nessas missivas, Plínio reforça, mais uma vez, seu pertencimento a um círculo de homens profundamente interessados no crescimento das artes liberais do período. O argumento para o elogio é atribuído não apenas a uma admiração pessoal do missivista, mas a algo que interessa – ou deveria interessar – a todos: as artes liberais e a própria literatura.

A construção de uma imagem positiva de si não se limita, nas cartas elogiosas de Plínio, ao momento da introdução; ela aparece também, com frequência, no encerramento das missivas. De modo geral, logo após tecer os elogios sobre a pessoa que é o assunto da carta, o autor torna a falar de si. Tal atitude, é claro, pode ser considerada um movimento natural e próprio do gênero epistolar, cuja função mais básica é dar notícias do emissor. Plínio, no entanto, faz isso de modo a relacionar

53 “*Perturbat me longa et pertinax valetudo Titi Aristonis, quem singulariter et miror et diligo. Nihil est enim illo gravius sanctius doctius, ut mihi non unus homo sed litterae ipsae omnesque bonae artes in uno homine summum periculum adire videantur*”.

54 “*Scio quanto opere bonis artibus faveas, quantum gaudium capias, si nobiles iuvenes dignum aliquid maioribus suis faciant*”.

sua própria imagem ao elogio que acabou de realizar. Um exemplo dessa atitude de Plínio está na carta 1.10. Após efetuar o elogio a Eufrates, um filósofo de origem Síria, o missivista se questiona:

Por que, aliás, estou eu falando tantas coisas sobre um homem com quem não me é permitido conviver? Acaso é para que mais eu me angustie por não poder? De fato, estou ocupado com meu trabalho, tanto o mais ilustre, como o mais desagradável. Sento diante do tribunal, assino registros, preparo tabuinhas, escrevo várias, mas muitíssimo indoutas cartas. Costumo alguma vez – isso ocorre, de fato, ocasionalmente – inquirir a Eufrates sobre essas ocupações. Ele me encoraja e ainda afirma ser essa uma parte, talvez a mais bela, da filosofia: conduzir os negócios públicos, saber julgar, promover e exercer a justiça, coisas que eles mesmos ensinam a praticar. Apenas isso, no entanto, a mim não convence que mais valha fazer estas coisas que gastar todos os dias ouvindo e aprendendo com ele (Plínio, *Epistulae*, 1.10.9-11⁵⁵).

Há, nesse trecho, um embate de argumentos. Todo o elogio da carta 1.10 está concentrado na atuação intelectual de Eufrates. Trata-se, portanto, de um louvor a alguém que se dedica ao ócio ligado a práticas intelectuais (*studia*). Logo em seguida, porém, Plínio muda de assunto e passa a falar que ele mesmo tem estado muito ocupado com as obrigações de seu cargo público (*negotia*). Instaure-se, assim, certa oposição *negotia* vs. *studia*, da qual a atuação pública de Plínio sairia menos valorizada se o leitor considerasse apenas o elogio feito a Eufrates. O próprio Plínio, no entanto, reconcilia essas duas instâncias de atuação ao afirmar que o próprio Eufrates valoriza o envolvimento com os negócios públicos. Desse modo, Plínio cria para si mesmo

55 “*Quamquam quid ego plura de viro quo mihi frui non licet? An ut magis angar quod non licet? Nam dstringor officio, ut maximo sic molestissimo: sedeo pro tribunali, subnoto libellos, conficio tabulas, scribo plurimas sed illitteratissimas litteras. Soleo non numquam – nam id ipsum quando contingit! – de his occupationibus apud Euphraten queri. Ille me consolatur, affirmat etiam esse hanc philosophiae et quidem pulcherrimam partem, agere negotium publicum, cognoscere iudicare, promere et exercere iustitiam, quaeque ipsi doceant in usu habere. Mihi tamen hoc unum non persuadet, satius esse ista facere quam cum illo dies totos audiendo discendoque consumere*”.

a imagem de um cidadão ideal, que está envolvido, ao mesmo tempo, com as causas públicas e com a produção intelectual – filosófica – do período.

Um procedimento similar é adotado na carta 1.16, quando, após elogiar longamente as habilidades literárias, tanto em prosa quanto em verso, de Pompeio Saturnino, o missivista se posiciona como um consumidor constante e mesmo imitador dessa literatura que elogia: “Por isso, ele está comigo o dia todo: é o mesmo antes que eu escreva, é o mesmo quando eu já escrevi, é o mesmo até quando estou descansando, mas não o leio sempre como o mesmo” (Plínio, *Epistulae*, 1.16.7⁵⁶). Também na epístola 5.17, Plínio se apresenta não apenas como consumidor, mas sim incentivador da produção literária:

[...] terminada a recitação, beijei o jovem muito e longamente e, porque é a mais penetrante forma de aconselhar, incentivei-o com meus elogios para que continuasse aquilo que havia começado e para que transferisse aos seus descendentes a chama que seus antepassados haviam transferido para ele (Plínio, *Epistulae*, 5.17.4⁵⁷).

Após essa breve mudança de foco em que o missivista fala um pouco a respeito de si mesmo, o encerramento das cartas de elogio se dá pela interpelação aos interlocutores. Nas cartas laudatórias, é o momento em que o texto se torna, de algum modo, mais dialógico, uma vez que, excetuando a fórmula de saudação, os destinatários raramente são evocados – por meio de verbos em segunda pessoa, o uso do pronome *tu* ou alguma interpelação mais direta, como perguntas – na introdução ou no desenvolvimento do elogio. Na carta 8.2, por exemplo, o interlocutor não está inscrito no texto em nenhum outro momento além da saudação.

Na maioria das missivas (1.10.11; 1.16.8; 2.3.7-11; 4.27.6; 6.21.5; 7.25.6; 9.22.3), a interpelação final tem por objetivo exortar o receptor para que leia, conheça, ouça ou apenas admire aquele que foi elogiado. Nas cartas 1.10, 1.16 e 7.12, Plínio faz isso

56 “*Est ergo mecum per diem totum; eundem antequam scribam, eundem cum scripsi, eundem etiam cum remittor, non tamquam eundem lego*”.

57 “[...] *recitatione finita multum ac diu exosculatus adolescentem, qui est acerrimus stimulus monendi, laudibus incitavi, pergeret qua coepisset, lumenque quod sibi maiores sui praetulissent, posteris ipse praeferret*”.

de maneira bastante objetiva, ao utilizar os verbos *hortor*, *hortor et moneo* e *suadeo*. Já em 4.27.5 e 6.21.7, o autor realiza a exortação por meio da promessa de enviar os livros dos elogiados aos destinatários. Em 5.17.6 e 6.11.1, Plínio faz o encerramento de forma um pouco mais indireta, com uma espécie de prece aos deuses para que a juventude permaneça seguindo bons exemplos. Esses fechamentos se assemelham bastante aos epílogos dos discursos epidícticos, nos quais a exortação é um lugar comum. Em 1.16.8, Plínio lança mão da comparação entre os retratos e as obras literárias para reforçar a indicação da obra do elogiado, elemento também recorrente nos epílogos de textos laudatórios (Isócrates, *Evágoras*, 73-74; Cícero, *Pro Archia*, 30):

Eu não só incentivo, mas aconselho que você também faça isso. O fato de estar vivo não deve ser um obstáculo para a obra dele. Se ele tivesse sido célebre entre aqueles que nunca vimos, acaso não procuraríamos não apenas os seus livros, mas com certeza também imagens suas? (Plínio, *Epistulae*, 1.16.8⁵⁸).

O epílogo (ou peroração) de um discurso caracteriza-se pela retomada sucinta dos argumentos (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 6.1.1-2; Aristóteles, *Retórica*, 1419b) e pelo apelo às emoções (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 4.1.28, 6.1.9). Nas cartas laudatórias, essa função é cumprida quando o missivista se dirige diretamente ao seu interlocutor de modo a persuadi-lo a também admirar aquele que é elogiado na missiva.

Um exemplo eloquente desses encerramentos está na carta 2.3.

Então, se não por qualquer outra causa, mesmo por mim, venha para escutá-lo. Acaso você nunca leu que um Garditano, movido pelo nome e pela fama de Tito Lívio, veio da mais distante parte da terra para vê-lo e, logo que o tinha visto, partiu? Contrária às artes, ignorante, desqualificada e, ainda, quase monstruosa seria a atitude de desconsiderar tamanha inteligência, em relação a qual não há nada mais agradável, nada mais belo e, finalmente, nada mais

58 “*Quod te quoque ut facias et hortor et moneo; neque enim debet operibus eius obesse quod vivit. An si inter eos quos numquam vidimus floruisset, non solum libros eius verum etiam imagines conquiremus, eiusdem nunc honor praesentis et gratia quasi satietate languescit?*”

humano. Você dirá “Tenho aqui já alguns para ler não menos loquazes”. Tudo bem, mas sempre haverá oportunidade para ler; para ouvir, não sempre. Além disso, como geralmente se diz, emociona muito mais a voz viva. É possível que as palavras que você lê sejam mais penetrantes, todavia no espírito se acomodam mais profundamente aquelas que a fala, o rosto e mesmo o gesto do orador impõem. A não ser que julguemos de fato uma mentira aquilo que se diz sobre Ésquines, que, tendo ele lido um discurso de Demóstenes para os cidadãos de Rodes, todos muito admirados, acrescentou: “Como seria se tivessem ouvido o próprio prodígio?” e tinha Ésquines, se damos crédito a Demóstenes, uma voz muito sonora. Ele [Ésquines] reconhecia que aquele mesmo que as havia composto, pronunciou muito melhor as próprias palavras. Tudo que foi dito aponta para isto: que você ouça Iseu, mesmo que apenas para que você o tenha escutado. Adeus (Plínio, *Epistulae*, 2, 3, 8-11⁵⁹).

A exortação própria dos encerramentos toma, nesse texto, proporções maiores que em outras cartas. Ela ocupa cerca de metade da extensão da missiva e configura-se quase um discurso deliberativo em que Plínio tenta convencer seu correspondente a assistir a uma declamação do retor Iseu. Nesse epílogo, Plínio desenvolve um argumento principal – “É melhor ouvir pessoalmente um grande orador que ler seus discursos” – a partir de duas anedotas: uma romana, em que um Garditano se esforça para ouvir Tito Lívio, e outra grega, em que o orador grego Ésquines reconhece que os discursos de Demóstenes são mais bem recitados pelo próprio autor. Além

59 “Proinde si non ob alia nosque ipsos, at certe ut hunc audias veni. Numquamne legisti, Gaditanum quendam Titi Livi nomine gloriaque commotum ad visendum eum ab ultimo terrarum orbe venisse, statimque ut viderat abisse? *Ἀφιλόκαλον* illitteratum iners ac paene etiam turpe est, non putare tanti cognitionem qua nulla est iucundior, nulla pulchrior, nulla denique humanior. 9. Dices: ‘Habeo hic quos legam non minus disertos.’ Etiam; sed legendi semper occasio est, audiendi non semper. Praeterea multo magis, ut vulgo dicitur, viva vox afficit. Nam licet acriora sint quae legas, altius tamen in animo sedent, quae pronuntiatio vultus habitus gestus etiam dicentis affigit; 10. nisi vero falsum putamus illud Aeschinis, qui cum legisset Rhodiis orationem Demosthenis admirantibus cunctis, adiecisse fertur: *τί δέ, εἰ αὐτοῦ τοῦ θηρίου ἠκούσατε* et erat Aeschines si Demostheni credimus *λαμπροφωνότατος*. Fatebatur tamen longe melius eadem illa pronuntiasset ipsum qui pepererat. 11. Quae omnia huc tendunt, ut audias Isaeum, vel ideo tantum ut audieris. Vale”.

disso, Plínio inclui em seu discurso um potencial contra-argumento de seu destinatário, que é o que lhe permite alongar sua argumentação, na tentativa de convencer o interlocutor. Toda essa deliberação é encerrada, ainda, de maneira bastante direta e por uma recapitulação dos argumentos – “Tudo que foi dito aponta para isto: que você ouça Iseu [...]” – que reitera o caráter de peroração quase oratória do trecho.

O modo pelo qual Plínio desenvolve a argumentação no encerramento da carta 2.3 é um exemplo eloquente da preocupação estilística do autor. Na carta, a argumentação tem um efeito bastante jocoso, uma vez que Plínio parece querer divertir-se com a própria erudição. O motivo central da carta é o elogio de Iseu, um orador profissional que, de acordo com o próprio Plínio, recita *controversiae*⁶⁰ de maneira exímia mesmo de improviso. Após elogiar o orador, referindo-se detalhadamente a cada uma das partes dos discursos – o que auxilia na demonstração do conhecimento retórico do próprio missivista –, Plínio elabora uma espécie de *suasoria* para convencer seu interlocutor, mostrando, com isso, ser tão bom orador quanto seu elogiado. Ele utiliza, ainda, nessa carta, não só termos em grego (*enthýmemata*, § 3; *héxis*, § 4; e *aphilókalos*, § 8), mas também uma citação de Demóstenes, elementos que demonstram sua aproximação com essa arte oratória e seu conhecimento da cultura ática.

Embora o encerramento da carta 2.3 seja uma exceção (em relação ao tamanho, especialmente) entre as cartas de elogio investigadas neste estudo, ela é uma demonstração bastante completa de como se configura a prosa epistolar de Plínio no que se refere aos principais aspectos linguísticos e estilísticos que indicam o caráter comunicacional da epistolografia. Por isso, partiremos dessa carta para verificar como Plínio utiliza esses recursos.

O primeiro recurso é a inserção de uma expressão que remete, de algum modo, à fala, o que ocorre em “Você dirá ‘tenho aqui já alguns para ler não menos loquazes’”. Entre as treze cartas do *corpus* deste estudo, é a única vez em que Plínio antecipa a fala de seu interlocutor, o que abre espaço para que o texto se assemelhe mais a uma conversação. Em outras epístolas, identifica-se o emprego de expressões coloquiais que reforçam, de algum modo, o caráter conversacional. É o caso do uso de

60 As *controversiae*, assim como as *suasoriae*, eram exercícios de declamação geralmente efetuados em contexto escolar. As primeiras tinham como motivo casos judiciais, já as segundas, os casos deliberativos – conferir Quintiliano (*Institutio oratoria*, 2.10).

frases mais exclamativas, como “*Queiram os deuses que eu lhe noticie tais coisas mais frequentemente*” (Plínio, *Epistulae*, 5.17.6⁶¹, grifos nossos) e “*Ó dia feliz! [...] Ó dia – vou sim repetir – feliz!* e que deve ser marcado com a mais branca das pedrinhas!” (6.11.1, 3⁶², grifos nossos), e do acréscimo de pequenos comentários, em um formato quase parentético: “*Costumo alguma vez – isso ocorre, de fato, ocasionalmente – inquirir a Eufrates sobre essas ocupações [...]. Pelo que mais ainda exorto a você, que está livre, para que quando, em breve, vier para a cidade – e, portanto, venha mais rápido por isso –, permita que ele o depure e lustre*” (1.10.10-11⁶³, grifos nossos); “*Além disso, ele produz versos tais quais meu caro Catulo e como Calvo. De verdade! como Catulo e Calvo*” (1.16.5⁶⁴, grifos nossos); “[...] percorria minhas contas rapidamente e sem vontade – *são de fato outros os papéis e outras as letras nas quais fui instruído* – e já me havia preparado para a viagem” (5.14.8⁶⁵, grifos nossos). De acordo com Arcos Pereira (2008, p. 357), o uso dessas expressões indica um caráter mais íntimo das cartas.

Mais um recurso da prosa epistolar encontrado nas missivas laudatórias de Plínio é a citação de passagens em grego, já comentada em relação à carta 2.3, mas que ocorre também na 4.27. Em 4.27.6, Plínio cita uma máxima, retirada provavelmente de Eurípides, com o objetivo de confirmar o elogio feito ao jovem poeta Sêncio Augurino. Em contexto epistolográfico, as citações em grego podem ser classificadas em pelo menos três tipos: técnicas, em que se empregam os termos de alguma ciência (medicina, filosofia ou gramática, por exemplo); palavras que não possuem tradução em latim; e citações de autores (ANTÓN, 1996, p. 121). Em Plínio, ocorrem principalmente as deste último tipo.

Outra questão estilística importante para a compreensão da prosa epistolar pliniana é a brevidade. De acordo com Zeiner-Carmichael (2014, p. 5), a discussão

61 “*Di faciant ut talia tibi saepius nuntiem*”.

62 “*O diem laetum! [...] O diem – repetam enim – laetum notandumque mihi candidissimo calculo*”.

63 “*Soleo non numquam – nam id ipsum quando contingit! – de his occupationibus apud Euphraten queri [...]. Quo magis te cui vacat hortor, cum in urbem proxime veneris – venias autem ob hoc maturius –, illi te expoliendum limandumque permittas*”.

64 “*Praeterea facit versus, quales Catullus meus aut Calvus, re vera quales Catullus aut Calvus*”.

65 “[...] *rationes legebam invitus et cursim – aliis enim chartis, aliis sum litteris initiatus –, coeperam etiam itineri me preparar*”.

sobre a extensão das cartas é, na verdade, quase um lugar comum entre os autores que se dispõem a escrever no gênero epistolográfico:

O comprimento é um tema repetido entre os teóricos antigos e missivistas: a brevidade é a expectativa convencional, talvez desenvolvida a partir de considerações de ordem prática pelo alto custo dos materiais de escrita, especialmente o papiro, e pela função original das cartas, que é comunicar mensagens breves (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 5).

Ainda que a brevidade seja o esperado, ela não é consenso, mesmo entre os autores latinos. Cícero algumas vezes pede desculpas por escrever uma epístola muito breve (Cícero, *Ad Atticum*, 2.20.3; *Ad familiares*, 3.2, 9.11.2) e, em outras, queixa-se da brevidade do correspondente (*Ad Atticum*, 6.9.1; *Ad familiares*, 9.24.1), o que demonstra certa preferência do autor por epístolas de maior extensão. Sêneca, por sua vez, defende a brevidade como característica própria do gênero, ao corrigir-se por estar escrevendo uma carta longa demais (Sêneca, *Epistulae*, 45.13). Plínio, em seu turno, posiciona-se em relação ao assunto em pelos menos duas ocasiões. Na primeira, como parte do conselho dado a Fusco Salinator sobre a melhor rotina de estudos, o missivista afirma que a escrita de cartas auxilia na aquisição de uma expressão mais concisa (*pressus*) e correta (*purus*) (Plínio, *Epistulae*, 7.9.8). Na segunda ocasião, dedica uma epístola inteira ao assunto (9.2) e defende sua preferência pela brevidade por meio de uma *recusatio* ao estilo ciceroniano. Nessa epístola, Plínio afirma que Sabino, o destinatário do texto, lhe tem solicitado uma correspondência mais frequente e cartas mais extensas. O missivista, todavia, afirma possuir não só menos talento que Cícero, a quem Sabino o teria comparado, como também menos assuntos.

Essa *recusatio* de Plínio possui um aspecto duplo. Por um lado, o autor esclarece que suas próprias epístolas são mais breves, seja por uma questão prática – em 9.2.1, ele afirma estar sem tempo para escrever e que também imagina que seu destinatário não tenha tempo livre para ler –, seja por uma questão estilística – ele não possui o mesmo talento que Cícero (Plínio, *Epistulae*, 9.2.2). Por outro, fica implícita a valorização de um estilo mais prolixo de escrita epistolar, no qual apenas supõe ser incapaz de escrever. O que o conjunto de suas cartas demonstra, contudo, é uma maior inclinação pelo estilo breve. Nas epístolas laudatórias, o texto não ultrapassa

a extensão de doze parágrafos (1.10; 1.22) e utiliza no mínimo três (4.26, 9.22). As cartas mais longas do conjunto dos livros 1-9 são 3.9, uma explicação detalhada do processo judicial dos béticos contra Cecílio Clássico (37 parágrafos) e 5.6, uma descrição minuciosa da *villa* de Plínio na Toscana (46 parágrafos).

A brevidade característica de Plínio é garantida pela utilização de frases mais curtas e com um menor número de subordinações. Para Guillemín (1929, p. 152),

O arranjo de sentença pliniana é uma das principais comodidades das cartas; por sua pouca extensão, que traz, se se pode dizer assim, os elementos para a escala do todo e faz com que tudo seja proporcional e adequado para a pequena peça que é uma carta projetada à maneira de Plínio.

A preferência por um estilo breve na obra epistolar é considerada uma escolha poética de Plínio. Guillemín (1929, p. 150) afirma que as cartas do autor são verdadeiros epigramas em prosa.

Considerando que Plínio utiliza, em sua obra, essa diversidade de recursos estruturais e estilísticos, a prosa epistolar do autor acaba por converter o ato espontâneo de conversação a distância com um amigo em um texto sofisticado e estilizado (ANTÓN, 1996, p. 122-123). É a partir dessa compreensão que se pode afirmar que Plínio adota um *posicionamento discursivo* ao *investir* no gênero epistolar e, então, tentar compreender quais as razões e implicações da escolha pela epistolografia.

De acordo com Maingueneau (2014, p. 151), o posicionamento discursivo é a

[...] construção de uma identidade enunciativa que é tanto “tomada de posição” quanto recorte de um território cujas fronteiras devem ser incessantemente redefinidas. Esses posicionamentos não são apenas doutrinas estéticas mais ou menos elaboradas; são indissociáveis das modalidades de sua existência social, do estatuto de seus atores.

O investimento genérico, por sua vez, é uma das formas de executar esse posicionamento, uma vez que, ao investir em um determinado gênero, o autor se aproxima de algumas produções e escolhas estéticas e afasta-se de outras (MAINGUENEAU, 2014, p. 167-169). Plínio opta pela publicação de suas cartas pessoais organizadas em

nove diferentes livros. Ao fazer isso, ele passa a dialogar com uma produção precedente de cartas em contexto romano, especialmente com as de Cícero e de Sêneca, uma vez que os textos estão em prosa e em formato de coleção. Ainda, em relação a essas duas produções, Plínio se aproxima sobretudo de uma tradição epistolar ciceroniana (EDWARDS, 2005, p. 279).

Como já visto, no entanto, a aproximação com a obra de Cícero, de quem Plínio se declara, em algumas ocasiões, imitador (PEREIRA, 2006, p. 81-92), é constantemente negociada. Por vezes essa negociação ocorre de forma explícita (como as declarações em 1.2, 1.5.12, e 9.2.2); em outras, são as escolhas identificadas no decorrer do texto que permitem enxergá-la. Nas treze epístolas analisadas neste estudo, algumas das escolhas são identificáveis no modo como Plínio estrutura – desde a introdução ao encerramento – seu texto, colocando o interlocutor, majoritariamente, em segundo plano, por meio do uso mais restrito de palavras e expressões que remetem à fala ou à ideia de uma conversação e mesmo por meio de uma utilização mais literária das citações em grego. Tais características afastam ou aproximam, em diferentes graus, a prosa epistolar pliniana da epistolografia de Cícero.

Não é, porém, naquilo em que se afasta de Cícero que podemos tentar compreender por que Plínio opta por escrever seus elogios a contemporâneos vivos em cartas, e não em outro gênero – como o gênero biográfico, comumente associado à eternização do nome e dos feitos de alguém –, mas sim naquilo em que ele se aproxima. Um importante ponto de contato entre os textos dos dois autores é a atenção dada por ambos à construção de uma imagem positiva de si em contexto privado, mas válida para vida pública. Em relação a Cícero, Edwards (2005, p. 273) destaca que as cartas dele podem ser lidas como

[...] instrumentos cuidadosamente forjados de autorrepresentação – ou talvez, ainda, de autopromoção. Cícero e Ático são repetidamente contrastados, para melhor delinear Cícero como uma figura pública engajada [...]. As cartas traçam mudanças na autopercepção de Cícero, ao mesmo tempo que trabalham para apresentar um retrato mais fluido e íntimo de seu autor para os leitores externos, um retrato que muitos têm achado significativamente mais atrativo do que aqueles identificáveis a partir dos discursos públicos ou escritos filosóficos [...].

A mesma autora considera que

As cartas de Plínio podem ser lidas como oferecendo um autorretrato sistemático de seu autor. A ênfase não é, no entanto, na vida interior de Plínio, mas sim na forma exemplar pela qual ele cumpre uma série de funções sociais e políticas. Através de suas cartas, ele aparece como um orador dirigente, o amigo de outros senadores dirigentes, patrono por mérito, um filantropo (note, por exemplo, suas doações para Como, *Ep.* I, 8), um proprietário de terras, homem de refinamento – e marido. Como comenta Veyne, “as cartas são e se destinam a ser um manual para o senador romano perfeito” (EDWARDS, 2005, p. 280-281).

Como se pode observar, a construção dessas imagens de si está fortemente relacionada às características próprias do gênero epistolar. Os textos epistolares podem ser considerados naturalmente portadores de representações se tivermos em vista a compreensão mais primária do termo (como uma re[a]presentação de um objeto ausente), já que o item fundamental para que o gênero se efetive é a ausência de um dos interlocutores. Uma epístola se configura, nesse sentido, como uma espécie de ponte que administra a presença-ausência. Constatando-se que todo ato discursivo envolve a formação de imagens de seus participantes (AMOSSY, 2008, p. 9), pode-se acrescentar que, em uma correspondência, o participante cuja imagem está em maior destaque é, certamente, o emissor da mensagem (EBBELER, 2001, p. 1). Nesse contexto, a utilização do gênero epistolar para formular uma imagem de si ou mesmo de outra pessoa tem como vantagem discursiva a ambientação familiar e cotidiana.

A carta é um gênero fluido, o que lhe permite cumprir muitas finalidades diferentes e chegar a muitos tipos de público, potencializando, assim, seus autores com grande liberdade de experimentação e autoapresentação. Uma vantagem excepcional do gênero epistolar é o seu potencial para a expressão autobiográfica sem o estigma ostensivo da presunção muitas vezes associada à autobiografia formal (ZEINER-CARMICHAEL, 2014, p. 6).

Uma mostra da diferença entre o autoelogio feito em contexto epistolográfico e o que é realizado fora dele é dada pelo próprio Plínio em 1.8.5-6, quando

divide com seu destinatário a preocupação a respeito de um discurso que ele – Plínio – fez na inauguração de uma biblioteca dada por ele mesmo à cidade de Como e que gostaria de publicar. Na carta, o missivista demonstra haver uma rejeição social a discursos em que alguém elogia a si mesmo e à própria família. Por outro lado, a epístola é, na verdade, uma defesa desse autoelogio realizado no discurso, ao mesmo tempo que funciona como um novo anúncio do feito elogiado. Na missiva, porém, Plínio parece realizar o louvor de seus feitos mais livremente do que o faria no discurso oratório.

Se é possível compreender que o investimento na epistolografia cria um ambiente menos hostil para a prática de um elogio de si, acreditamos que não haja um efeito diferente em relação aos louvores a contemporâneos ainda vivos, como nas treze epístolas lidas neste livro. Riggsby (1995, p. 31) resume bem essa perspectiva a respeito do investimento genérico ao afirmar que Plínio se posiciona a favor de uma tradição ciceroniana do discurso porque a força retórica de muitas de suas cartas “depende da aceitação do leitor (disposto ou não) de que elas são dirigidas ao destinatário mais que a um público geral”. Ou seja, a partir do momento que o leitor assume a autenticidade dos textos como correspondência amistosa, a imagem textual ali desenvolvida ganha maior força de persuasão. De fato, a construção de um ambiente familiar e cotidiano e, logo, aparentemente desinteressado é capaz de gerar a sensação de sinceridade.

Desse modo, Plínio apresenta, mediante o elogio, uma imagem pública de seus contemporâneos; tal imagem, porém, é veiculada por meio de um gênero literário de caráter pessoal e, portanto, originalmente privado. Mais que apenas ser o suporte para esses textos, a utilização do gênero dá sentido ao que está sendo dito, pois é, muitas vezes, o que permite que os elogios não sejam recebidos como bajulação gratuita.

Louvor aos contemporâneos: a *eloquentia* e o *ingenium*

Considerando a possível diferenciação aristotélica entre elogio e encômio (Aristóteles, *Retórica*, 1.1367b), que é, de algum modo, mantida por Cícero (*De oratore*, 2.342), o que Plínio elabora em suas cartas é, na verdade, um encômio, uma vez que seu discurso objetiva exaltar, de modo geral, alguém que realizou algo. Embora essa diferença existente entre os dois tipos de discurso de louvor não possua grande relevância

para o estudo aqui desenvolvido, retomamo-la para destacar que, ao fazer essa divisão, Aristóteles afirma a necessidade de que as exposições encomiásticas façam uso de provas para confirmar aquilo que dizem. Tal afirmação está presente, de maneira bastante clara, também na teorização de Quintiliano a respeito do tema.

Assim como o louvor que é aplicado aos negócios públicos exige provas, também aquele que é composto apenas para a exibição às vezes possui algum tipo de provas, de modo que alguém que afirme que Rômulo era filho de Marte e foi educado pela loba usará para a confirmação da origem divina os seguintes [argumentos]: que ele, tendo sido lançado na corrente de água, não pôde ser morto; que realizou todas as coisas de modo que fosse crível que ele era um nascido do deus das guerras; que os homens não duvidaram, naqueles tempos, de que ele mesmo também havia sido recebido no céu (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.7.4-6⁶⁶).

Desse modo, o discurso laudatório, assim como o deliberativo e o judiciário, requer que o emissor desenvolva uma determinada estrutura argumentativa para persuadir os receptores. Os meios de persuasão próprios dos discursos de elogio são conseguidos a partir de três tópicos principais, todos relacionados, de algum modo, ao próprio elogiado: coisas externas (ou bens da fortuna), coisas do corpo (aparência física) e o caráter (virtudes) (*Rhetorica ad Herennium*, 3.10; Cícero, *De oratore*, 2.45; Quintiliano, *Institutio oratoria*, 3.7.12). É a partir desses meios de persuasão comuns que este estudo propõe analisar aquilo que consideramos breves discursos laudatórios inseridos no texto epistolar pliniano.

Como mencionamos na análise da organização textual das cartas laudatórias de Plínio, o elogio mais direto aos contemporâneos vivos compõe a parte central do discurso epistolar, não apenas porque é nele que reside o assunto e a motivação

66 “Vt desiderat autem laus quae negotiis adhibetur probationem, sic etiam illa quae ostentationi componitur habet interim aliquam speciem probationis, ut qui Romulum Martis filium educatumque a lupa dicat in argumentum caelestis ortus utatur his, quod abiectus in profluentem non potuerit extinguui, quod omnia sic egerit ut genitum praeside bellorum deo incredibile non esset, quod ipsum quoque caelo receptum temporis eius homines non dubitaverint”.

principal da missiva em questão, mas também porque se localiza, de modo geral, no centro do texto. Desse modo, os elogios, nessas cartas, são comparáveis à *confirmatio* dos discursos oratórios, momento em que o orador elenca as provas ou argumentos que confirmam o seu discurso (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 5.Praef., 2). É justamente nesse trecho das cartas em que se pode notar um caráter mais argumentativo do texto pliniano.

Observemos, por exemplo, como Plínio desenvolve o elogio na epístola 1.10, destinada a Ácio Clemente, em que louva as virtudes do filósofo estoico Eufrates. Nessa missiva, nota-se a utilização dos recursos da oratória epidítica, especialmente no trecho dos parágrafos cinco a oito.

5. No que é dado a mim julgar, no entanto, há muitas coisas em Eufrates que de tal forma dele emanam e vertem que educam e afetam até os medianamente doutos. Ele argumenta tênue, séria e elegantemente, além disso, com frequência aplica aquela sublimidade e grandeza de Platão. Seu discurso é copioso e variado, agradável principalmente, de modo que move e conduz até mesmo os relutantes. 6. Além disso, a estatura elevada do corpo, o rosto elegante, o cabelo pendente, a barba grande e branca, que podem ser considerados [atributos] casuais e insignificantes, a ele, no entanto, acrescentam maior reverência. 7. Não há nada de rude em suas maneiras, nem de desânimo, mas muito de seriedade. Encontrando-o, você o respeitaria, não recearia. A retidão de sua vida é máxima, a delicadeza igualmente. Ele censura os vícios, não os homens, nem castiga os que erram, mas emenda. Você o acompanharia atento e cativo enquanto aconselhasse e desejaria também ser persuadido quando ele a você já tivesse persuadido. 8. Ele já tem, por certo, três filhos, dois rapazes, os quais forma com a maior dedicação. Seu sogro, Pompeio Juliano, grande e ilustre por um lado pela trajetória de vida e, por outro, ainda por este feito, pois foi, ele mesmo, príncipe de província, elegeram-o como primeiro entre as

mais altas condições de sua família, não pelas honras, mas pela sabedoria (Plínio, *Epistulae*, 1.10.5-8⁶⁷).

Primeiramente (1.10.5), Plínio elogia a inteligência e a habilidade oratória do filósofo, em virtude do modo como este constrói e expõe seu discurso. O missivista utiliza inclusive um recurso aconselhado por Cícero (*De oratore*, 3.348), que é a comparação do elogiado a outros homens notáveis, estabelecida, no caso, entre Eufrates e Platão. Em seguida (1.10.6), são louvados os atributos físicos do filósofo, relacionando-os também aos aspectos morais, especialmente à respeitabilidade (1.10.7). Por fim, o autor fala da estirpe de Eufrates, tanto em relação à descendência (os filhos) quanto em relação à ascendência – representada pelo sogro, um romano nobre, já que Eufrates provavelmente não era cidadão romano.

Na carta 1.10, as virtudes mais evidentes são a *benignitas* (benignidade) e a *continentia* (moderação; ou *temperantia*: temperança). No que se refere à benignidade, Plínio destaca, em 1.10.2, a acessibilidade do filósofo em relação aos discípulos, ressaltando que “Ele é, de fato, acessível e disposto, cheio de uma humanidade que ele mesmo ensina⁶⁸”, ideia que o autor reforça em 1.10.5, ao falar da capacidade desse sábio em se fazer entendido mesmo pelos homens de conhecimento mediano – “[...] há muitas coisas em Eufrates que de tal forma dele emanam e vertem que educam e afetam até os medianamente doutos⁶⁹” – e em convencer, usando um discurso agradável, até os

67 “5 *Quantum tamen mihi cernere datur, multa in Euphrate sic eminent et elucent, ut mediocriter quoque doctos advertant et afficiant. Disputat subtiliter graviter ornate, frequenter etiam Platoniam illam sublimitatem et latitudinem effingit. Sermo est copiosus et varius, dulcis in primis, et qui repugnantes quoque ducat impellat. 6 Ad hoc proceritas corporis, decora facies, demissus capillus, ingens et cana barba; quae licet fortuita et inania putentur, illi tamen plurimum venerationis acquirunt. 7 Nullus horror in cultu, nulla tristitia, multum severitatis; reverearis occursum, non reformides. Vitae sanctitas summa; comitas par: insectatur vitia non homines, nec castigat errantes sed emendat. Sequaris monentem attentus et pendens, et persuaderi tibi etiam cum persuaserit cupias. 8 Iam vero liberi tres, duo mares, quos diligentissime instituit. Socer Pompeius Iulianus, cum cetera vita tum vel hoc uno magnus et clarus, quod ipse provinciae princeps inter altissimas condiciones generum non honoribus principem, sed sapientia elegit”.*

68 “*Est enim obvius et expositus, plenusque humanitate quam praecipit*”.

69 “*multa in Euphrate sic eminent et elucent, ut mediocriter quoque doctos advertant et afficiant*”.

ânimos mais difíceis: “Seu discurso é copioso e variado, agradável principalmente, de modo que move e conduz até mesmo os relutantes⁷⁰”.

A *continentia*, por sua vez, fica evidente na descrição que Plínio faz de Eufrates tanto em relação ao seu estilo de discurso, ao afirmar que o filósofo é, ao mesmo tempo, tênue e grave (Plínio, *Epistulae*, 1.10.5), quanto em relação a sua moral e ao modo como lida com os discípulos, momento em que descreve Eufrates física e moralmente como um homem sério e venerando, porém agradável (1.10.7). Considerando o conjunto desses elementos e partindo da compreensão de que subjaz no louvor a Eufrates um enaltecimento das virtudes desejáveis nos homens (Eufrates é evocado, no texto de Plínio, como *exemplum*), Plínio não está construindo apenas a imagem desse filósofo específico, mas o perfil exemplar de intelectual desejável para ele e para sua época.

Argumentação similar é notada nas demais cartas que compõem nosso *corpus* de leitura. Em vista das dimensões e dos objetivos deste estudo, optou-se por não apresentar, neste texto, uma análise estrutural e argumentativa detalhada de cada uma das treze missivas. O que desenvolvemos aqui é a leitura das cartas em conjunto, tendo como ponto de partida os elementos argumentativos que compõem os discursos epidícticos (coisas externas, coisas do corpo e o caráter). É o exame desses elementos que permite entender como Plínio estrutura seu discurso epidíctico no interior dos textos epistolares e de que maneira essa estruturação colabora para uma representação de seus contemporâneos. Para uma visualização mais individualizada das treze missivas analisadas, sugerimos a consulta dos apêndices ao final do livro.

Mencionamos, anteriormente, a ideia de que as imagens criadas nos textos se assemelham, em algum grau, aos retratos ou às esculturas. Tal metáfora, recorrente nas próprias produções laudatórias antigas, pode deixar a impressão de que, no discurso de elogio, a aparência física tem um papel central para permitir que o leitor formule uma imagem mental daquele que está sendo descrito. Paradoxalmente, Plínio raras vezes se interessa em descrever a aparência de seus elogiados nas epístolas. Com exceção da carta sobre Eufrates (Plínio, *Epistulae*, 1.10) e de um breve comentário sobre a voz e o rubor do rosto de Calpúrnio Pisão (5.17.3), Plínio não utiliza os bens do corpo como um argumento para seus elogios. E mesmo no texto sobre esses dois personagens, a menção ao aspecto físico está fortemente ligada a um contexto moral:

70 “*Sermo est copiosus et varius, dulcis in primis, et qui repugnantes quoque ducat impellat*”.

Além disso, a estatura elevada do corpo, o rosto elegante, o cabelo pendente, a barba grande e branca, que podem ser considerados [atributos] casuais e insignificantes, a ele, no entanto, acrescentam maior reverência (Plínio, *Epistulae*, 1.10.6⁷¹). Ele valorizava essas coisas por meio da voz mais suave, e sua voz, por meio de sua inibição: havia em seu rosto grande rubor e grande cuidado, grandes ornamentos para quem recita. Realmente desconheço por qual razão o receio, mais que a segurança, se ajusta aos homens dos estudos (Plínio, *Epistulae*, 5.17.3⁷²).

Para Plínio, a barba, assim como a altura, a elegância do rosto e os cabelos longos destacam não a beleza, mas a seriedade e a reverência filosófica de Eufrates, e o rubor de Calpúrnio Pisão é uma mostra física da *modestia* desse jovem e de seu respeito pelos ouvintes. Para Leach (1990, p. 20) a razão de Plínio não utilizar os elementos físicos como um argumento recorrente em suas cartas “não é difícil de conjecturar, e, na verdade, o próprio Plínio fornece, muitas vezes, a razão: rostos, aparências físicas não são indicadores confiáveis de caráter”. De fato, Plínio esclarece isso em uma de suas cartas laudatórias. Ao falar do jurista Tício Aristo, o autor afirma que,

Diante disso, dificilmente você conseguirá comparar a este homem qualquer um daqueles que ostentam sua dedicação à sabedoria pela forma física. Ele realmente não frequenta os ginásios ou os pórticos, nem usufrui o seu tempo livre ou o dos outros com longas controvérsias, mas ocupa-se com a toga e os negócios e ajuda muitos com a assistência jurídica e outros muitos com seu conselho (Plínio, *Epistulae*, 1.22.6⁷³).

71 “*Ad hoc proceritas corporis, decora facies, demissus capillus, ingens et cana barba; quae licet fortuita et inania putentur, illi tamen plurimum venerationis acquirunt*”.

72 “*Commendabat haec voce suavissima, vocem verecundia: multum sanguinis, multum sollicitudinis in ore, magna ornamenta recitantis. Etenim nescio quo pacto magis in studiis homines timor quam fiducia decet*”.

73 “*In summa non facile quemquam ex istis qui sapientiae studium habitu corporis praeferunt, huic viro comparabis. Non quidem gymnasia sectatur aut porticus, nec disputationibus longis aliorum otium suumque delectat, sed com in toga negotiisque versatur, multos advocacione plures consilio iuvat*”.

Plínio condena o investimento na aparência de filósofo como um modo de falsear a verdadeira sabedoria, ao comparar o comportamento modesto de Aristo ao dos filósofos estoicos (pórticos) e dos retores profissionais (ginásio) (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 138).

Se não é, portanto, na aparência que Plínio busca os argumentos para elogiar seus contemporâneos, a afirmação de Leach assim como a própria carta 1.22 levam a crer em uma preocupação maior desse missivista com o caráter. É, de fato, a partir da descrição moral que alguns dos textos de sua correspondência estruturam os argumentos dos louvores. Os exemplos mais completos de elogios baseados nas virtudes morais são as cartas 1.22, 5.14 e 6.26.

Na missiva 1.22, em que Plínio elogia Tício Aristo, que tinha estado adoentado, um dos principais argumentos elencados é a modéstia desse jurista romano, expressa não só nas atitudes do elogiado, mas na própria habitação.

Além disso, há tanta simplicidade em seu modo de vida, tanta modéstia em seus hábitos! Costumo considerar seu próprio quarto e sua própria cama como uma imagem da sobriedade antiga. O que embeleza essas coisas é a grandeza de seu caráter, que ele mantém não pela exibição, mas sim pelo senso moral. Certamente não é na opinião da população que ele busca as recompensas por suas ações, mas sim no próprio feito (Plínio, *Epistulae*, 1.22.4-5⁷⁴).

Além de simplicidade, Plínio atribui a esse jurista as outras duas virtudes cardinais, justiça e coragem, e uma virtude tipicamente romana, *pietas*: “Ele não perderia em integridade, respeito, justiça, coragem ou, ainda, primazia para ninguém” (Plínio, *Epistulae*, 1.22.7⁷⁵). Como argumenta Stadler (2010, p. 104), a *pietas* forma, juntamente com a *clementia*, a *iustitia* e a *virtus*, o conjunto das virtudes augustas romanas⁷⁶. Para esse autor, algo que define a particularidade da *pietas* é que “ela não

74 “*Ad hoc quam parvus in victu, quam modicus in cultu! Soleo ipsum cubiculum illius ipsumque lectum ut imaginem quandam priscae frugalitatis adspicere. Ornat haec magnitudo animi, quae nihil ad ostentationem, omnia ad conscientiam refert recteque facti non ex populi sermone mercedem, sed ex facto petiit*”.

75 “*Nemini tamen istorum castitate pietate, iustitia, fortitudine etiam primo loco cesserit*”.

76 Conferir também Pereira (1990, p. 328-332).

entra no rol das glórias pessoais, mas é ostentada por aqueles que cumprem deveres com os outros” (STADLER, 2010, p. 104-105). Nesse sentido, destaca-se o fato de que, diferentemente de Eufrates, Aristo é alguém descrito por Plínio como uma pessoa ligada aos negócios públicos, mais especificamente à prática jurídica. Pelas virtudes elencadas, o missivista nos fornece a imagem de um homem envolvido com as atividades públicas e praticante de ações voltadas para o bem comum.

Outra carta destinada ao louvor de alguém envolvido principalmente com a atuação em cargos públicos é a 5.14, em que Plínio elogia Cornuto Tértulo, seu companheiro no consulado durante o ano 100 d.C. (Plínio, *Epistulae*, 5.14.5). No texto, que objetiva comemorar a nomeação de Cornuto como curador da Via Emília e que se estrutura por meio de uma intensa comparação entre a carreira de Plínio e a do elogiado, as virtudes são enumeradas de forma menos explícita. Na verdade, destaca-se apenas uma menção mais clara a esse respeito:

Não é, de fato, mais satisfatório elevar-se em título que ser equiparado a um homem excelente. Pois quem seria melhor do que Cornuto, quem mais íntegro, ou um *exemplo mais claro de todos os tipos das louvadas virtudes antigas*? Porque eu o conheço não pela fama, da qual, advinda de outros, a mais merecida e mais excelente, ele desfruta, mas sim de uma prolongada e copiosa experiência (Plínio, *Epistulae*, 5.14.3⁷⁷, grifo nosso).

Plínio define as virtudes de Cornuto de maneira ampla como sendo aquelas louváveis nos antigos. Para Sherwin-White (1998, p. 207), essa *antiquitas* se refere a um conjunto de virtudes e maneiras próprio de provinciais italianos e é usada para se referir a outros personagens, como Erúcio Claro e Vestrício Espurina, definidos como *sancti et antiqui* (Plínio, *Epistulae*, 2.9.4, 3.1.6). Esse tipo de elogio, portanto, está voltado para os homens mais velhos apresentados como modelos seguidos pelo próprio Plínio. O restante da epístola se dedica a demonstrar que Cornuto ocupou, dignamente, vários cargos de administração pública.

77 “*Neque enim augeri dignitate quam aequari bonis gratius. Cornuto autem quid melius, quid sanctius, quid in omni genere laudis ad exemplar antiquitatis expressius? quod mihi cognitum est non fama, qua alioqui optima et meritissima fruitur, sed longis magnisque experimentis*”

Outra epístola em que a argumentação baseada nas características morais está em maior evidência é a 6.26. Nessa missiva, Plínio felicita brevemente Júlio Serviano pelo casamento de sua filha com Fusco Salinator. Em uma estrutura marcada pelo grande poder de síntese de Plínio e pela utilização de uma série de orações trimembres, o autor define Salinator a partir de três argumentos principais: a origem familiar, a prática intelectual e as virtudes morais.

Sua família é patricia, o pai honestíssimo e a mãe digna de igual louvor; ele mesmo, um estudioso, literato e loquaz; menino por sua simplicidade, em amabilidade um jovem e um senhor por sua seriedade (Plínio, *Epistulae*, 6.26.1⁷⁸).

No que diz respeito às virtudes, novamente Plínio elenca a simplicidade como uma característica importante (como também ocorre em 1.22 – modéstia). O que se destaca nessa missiva, no entanto, é a seriedade (*gravitas*). De acordo com Pereira (1990, p. 343), a *gravitas* designa o comportamento do homem público investido de *dignitas*, associando-se, por isso, aos homens versados nas práticas públicas e, em geral, mais velhos. Salinator, todavia, é, de acordo com Birley (2000, p. 19), “um jovem membro de uma família senatorial”. Plínio recorre então a uma virtude própria de homens mais velhos para elogiar alguém ainda jovem e no início da carreira pública. Considerando que uma das funções do elogio é o conselho (Aristóteles, *Retórica*, 1368a), mais que apenas descrever Salinator, Plínio parece aconselhá-lo a buscar as virtudes louvadas nos antigos, ao mesmo tempo que, por atribuí-las a ele, torna-o exemplo para outros jovens.

Além da demonstração a partir do caráter, Plínio utiliza, nessa epístola, argumentos relacionados aos bens da fortuna: o elogio à estirpe e o elogio à capacidade

78 “*Domus patricia, pater honestissimus, mater pari laude; ipse studiosus litteratus etiam disertus, puer simplicitate comitate iuvenis senex gravitate*”.

literária⁷⁹. Entre as treze cartas de elogio analisadas, o elogio à estirpe acontece apenas em 6.26.1, 1.10.8 e 5.17.5. Seu efeito argumentativo, de modo geral, é a legitimação da romanidade dos elogiados. O elogio à capacidade literária, no entanto, é a argumentação mais recorrente nas treze cartas laudatórias.

O que denominamos aqui capacidade literária não foi um argumento elogioso teorizado com muita frequência nos textos antigos. Considerando a tradição romana, encontram-se menções ao uso desse recurso nos elogios apenas em Cícero, em dois trechos do *De oratore*. No primeiro, o orador enumera o *ingenium* – “engenho”, “competência” ou “habilidade técnica inata” (MARTINS, 2009, p. 26) – como um dos bens da fortuna; no segundo, Cícero apresenta certa capacidade na reflexão (*ingenium exco-gitando*) e a *eloquentia* como virtudes possíveis de serem louvadas.

A sabedoria e a magnanimidade, pela qual todos os casos humanos são considerados insignificantes e de nenhum valor, bem como certo poder de inteligência na reflexão e a própria eloquência causam igual admiração, mas não tão grande prazer: é que parecem honrar e defender antes aqueles a quem louvamos que aqueles perante os quais os louvamos. Ainda assim, também esses tipos de virtudes devem ser associados quando se louva, pois os ouvidos humanos toleram que se louve não apenas o que é prazeroso e grato, mas também o que é agradável na virtude (Cícero, *De oratore*, 2.344. Tradução Adriano Scatolin).

Embora a teorização sobre o uso desse tipo de evidência para a confirmação dos louvores seja escassa, nas treze missivas analisadas, o espaço concedido a esse tipo de argumento é bastante vasto. Nas três cartas enumeradas até aqui (1.22, 5.14 e 6.26), aparecem apenas breves menções às capacidades intelectuais como parte da argumentação mais ampla das virtudes dos elogiados. No decorrer da correspondência

79 De acordo com a *Retórica a Herênio* (3.10), os bens da fortuna (ou coisas externas) “são aqueles que podem acontecer por obra do acaso ou da fortuna [...], ascendência, educação, riqueza, poder, glória, cidadania, amizades [...]” (“*sunt e aquae casu aut fortuna secunda [...], genus, educatio, divitiae, potestates, gloria, civitas amicitia [...]*”). Para Cícero (*De oratore*, 2.45), “tais são os de estirpe, dinheiro, parentes, amigos, recursos, saúde, beleza, forças, engenho e demais coisas que são do corpo ou externas” (“[...] *ea sunt generis, pecuniae, propinquorum, amicorum, opum, valetudinis, formae, virium, ingeni et ceterarum rerum, quae sunt aut corporis aut extraneae*”).

pliniana, todavia, o elogio à habilidade oratória e/ou literária se torna não apenas um complemento do louvor às virtudes morais, mas o elemento principal do discurso epidítico e, algumas vezes, parece quase se tornar o próprio objeto de elogio. É com base nessas reflexões de Cícero e na frequência desse tipo de elogio que pensamos as características intelectuais *studiosus*, *litteratus* e *disertus*, atribuídas a Fusco Salinator na carta 6.26.1, como um elemento importante da argumentação laudatória de Plínio. Entendemos que as noções de *ingenium* e *eloquentia*, mencionadas por Cícero, podem ser aplicadas nos discursos epidíticos desenvolvidos por Plínio em suas cartas como virtudes de seus elogiados, que são manifestas por meio das habilidades (e mesmo obras) oratórias e/ou literárias (na poesia ou na prosa) desses indivíduos.

Para que se compreenda melhor o papel que a argumentação baseada no *ingenium* e na *eloquentia* executa no interior das treze cartas laudatórias de Plínio, pode-se dividi-las em três grupos distintos pelo grau de abrangência que esses argumentos ocupam em cada carta: a) textos em que as capacidades literárias ou oratórias possuem pouca ou nenhuma menção (Plínio, *Epistulae*, 1.22, 5.14 e 6.26); b) cartas em que a eloquência (não apenas oratória, mas literária) funciona como um dos argumentos para louvar um indivíduo (1.10, 6.11 e 8.12); e c) missivas em que quase toda a argumentação está pautada nas habilidades oratórias ou literárias do elogiado (1.16, 2.3, 4.27, 5.17, 6.21 e 9.22). Há apenas uma carta que não se adequa à divisão proposta. Trata-se da 7.25, cujo argumento principal do elogio não está no *ingenium* ou na *eloquentia*, mas sim na educação do elogiado, que é, na divisão da *confirmatio* laudatória, um dos bens da fortuna. Ainda que não possa ser incluído entre essas categorias propostas, o elogio efetuado por Plínio em 7.25 reforça a tendência geral da obra em valorizar os homens a partir da sua ligação com as atividades intelectuais do período (*studia*).

Sobre o primeiro grupo, as questões principais já foram demonstradas durante o exame dos argumentos desenvolvidos a partir do caráter nas missivas 1.22, 5.14 e 6.26. Como visto, esse conjunto é formado por textos em que Plínio louva um de seus contemporâneos utilizando majoritariamente argumentos relacionados à moral dos indivíduos, o que inclui um determinado conjunto de virtudes: modéstia, simplicidade, justiça, coragem, respeito e seriedade. Em relação ao segundo grupo, a carta 1.10, sobre o filósofo Eufrates, também já foi brevemente comentada. Resta,

porém, demonstrar de que modo Plínio desenvolve sua argumentação nas epístolas 6.11 e 8.12.

A carta 6.11 louva os dois jovens advogados romanos Fusco Salinator e Umídio Quadrato. Todo o elogio propriamente dito está concentrado no quarto parágrafo da carta e tem como argumentos gerais primeiramente a moral – “admirável integridade, firmeza sadia, comportamento adequado” (*probitas, constantia salva, decorus habitu*) – e, em seguida, a habilidade oratória, que pode ser sistematizada da seguinte forma: a) correção da linguagem (*os Latinum*); b) a virilidade da eloquência (*vox virilis*); c) a tenacidade da memória (*memoria tenax*); d) um grande engenho (*magnum ingenium*); e e) a equidade do julgamento (*iudicium aequale*). Nessa carta, o elogio feito à capacidade oratória dos indivíduos é realizado logo em seguida à enumeração das qualidades morais. Note-se que Plínio subdivide os elogios a essa capacidade enumerando as virtudes próprias de diferentes elementos que compõem o discurso oratório (a linguagem, a voz, a memória), em uma espécie de análise do estilo de seus elogiados.

Já em 8.12, o louvor é feito diretamente ao *ingenium* de Ticínio Capitão: “[...] eu seria compelido a vê-lo quer pelo *engenho* desse homem, algo belíssimo e agradabilíssimo não apenas na superioridade, mas também em seu supremo rigor, quer pela dignidade do assunto” (Plínio, *Epistulae*, 8.12.4⁸⁰, grifo nosso). Além dessa menção ao talento literário, o único argumento desenvolvido por Plínio são os incentivos dados por Capitão às recitações e produções literárias do período (8.12.1). Esse segundo conjunto de cartas é formado, portanto, por textos em que Plínio exalta um de seus contemporâneos a partir de uma série de argumentos (família – 1.10 – e caráter – 6.11 –, por exemplo), entre os quais inclui a eloquência ou o engenho.

Nas missivas que compõem o terceiro grupo (1.16; 2.3; 4.27; 5.17; 6.21 e 9.22), o elogio desenvolvido emprega a capacidade literária ou oratória como virtude principal do indivíduo e, algumas vezes, é a única mencionada. Na carta 1.16, Plínio exalta Pompeio Saturnino por tê-lo visto advogar em uma causa (1.16.2). O missivista não cita, para isso, nenhuma característica moral de seu elogiado, mas sim descreve, em

80 “[...] *solicitarer tamen vel ingenio hominis pulcherrimo et maxime et in summa severitate dulcissimo, vel honestate materiae*”.

detalhes, o talento oratório e literário de Saturnino. Primeiramente, Plínio examina as qualidades do discurso oratório desse personagem:

Eu o ouvi advogando em uma causa de maneira incisiva e intensa, mas não menos correta e elegante, quer pronunciasse algo elaborado, quer improvisado. Encontram-se, nele, sentenças adequadas e numerosas, uma construção séria e apropriada, palavras sonoras e clássicas (Plínio, *Epistulae*, 1.16.2⁸¹).

Uma análise atenta desse detalhamento revela grande semelhança entre os elementos elogiados por Plínio e a caracterização de um bom discurso oratório feita pelos manuais de retórica. De acordo com Kirchner (2007, p. 182), as principais virtudes do discurso, desde Aristóteles e passando por Cícero e Quintiliano, são quatro: correção da linguagem (*latinitas*), clareza (*perspicuitas*), adequação (*aptum/decorum*) e ornato (*ornatus/dignitas*). Nessa carta, as virtudes estão distribuídas da seguinte maneira: a correção da linguagem é atribuída às palavras (*antiquae*); a adequação, à construção (*gravis et decora*) e às sentenças (*aptae*); o ornato, às palavras (*sonantia*) e às sentenças (*crebrae*). Plínio apenas não cita a clareza.

É de modo bastante semelhante que Plínio elogia a oratória de Iseu na carta 2.3. Nessa outra missiva, porém, ele se refere não às construções no nível das sentenças, mas às partições que compõem o discurso oratório (*exordium, narratio, confirmatio, peroratio*). No terceiro parágrafo do texto, o autor atribui as seguintes características ao orador: a) proêmio: adequado (*aptum*); b) narração: clara (*aperta*); c) argumentação: combativa (*acris*) – acrescenta, ainda, sobre os silogismos: abundantes, concisos e perfeitos (*crebri, circumscripti et effecti*); d) conclusão: firme (*fortis*); e e) ornamentação: elevada (*excelsus*). O missivista menciona ainda a memória do orador, que é, segundo ele, capaz de lembrar mesmo um discurso improvisado

Ele faz proêmios adequados, narra claramente, disputa com vivacidade, conclui com firmeza e ornamenta com elevação. Enfim, ele ensina, deleita e emociona, você duvidará qual deles melhor. Utiliza abundantes entimemas, abundantes

81 “*Audivi causas agentem acriter et ardentem, nec minus polite et ornate, sive meditata sive subita proferret. Adsunt aptae crebraeque sententiae, gravis et decora constructio, sonantia verba et antiqua*”.

silogismos, concisos e perfeitos, algo muito requerido também na escrita. Sua memória é inacreditável: ele repete com mais clareza aquilo que disse de improviso e não escorrega em uma só palavra (Plínio, *Epistulae*, 2.3.3⁸²).

Na epístola 1.16, no entanto, Plínio não se limita ao elogio da habilidade oratória de Pompeio Saturnino. Além da produção historiográfica de Pompeio, caracterizada “ou pela brevidade, ou pela clareza, ou pela delicadeza, ou pela pompa, e, acima de tudo, pela grandeza da narração” (Plínio, *Epistulae*, 1.16.4⁸³), o autor menciona a poesia produzida por Saturnino, cuja qualidade principal, de acordo com o missivista, é poder ser comparada às produções de Catulo e Calvo, poetas imitados pelo próprio Plínio (1.16.5). Por fim, o missivista enaltece a produção epistolográfica do elogiado, utilizando como recurso argumentativo a comparação. Plínio destaca na missiva que há a possibilidade de que essa produção epistolográfica não seja de fato de Pompeio Saturnino, mas sim de sua esposa (1.16.6). Não havendo como elogiar diretamente Pompeio, Plínio adapta seu louvor e afirma que, mesmo que não seja Saturnino o responsável por escrever as cartas, é dele o crédito por ter educado e refinado a consorte.

Percebe-se, portanto, que, na missiva 1.16, Plínio utiliza a produção literária como a matéria principal de seu breve discurso epidítico e desenvolve-a a partir do conceito de *variatio*, anunciada desde o começo da carta como uma das características principais de Pompeio: “Eu apreciava Pompeio Saturnino – refiro-me àquele, nosso amigo – e elogiava o seu talento mesmo antes de saber quão variado, quão flexível, quão abundante ele é. Agora, ele certamente me cativa, toma e domina por completo” (*Epistulae*, 1.16.1⁸⁴). Para comprovar essa *variatio* de Pompeio, o missivista enumera os diversos gêneros em que esse personagem escreve.

82 “*Prohoemiatur apte, narrat aperte, pugnat acriter, colligit fortiter, ornat excelsè. Postremo docet delectat afficit; quid maxime, dubites. Crebra ἐνθυμήματα crebri syllogismi, circumscripti et effecti, quod stilo quoque assequi magnum est. Incredibilis memoria: repetit altius quae dixit ex tempore, ne verbo quidem labitur*”.

83 “*vel brevitate vel luce vel suavitate vel splendore etiam et sublimitate narrandi*”.

84 “*Amabam Pompeium Saturninum – hunc dico nostrum – laudabamque eius ingenium, etiam antequam scirem, quam varium quam flexibile quam multiplex esset; nunc vero totum me tenet habet possidet*”.

Na carta 9.22, o discurso laudatório a Passeno Paulo é organizado de modo bastante similar ao encontrado em 1.16. Primeiro, Plínio apresenta Passeno Paulo como um grande imitador dos antigos, especialmente Propércio (de quem é parente) (*Epistulae*, 9.22.1). Em seguida, o missivista detalha quais características positivas Passeno consegue imitar de Propércio e de Horácio. Como Propércio, seu modelo de poesia elegíaca, Passeno produz uma obra impoluta, versátil e prazerosa (*opus tersum, molle, iucundum*). Já em relação à imitação da lírica horaciana, Passeno se caracteriza pela variedade e versatilidade (*varietas et mobilitas*) (9.22.2). Nesse caso, o tema da *varietas* é evocado pelos próprios poetas que Plínio afirma serem imitados por Passeno.

O recurso da comparação com outros autores é também utilizado na carta 6.21, no elogio a Vergílio Romano, de quem Plínio afirma ter assistido à recitação de uma comédia. O missivista apresenta o personagem a partir de uma súplica de suas qualidades morais e intelectuais: “ele é, de fato, notável pela probidade da moral, elegância do engenho e variedade da obra” (*Epistulae*, 6.21.3⁸⁵). Plínio desenvolve seus argumentos ao longo da carta apenas a partir da produção intelectual de seu elogiado. Primeiramente, ele descreve as qualidades dos versos iâmbicos de Vergílio, cuja composição se caracteriza pela finura, argúcia e maestria (*tenuiter, argute, venuste*), além de uma eloquência (*eloquentissime*) no gênero como um todo. Em seguida, enumera os modelos de imitação que podem ser identificados na obra de Vergílio: Menandro, Plauto e Terêncio. Essas indicações tem um valor significativo para a argumentação desenvolvida na carta, uma vez que Plínio inicia o texto sobre Vergílio afirmando que “Estou entre os que admiram os antigos, no entanto, não desconsidero, como alguns, os talentos de nosso tempo. Não está certamente tão cansada e exausta a natureza que já não produza algo de louvável” (6.21.1⁸⁶). Para que possa efetuar o elogio a esse “talento de seu próprio tempo”, porém, o missivista recorre à imitação de autores já bastante consagrados na tradição literária, uma vez que Menandro é identificado como sendo participante da comédia nova grega – século IV-III a.C. –, que influenciou os principais autores da comédia latina – Plauto e Terêncio –, também citados nas cartas (CARDOSO, 2013, p. 27). A última parte do elogio de Plínio

85 “*est enim probitate morum, ingenii elegantia, operum varietate monstrabilis*”.

86 “*Sum ex iis qui mirer antiquos, non tamen (ut quidam) temporum nostrorum ingenia despicio. Neque enim quasi lassa et effeta natura nihil iam laudabile parit*”.

se dirige mais propriamente à comédia que ele afirma ter escutado – a primeira de Vergílio ao modelo da comédia antiga. De acordo com o missivista, as qualidades dessa obra são a força, a grandeza, a sutileza, a amargura, a doçura e graça, além de um tratamento adequado das virtudes e vícios e dos personagens (reais e fictícios).

Os elogios desenvolvidos por Plínio nas cartas 4.27 e 5.17, semelhantemente ao texto sobre Vergílio Romano, têm como motivação inicial a recitação de uma obra literária. Nessas duas missivas, porém, Plínio elogia os poemas recitados pelos jovens Sêncio Augurino (*Epistulae*, 4.27) e Calpúrnio Pisão (5.17). Em relação à obra do primeiro, Plínio fornece apenas poucos detalhes. De acordo com o texto pliniano, Augurino é o autor de uma coletânea de poemas breves, cujos versos são caracterizados da seguinte maneira: “Muitos deles são suaves, muitos, elevados; muitos, elegantes, muitos, delicados; muitos, serenos, muitos, coléricos” (4.27.2⁸⁷). Em relação a Calpúrnio Pisão, contudo, o elogio de Plínio abrange mais aspectos não só da obra do poeta, mas da própria recitação.

Ele estava recitando *Catasterismo*, um assunto erudito e, certamente, ilustre. O tema havia sido escrito em elegíacos, não só fluentes, mas delicados e desenvolvidos, elevados também, como convinha ao trecho. O poema, correta e alternadamente, ora se elevava, ora se recolhia, mudava o sublime em rasteiro, o vazio em pleno, o grave em alegre, tudo isso com a mesma habilidade. Ele valorizava essas coisas por meio da voz mais suave, e sua voz, por meio de sua inibição: havia em seu rosto grande rubor e grande cuidado, grandes ornamentos para quem recita (Plínio, *Epistulae*, 5.17.2-3⁸⁸).

Com mais ou menos detalhe, percebe-se nas duas cartas certa recorrência da alternância ou da variação como uma característica positiva das obras literárias, especialmente as poéticas. Tanto no elogio a Augurino quanto no exame da recitação

87 “*Multa tenuiter multa sublimiter, multa venuste multa tenere, multa dulciter multa cum bile*”.

88 “*Recitabat κατασπερισμῶν eruditam sane luculentamque materiam. Scripta elegis erat fluentibus et teneris et enodibus, sublimibus etiam, ut poposcit locus. Apte enim et varie nunc attollebatur, nunc residebat; excelsa depressis, exilia plenis, severis iucunda mutabat, omnia ingenio pari. Commendabat haec voce suavissima, vocem verecundia: multum sanguinis, multum sollicitudinis in ore, magna ornamenta recitantis*”.

de Pisão, Plínio destaca como virtude a capacidade de os versos apresentarem, ao mesmo tempo, elevação e leveza, delicadeza e força, alegria e seriedade. A invocação de certa variação é também perceptível no elogio à comédia antiga de Vergílio (Plínio, *Epistulae*, 6.21) e mesmo na pluralidade de obras de Pompeio (1.16). Esses elementos reforçam a ideia de que a *variatio* é um dos princípios literários mais caros à obra pliniana.

Em uma análise ampla das cartas que compõem o terceiro grupo de textos, fica claro que a produção literária ocupa a maior parte do elogio ao indivíduo. Nota-se que Plínio passa a fazer um exame não mais apenas das virtudes dos seus contemporâneos, mas também – e talvez principalmente – das virtudes das próprias produções literárias e/ou oratórias. A descrição detalhada dos produtos do *ingenium* e da *eloquentia* de seus elogiados se torna, no último grupo de textos, não só parte do elogio a um homem, mas parece se transformar num elogio à própria obra produzida.

Diante disso, o discurso epidítico presente na obra epistolar de Plínio cria uma imagem bastante positiva da produção literária de seu tempo. Na maior parte das vezes, o que leva Plínio a elogiar algum de seus contemporâneos ainda vivos é a capacidade desse indivíduo de produzir algo intelectualmente ou pelo menos se interessar pela produção literária do período. Somado a isso, o modo como Plínio escolhe falar desses homens, examinando com detalhes seus discursos, textos historiográficos, epistolográficos ou poemas, produz uma imagem do próprio Plínio como um crítico da literatura que lhe é contemporânea. Nas cartas, ele utiliza tanto ferramentas próprias dos discursos epidíticos para louvar os homens quanto elementos – e vocabulário – típicos do conhecimento sobre retórica e poesia para analisar, julgar e classificar a obra dos elogiados. Atentar para esta linguagem usada por Plínio na construção de seu discurso elogioso nas cartas é também uma parte importante de nossa análise.

De acordo com Maingueneau (2014, p. 188), “a literatura não tem nenhuma relação natural com nenhum uso linguístico; mesmo quando a obra parece usar a língua mais ‘comum’, há um confronto com a alteridade da linguagem, vinculada a um determinado posicionamento”. Desse modo, o escritor, estando inserido em um universo de atuação literária e comunicando-se com outros escritores, participa sempre de “uma interação de línguas e usos” e reapropria-se dela mediante um trabalho criador, o que é denominado por Maingueneau (2014, p. 181-182) de *interlíngua*. É

o modo como cada autor gere essa *interlíngua* que permite compreender seu posicionamento literário.

Na obra epistolar pliniana e, mais especificamente, nas cartas de elogio discutidas neste estudo, refletir sobre um estilo da linguagem utilizado requer a consideração de pelo menos duas formas principais de construção textual. De um lado, é preciso ter em mente o estilo e a linguagem próprios do gênero epistolográfico; de outro, os mecanismos formais adequados ao gênero epidítico. Sobre o estilo epistolográfico, Quintiliano informa que o modo de composição apropriado para esses textos é a *oratio soluta*, que se caracteriza pela simplicidade (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 9.4.19 e 20). A respeito dos mecanismos formais próprios dos discursos laudatórios, Cícero, ao falar da adequação dos estilos ao tipo de causa, menciona que os louvores, assim como a conversa, a consolação e a repreensão, devem adotar “uma figura do discurso mais pleno, mais tênue e, de mesmo modo, intermediário, adequada ao que defendemos” (Cícero, *De oratore*, 3.212⁸⁹). De acordo com Kirchner (2007, p. 192), que utiliza exemplos do próprio Cícero para demonstrar os diferentes estilos dos discursos, o mais adequado ao laudatório é o médio, uma vez que “a matéria encomiástica requer um tom nem muito simples nem muito emocional”. Ainda segundo esse autor, o estilo médio é marcado pela simplicidade, atendendo às regras principais de clareza e de adequação do discurso, sem, contudo, deixar de utilizar alguns dos ornamentos estabelecidos pela arte retórica (KIRCHNER, 2007, p. 193). Há, portanto, uma grande compatibilidade entre o estilo simples que se espera da prosa epistolar e a linguagem mediana adequada aos textos epidíticos.

Na prosa epistolar e encomiástica de Plínio, o que encontramos é uma linguagem marcada por certa simplicidade, mas dotada de uma grande preocupação com o uso de figuras de linguagem e construções sintáticas que conseguem unir a brevidade e a elegância do discurso. A simplicidade do texto de Plínio se expressa, sobretudo, na construção de frases relativamente curtas e com um uso menos abundante de subordinações (FERNÁNDEZ, 2005, p. 44). Nas cartas laudatórias, essa brevidade das frases figura frequentemente nos inícios dos textos, como em: “Se alguma vez nossa cidade floresceu por causa das artes liberais, ela, agora, floresce em seu máximo”

89 “*ut figuram orationis plenioris et tenuioris et item illius mediocris ad id, quod agemus, accommodatam deligamus*”.

(Plínio, *Epistulae*, 1.10.1⁹⁰); “Já há algum tempo estou preso na cidade e, na verdade, bastante atemorizado. O que me atormenta é a longa e demorada doença de Tício Aristo, alguém que eu admiro e amo de modo especial” (1.22.1-2⁹¹); “Estou entre os que admiram os antigos, no entanto não desconsidero, como alguns, os talentos de nosso tempo. Não está certamente tão cansada e exausta a natureza que já não produza algo de louvável” (6.21.1⁹²); e “Alegro-me e o felicito porque prometeu sua filha a Fusco Salinator” (.26.1⁹³).

A brevidade e a ausência de subordinação que, na opinião de Fernández (2005, p. 44), buscam um efeito dramático da prosa são conseguidas também por meio da frequente sucessão de verbos, como em: “[...] agora, ele certamente me cativa, toma e domina por completo” (Plínio, *Epistulae*, 1.16.1⁹⁴); e “Ele cultiva os estudos, aos estudiosos ele estima, incentiva e promove” (8.12.1⁹⁵).

Mais que certo dramatismo, as sucessões de verbos produzem um efeito retórico de acumulação. A acumulação (*congeries*) é, de acordo com Quintiliano, uma figura de ornamento utilizada para produzir o efeito de amplificação para o que está sendo dito no discurso (Quintiliano, *Institutio oratoria*, 8.4.27). Esse efeito de acumulação é conseguido, nas cartas laudatórias de Plínio, não apenas a partir da sequência de vários verbos, mas também – e com maior frequência – pelo encadeamento de adjetivos ou substantivos, ora em estruturas assindéticas, como em: “Ele não perderia em integridade, respeito, justiça, coragem ou, ainda, primazia para ninguém” (1.22.7⁹⁶); e “Há, em ambos, admirável integridade, firmeza sadia, comportamento adequado, linguagem correta, entonação viril, memória firme, grande talento e juízo

90 “*Si quando urbs nostra liberalibus studiis floruit, nunc maxime floret*”.

91 “*Diu iam in urbe haereo et quidem attonitus. Perturbat me longa et pertinax valetudo Titi Aristonis, quem singulariter et miror et diligo*”.

92 “*Sum ex iis qui mirer antiquos, non tamen (ut quidam) temporum nostrorum ingenia despicio. Neque enim quasi lassa et effeta natura nihil iam laudabile pari*”.

93 “*Gaudeo et gratulor, quod Fusco Salinatori filiam tuam destinasti*”.

94 “[...] *nunc vero totum me tenet habet possidet*”.

95 “*Colit studia, studiosos amat fovet provehit*”.

96 “*Nemini tamen istorum castitate, pietate, iustitia, fortitudine etiam primo loco cesserit*”.

equânime” (6.11.2⁹⁷); ora por meio de polissíndetos, como em: “O mesmo ainda mais irá agradar em história, ou pela brevidade, ou pela clareza, ou pela delicadeza, ou pela pompa, e, acima de tudo, pela grandeza da narração” (1.16.4⁹⁸); e “O tema havia sido escrito em elegíacos, não só fluentes, mas delicados e desenvoltos, elevados também” (5.17.2⁹⁹); ou, ainda, pelo uso, bastante recorrente, de anáforas, como em: “Porque mesmo se eu não devesse qualquer troca de favores ou qualquer responsabilidade mútua” (8.12.4¹⁰⁰); “Dê-me felicitações, dê felicitações também às próprias letras” (9.22.3¹⁰¹); “E que elegância em tudo!, Que latim! Que grego!” (7.25.4¹⁰²); e “Muitos deles são suaves, muitos elevados; muitos, elegantes, muitos, delicados; muitos, serenos, muitos, coléricos” (4.27.1¹⁰³).

Em relação aos assíndetos, Aristóteles (*Retórica*, 1413b) afirma que

[...] ainda possuem outro aspecto particular: muitas coisas parecem ser ditas num mesmo espaço de tempo. É que a conjunção faz de muitas uma coisa só, de tal forma que, se for eliminada, é manifesto que o oposto acontecerá: uma coisa resultará muitas coisas. Resulta, por conseguinte, numa amplificação [...]
(Aristóteles, *Retórica*, 1413b).

Como se pode ver nos trechos citados, não são apenas os assíndetos que promovem essa amplificação, mas também a repetição das conjunções ou outros vocábulos. A amplificação produzida por essas construções tem como consequência, além de produzir certo ritmo na frase, fazer com que a ação ou a virtude que está sendo louvada pareça maior ou mais importante, uma vez que o autor multiplica as qualidades atribuídas a um mesmo elemento. Com isso, Plínio está desenvolvendo um

97 “*Mira utrique probitas, constantia salva, decorus habitus, os Latinum, vox virilis, tenax memoria, magnum ingenium, iudicium aequale*”.

98 “*Idem tamen in historia magis satisfaciet vel brevitare vel luce vel suavitate vel splendore etiam et sublimitate narrandi*”.

99 “*Scripta elegis erat fluentibus et teneris et enodibus, sublimibus etiam*”.

100 “*Quod si illi nullam vicem nulla quasi mutua officia deberem*”.

101 “*Gratulare mihi, gratulare etiam litteris ipsis*”.

102 “*Quam tersa omnia, quam Latina, quam Graeca*”.

103 “*Multa tenuiter, multa sublimiter, multa venuste, multa tenere, multa dulciter multa cum bile*”.

recurso próprio do gênero epidítico. Ainda, ao acumular muitas informações em apenas uma frase, o autor consegue dizer muito em pouco espaço, o que auxilia na brevidade do texto, que é uma propriedade da prosa epistolográfica.

Em alguns casos, as frases marcadas por essas sequências cumulativas são acompanhadas também pelo uso de outras figuras, como a antítese: “O poema, correta e alternadamente, ora se elevava, ora se recolhia, mudava o sublime em rasteiro, o vazio em pleno, o grave em alegre, tudo isso com a mesma habilidade” (Plínio, *Epistulae*, 6.17.2¹⁰⁴); e “A ele não faltou força, nem grandeza, nem sutileza, nem amargura, nem doçura, nem graça” (6.21.5¹⁰⁵).

Em 5.17.2, Plínio marca as alternâncias de tons no poema do elogiado criando certa alternância de sentidos das palavras no seu próprio texto, a partir do uso de uma sequência de antíteses. Já em 6.21.5, o autor utiliza a acumulação associada à antítese e ao polissíndeto. Além do emprego de uma sequência de conjunções *non*, que dão certo ritmo ao texto, a construção da frase é feita de modo que o primeiro substantivo (*vis*) e o último (*lepos*) tenham terminações diferentes e, nesse intervalo, há dois pares de palavras que se assemelham pela terminação *granditas/subtilitas* e *amaritudo/dulcedo*. No plano dos sentidos, Plínio elabora a oposição de ideias justamente entre os pares de palavras aproximadas pela sonoridade – grandeza/sutileza (*granditas/subtilitas*), amargura/doçura (*amaritudo/dulcedo*) – ou pela ausência dela – força/graça (*vis/lepos*). Essas sequências de oposições parecem remeter, em uma escala menor, ao princípio da *variatio*, atribuído a Plínio tanto na organização de sua obra quanto na imitação de autores (GUILLEMIN, 1929, p. 152-153; GOETZL, 1952).

Outro recurso percebido na composição textual de Plínio são as frases trimembres (ou *tricolon*) (CASTILLO, 1974, p. 434). Para Guillemin (1929, p. 151-152), o uso de estruturas desse tipo na obra de Plínio participa, ao mesmo tempo, de uma tradição poética (assemelhando-se a construções de Vergílio) e de uma tradição retórica, pois o autor acrescenta outras figuras clássicas a suas construções. Esse tipo de oração é marcado pela repetição, uma vez que prevê um paralelismo sintático, e pela variação, pois cada membro adiciona uma informação nova. Um dos trechos em

104 “*Apte enim et varie nunc attollebatur, nunc residebat; excelsa depressis, exilia plenis, severis iucunda mutabat, omnia ingenio pari*”.

105 “*Non illi vis, non granditas, non subtilitas, non amaritudo, non dulcedo, non lepos defuii*”.

que a construção em três partes é utilizada intensamente está na carta 6.26, em que há uma tripla sequência de frases em formato trimembre: “Sua família é patricia, o pai honestíssimo e a mãe digna de igual louvor; ele mesmo, um estudioso, literato e loquaz; menino por sua simplicidade, em amabilidade um jovem e um senhor por sua seriedade” (Plínio, *Epistulae*, 6.26.1¹⁰⁶).

Para que essa sequência não se torne, porém, monótona, Plínio elabora algumas variações na estrutura dessas frases. Ele adiciona, por exemplo, no terceiro item da primeira sequência, não um adjetivo, como ocorreu nos dois primeiros sintagmas, mas sim uma construção adjetiva, “*pari laude*”. Já na última sequência, utiliza uma estrutura quiasmática. Em 5.14.3, há também certa variação associada a uma estrutura ternária: “Pois quem seria melhor do que Cornuto, quem mais íntegro, ou um exemplo mais claro de todos os tipos das louvadas virtudes antigas?” (Plínio, *Epistulae*, 5.14.3¹⁰⁷). Nesse trecho, a última parte da sequência é expandida de modo que não apenas modifica o ritmo da frase, mas também provoca um efeito de clímax, acentuando o valor de “*exemplar laudis antiquitatis*”.

Todos os exemplos citados servem para demonstrar que os textos que constituem a prosa epistolar laudatória do missivista foram, como bem afirma Fantham (2013, p. 197), “compostos, não simplesmente selecionados, para criar um retrato do mundo de Plínio”. A interlíngua que se formula a partir dessas missivas pode ser caracterizada como a interação entre a pretensa simplicidade do *sermo cotidianus*, próprio do gênero epistolar, e o emprego de uma linguagem bastante retórica, própria dos discursos epidícticos. O posicionamento que se coloca nessas missivas, por meio da interlíngua, reitera aquilo que se percebe já no investimento genérico. O contexto de surgimento do discurso – a correspondência pessoal – é aparentemente privado, mas a linguagem utilizada nele pode ser facilmente submetida a uma apreciação pública, uma vez que se percebe no texto um processo de elaboração literária.

106 “*Domus patricia, pater honestissimus, mater pari laude; ipse studiosus litteratus etiam disertus, puer simplicitate comitate iuvenis senex gravitate*”.

107 “*Cornuto autem quid melius, quid sanctius, quid in omni genere laudis ad exemplar antiquitatis expressius?*”.

Elogio às letras e aos letrados como forma de representação positiva da dinastia antonina

O resultado mais visível do trabalho laudatório realizado por Plínio em relação a seus contemporâneos é uma visão bastante otimista sobre a sua própria comunidade. Mais que apenas uma mostra natural de satisfação, no entanto, a recorrência do elogio é um modo de Plínio se posicionar e intervir no seu presente. Como percebido por Hoffer (1999, p. 1), subjaz ao otimismo pliniano, na verdade, uma série de preocupações.

O traço principal no autorretrato epistolar de Plínio é a sua confiança: confiança em si mesmo e seus amigos, em seus escritos e atividades, no governo romano e no imperador. [...] Plínio evidentemente protesta demais; sua imagem alegre e confiante é projetada para escamotear as tensões e contradições básicas da vida da camada superior romana.

Acreditamos que uma dessas preocupações está relacionada ao período de transição política do qual o missivista participa. Embora o início da publicação das cartas provavelmente se dê apenas a partir do ano 104 d.C., os primeiros textos da coleção foram escritos entre o período de 96 e 100 d.C. (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 41, 55-56). O momento é marcado pelo assassinato de Domiciano, seguido pela ascensão de Nerva e, por fim, de Trajano ao poder imperial. A transferência do império para as mãos desses dois últimos personagens implicou não apenas a transição de imperadores, mas de dinastias. De acordo com Syme (1958, p. 12), “o fim da dinastia flaviana e a ascensão de Nerva parece inaugurar uma nova era, própria de ser aclamada e celebrada”. Essa celebração é, na verdade, parte do processo de legitimação do novo governo.

Plínio, que já havia desenvolvido grande parte de seu *cursus honorum* ainda sob Domiciano, utiliza sua coleção de cartas também para posicionar-se diante dessa nova ordem. Para Venturini (2005, p. 144),

Após ter exercido uma oposição moderada durante o reinado do imperador Domiciano, Plínio se torna um dos ideólogos e participantes mais ativos do

poder imperial, principalmente nos tempos de Nerva e de Trajano. Dirigente de um círculo político e cultural e amigo íntimo de Trajano, ele ilustra a ótica do *princeps*, mas, sobretudo, ilustra as ideias de um grupo senatorial de conciliação permanente entre a cúria e o imperador, um grupo aspirando a legitimar a política do César e orientar os interesses dos senadores.

Retomando a abertura da primeira missiva da coleção em que há o louvor a um contemporâneo ainda vivo, vê-se que Plínio afirma: “Se alguma vez nossa cidade floresceu por causa das artes liberais, ela, agora, floresce em seu máximo. Há muitos e ilustres exemplos, um apenas seria suficiente: Eufrates, o filósofo” (Plínio, *Epistulae*, 1.10.1-2¹⁰⁸).

O que torna imperativo pensar que se trata, nessa carta, de uma oposição evidente entre o império de Domiciano e a dinastia antonina que se estabelecia no momento é o fato de que a epístola é datada provavelmente do ano de 98 d.C., logo após o retorno dos filósofos que haviam sido expulsos de Roma por membros da dinastia anterior (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 118). Importa perceber que, na missiva 1.10, o argumento elencado para estabelecer essa diferenciação, que tem como consequência o apoio a Trajano, é o reflorescimento das artes liberais, exemplificada, no texto, pela atuação do filósofo Eufrates, o qual, de acordo com Gibson e Morello (2012, p. 24), formava, juntamente com Júnio Maurício e Aruleno Rústico, um grupo estoico de oposição a Domiciano.

A representação do início da dinastia antonina como o momento propício para a prática literária não é apenas uma construção de Plínio. Tácito utiliza o mesmo argumento nos prefácios das obras *Vida de Agrícola* (1-3) e *Histórias* (1.1.4). Para Plínio – e, em algum grau, também para Tácito –, uma distinção entre o período de Domiciano e a nova fase do império que estava se estabelecendo podia ser feita pela constatação de uma literatura crescente, que era produzida por membros de famílias senatoriais e equestres (FANTHAM, 2013, p. 183). Na epistolografia pliniana, esse fato se torna mais claramente perceptível a partir da leitura das cartas de elogio aos contemporâneos vivos.

108 “*Si quando urbs nostra liberalibus studiis floruit, nunc maxime floret. Multa claraque exempla sunt; sufficeret unum, Euphrates philosophus*”.

Do conjunto de treze missivas analisadas, cinco têm como fundamento principal do elogio a atuação poética ou literária (1.16, 4.27, 5.17, 6.21 e 8.12). Acrescentam-se a elas os louvores à atuação filosófica de Eufrates (1.10), à performance retórica – não judicial – de Iseu (2.3) e à erudição geral de Terêncio Júnior (7.25). Em relação à atividade pública, seja no exercício de cargos oficiais, seja na oratória, contamos com um número de mais quatro missivas (1.22, 5.14, 6.11 e 6.26). Considerando tal recorrência, pode-se afirmar que Plínio representa, em suas cartas, sobretudo uma elite letrada de sua época, com a qual busca estabelecer firmes laços identitários.

O que evidencia essas representações nas cartas laudatórias de Plínio é, como discutimos inicialmente, a formulação de certas imagens textuais idealizadas dos indivíduos e de suas ações. Essas imagens idealizadas compõem, por meio do elogio, perfis ideais, feitos para serem não apenas admirados, mas, de algum modo, imitados. A ideia de imitação de um exemplo é algo próprio do elogio. O caráter de ideal exemplar é dado principalmente pelo aspecto aconselhador que o elogio pode assumir e, com frequência, manifesta-se no texto epidítico por meio da exortação, assim como ocorre nas missivas plinianas¹⁰⁹. Por meio dessas representações, o autor atribui também uma identidade para si e para os amigos que elogia. Como afirma Woodward (2000, p. 17): “A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas”. Plínio elabora essas representações e mantém a identidade desse grupo de homens a partir das cartas laudatórias.

Um dos primeiros elementos que constituem a representação desses homens letrados é a consonância estabelecida entre suas atitudes públicas e privadas. Plínio se esforça por fornecer, em suas cartas, dados que demonstrem que os feitos públicos de seus elogiados condizem com sua conduta privada. Na carta sobre Eufrates, Plínio afirma que conheceu o filósofo “profunda e intimamente” e, por isso, pode garantir que: “Ele é, de fato, acessível e disposto, cheio de uma humanidade que ele mesmo ensina” (Plínio, *Epistulae*, 1.10.2¹¹⁰). O missivista reforça, nesse trecho, que os ensinamentos desse filósofo não são uma argumentação falaciosa ou parte de uma conduta que está presente apenas no discurso. De modo similar, na epístola 1.22,

109 Conferir Plínio (*Epistulae*, 1.16.7-8; 5.17.5-6 e 6.11.3).

110 “*Est enim obuius et expositus, plenusque humanitate quam praecipit*”.

Plínio, ao falar sobre Tício Aristo, relata: “Costumo considerar seu próprio quarto e sua própria cama como uma imagem da sobriedade antiga” (1.22.4¹¹¹). Com essa afirmação, o missivista demonstra que possui grande familiaridade com Aristo, pois o visitou em seu próprio quarto, e que o elogiado mantém, em sua vida íntima, as virtudes que são valorizadas no ambiente social mais amplo. Essa atmosfera de familiaridade é também elaborada na carta 5.14, em que Plínio celebra a carreira de Cornuto Tértulo:

Porque eu o conheço não pela fama, da qual, advinda de outros, a mais merecida e mais excelente, ele desfruta, mas sim de uma prolongada e copiosa experiência [...]. Eu mesmo comprovei, mais que qualquer outro, que tipo de homem e quão grande homem ele era; quando então o acompanhava como um professor e como um pai o respeitava, algo que merecia não tanto pela experiência da idade quanto pela de vida. Por esses motivos todos é que felicito do mesmo modo a ele e a mim, e nem o faço mais em privado do que publicamente, pois enfim a virtude leva os homens às honras e não aos perigos, como outrora (Plínio, *Epistulae*, 5.14.3, 5 e 6¹¹²).

Uma das principais comprovações para os argumentos elogiosos de Plínio nessas cartas é, como se vê, ter convivido intimamente com esses personagens. A recorrência de uma representação pública com base nas atitudes tomadas em domínio privado foi algo verificado e debatido por Leach (1990), em um estudo que investiga como se dá a autorrepresentação de Plínio em suas cartas e as relações que essa imagem de si estabelece com as representações materiais de imperadores. Para a autora, Plínio se encontra em um momento de mudança não só política, mas também na forma de se considerar a individualidade, uma vez que o segundo século do império tem sido compreendido como um período de transformação na história da

111 “*Soleo ipsum cubiculum illius ipsumque lectum ut imaginem quandam priscae frugalitatis adspicere*”.

112 “*Quod mihi cognitum est non fama, qua alioqui optima et meritissima fruitur, sed longis magnisque experimentis [...] Tum ego qui vir et quantus esset altissime inspexi, cum sequerer ut magistrum, ut parentem vererer, quod non tam aetatis maturitate quam vitae merebatur. 6 His ex causis ut illi sic mihi gratulor, nec privatim magis quam publice, quod tandem homines non ad pericula ut prius verum ad honores virtute perveniunt*”.

autodefinição pessoal, o que resulta no surgimento de uma identidade social que se pode chamar de indivíduo (LEACH, 1990, p. 20). De acordo com Leach, na literatura, exemplos desse processo estariam no endereçamento de Cícero a Ático, em Catulo e nos poetas augustanos, cujas obras se baseavam em *personae* privadas, mas com uma finalidade de exibição pública (p. 20). Essa mudança tem como consequência política uma transformação na forma de criar, retoricamente, as representações imperiais. Ainda para essa autora,

Fundamentalmente, essa forma de discurso [de Plínio/flávio-antonina] não é menos retórica que a forma júlio-claudiana de criar retratos, mas é um novo estilo de retórica desenhado para reduzir a lacuna entre a *persona* imperial e a pessoa imperial, por meio da valorização do caráter privado na performance pública (LEACH, 1990, p. 27).

A razão para que se deseje minimizar essa lacuna é, segundo Leach (1990, p. 16), o fato de que a cisão entre essas faces do poder imperial gerou, no momento anterior, incredibilidade. Embora não estejamos analisando a representação imperial, tais considerações permitem verificar uma grande coerência dos argumentos que legitimam o poder na sociedade apresentada por Plínio. De modo similar ao que ocorre com a representação imperial, portanto, a conciliação entre as *personae* pública e privada é uma das categorias que garantem a representação positiva da elite letrada inscrita na epistolografia pliniana.

A harmonia ética desenvolvida na obra está, ainda, intimamente relacionada à rejeição de uma falsa imagem de virtude. Plínio costuma demonstrar em sua correspondência que seus elogiados não ostentam as próprias virtudes com o intuito de conseguir fama, que apareceria, na verdade, apenas como consequência de uma vida equilibrada. A carta em que isso se mostra de maneira mais evidente é a 1.22, em que, a respeito de Tício Aristo, o missivista afirma:

O que embeleza essas coisas é a grandeza de seu caráter, que ele mantém não pela exibição, mas sim pelo senso moral. Certamente não é na opinião da população que ele busca as recompensas por suas ações, mas sim no próprio feito. Diante disso, dificilmente você conseguirá comparar a este homem qualquer

um daqueles que ostentam sua dedicação à sabedoria pela forma física. Ele realmente não frequenta os ginásios ou os pórticos, nem usufrui o seu tempo livre ou o dos outros com longas controvérsias, mas ocupa-se com a toga e os negócios e ajuda muitos com a assistência jurídica e outros muitos com seu conselho. Ele não perderia em integridade, respeito, justiça, coragem ou ainda, primazia para ninguém (Plínio, *Epistulae*, 1.22.5-7¹¹³).

Não é, pois, pela aparência física, e nem mesmo pelas atitudes tomadas publicamente – frequentar os ginásios ou pórticos, ou seja, filiar-se ao estoicismo ou a uma prática de oratória profissional –, que o missivista busca destacar o caráter virtuoso de seus elogiados, mas pelas ações tomadas em âmbito mais cotidiano e particular, como ocupar-se com sua função pública e aconselhar amigos, atos que, a princípio, não parecem motivos para uma grande fama. Na carta 7.25, Plínio introduz o elogio de Terêncio Júnior com uma consideração a esse respeito:

Nós, porém, tememos, quando estamos para discursar ou recitar alguma coisa, apenas os que expõem sua cultura, quando, na verdade, aqueles que se calam os ultrapassam largamente, pois reconhecem, com seu silêncio, o mais elevado dos labores (Plínio, *Epistulae*, 7.25.1¹¹⁴).

Nesse contexto, entrevê-se a preferência de Plínio pela moderação (ou modéstia) como uma virtude. De acordo com Cícero, a modéstia (*modestia*) é uma das três partes da temperança, que é uma das quatro virtudes cardinais (justiça, temperança, prudência e coragem), e define-se como “aquela pela qual o pudor do nobre garante

113 “*Ornat haec magnitudo animi, quae nihil ad ostentationem, omnia ad conscientiam refert recteque facti non ex populi sermone mercedem, sed ex facto petit. In summa non facile quemquam ex istis qui sapientiae studium habitu corporis praeferunt, huic viro comparabis. Non quidem gymnasia sectatur aut porticus, nec disputationibus longis aliorum otium suumque delectat, sed in toga negotiisque versatur, multos advocacione plures consilio iuvat. Nemini tamen istorum castitate pietate, iustitia, fortitudine etiam primo loco cesserit*”.

114 “*At nos eos tantum dicturi aliquid aut lecturi timemus, qui studia sua proferunt, cum illi qui tacent hoc amplius praestent, quod maximum opus silentio reverentur*”.

o cuidado e o respeito estável” (Cícero, *De inventione*, 2.163¹¹⁵). Trata-se de uma das virtudes mais recorrentes nas obras dos autores flávio-antoninos Plínio e Tácito. No *Agrícola*, a *moderatio* e a *prudencia* são os dois atributos mais louvados (FAVERSANI; JOLY, 2013, p. 113). *Modestia* e *moderatio* são também as qualidades mais frequentes no *Panegírico* a Trajano (ROCHE, 2011b, p. 8). Mais uma vez, destaca-se uma coerência entre as virtudes desejadas para os membros da aristocracia – Júlio Agrícola, por exemplo, na obra de Tácito – e o próprio *princeps*.

Embora não apareça citada direta ou frequentemente no texto das cartas, essa virtude pode ser identificada tanto na ênfase dada aos atos virtuosos mantidos em ambiente familiar quanto na negação de uma fama conseguida pela aparência ou publicidade dada aos feitos. Um exemplo da aplicação da modéstia como virtude está na epístola 5.17, em que Plínio elogia o jovem poeta Calpúrnio Pisão:

Ele valorizava essas coisas por meio da voz mais suave, e sua voz, por meio de sua inibição: havia em seu rosto grande rubor e grande cuidado, grandes ornamentos para quem recita. Realmente desconheço por qual razão o receio, mais que a segurança, se ajusta aos homens dos estudos (Plínio, *Epistulae*, 5.17.3¹¹⁶).

Nesse trecho, Plínio evoca certo acanhamento e a apreensão ao recitar como uma forma de reverência à plateia. O temor, nesse caso, não é compreendido como a ausência de coragem, mas como o respeito à erudição dos que ouvem, algo que se pode notar também no fragmento da missiva 7.25, citado há pouco. Mais um exemplo do valor que Plínio concede à modéstia é o vitupério que dirige a Régulo, na carta 4.7. Nessa epístola, Plínio critica, com grande ironia, a persistência de Régulo em escrever e publicar – seja por meio de recitação, seja por meio de cópias escritas – as memórias de seu filho que havia falecido (Plínio, *Epistulae*, 4.2). Para Plínio,

115 “*per quam pudor honesti curam et stabilem comparat auctoritatem*”.

116 “*Commendabat haec voce suavissima, vocem verecundia: multum sanguinis, multum sollicitudinis in ore, magna ornamenta recitantis. Etenim nescio quo pacto magis in studiis homines timor quam fiducia decet*”.

Embora a força seja menor no interior dos bons do que no dos maus, assim como “ousadia significa ignorância e reflexão traz a hesitação”, também a vergonha enfraquece os espíritos retos e a audácia fortalece os perversos. Exemplo disso é Régulo [...] (Plínio, *Epistulae*, 4.7.3-4¹¹⁷).

Na carta em questão, a ausência de modéstia – a audácia – cria a oportunidade para o vitupério.

Outro elemento que constitui a representação dos contemporâneos de Plínio é a imitação dos antigos, que está evidenciada na obra tanto em relação aos modelos literários quanto aos membros de uma geração anterior. Conforme esclarecem Conte e Barchiesi (2010, p. 87), o campo literário da Antiguidade, fortemente ligado à ideia de tradição, era concebido de maneira que conceitos como *imitatio* (imitação) e *aemulatio* (emulação) permitiam a produção de uma literatura baseada em um sistema de referência a outros textos. Imitar autores ou retomar textos anteriores era, portanto, elemento constitutivo tradicional da produção literária antiga. No que se refere à imitação dos textos literários, destacam-se os elogios direcionados a Pompeio Saturnino (Plínio, *Epistulae*, 1.16), Vergílio Romano (6.21) e Passeno Paulo (9.22).

Em 1.16, Plínio afirma que os discursos de Pompeio Saturnino podem ser comparados “a qualquer um dos antigos, aos quais ele *emulou*” (Plínio, *Epistulae*, 1.16.3¹¹⁸, grifo nosso). De modo semelhante, na carta 6.21 o missivista declara que Vergílio Romano: “Escreveu comédias em *emulação* a Menandro e outros da mesma época” (6.11.4¹¹⁹, grifo nosso). Por fim, em 9.22, o missivista destaca que Passeno Paulo “*emula*, expressa e traz de volta os clássicos em sua obra literária” (9.22.1¹²⁰, grifo nosso). Desse modo, o que une as epístolas laudatórias de Plínio nas quais o autor cita a referência a outros textos como uma forma de louvar as produções artísticas

117 “*Quamquam minor vis bonis quam malis inest ac sicut ἀμαθία μὲν θράσος, λογισμὸς δὲ ὄκνον φέρει, ita recta ingenia debilitat verecundia, perversa confirmat audacia. Exemplo est Regulus [...]*”.

118 “*facile cuilibet veterum, quorum est aemulus, comparabis*”.

119 “*Scipsit comoedias Menandrum aliosque aetatis eiusdem aemulatus*”.

120 “*praeterea in litteris veteres aemulatur exprimit reddit*”.

de seus contemporâneos é a ideia de emulação. A *aemulatio* é, mais que a imitação, o desejo de superação do modelo imitado.

Na epistolografia pliniana, a ideia de superar os modelos antigos é significativa porque ajuda a compor um quadro geral de crescimento intelectual do período. Nas mesmas cartas em que apresenta a emulação como um dos argumentos principais do elogio, Plínio costuma exortar seu interlocutor para que valorize a produção contemporânea. Em 6.21, esse incentivo é dado ao destinatário ainda na introdução do texto, quando o missivista afirma estar entre os que admiram as obras antigas, no entanto considera louvável também a produção contemporânea. Em 1.16, Plínio é ainda mais claro em sua argumentação, afirmando: “Mas é algo insensato e perverso não admirar o homem mais digno de admiração porque é possível vê-lo, conversar com ele, ouvi-lo e tocá-lo. Convém não apenas louvar, mas, também, amá-lo” (Plínio, *Epistulae*, 1.16.9¹²¹).

Embora os três elogiados não emulem os mesmos autores, percebem-se algumas semelhanças entre os modelos literários elencados por Plínio. Pompeio Saturnino emula Catulo e Calvo, indicados, na carta, também como referências para o próprio missivista (Plínio, *Epistulae*, 1.16.5). Vergílio Romano, por sua vez, é autor de comédias ao modelo de Menandro, mas que podem ser comparadas ainda aos textos dos autores romanos Plauto e Terêncio. Por fim, Passeno Paulo é apresentado como exímio émulo da elegia de Propércio e da lírica de Horácio. O que une o cânone apresentado por Plínio em seus elogios é, primeiramente, o fato de que esses contemporâneos imitam autores de poesia. Nas cartas de elogio, Plínio não cita, em nenhum momento, autores de prosa como modelo, ainda que mencione, no elogio a Saturnino, uma produção historiográfica e mesmo epistolográfica. Em segundo lugar, o tipo de poesia imitado pelos elogiados de Plínio – a comédia, a lírica e a elegia – pode ser classificado entre os gêneros humildes do discurso literário. Como mostram Hershkowitz (1995, p. 168-181) e Marchesi (2008, p. 40-96), Plínio, ainda que cite e mesmo afirme já ter produzido algo nos gêneros poéticos elevados, como a tragédia e a épica (Plínio, *Epistulae*, 7.4.2-3), demonstra com bastante clareza sua preferência pela poesia de caráter cotidiano e, em especial, a neotérica.

121 “*At hoc pravum malignumque est, non admirari hominem admiratione dignissimum, quia videre alloqui audire complecti, nec laudare tantum verum etiam amare contingit*”.

Para Hershkowitz (1995, p. 169) e Marchesi (2008, p. 61), a função dessa poesia de caráter mais baixo e breve é, na verdade, reforçar uma imagem do autor como homem público. Para as autoras, a prática poética é inserida no cotidiano de Plínio e de seus amigos como uma forma de treinamento para que melhorem sua eloquência e como divertimento para os momentos de *otium*. Exemplo dessa perspectiva de Plínio a respeito de como lidar com a poesia está na carta 7.9. Nessa missiva, considerada a *Institutio oratoria* de Plínio (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 413), o autor fornece uma série de instruções a Fusco Salinator sobre o que pode ser uma rotina adequada de estudos nos períodos de recesso. Uma dessas instruções e, na verdade, a que ocupa maior espaço na carta, são os exercícios de versificação. Em relação a tais exercícios, Plínio (*Epistulae*, 7.9.9-10) destaca primeiramente que o gênero a ser escolhido precisa ser breve, e não os cantos épicos, por exemplo; em seguida (7.9.12) afirma que a versificação foi um treinamento certamente utilizado pelos grandes oradores; e, por fim (7.9.13-14), demonstra quais são os benefícios de tal prática. De acordo com Marchesi (2008, p. 61-62),

Para a cultura de Plínio, épica é o gênero de escolha para aqueles que já cumpriram seu período de serviço ativo – eles ganharam liberação do serviço do Estado. Mas para aqueles que ainda não estão desobrigados, a curta poesia epigramática é uma saída ideal, porque inofensiva, dos cuidados e deveres da vida ativa. Ela oferece uma pausa muito necessária longe de tarefas diárias – uma saída, no entanto, que deixa as prioridades do poeta-político intactas. Poesia curta não é uma distração na medida em que é menos dominadora; deixa aos seus praticantes o tempo para desempenhar as suas funções (mais importantes) na sociedade.

Por meio dessa escolha dos modelos imitados, o autor consegue conciliar, portanto, a representação desses homens como participantes da atividade cultural do período ao mesmo tempo que mantém sua identidade senatorial.

Uma das consequências de elencar tais modelos poéticos como referências para a imitação é a apreciação da *variatio* como principal virtude estilística das obras. De fato, esse é um recurso que aparece com frequência na avaliação feita por Plínio sobre o estilo de seus elogiados. Na carta 1.16, esse princípio é aplicado mais globalmente

em relação à obra de Pompeio Saturnino. Na introdução da missiva, o autor apresenta como uma das razões para admirar ainda mais esse amigo o fato de que ele é variado, flexível e abundante (Plínio, *Epistulae*, 1.16.1). Tais características são comprovadas pelos diferentes tipos de textos que Saturnino escreve: oratórios, historiográficos, poéticos (elegíacos) e, possivelmente, epistolográficos.

No elogio aos poetas, essa variação é mais perceptível em relação ao estilo utilizado no texto dos poemas. Quanto aos versos de Sêncio Augurino, Plínio destaca, como já mencionado, que “Muitos deles são suaves, muitos, elevados; muitos, elegantes, muitos, delicados; muitos, serenos, muitos, coléricos” (Plínio, *Epistulae*, 4.27.1¹²²). Já em relação a Calpúrnio Pisão, o missivista considera que “O tema havia sido escrito em elegíacos, não só fluentes, mas delicados e desenvoltos, elevados também, como convinha ao trecho” (5.17.2¹²³). Por fim, em relação a Vergílio Romano, o autor afirma que “A ele não faltou força, nem grandeza, nem sutileza, nem amargura, nem doçura, nem graça: as virtudes louvou, os vícios perseguiu” (6.21.5¹²⁴). Em todos esses exemplos, algo que se mostra recorrente é a oposição entre certa leveza (*tenuiter, teneris, subtilitas*) e uma sublimidade do discurso (*sublimiter, sublimitibus, granditas*). Desse modo, a representação que Plínio desenvolve sobre esses poetas se caracteriza principalmente pela versatilidade.

A variação não se limita, no entanto, aos textos poéticos; também na produção oratória, Plínio representa seus contemporâneos a partir dessa categoria, como é o caso do elogio a Eufrates (Plínio, *Epistulae*, 1.10.5). Nessa carta, o missivista demonstra a alternância positiva da obra não apenas ao afirmar diretamente que o discurso de Eufrates é variado, mas também ao elencar características diversificadas para a eloquência desse filósofo. Ele afirma que o discurso de Eufrates é tênue e agradável, o que indica leveza e talvez mesmo certa coloquialidade, mas, simultaneamente, caracteriza-o como sério e sublime, algo que remete a uma grandiloquência, própria de discursos bem preparados.

No tocante à imitação não de autores antigos, mas de modelos de conduta contemporâneos, Plínio parece realizar, ele mesmo, uma emulação. Em 4.27.5, o

122 “*Multa tenuiter multa sublimiter, multa venuste multa tenere, multa dulciter multa cum bile*”.

123 “*Scripta legis erat fluentibus et teneris et enodibus, sublimibus etiam, ut poposcit locus*”.

124 “*Non illi vis, non granditas, non subtilitas, non amaritudo, non dulcedo, non lepos defui*”.

missivista complementa seu louvor à obra de Sêncio Augurino destacando os laços de amizade e parentesco que o jovem poeta possui com Vestricio Espurina e Árrio Antonino:

Por enquanto, estime esse jovem e agradeça ao nosso tempo por ter produzido um talento tal, que Augurino ainda ornamenta mais com seu caráter. Convive com Espurina, convive com Antonino, entre os quais, sendo parente de um, é amigo dos dois. Observe, portanto, a partir disso, quão correto é esse rapaz, já que é estimado dessa forma por senhores tão ilustres (Plínio, *Epistulae*, 4.27.5¹²⁵).

Tanto Árrio Antonino quanto Vestricio Espurina são homens já retirados da vida pública (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306) e apresentam-se, na obra pliniana, como exímios poetas (Plínio, *Epistulae*, 4.3, 4.18, 5.15 e 3.1). Vestricio Espurina, sobretudo, é apresentado como o modelo de imitação não só literário, mas também de conduta, a ser seguido pelo próprio Plínio (3.1).

A carta 6.11, assim como a 4.27, retrata jovens talentos dignos de serem inseridos no círculo letrado de Plínio: são os advogados Umídio Quadrato e Fusco Salinator. Nessa missiva, porém, diferentemente do que ocorre no louvor a Augurino, Plínio não utiliza como argumento seus modelos de imitação, mas apresenta a si mesmo como o modelo a ser seguido.

Todas e cada uma dessas coisas me agradaram. Entre elas também o fato de que eles olhavam atentamente para mim, como se eu fosse seu mestre, professor. Para aqueles que os ouviam, eles pareciam estar me imitando e seguindo meus passos. [...] O que poderia ser mais feliz para a sociedade do que seus jovens mais distintos procurarem renome e fama por meio da erudição, ou mais desejável para mim do que ter sido apresentado quase como um exemplo de direção correta. Que eu alcance continuamente tal alegria é o que peço

125 “*Interim ama iuvenem et temporibus nostris gratulare pro ingenio tali, quod ille moribus adornat. Vivit cum Spurinna, vivit cum Antonino, quorum alteri affinis, utrique contubernalis est. Possis ex hoc facere coniecturam, quam sit emendatus adulescens, qui a gravissimis senibus sic amatur*”.

aos deuses; a eles, sendo você testemunha, peço que todos os que considerarem futuramente que é de algum valor me imitar, queiram ser melhores que eu. Adeus (Plínio, *Epistulae*, 6.11.2-4¹²⁶).

Essa é, inclusive, uma das cartas que marcam certa mudança nos textos elogiosos do missivista. Até o livro 4, os louvores são feitos a contemporâneos mais velhos que o autor e apresentados, em geral, como exemplos para a conduta do próprio Plínio. A partir do livro 5, porém, há um número maior de cartas de louvor a contemporâneos mais jovens e nas quais o autor se apresenta, se não diretamente como o modelo a ser imitado, como o faz na epístola 6.11, pelo menos como um dos incentivadores dessa nova geração. Em 5.17, por exemplo, a carta de elogio ao jovem Calpúrnio Pisão é endereçada a Vestricio Espurina, que é, como vimos, um dos modelos antigos para Plínio. O missivista o apresenta, na introdução de sua carta, como alguém que incentiva os jovens literatos: “Conheço com quanto empenho você encoraja as artes liberais, quanta alegria alcança se os jovens nobres fazem algo digno de seus antepassados” (Plínio, *Epistulae*, 5.17.1¹²⁷). Após elogiar o poema de Calpúrnio Pisão, Plínio, então, apresenta a si mesmo como um incentivador dessa literatura: “incentivei-o com meus elogios, para que continuasse aquilo que havia começado e que transferisse aos seus descendentes a chama que seus antepassados haviam transferido para ele” (5.17.4¹²⁸). Ao fazer isso, o missivista parece reivindicar para si a mesma imagem que constrói sobre Espurina. Outro fator que reforça a aproximação buscada nessa carta é o uso do verbo *favere* (“favorecer”, “incentivar”), que aparece no primeiro e no último parágrafo. No primeiro, ele indica o incentivo

126 “[...] quae singula mihi voluptati fuerunt, atque inter haec illud, quod et ipsi me ut rectorem, ut magistrum intuebantur, et iis qui audiebant me aemulari, meis instare vestigiis videbantur. O diem — repetam enim — laetum notandumque mihi candidissimo calculo! Quid enim aut publice laetius quam clarissimos iuvenes nomen et famam ex studiis petere, aut mihi optatius quam me ad recta tendentibus quasi exemplar esse propositum? Quod gaudium ut perpetuo capiam deos oro; ab isdem teste te peto, ut omnes qui me imitari tanti putabunt meliores esse quam me velint. Vale”.

127 “Scio quanto opere bonis artibus faveas, quantum gaudium capias, si nobiles iuvenes dignum aliquid maioribus suis faciant”.

128 “laudibus incitavi, pergeret qua coepisset, lumenque quod sibi maiores sui praetulissent, posteris ipse praeferret”.

que é dado por Espurina ([...] *bonis artibus faveas*), no último, o que é feito pelo próprio Plínio (*faveo*).

Pensando em termos da identidade do círculo de letrados representados por Plínio, o missivista demonstra, nessas cartas sobre os mais jovens, uma modificação sutil em relação ao seu próprio lugar no interior desse grupo. Como aponta Elias (2000, p. 38), os grupos que se formam a partir das representações possuem hierarquias inconscientes. Nas epístolas de Plínio, essa hierarquia está expressa, de algum modo, pelo critério de antiguidade. A identidade de novos membros, a ser legitimada, depende da imitação de modelos anteriores do mesmo grupo. Assim, os membros mais antigos acabam se tornando, quando já estabelecidos, exemplos para os novos integrantes.

Nas cartas laudatórias de Plínio, uma das formas de ser representado como modelo é assumindo a posição de incentivador da própria contemporaneidade. O missivista atribui também essa qualidade a alguns de seus elogiados. Em 5.14, o autor afirma a respeito de Cornuto Tértulo: “Juntos nós apreciamos, juntos já apreciávamos antes praticamente todos aqueles – em ambos os sexos – que nossa época apresentou como exemplos a serem imitados” (Plínio, *Epistulae*, 5.14.4¹²⁹). Nessa missiva, Plínio constrói uma imagem de Cornuto Tértulo e de si como indivíduos que valorizam o que é produzido em seu próprio tempo. Nesse texto, não se trata necessariamente de literatura, mas de exemplos de virtude.

Na carta 8.12, a maior parte da argumentação está na importância que o elogiado, Ticínio Capitão, dá às recitações e à produção literária do período. Para Plínio, Ticínio Capitão deve ser considerado entre os principais de sua geração porque,

[...] para muitos dos que escrevem algo, ele é um porto, um colo, um refúgio, além de um exemplo para todos, enfim, é um condutor e reformador da própria literatura já decadente. Oferece sua casa para recitadores, frequenta

129 “*Una diligimus, una dileximus omnes fere quos aetas nostra in utroque sexu aemulandos tulit; quae societas amicitiarum artissima nos familiaritate coniunxit*”.

plateias – não apenas em sua casa – com uma generosidade admirável. Estando eu um pouco na cidade, nunca me desamparou (Plínio, *Epistulae*, 8.12.1-2¹³⁰).

A carta evidencia, ainda, a existência de práticas sociais que sustentam a representação letrada desse indivíduo. Plínio demonstra que tanto o apoio material – oferecer a casa para uma recitação – quanto o imaterial – estar presente nas recitações – são ações que constituem a identidade dos indivíduos desse grupo.

Especialmente nas cartas em que Plínio dirige seus louvores a contemporâneos mais jovens – e o autor costuma demarcar a diferença geracional no próprio texto das cartas –entrevêm-se alguns mecanismos práticos que mantêm a coerência do grupo e asseguram a inserção de novos membros. É o caso das cartas 4.27, 5.17 e 6.11. Em 4.27, o que o missivista elogia na obra de Augurino é justamente o poema em que esse jovem dirige louvores ao próprio Plínio. Mais que para uma autopromoção, Plínio aponta, nessa carta, para a importância que a troca de elogios exerce na manutenção desse círculo de letrados. Tal importância fica mais clara quando se leva em consideração uma carta enviada a Augurino (Plínio, *Epistulae*, 9.8). Nela, Plínio elogia – novamente – seu interlocutor, agradece os elogios feitos por Augurino e afirma que o jovem escreve muito bem (*optime*) quando o faz a respeito de seus amigos. Considerando aquilo que Plínio afirma na carta a Vestricio Espurina, em que também elogia o jovem Calpurnio Pisão – “e, porque é a mais penetrante forma de aconselhar, o incentivei com meus elogios para que continuasse aquilo que havia começado [...]” (5.17.4) –, mais que um louvor, a epístola 9.8 é uma exortação e um conselho. Diante disso, é possível concordar com Fitzgerald (2007, p. 196) na constatação de que “a sociedade que Plínio imagina nas *Cartas* é uma em que os correspondentes estão constantemente encorajando um ao outro para sair e fazer o mesmo”. O elogio mútuo, público ou privado (Plínio, *Epistulae*, 5.14.6) é, desse modo, uma prática que assegura a identidade com o círculo do qual aquele indivíduo faz parte.

Nas epístolas laudatórias de Plínio, há ainda mais um mecanismo utilizado para representar os contemporâneos como parte de um grupo de letrados: a oratória. O

130 “[...] multorum qui aliqua componunt portus sinus gremium, omnium exemplum, ipsarum denique litterarum iam senescentium reductor ac reformator. Domum suam recitantibus praebet, auditoria non apud se tantum benignitate mira frequentat; mihi certe, si modo in urbe, defuit numquam”.

autor recorre à avaliação da eloquência retórica dos seus elogiados em cinco missivas: 1.10, 1.16, 1.22, 2.3 e 6.11. De modo geral, como já mencionado anteriormente, o elogio de Plínio à oratória de seus contemporâneos é realizado a partir da análise da eloquência dos indivíduos com base nas divisões e classificações advindas da própria preceituação retórica – como em Aristóteles, Quintiliano e Cícero – e funciona como uma maneira de demonstrar o nível elevado de letramento tanto do próprio missivista quanto de seu elogiado. Na missiva 6.11, contudo, o elogio à oratória pode ser lido como um mecanismo de diferenciação e posicionamento em relação a outros grupos. Além de uma avaliação dos elogiados com base nos critérios próprios da preceituação retórica, a menção às habilidades oratórias realizada na missiva 6.11 parece manter uma relação intertextual com a missiva 4.7, que é uma invectiva contra Régulo.

Em 6.11.2, Plínio elogia os jovens advogados Umídio Quadrato e Fusco Salinator. Sobre eles, o missivista afirma que “Há, em ambos, admirável integridade, firmeza sadia, comportamento adequado, linguagem correta, entonação viril, memória firme, grande talento e juízo equânime. Todas e cada uma dessas coisas me agradaram” (Plínio, *Epistulae*, 6.11.2¹³¹). Já em 4.7.4, sobre a eloquência de Régulo, Plínio destaca que “Seu pulmão é fraco, a expressão confusa, a linguagem vacilante, a elaboração a mais lenta, a memória é nula e não há [nele] nada mais que um talento insensato [...]” (4.7.4¹³²). Aquilo que é elogiado nos dois jovens (*os Latinum, vox virilis, tenax memoria, magnum ingenium*) é, como se vê nos textos, justamente o que falta na eloquência de Régulo (*os confusum, haesitans lingua, memoria nulla, ingenium insanum*).

Para Gibson e Morello (2012, p. 68-72), a contraposição entre o elogio feito aos dois jovens advogados e a invectiva dirigida a Régulo, um senador bastante mais velho que Plínio e, de algum modo, representante da eloquência própria de dinastias anteriores, evidencia a existência de uma disputa no interior do Tribunal dos Centúviro, no qual ambos – Plínio e Régulo – atuavam. A missiva 6.11 é, para Gibson e Morello (2012, p. 68-72), um texto que demarca um processo de renovação na

131 “*Mira utrique probitas, constantia salva, decorus habitus, os Latinum, vox virilis, tenax memoria, magnum ingenium, iudicium aequale; quae singula mihi voluptati fuerunt*”.

132 “*Imbecillum latus, os confusum, haesitans lingua, tardissima inventio, memoria nulla, nihil denique praeter ingenium insanum [...]*”.

oratória judicial. De acordo com esses autores, quando a contraposição entre a oratória de Régulo e a de Umídio Quadrato e Fusco Salinator é somada ao fato de que esses jovens olhavam para Plínio como se ele fosse um “mestre” ou “professor” (Plínio, *Epistulae*, 6.11.2-3), “nós somos convidados a sentir que há, agora, esperança para a oratória romana, quando a exemplaridade de Plínio leva na direção oposta daquela de Régulo” (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 70). Algo que complementa a representação de um reflorescimento da oratória judicial é o fato de que o livro 6 apresenta uma grande quantidade de cartas relacionadas à atuação advocatícia do próprio Plínio, não apenas na corte dos Centúviro. Além disso, a segunda carta do livro noticia, em tom irônico e invectivo, a morte de Régulo.

Desse modo, as virtudes oratórias não são utilizadas como mecanismos apenas para elaborar uma representação letrada dos jovens advogados, mas também para criar uma oposição à representação negativa de Régulo. Essa diferenciação é um item fundamental para a manutenção da identidade do grupo de Plínio. Pois, como afirma Woodward (2000, p. 39): “As identidades são fabricadas por meio da marcação de diferença”.

Na análise que faz a respeito da presença do autoelogio na obra pliniana, Gibson (2003, p. 253) conclui que:

O elogio de si é um mecanismo fundamental para exercer o controle antecipadamente sobre a recepção de seus atos por parte da sociedade. As cartas fornecem, por assim dizer, um comentário sobre as realizações e talentos públicos de Plínio que orienta os leitores em direção a avaliações positivas dele mesmo (tudo em um contexto íntimo, que, em certa medida, legitima o elogio de si).

Não é diferente o modo como pensamos a função exercida pelas cartas em que Plínio louva seus contemporâneos ainda vivos. Como procuramos demonstrar, o missivista constrói, por meio da apropriação de uma modalidade literária privada e cotidiana – as epístolas – associada a uma prosa de caráter encomiástico, imagens públicas de alguns de seus contemporâneos que se apresentam como modelos representativos e ideais. Esses perfis configuram-se a partir de uma série de representações administradas por Plínio e que acabam por formular a identidade de um grupo letrado cuja produtividade literária é favorável ao novo *princeps*.

Considerações finais

Paulo Martins (2011, p. 43-44), ao discutir, em seu trabalho a respeito das relações entre a imagem e o poder durante o principado de Augusto, de que maneira é possível analisar as representações iconográficas greco-latinas, destaca que a análise de um material visual requer uma consciência anterior acerca das prescrições que determinam tal produção e uma observação sobre o posicionamento daquele que constrói a imagem em relação ao objeto representado. De modo similar, acreditamos que, para que fosse possível examinar as imagens textuais construídas pela utilização do elogio e, desse modo, as representações presentes na obra epistolar de Plínio, o Jovem, fez-se necessário reconhecer os elementos que compuseram sua formação e prática literária, assim como o lugar ocupado por ele na tradição dos gêneros que utilizou.

Em primeiro lugar, discutir sobre o que é e como se configura o gênero epistolográfico na Antiguidade contribuiu para a apreciação literária do texto pliniano. Tradicionalmente compreendidas como gênero de caráter utilitário e de função, sobretudo comunicacional, as cartas antigas, em especial aquelas de origem privada e autêntica, têm sido lidas como um repositório de informações a respeito do seu momento histórico, autores e correspondentes. Ainda que não se deva negar esse aspecto da literatura epistolográfica, seu estatuto de gênero literário pode ser renovado na medida em que os textos são reconhecidos como uma manifestação comunicativa sócio-historicamente construída e definida por critérios situacionais – diálogo à distância, escrita em material transportável – e linguístico-estruturais – textos escritos, limitados por fórmulas de saudação e de despedida, marcados pela brevidade e

por uma linguagem simples, por vezes coloquial. Tais critérios foram empregados de maneiras diversas por vários autores greco-romanos, não apenas em uma correspondência real com amigos, familiares, autoridades ou mesmo um público mais amplo, mas também em textos fictícios, filosóficos ou poéticos. A variedade na prática epistolar, somada à existência de discussões teórico-estilísticas sobre o tema, contribuiu para a construção de uma tradição literária do gênero, marcada pela emergência de coleções, formato especialmente desenvolvido em contexto romano, a partir da publicação das cartas privadas de Cícero.

No interior da tradição epistolográfica, a obra pliniana, e em especial o conjunto de textos que compõem os livros 1-9 da coleção, apresenta-se como um exemplo singular para uma leitura literária, uma vez que é formada por textos autênticos e de caráter originalmente privados, mas apresentados ao público em um formato bastante autoconsciente da própria literariedade e posicionamento em relação à tradição precedente. Tal consciência é demonstrada não só pela atitude do autor ao selecionar, compilar e publicar suas cartas de acordo com determinados princípios de composição (Plínio, *Epistulae*, 1.1), mas também pelos processos de alusão a modelos oratórios, historiográficos e poéticos e pela utilização de uma linguagem marcada por uma diversidade de estilos imitados e presença constante de figuras. Alguns dos traços distintivos da epistolografia de Plínio em relação à tradição epistolar em prosa que a precede são, como procuramos destacar, além da organização literária do conjunto, o emprego de missivas monotemáticas e o frequente ocultamento de indicadores de lugar e tempo. Tais características, indicativos de uma consciência genérica e do trabalho estilístico no autor, auxiliam na apreciação literária desse texto.

Observar o emprego do gênero epistolar por Plínio, o Jovem, resultou ainda na análise de um posicionamento estético e discursivo do autor. Como procuramos demonstrar, Plínio mantém, em suas epístolas laudatórias, os recursos característicos de uma correspondência privada em prosa, o que o aproxima da epistolografia ciceroniana; entretanto o autor também realiza várias escolhas estilísticas em suas cartas, como a estruturação próxima aos discursos retóricos e certo apagamento do aspecto conversacional dos textos, que ajudam a caracterizá-los como publicáveis. Esteticamente, portanto, Plínio emprega em suas cartas pessoais uma linguagem marcada pela elegância da escrita, que as caracteriza como publicação de caráter literário, ao mesmo tempo em que, discursivamente, a manutenção do seu aspecto pessoal

contribui para a força retórica dos textos. A forma epistolar funciona também como um recurso argumentativo, pois permite a realização de um elogio público a alguém ainda vivo, algo que suscita, por vezes, certo desconforto social em contexto romano (Cícero, *De oratore*, 2.341-342; Plínio, *Epistulae*, 1.8 e 7.18), mas que, submetido a um suporte textual privado, alcança certa legitimidade.

Em seguida, a investigação sobre o discurso epidítico permitiu examinar como Plínio utilizou os elementos próprios do elogio retórico para descrever seus contemporâneos e formular as imagens textuais que configuram perfis humanos exemplares elaborados para serem não apenas admirados, mas também imitados. O autor, mesmo não tendo efetuado grandes considerações teóricas sobre o tema, é uma figura importante quando se trata da prática do louvor. Os elogios elaborados em seu *Panegírico* bem como os textos encomiásticos nas missivas colaboram para a compreensão do crescimento da prática laudatória durante os séculos I e II d.C.

Na Antiguidade, o epidítico foi tanto uma atividade oratória de caráter celebrativo, quando atrelada, por exemplo, às comemorações pan-helênicas, quanto performance fundamental em cerimônias formais e institucionalizadas, como nos elogios fúnebres gregos e romanos e, tempos depois, nos discursos em honra aos imperadores. Se, por um lado, o gênero dos louvores recebeu críticas em virtude de um caráter apenas ornamental e de demonstração da habilidade oratória, como ocorre com o *Elogio*, de Górgias, também pôde, por outro lado, ser visto como instrumento de atuação política séria, como em Cícero, Sêneca e Plínio, cujos discursos laudatórios a figuras autocráticas são lidos a partir das relações não apenas de adulação, mas também de aconselhamento que estabelecem com o poder centralizado. Essa forma de atuação se estende, ainda, a outros campos, como podemos ver na biografia-elogio de Tácito ao seu sogro Agrícola. Esse texto se configura como uma peça importante para compreensão do posicionamento das cartas laudatórias plinianas em relação à tradição epidítica que o precede, uma vez que se direciona não ao imperador, mas a um cidadão romano, prática que se aproxima da realizada por Plínio em suas cartas. Nesse tipo de elogio, realizado em ambiente privado e dirigido a pessoas de posição social mais próxima daquele que louva, o aconselhamento e a exemplaridade subjacentes, além de se aplicarem ao elogiado, apresentam ideais de atitudes a serem seguidas por um público aristocrático mais amplo.

Na coleção epistolar pliniana, a utilização de recursos argumentativos próprios dos discursos retóricos configura uma parte significativa das imagens textuais criadas por esse missivista. Por isso, foi importante reconhecer os elementos que delimitavam a estruturação e prática das exposições laudatórias dos quais Plínio certamente lançou mão na escrita de suas cartas. Exemplos da utilização desses recursos são a construção das missivas a partir de argumentos próprios do exórdio e epílogo laudatórios; o uso das virtudes, especialmente a *modestia*, a *eloquentia* e o *ingenium* para o louvor; e o emprego das amplificações na composição do texto. A análise desses expedientes indicou que o discurso epidítico presente nas cartas do autor cria uma imagem bastante otimista de seu próprio período, otimismo esse que passa pelo enaltecimento de um grupo de amigos caracterizados principalmente pelo envolvimento com a produção literária contemporânea. Em geral, Plínio justifica o elogio a seus coetâneos pela habilidade destes em alguma produção intelectual ou pelo menos pelo interesse demonstrado na criação letrada do período. O modo especulativo como o autor fala dos discursos, dos textos historiográficos, epistolográficos ou poemas desses homens, caracteriza-o como crítico dessa produção intelectual letrada. O otimismo expresso pelo autor, todavia, não tem caráter apenas de constatação. A frequência de referências a recitações, discursos ou publicações de livros, o emprego de exortações e a valorização, em geral, de indivíduos que escrevem algo ou propiciam a escrita de alguma obra parecem querer incentivar e aconselhar para que tais atitudes continuem a ser tomadas.

Barthes (1975, p. 148) afirma que a retórica antiga, vista de maneira bastante ampla, pode ser sinteticamente definida como uma metalinguagem. Mais que apenas discurso sobre o discurso, porém, essa metalinguagem funcionou, na análise desse autor, como uma técnica, um ensino, uma ciência, uma moral, uma prática social e uma prática lúdica (BARTHES, 1975, p. 148-149). De fato, tendo sido, na Antiguidade, além de um conjunto de regras para a formulação dos discursos oratórios, a base para a formação dos cidadãos, um campo de observação dos fenômenos da linguagem, espaço de regulação da moral, conhecimento básico para atuação política e, por vezes, recurso utilizado para o deleite, a retórica influenciou os critérios éticos, estéticos, culturais, políticos e sociais das sociedades em que se fez presente. Ainda que se deva ter a consciência de que a própria retórica não é estática e de que varia não só em diferentes momentos da história, mas mesmo de autor para autor, vista a

partir da multiplicidade de suas aplicações, ela pode ser entendida como um recurso bastante eficiente para a construção e veiculação de representações, pois fornece um dos pontos de vista por meio do qual um objeto, pessoa ou grupo podem ser lidos – ou dados a ler. Não foi de modo diferente que a retórica, estudada neste texto a partir de uma de suas subdivisões, o gênero epidítico, foi pensada. Entendemos que os elementos retóricos utilizados para formar as imagens textuais dos contemporâneos de Plínio foram empregados de modo a compor representações desses indivíduos. Tais representações formulam a identificação de uma comunidade erudita da qual Plínio busca participar.

Por fim, então, a discussão sobre como se organizam essas representações e como é mantida tal identidade nas cartas do autor buscou explicar de que modo a utilização do elogio, realizado de acordo com determinados critérios estilísticos e inserido num suporte epistolar, inscreve um posicionamento político e social de Plínio no período do qual faz parte. Como destaca Chartier (2002, p. 17), as representações nunca são neutras, mas sim participam de ambientes de concorrências relacionadas ao poder e à dominação. Nas epístolas laudatórias de Plínio, o ambiente de concorrência manifestou-se como relacionado principalmente a certa instabilidade causada pela transição de dinastias no comando do império que resultou na necessidade de Plínio se posicionar em relação a esse contexto. Nesse sentido, concordamos com a visão de Venturini (2005, p. 144) de que Plínio assume um papel bastante ativo durante o reinado de Trajano, mas não de maneira necessariamente individualizada, e sim como participante da visão de um grupo senatorial que busca conciliação entre a cúria e o *princeps*. Tratava-se de uma busca pela legitimação do poder de Trajano, mas também da orientação dos interesses dos senadores.

Como procuramos indicar, em primeiro lugar, Plínio representa a elite letrada como sendo constituída por indivíduos cujas ações tomadas em domínio tanto público quanto privado manifestam virtudes valorizadas em um contexto mais amplo. Tal modo de manifestar as virtudes demonstrou uma preferência do autor pela moderação (ou modéstia). Mais que uma preferência individual, porém, a apresentação dos indivíduos como modestos mostrou-se parte de uma retórica da representação imperial própria do período e das expectativas de virtude para a aristocracia.

Em segundo lugar, as produções intelectuais dos indivíduos foram apresentadas, nas missivas, tendo como uma das principais características a emulação de

autores antigos. A seleção dos modelos de imitação, especialmente concentrada em obras poéticas e de temática cotidiana, conseguiu, como pôde ser observado, conciliar a imagem desses homens como participantes da atividade cultural do período e membros ativos na realização das obrigações públicas. A ideia de uma imitação de modelos anteriores não se restringiu, porém, ao contexto literário. Plínio apresentou os contemporâneos sobre os quais buscava criar uma imagem exemplar como imitadores também de modelos de conduta próprios de indivíduos da geração anterior. Em relação a isso, constatou-se, nas missivas, principalmente uma autorrepresentação do autor. Em um primeiro momento, o missivista destacou quais modelos de conduta ele mesmo buscava imitar, em seguida, porém, passou a se apresentar como o próprio modelo de conduta. Essa reverência a um *corpus* literário comum e a indivíduos mais antigos no interior do próprio grupo mostrou-se uma forma de legitimação. Por meio da análise desses processos de imitação, observamos, ainda que brevemente, algumas práticas que podem ser percebidas como mecanismos de manutenção da coerência do grupo de eruditos que Plínio representa em suas missivas laudatórias. Nesse contexto, aparecem como principais práticas o incentivo à produção intelectual do período, por meio da presença em recitações, por exemplo, e a execução do elogio mútuo.

Outra forma de representação discutida neste texto foi a avaliação da eloquência oratória dos contemporâneos, realizada por Plínio, nas cartas laudatórias, com base nas divisões e classificações advindas da própria preceituação retórica – como em Aristóteles, Quintiliano e Cícero. Nesses casos, as considerações feitas pelo autor foram lidas como uma maneira de exibir o nível elevado de erudição tanto do próprio missivista quanto de seu elogiado. Especialmente a partir das reflexões desenvolvidas sobre a carta 6.11, na qual se pode perceber um diálogo com o vitupério feito em 4.7.4, concluiu-se que as virtudes oratórias elencadas na construção dos elogios não são apenas utilizadas como mecanismos para elaborar uma representação dos indivíduos como versados nas práticas da retórica, mas também para criar uma oposição a outros estilos dessas práticas. Na missiva 6.11, em específico, a oposição é feita em relação à figura de Régulo, um representante da eloquência própria de dinastias anteriores.

A partir da análise dos elementos que compõem a epistolografia desse autor, assim como os textos epidíticos utilizados em suas epístolas e as representações

inscritas nelas, verificamos, assim, que o missivista constrói, por meio da apropriação de uma modalidade literária privada e cotidiana – as epístolas – associada a uma prosa de caráter público – o encômio –, imagens textuais de alguns de seus contemporâneos que se apresentam, de algum modo, como modelos representativos e ideais de homem público. Essas imagens textuais são marcadas antes de mais nada pelo otimismo de Plínio em relação à produção literária contemporânea, que leva a uma visão geral do período como momento de liberdade artística e de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

Edições da obra de Plínio

PLINIO EL JOVEN. **Cartas**. Traducción y notas de Carmen Guzmán Arias y Miguel E. Pérez Molina. 2014c. Disponível em: <<http://www.um.es/jano/plinio/>>. Acesso em: 1º mar. 2018.

PLINIO EL JOVEN. **Cartas**. Traducción, introducción y notas de Julián González Fernández. Madrid: Gredos, 2005.

PLINY. **Complete letters**. Translation by Peter Gerard Walsh. New York: Oxford, 2006.

PLINY. **Letters**: books I-VII. Translation by Betty Radice. Cambridge: Harvard University, 1969a. (Loeb Classical Library).

PLINY. **Letters**: books VIII-X and Panegyricus. Translation by Betty Radice. Cambridge: Harvard University, 1969b. (Loeb Classical Library).

Obras da Antiguidade

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Casa da Moeda, 2005.

CÍCERO. Do orador. Tradução de Adriano Scatolin. In: SCATOLIN, Adriano. **A invenção no Do orador de Cícero**: um estudo à luz de *Ad Familiares* I, 9, 23. 2009. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. p. 147-308.

CÍCERO. Primeira Filípica. Tradução de Bruna Fernanda Abreu. In: ABREU, Bruna Fernanda. A primeira *Filípica* de Marco Túlio Cícero. **Rónai**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, Juiz de Fora, 5. 3, n. 2, p. 108-135, 2015.

CÍCERO. **Pro Archia**. Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1955a.

CÍCERO. **Pro Marcello**. Tradução de Maximiano Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1955b.

[CÍCERO]. **Retórica a Herênio**. Tradução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CICERÓN. **Cartas**: cartas a Ático. Traducción de M. Rodríguez-Pantoja Márquez. Madrid: Gredos, 1996. 2 5.

CICERÓN. **Cartas III**: cartas a los familiares (cartas 1-173). Traducción de José A. Beltrán. Madrid: Gredos, 2008a.

CICERÓN. **Cartas IV**: cartas a los familiares (174-435). Traducción de Isabel Magalón García. Madrid: Gredos, 2008b.

CICERÓN. **El orador**. Traducción de Eustáquio Sánchez Salor. Madrid: Alianza, 2013.

CICERÓN. **La invención retórica**. Traducción de Salvador Nuñez. Madrid: Gredos, 1997.

DEMÉTRIO. Sobre o estilo. Tradução de Gustavo Araújo de Freitas. In: FREITAS, Gustavo Araújo de. **Sobre o estilo de Demétrio**: um olhar crítico sobre a Literatura Grega (tradução e estudo introdutório do tratado). 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. p. I-LXXV.

DEMÓSTENES. **A oração da Coroa**. Tradução de Adelino Capistrano. São Paulo: Atena, 1956.

EURIPIDE. **Théâtre complet**. Traduction de Henri Berguin e Georges Duclos. Paris: Garnier-Flammarion, 1965-1956. 4 5.

FILÓSTRATO. **Vidas de los sofistas**. Traducción de María Concepción Giner Soria. Madrid: Gredos, 1982.

GÓRGIAS. Elogio de Helena. In: GÓRGIAS. **Testemunhos e fragmentos**. Tradução, comentários e notas de Manuel José de Sousa Barbosa e Inês Luisa de Ornelas e Castro. Lisboa: Colibri, 1993. p. 40-46.

HERÓDOTO. **História**. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [19--].

HOMERO. **Ilíada**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ISÓCRATES. Evágoras. Tradução de Júlio de Figueiredo Lopes Rego. In: REGO, Júlio de Figueiredo Lopes. **Os discursos cipriotas**: para Demônico, para Níocles e Evágoras de Isócrates. Tradução, introdução e notas. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 64-79.

ISÓCRATES. Panegírico. Tradução de André Rodrigues Bertacchi. In: BERTACCHI, André Rodrigues. **O Panegírico, de Isócrates**: tradução e comentário. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. p. 93-129.

JÚLIO VÍTOR. Das epístolas. Tradução de Thaís Morgato Martin. In: MARTIN, Thaís Morgato. **Tradução anotada e comentários da Ars rhetorica de Caio Júlio Vítor**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. p. 44-149.

JUVENAL. **Sátiras**. Tradução de Manuel Balasch. Madrid: Gredos, 2008.

MARCIAL. **Epigramas**. Tradução de Delfim Leão, José Luís Brandão e Paulo Sérgio Ferreira. Introdução e notas de Cristina de Sousa Pimentel. Lisboa: Edições 70, 2000-2004. 4 5.

MENANDER RHETOR. **On epideictic**. Translated by Donald Andrew Russell e Nigel Guy Wilson. In: RUSSELL, Donald Andrew; WILSON, Nigel Guy. **Menander Rhetor**: a commentary. Oxford: Clarendon, 1981. p. 1.225.

OVÍDIO. Amores. Tradução de Guilherme Horst Duque. In: DUQUE, Guilherme Horst. **Do pé à letra**: os *Amores* de Ovídio em tradução poética. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015. p. 68-172.

PLAUTO. **Comedias I**: Anfitrión; La comedia de los asnos; La comedia de la olla; Las dos Báquides; Los cautivos; Casina. Traducción de Mercedes González-Haba. Madrid: Gredos, 1992.

PLAUTO. **Comedias II**: La comedia de la Arquilla; Gorgojo; Epídico; Lod dos Mene-cmos; El mercader; El militar fanfarrón; La comedia del fantasma; El persa. Traducción de Mercedes González-Haba. Madrid: Gredos, 1996.

PLAUTO. **Comedias III**: El cartaginés; Pséudolo; La maroma; Estico; Tres mone-das; Truculento; Vidularia; Fragmentos. Traducción de Mercedes González-Haba. Madrid: Gredos, 2002.

PLUTARCO. **Vidas**. Tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, [19--].

POLÍBIO. **Histórias**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

PSEUDO DEMETRIUS. Epistolary types. In: MALHERBE, Abraham. **Ancient epistolary theorists**. Atlanta: Scholars, 1988. p. 30-41.

QUINTILIAN. **Institutio oratoria**. Translation by H. E. Butler. London: Harvard University, 1980.

QUINTILIANO. Educação oratória: livro décimo. Tradução de Antônio Martinez de Rezende. In: REZENDE, Antônio Martinez. **Rompendo o silêncio**: a construção do discurso oratório em Quintiliano. Belo Horizonte: Crisálida, 2010. p. 170-328.

SÊNECA. **Cartas a Lucílio**. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Calouste Gulberkian, 1991.

SUETÔNIO. **A vida e os feitos do divino Augusto**. Tradução de Matheus Trevizam, Paulo Sérgio Vasconcellos e Antônio Martinez de Rezende. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

TÁCITO. Agrícola. Tradução de Agostinho da Silva. In: TÁCITO. **Obras menores**. Tradução de Agostinho da Silva. Lisboa: Livros Horizonte, 1974. p. 65-103.

TÁCITO. **Anais**. Tradução de Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1964.

TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. Tradução de Mário da Gama Kury. 4. ed. Brasília: Editora UnB, 2001.

Obras modernas

ALBRECHT, Michael von. **History of Roman literature**: from Livius Andronicus to Boethius. Leiden: E. J. Brill, 1997. 2 5.

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. Introdução. In: ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Casa da Moeda, 2005. p. 15-35.

- ALLAIN, Eugéne. **Pline le Jeune et ses héritiers**. Paris: Fontemoing, 1901. 5. 1.
- ALMERÍA, Luis Beltrán. Las estéticas de los géneros epistolares. **1616: Anuario de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada**, n. 10, p. 239-246, 1996.
- AMATO, Rosangela Santoro de Souza. Péricles e a peste: o corpo da pólis ou o corpo e a pólis. **Codex**, Rio de Janeiro, 5. 2, n. 1, p. 127-136, 2010.
- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-56.
- ANTÓN, Beatriz. La epistolografía romana. Cicerón, Sêneca y Plinio. **Helmántica**, Salamanca, 5. 142-143, p. 106-148, 1996.
- ARCOS PEREIRA, Trinidad. De Cicerón a Erasmo: la configuración de la epistolografía como género literario. **Boletín Millarés Carlo**, Las Palmas, n. 27, p. 347-400, 2008.
- ASH, Rhiannon. “*Aliud est enim epistulam, aliud historiam... scribere*” (Epistles 6.16.22): Pliny the historian? **Arethusa**, Baltimore, 5. 36, n. 2, p. 211-225, 2003.
- AUBRION, Etienne. La “Correspondance” de Pline le Jeune: problèmes et orientations actuelles de la recherche. **ANRW**, Berlin, 5. 2, n. 33.1, p. 304-374, 1989.
- BARBIERO, Emilia A. **Reading between the lines: letters in Plautus**. 2014. Thesis (Doctorate on Philosophy) – Graduate Department of Classics, University of Toronto, Toronto, 2014.
- BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. **Pesquisas de retórica**. Tradução de Leda Pinto Mafra Iruzun. São Paulo: Vozes, 1975. p. 147-232.

BARTSCH, Shadi. The art of sincerity: Pliny's Panegyricus. In: REES, Roger (Ed.). **Latin Panegyric**. Oxford: Oxford University, 2012. p. 148-193. (Oxford Readings in Classical Studies).

BERTACCHI, André Rodrigues. **O Panegírico, de Isócrates**: tradução e comentário. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BIRLEY, Anthony R. **Onomasticon to the Younger Pliny**: Letters and Panegyric. Munich: Leipzig, 2000.

BRAUND, Susanna Morton. Praise and protreptic in early imperial Panegyric: Cicero, Seneca, Pliny. In: REES, Roger (Ed.). **Latin Panegyric**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 85-108. (Oxford Readings in Classical Studies).

BRAUND, Susanna Morton. What is Latin literature? In: BRAUND, Susanna Morton. **Latin literature**. London: Routledge, 2002. p. 37-52.

BURGESS, Theodore Chalon. **Epideictic literature**. Chicago: The University of Chicago, 1902.

CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. 3. ed. rev. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

CARLON, Jacqueline. **Women in the letters of Pliny the Younger**. New York: Cambridge University, 2009.

CARVALHO, Luiza Helena Rodrigues de Abreu. As características do gênero demonstrativo em Cícero, Horácio e Quintiliano. **Rónai**: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios, Juiz de Fora, 5. 2, p. 41-54, 2014.

CASQUERO, Manuel Antonio Marcos. Epistolografía romana. **Helmántica**, Salamanca, 5. 103-105, p. 377-406, 1983.

CASTILLO, Carmen. La epístola como género literario: de la Antigüedad a la Edad Media Latina. **Estudios Clásicos**, 5. 18, n. 73, p. 427-442, 1974.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Miraflores, Portugal: DIFEL, 2002.

CHIRON, Pierre. *A Retórica a Alexandre e os oradores áticos*. **Letras Clássicas**, São Paulo, n. 4, p. 109-136, 2000.

CONTE, Gian Biagio. **Latin literature**: a history. Translation by Joseph B. Solodow. Maiden: Johns Hopkins University, 1999.

CONTE, Gian Biagio; BARCHIESI, Alessandro. Imitação e arte alusiva: modos e funções da intertextualidade. In: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo; GIARDINA, Andrea. **O espaço literário da Roma Antiga**. Tradução de Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. p. 87-121.

COSTA, Alex Aparecido da. **A virtus do príncipe ideal no Panegírico de Trajano de Plínio o Jovem**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

COSTA, Alex Aparecido da; VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. *A virtus e o mos maiorum* do príncipe ideal no panegírico de Trajano. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, 5. 6, n. 2, p. 23-40, 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fabio/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/12843/10639>>. Acesso em: 20 maio 2014.

COSTA, C. D. N. (Ed.). **Greek fictional letters**. New York: Oxford University, 2001.

COSTA, Marco Antônio da. **Cícero e a retórica do exílio**: as figuras de repetição. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

COVA, Pier Vincenzo. *Arte allusiva e stilizzazione retorica nelle lettere di Plinio*. **Aevum**, n. 46, p. 16-36, 1972.

COVA, Pier Vincenzo. **La critica letteraria di Plinio il Giovane**. Brescia: La Scuola, 1966.

CRAWFORD, O. C. Laudatio funebris. **The Classical Journal**, 5. 17, n. 1, p. 17-27, 1941.

DEISSMANN, Adolf. **Licht vom Osten**: das Neue Testament und die neuentdeckten Texte der hellenistisch römischen Welt. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1908.

DINUCCI, Aldo. Apresentação e tradução do Elogio de Helena de Górgias de Leontinos. **ETHICA**, Rio de Janeiro, 5. 16, n. 2, p. 201-212, 2009.

DOMINIK, William. Tacitus and Pliny on oratory. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (Ed.).

A Companion to Roman Rhetoric. Oxford: Blackwell, 2007. p. 323-338.

DOMINIK, William; HALL, Jon (Ed.). **A Companion to Roman Rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007.

EBBELER, Jennifer Valerie. Letters. In: BARCHIESI, Alessandro; SCHEIDEL, Walter (Ed.). **The Oxford handbook of Roman studies**. New York: Oxford University, 2010. p. 464-476.

EBBELER, Jennifer Valerie. **Pedants in the apparel of heroes?: cultures of Latin letter-writing from Cicero to Ennodius**. 2001. Dissertation (Ph.D.) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, 2001.

EDWARDS, Catharine. Epistolography. In: HARRISON, Stephen (Ed.). **A companion to Latin literature**. Oxford: Blackwell, 2005. p. 270-284.

EIRE, Antonio López. Sobre los orígenes de la oratoria (I). **Minerva**: Revista de Filología Clásica, Valladolid, Espanha, n. 1, p. 13-31, 1987. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/revista/945/A/1987>>. Acesso em: 13 maio 2015.

ELIAS, Norbert. Introdução: ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders. In: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia de relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 19-47.

FANTHAM, Elaine. Literature and the governing classes: from the accession of Vespasian to the death of Trajan. In: FANTHAM, Elaine. **Roman literary culture**: from Plautus to Macrobius. 2nd ed. Baltimore: The John Hopkins University Press, 2013. p. 183-212.

FARIA, Ana Paula Celestino; SEABRA, Adriana. **Retórica a Herênio**: tradução, introdução e notas. São Paulo: Hedra, 2005.

FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio Duarte. Tácito, sua *Vida de Agrícola* e a competição aristocrática no Alto Império Romano. **Mnemosine**, Campina Grande, 5. 4, p. 133-147, 2013.

FERNÁNDEZ, Julián González. Introducción. In: PLINIO EL JOVEN. **Cartas**. Traducción, introducción y notas de Julián González Fernández. Madrid: Gredos, 2005.

FITZGERALD, William. The Letter's the Thing (in Pliny, Book 7). In: MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. (Ed.). **Ancient letters**: classical and late antique epistolography. New York: Oxford University, 2007. p. 191-210.

FOX, Matthew. Rhetoric and literature at Rome. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (Ed.). **A companion to Roman rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007. p. 369-381.

FRAZER, Ray. The origin of the term image. **English Literary History**, Baltimore, 5. 27, n. 2, p. 149-161, jun. 1980.

FREITAS, Gustavo Araújo de. **Sobre o estilo de Demétrio**: um olhar crítico sobre a Literatura Grega (tradução e estudo introdutório do tratado). 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FREUDENBURG, Kirk. *Recusatio* as political theatre: Horace's letter to Augustus. **Journal of Roman Studies**, 5. 104, p. 105-132, 2014.

GABRECHT, Ana Penha. **A representação do espaço da Odisséia**: definindo isotopias, heterotopias e utopias na Grécia antiga. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

GALLÉ-CEJUDO, Rafael J. **La epistolografia griega**. Disponível em: <<http://www.liceus.com/bonos/compra1.asp?idproducto=457&la-epistolografia-griega>>. Acesso em: 3 fev. 2016.

GIBSON, Bruce. Contemporary contexts. In: ROCHE, Paul (Ed.). **Pliny's praise**: the Panegyricus in the Roman world. New York: Cambridge University, 2011. p. 104-124.

GIBSON, Roy K. Pliny and the art of (in)offensive self-praise. **Arethusa**, 5. 36, n. 2, p. 235-254, 2003.

GIBSON, Roy K.; MORELLO, Ruth. **Reading the letters of Pliny the Younger**: an introduction. New York: Cambridge University, 2012.

GOETZL, Johanna. *Variatio* in the Plinian epistle. **The Classical Journal**, 5. 47, n. 7, p. 265-268 e 299, 1952.

GUILLEMIN, Anne-Marie. **Pline et la vie littéraire de son temps**. Paris: Les Belles-Lettres, 1929.

GUILLEMIN, Anne-Marie. **Pline le Jeune**: Lettres. Paris: Les Belles Lettres, 2003. 3 5.

HABINEK, Thomas. **Ancient rhetoric and oratory**. Oxford: Blackwell, 2005.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

HALLA-AHO, Hilla. **The non-literary Latin letters: a study of their syntax and pragmatics**. 2008. Doctoral dissertation – Department of Classical Philology, Faculty of Arts, University of Helsinki, Helsinki, 2008.

HARPINE, William D. Epideictic and ethos in the Amarna letters: the withholding of argument. **Rhetoric Society Quarterly**, 5. 28, n. 1, p. 81-98, 1998.

HEATH, Malcolm. Codifications of rhetoric. In: GUNDERSON, Erik. **The Cambridge companion to ancient rhetoric**. New York: Cambridge University, 2009. p. 59-73.

HENDERSON, John. Down the pan: historical exemplarity in the panegyrics. In: ROCHE, Paul (Ed.). **Pliny's praise: the Panegyricus in the Roman world**. New York: Cambridge University, 2011. p. 142-174.

HENDERSON, John. **Pliny's statue: the letters, self-portraiture and classical art**. Exeter: University of Exeter, 2002.

HERSHKOWITZ, Debra. Pliny the poet. **Greece & Rome**, 5. 42, n. 2, p. 168-181, 1995.

HESK, Jon. Types of oratory. In: GUNDERSON, Erik. **The Cambridge companion to ancient rhetoric**. New York: Cambridge University, 2009. p. 145-161.

HOFFER, Stanley. **The anxieties of Pliny the Younger**. Atlanta: Scholars, 1999.

IDDENG, Jon W. *Publica aut peri!*: the releasing and distribution of Roman books. **Symbolae Osloensis**, Norway, n. 81, p. 58-84, 2006.

INNES, Doreen C. The *Panegyricus* and rhetorical theory. In: ROCHE, Paul (Ed.). **Pliny's praise**: the *Panegyricus* in the Roman world. New York: Cambridge University, 2011. p. 67-84.

KENNEDY, George A. **A new history of Classical Rhetoric**. New Jersey: Princeton University, 1994.

KENNEDY, George A. **Progymnasmata**. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003.

KENNEY, Edward J. Books and readers in the Roman world. In: KENNEY, Edward J. (Ed.). **The Cambridge history of Classical Literature II**: Latin literature. New York: Cambridge University, 1982. p. 3-32.

KERR, Larissa de Souza Lopes. **O gênero epistolográfico segundo Plínio o Jovem**: epístolas selecionadas. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

KIRCHNER, Roderich. Elocutio: Latin prose style. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (Ed.). **A companion to Roman Rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007. p. 181-194.

LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. **Contra os sofistas e Elogio de Helena de Isócrates**: tradução, notas e estudo introdutório. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LEACH, Eleanor Winsor. The politics of self-presentation: Pliny's "Letters" and Roman portrait sculpture. **Classical Antiquity**, California, 5. 9, n. 1, p. 14-39, 1990.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2014.

MALHERBE, Abraham. **Ancient epistolary theorists**. Atlanta: Scholars, 1988.

MANUWALD, Gesine. Ciceronian praise as a step towards Pliny's Panegyrics. In: ROCHE, Paul (Ed.). **Pliny's praise: the *Panegyricus* in the Roman world**. New York: Cambridge University, 2011. p. 85-103.

MARCHESI, Ilaria. **The art of Pliny's Letters: a poetic of allusion in the private correspondence**. New York: Cambridge University, 2008.

MARROU, Henri. **História da educação na Antiguidade**. São Paulo: EPU/Edusp, 1990.

MARTIN, Thaís Morgato. **Tradução anotada e comentários da *Ars rhetorica* de Caio Júlio Vítor**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MARTINS, Paulo. **A literatura latina**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

MARTINS, Paulo. **Imagem e poder: considerações sobre a representação de Otávio Augusto**. São Paulo: Edusp, 2011.

MARTINS, Paulo. Os romanos, o direito, a imagem e a morte. In: JOLY, Fábio Duarte; FAVERSANI, Fábio (Org.). **As formas do Império Romano**. Mariana: Editora UFOP, 2014. Disponível em: <http://www.ppghis.ufop.br/images/arquivos/As_formas_do_Imperio_Romano_final_2014.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2014. p. 81-93.

MATOS, Marly de Bari. A imagem da criança e uma criança destituída de imagem: considerações sobre a infância nas cartas de Plínio o Jovem. In: MARTINS, Paulo; CAIRUS, Henrique F.; OLIVA-NETO, João Angelo (Org.). **Algumas visões da Antiguidade**. Rio de Janeiro: 7letras, 2011. 5. 2, p. 160-176.

MATOS, Marly de Bari. **O estudo da pueritia nos séculos I e II d.C.** 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MAYER, Roland. Pliny and *gloria dicendi*. **Arethusa**, Baltimore, 5. 36, p. 227-234, 2003.

MÉTHY, Nicole. **Les lettres de Pline le Jeune**: une représentation de l'homme. Paris: Université Paris-Sorbonne, 2007.

MITCHELL, Willian John Thomas. **Iconology**: image, text, ideology. Chicago and London: The University of Chicago, 1986.

MOMMSEN, Theodor. **Étude sur Pline le Jeune**. Traduction de C. Morel. Paris: Libraire A. Frank, 1873.

MORELLO, Ruth. Confidence, *invidia*, and Pliny's epistolary curriculum. In: MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. (Ed.). **Ancient letters**: classical and late antique epistolography. New York: Oxford University, 2007. p. 169-189.

MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. (Ed.). **Ancient letters**: classical and late antique epistolography. New York: Oxford University, 2007.

MORFORD, Mark. *Iubes esse liberos*: Pliny's *Panegyricus* and liberty. In: REES, Roger (Ed.). **Latin Panegyric**. Oxford: Oxford University, 2012. p. 126-147. (Oxford Readings in Classical Studies).

MORGAN, Teresa. **Literate education in the Hellenistic and Roman worlds**. New York: Cambridge University, 1998.

MURPHY, James Jerome. The codification of Roman rhetoric. With a synopsis of the *Rhetorica ad Herennium*. In: MURPHY, James Jerome; KATULA, Richard A. **A**

synoptic history of classical rhetoric. 3rd ed. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 127-149.

MURPHY, Paul R. Cicero's *Pro Archia* and the Periclean *Epitáphios*. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, 5. 89, p. 99-111, 1958.

NAUCK, Augustus. **Tragicorum Graecorum fragmenta.** Leipzig: B. G. Teubner, 1856.

NIXON, C. E. 5.; RODGERS, Barbara Saylor. General introduction. In: NIXON, C. E. 5.; RODGERS, Barbara Saylor. **In praise of late Roman emperors: the *Panegyrici Latini*.** Introduction, translation, and historical commentary. California: University of California, 1994. p. 41-75.

OLIVEIRA, Carlos Roberto. **As propriedades rurais de Plínio, o Jovem:** algumas considerações sobre a origem, a superfície e a exploração econômica. 1978. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.

OLIVEIRA, Carlos Roberto. **O senhorio rural nas cartas de Plínio, o Jovem.** 1984. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura clássica:** cultura romana. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 1990. 5. 2.

PEREIRA, Virgínia Soares. Plínio e a sombra tutelar de Cícero. **Ágora:** Estudos Clássicos em Debate, Aveiro, n. 8, p. 79-104, 2006.

PERNOT, Laurent. **La rhétorique de l'éloge dans le monde gréco-romain.** Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1993.

PERNOT, Laurent. **Rhetoric in Antiquity.** Translation by W. E. Higgins. Washington: The Catholic University of America, 2005.

PIERNAVIEJA, Pablo. Epistolografía latina. **Estudios Clásicos**, Madrid, 5. 22, n. 81-82, p. 361-374, 1978.

PONCE, María Jesús. Menandro rétor y el discurso imperial. **Habis**, Universidad de Sevilla, n. 29, p. 221-232, 1998.

POSTER, Carol. A conversation halved: epistolar theory in greco-roman Antiquity. In: POSTER, Carol; MITCHELL, Linda C. (Ed.). **Letter-writing manuals and instruction: from the Antiquity to the present**. South Carolina: University of South Carolina, 2007. p. 21-51.

POSTER, Carol; MITCHELL, Linda C. (Ed.). **Letter-writing manuals and instruction: from the Antiquity to the present**. South Carolina: University of South Carolina, 2007.

RADICE, Betty. Introduction. In: PLINY. **Letters: books I-VII**. Translation by Betty Radice. Cambridge: Harvard University, 1969. p. ix-xxviii.

RADICE, Betty. Pliny and the *Panegyricus*. In: REES, Roger (Ed.). **Latin Panegyric**. Oxford: Oxford University, 2012. p. 77-84. (Oxford Readings in Classical Studies).

REES, Roger (Ed.). **Latin Panegyric**. Oxford: Oxford University, 2012. (Oxford Readings in Classical Studies).

REES, Roger. Letters of recommendation and the rhetoric of praise. In: MORELLO, Ruth; MORRISON, A. D. (Ed.). **Ancient letters: classical and late antique epistolography**. New York: Oxford University, 2007a. p. 149-168.

REES, Roger. Panegyric. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (Org.). **A companion Roman rhetoric**. Malden: Blackwell, 2007b. p. 136-148.

REZENDE, Antônio Martinez. **Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de

Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Minas Gerias, Belo Horizonte, 2009.

RIGGSBY, Andrew M. Pliny on Cicero and oratory: self-fashioning in the public eye. **The American Journal of Philology**, 5. 16, n. 1, p. 123-135, 1995.

ROCHE, Paul (Ed.). **Pliny's praise: the *Panegyricus* in the Roman world**. New York: Cambridge University, 2011a.

ROCHE, Paul. Pliny's thanksgiving: an introduction. In: ROCHE, Paul (Ed.). **Pliny's praise: the *Panegyricus* in the Roman world**. New York: Cambridge University, 2011b. p. 1-28

RODOLPHO, Melina. **Écfrase e evidência nas letras latinas: doutrina e práxis**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

ROSENMEYER, Patricia A. **Ancient epistolary fictions: the letter in Greek literature**. Cambridge: Cambridge University, 2001.

RUSSELL, Donald Andrew. The panegyrists and their teachers. In: WHITBY, Mary (Ed.). **The propaganda of power: the role of panegyric in late Antiquity**. Boston: Brill, 1998. p. 17-50.

RUSSELL, Donald Andrew; WILSON, Nigel Guy. **Menander rhetor: a commentary**. Oxford: Clarendon, 1981.

RUTLEDGE, Steven H. Oratory and politics in the empire. In: DOMINIK, William; HALL, Jon (Ed.). **A companion to Roman rhetoric**. Oxford: Blackwell, 2007. p. 109-121.

SÁNCHEZ, Armando José Ríos. La epistolografía: Roma y el Renacimiento. **Kañina: Revista de Artes y Letras, Universidad Costa Rica**, 5. 35, n. 2, p. 37-49, 2011.

SANTOS, Marcos Martinho dos. Arte dialógica e epistolar segundo as *Epístolas morais a Lucílio*. **Letras Clássicas**, n. 3, p. 45-93, 1999.

SEGURADO E CAMPOS, J. A. Introdução. In: SÊNECA. **Cartas a Lucílio**. Tradução, prefácio e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1991. p. v-liv.

SHERWIN-WHITE, Adrian Nicholas. **The letters of Pliny: a historical and social commentary**. Oxford: Clarendon, 1998.

SILVA, Gilvan Ventura da. Representação social, identidade e estigmatização: algumas considerações de caráter teórico. In: FRANCO, Sebastião Pimentel; SILVA, Gilvan Ventura da; LARANJA, Anselmo Laghi (Org.). **Exclusão social, violência e identidade**. Vitória: Flor&Cultura, 2004. p. 13-29.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUZA, Daniel Aparecido. **A representação do homem político no principado romano: uma leitura das cartas de Plínio, o Jovem (96-113 d.C.)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

SOUZA, Dominique Monge Rodrigues de. **Ações judiciais de Plínio, o Jovem, no Tribunal dos Centúviro e na Corte Senatorial (séculos I-II d.C.)**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2013a.

SOUZA, Dominique Monge Rodrigues. Administração e cortes de justiça durante o principado romano: uma análise do *cursus honorum* de Plínio, o Jovem. **História e Cultura**, Franca, 5. 2, n. 3 (especial), p. 150-171, 2013b.

STADLER, Thiago David. **O poder das palavras na idealização de um princeps:** epistolário cruzado entre Plínio, o Jovem e Trajano (98-113 d. C.). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SUÁREZ DE LA TORRE, Emílio. La epistolografía griega. **Estudios Clásicos**, n. 83, p. 19-46, 1979.

SULLIVAN, Robert G. Classical epistolar theory and letters of Isocrates. In: POSTER, Carol; MITCHELL, Linda C. (Ed.). **Letter-writing manuals and instruction:** from the Antiquity to the present. South Carolina: University of South Carolina, 2007. p. 7-20.

SYME, Ronald. Correspondents of Pliny. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, 5. 34, n. 3, p. 324-359, 1985

SYME, Ronald. Pliny's less successful friends. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, 5. 9, n. 3, p. 362-379, 1960.

SYME, Ronald. **Tacitus**. New York: Oxford, 1958. 5. 1.

TRAPP, Michael (Ed.). **Greek and Latin letters:** an anthology with translation. New York: Cambridge University, 2003.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. A prática da *commendatio* na correspondência pliniana. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 6., 2013, Maringá. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2013/?l=trabalhos&id=369>>. Acesso em: 20 maio 2014.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Amizade e política em Roma: o patronato na época imperial. **Acta Scientiarum**, Maringá, 5. 23, n. 1, p. 215-222, 2001.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. As palavras e as idéias: o poder na Antigüidade. **Diálogos**, Maringá, 5. 9, n. 2, p. 143-155, 2005. Disponível em: <http://www.dialogos.uem.br/index.php?journal=ojs&page=article&op=view&path%5B%5D=152&path%5B%5D=pdf_139>. Acesso em: 20 maio 2014

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. **O viver urbano em Roma**: uma leitura de Plínio, o Jovem e Marcial. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1993.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. **Relações de poder em Roma**: o patronato na correspondência pliniana. 2000. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VIEIRA, Mára Rodrigues. A beleza literária da Carta II, 17 de Plínio o Jovem. In: SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS DA FACULDADE DE LETRAS, 14., 1994, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. p. 139-143.

VIEIRA, Mára Rodrigues. A linguagem afetiva nas cartas de Plínio, o Jovem. In: REUNIÃO DA SBEC/SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CLÁSSICOS, 11., 1999, Araraquara. **XI Reunião da SBEC/Simpósio Nacional de Estudos Clássicos**, 1999. 5. 1, p. 70- 71.

VIEIRA, Mára Rodrigues. Cartas: testemunho de uma época. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 11., 1996, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Bartira Gráfica, 1996. p. 105-107.

VIEIRA, Mára Rodrigues. Considerações sobre o estilo de Plínio o Jovem. In: JORNADA DE ESTUDOS DA ANTIGUIDADE. Antiguidade: representações e apropriações, 4., 2002, Niterói. **Anais...** Niterói: UFF, 2002. 5. 1, p. 15.

WALSH, Peter Gerard. **Pliny the Younger**: complete letters. New York: Oxford, 2006.

WEBB, Ruth. **Ekphasis, imagination and persuasion in ancient rhetorical theory and practice**. Surrey: Ashgate, 2009.

WEBB, Ruth. The *progymnasmata* as practice. In: TOO, Yun Lee (Ed.). **Education in the Greek and Roman antiquity**. Boston: Brill, 2001. p. 289-316.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

ZEHNACKER, Hubert. Les lettres de Pline le Jeune, ou l'idéalisation du quotidien. **Vita Latina**, Montpellier, n. 168, p. 47-56, 2003.

ZEINER-CARMICHAEL, Noelle K. Letters and letter-writing in ancient Rome. In: ZEINER-CARMICHAEL, Noelle K. **Roman letters: an anthology**. UK: Wiley Blackwell, 2014. p. 1-20.

Tradução das cartas citadas

É comum, especialmente em traduções acadêmicas, que o texto traduzido queira reproduzir as palavras e mesmo a sintaxe do original. Tal aproximação leva em muitos casos à formação de sentenças pouco naturais na língua de chegada ou à utilização de um tom demasiado formal, que nem sempre está presente na obra de partida. Diante desse quadro, dois fatores foram determinantes para a tradução das treze cartas que compuseram o nosso *corpus* de estudo aqui apresentado, cujo tom escolhido é ligeiramente mais familiar, embora formal. Em primeiro lugar está o gênero: epístola. Trata-se de um texto oferecido, a princípio, como correspondência privada de caráter cotidiano. Nesse sentido, a carta se assemelha ao diálogo. Como afirma Sherwin-White (1998, p. 1): “O teórico grego [Demétrio] identificou a carta como uma forma de literatura aparentada do diálogo, com um pensamento semelhante e estilo mais simples”. O tom da escrita é mais coloquial ou ao menos mais livre em relação a alguns parâmetros literários de elevação. Como afirma o próprio Plínio, ao aconselhar um de seus amigos,

Quero que você apreenda, em algum momento, alguma passagem de história, quero que você escreva cartas mais bem cuidadas. Pois muitas vezes, em um discurso, a necessidade também recai não apenas na forma histórica, mas na

forma quase poética das descrições, e busca-se, por meio das cartas, uma linguagem concisa e correta (Plínio, *Epistulae*, 7.9.8¹³³).

Em segundo lugar, deve-se considerar que, na retórica antiga, havia três estilos principais de composição dos discursos em prosa: *genus tenue*, *genus medium* e *genus grande* (KIRCHNER, 2007, p. 192-193). A obra pliniana costuma circular por vários desses estilos. Nas cartas, no entanto, e em especial nas de caráter encomiástico, a utilização de um *estilo médio* é muito mais comum. Tal estilo costuma ser mais simples, atendendo às regras principais de clareza e de adequação do discurso, sem, contudo, deixar de utilizar alguns dos ornamentos estabelecidos pela arte retórica (KIRCHNER, 2007, p. 193).

Desse modo, tentamos traduzir a aparente simplicidade do texto epistolar de Plínio, o Jovem, pela utilização de palavras mais acessíveis, não executando muitas inversões sintáticas ou rebuscamento da linguagem. Além disso, optou-se, na composição do texto, pelo uso de “você” em oposição ao “tu”. Embora em latim os verbos sejam conjugados na segunda pessoa “tu”, em português esse pronome se apresenta, geralmente, muito mais formal do que o que interpretamos serem as cartas plinianas. O uso de “você” como segunda pessoa reflete melhor o aspecto dialogado e familiar dos textos epistolares. Essa é uma diferença que fica clara se compararmos uma tradução da carta 1.1 feita por Marco Antônio da Costa e a que propusemos para a mesma carta.

Frequenter hortatus es, ut epistulas, si quas paulo curatius scripsissem, colligerem publicaremque. Collegi non servato temporis ordine – neque enim historiam componebam –, sed ut quaeque in manus venerat. Superest ut nec te consilii nec me paeniteat obsequii. Ita enim fiet, ut eas quae adhuc neglectae iacent requiram et si quas addidero non supprimam. Vale (Plínio, *Epistulae*, 1.1).

Tradução de Marco Antônio da Costa:

Frequentemente, aconselhaste-me a reunir e publicar as epístolas, se as tivesse escrito um pouco mais esmeradamente. Reuni, embora não observando a ordem

133 “Volo interdum aliquem ex historia locum apprendas, volo epistulam diligentius scribas. Nam saepe in oratione quoque non historica modo sed prope poetica descriptionum necessitas incidit, et pressus sermo purusque ex epistulis petitur”.

cronológica (pois não compunha uma história), mas segundo cada uma tinha vindo à mão. Basta que nem te arrependas dos conselhos nem me arrependas da obediência. Assim, pois, acontecerá de modo que aquelas que ainda jazem abandonadas eu procurarei e, quando as tiver juntado, não ocultarei. Adeus.

Tradução nossa:

Com frequência você me encorajou a reunir e publicar minhas cartas, caso as tivesse escrito um pouco mais cuidadosamente. Reuni, não conservando a ordem temporal, pois certamente não estava compondo história, mas como cada uma veio às mãos. Resta que nem você se arrepende da recomendação, nem eu da obediência. Certamente assim se fará, de modo que as que até agora permanecem esquecidas eu procurarei e, se as tiver juntado, não esconderei. Adeus.

No texto de Costa, a proximidade entre a recriação e o texto original está bastante patente. Além da utilização de palavras imediatamente relacionadas às palavras em latim (*epistulas* = epístolas; *consilii* = conselhos; *iacent* = jazem) e do rebuscamento de outras (“esmeradamente”), o uso da conjugação verbal na segunda pessoa do singular “tu” denota aproximação bastante literal entre a tradução e o referente latino. Em contrapartida, a versão que propusemos procura, tendo em vista os critérios de correção e clareza caros aos discursos em prosa antigos, uma liberdade ligeiramente maior em relação ao texto latino. Tal efeito se dá pela utilização de “você” como interlocutor e de palavras de uso mais corrente em língua portuguesa. A tentativa de atribuir maior liberdade à tradução e diminuir o grau de possível sublimidade do texto latino é o que direciona as traduções aqui apresentadas.

Para a tradução das cartas de Plínio, utilizamos o texto em latim da edição em dois volumes da Harvard University, por Betty Radice. Outras traduções consultadas para comparação foram: a) em inglês, o texto da própria Betty Radice (Harvard University, 2012) e a tradução de Patrick Gerard Walsh (Oxford, 2006); b) em espanhol, as traduções de Carmen Guzman Arias e Miguel E. Perez Molina (Universidad de Murcia, disponível no sítio eletrônico da instituição) e Julián González Fernández (Gredos, 2005).

Epístola 1.10

C. PLINIUS ATTIO CLEMENTISUOS. Ao amigo Ácio Clemente

1 Si quando urbs nostra liberalibus studiis floruit, nunc maxime floret. 2 Multa claraque exempla sunt; sufficeret unum, Euphrates philosophus. Hunc ego in Syria, cum adulescentulus militarem, penitus et domi inspexi, amarique ab eo laboravi, etsi non erat laborandum. Est enim obvius et expositus, plenusque humanitate quam praecipit. 3 Atque utinam sic ipse quam spem tunc ille de me concepit impleverim, ut ille multum virtutibus suis addidit! aut ego nunc illas magis miror quia magis intellego. 4 Quamquam ne nunc quidem satis intellego; ut enim de pictore sculptore fectore nisi artifex iudicare, ita nisi sapiens non potest perspicere sapientem. 5 Quantum tamen mihi cernere datur, multa in Euphrate sic eminent et elucent, ut mediocriter quoque doctos advertant

1. Se alguma vez nossa cidade floresceu por causa das artes liberais, ela, agora, floresce em seu máximo¹³⁴. 2. Há muitos e ilustres exemplos, apenas um seria suficiente: Eufrates, o filósofo. Eu o conheci profunda e intimamente quando, muito jovem, fui militar na Síria e esforcei-me para ser amado por ele, embora não fosse necessário o esforço¹³⁵. Ele é, de fato, acessível e disposto, cheio de uma humanidade que ele mesmo ensina. 3. E espero que eu mesmo tenha atendido à grande expectativa que ele criou então a meu respeito do mesmo modo que ele acrescentou muito a suas próprias virtudes; ou sou eu que as admiro mais porque compreendo mais, 4. ainda que nem mesmo agora eu compreenda o suficiente. De fato, assim como ninguém senão um artista pode

134 Plínio faz essa mesma afirmativa em outros momentos. Conferir carta 1.13.

135 Plínio foi tribuno militar na Síria no ano de 82 a.C. (BIRLEY, 2000, p. 7). De acordo com Sherwin-White (1998, p. 109), “Plínio também conheceu o filósofo Artemidoro na Síria naquela ocasião, em um ano mais inicial [do governo] de Domiciano, antes que os filósofos expulsos por Vespasiano fossem novamente permitidos em Roma (3.11.5; 8.14.7). Ele estava, então, servindo como tribuno militar da III legião Gallica, como sua inscrição revela [...]. Para outras referências a Plínio como tribuno militar ver 7.16.2, 31; 10.87”.

et afficiant. Disputat subtiliter graviter ornate, frequenter etiam Platonicam illam sublimitatem et latitudinem effingit. Sermo est copiosus et varius, dulcis in primis, et qui repugnantes quoque ducat impellat. 6 Ad hoc proceritas corporis, decora facies, demissus capillus, ingens et cana barba; quae licet fortuita et inania putentur, illi tamen plurimum venerationis acquirunt. 7 Nullus horror in cultu, nulla tristitia, multum severitatis; reveraris occursum, non reformides. Vitae sanctitas summa; comitas par: insectatur vitia non homines, nec castigat errantes sed emendat. Sequaris monentem attentus et pendens, et persuaderi tibi etiam cum persuaserit cupias. 8 Iam vero liberi tres, duo mares, quos diligentissime instituit. Socer Pompeius Iulianus, cum cetera vita tum vel hoc uno magnus et clarus, quod ipse provinciae princeps inter altissimas condiciones generum non honoribus principem, sed sapientia elegit. 9 Quamquam quid ego plura de viro qui mihi frui non licet? An ut magis angar quod non licet? Nam dstringor officio, ut maximo sic molestissimo: sedeo pro tribunali, subnoto libellos, conficio tabulas, scribo plurimas sed illitteratissimas literas. 10 Soleo non numquam – nam id ipsum quando contingit! – de his occupationibus apud Euphraten queri. Ille me consolatur, affirmat etiam esse hanc

avaliar o pintor, o escultor, o inventor, ninguém senão um sábio pode reconhecer um sábio. 5. No que é dado a mim julgar, no entanto, há muitas coisas em Eufrates que de tal forma dele emanam e vertem que educam e afetam até os medianamente doutos. Ele argumenta tênue, séria e elegantemente, além disso, com frequência aplica aquela sublimidade e grandeza de Platão. Seu discurso é copioso e variado, agradável principalmente, de modo que move e conduz até mesmo os relutantes. 6. Além disso, a estatura elevada do corpo, o rosto elegante, o cabelo pendente, a barba grande e branca, que podem ser considerados [atributos] casuais e insignificantes, a ele, no entanto, acrescentam maior reverência. 7. Não há nada de rude em suas maneiras, nem de desânimo, mas muito de seriedade. Encontrando-o, você o respeitaria, não recearia. A retidão de sua vida é máxima, a delicadeza igualmente. Ele censura os vícios, não os homens, nem castiga os que erram, mas emenda. Você o acompanharia atento e cativo enquanto aconselhasse e desejaria também ser persuadido quando ele já tivesse persuadido a você. 8. Ele já tem, por certo, três filhos, dois rapazes, os quais forma com a maior dedicação. Seu sogro, Pompeio Juliano, grande e ilustre, não só pela trajetória de vida

philosophiae et quidem pulcherrimam partem, agere negotium publicum, cognoscere iudicare, promere et exercere iustitiam, quaeque ipsi doceant in usu habere. 11 Mihi tamen hoc unum non persuadet, satius esse ista facere quam cum illo dies totos audiendo discendoque consumere. Quo magis te cui vacat hortor, cum in urbem proxime veneris – venias autem ob hoc maturius –, illi te expoliendum limandumque permittas. 12 Neque enim ego ut multi invideo aliis bono quo ipse careo, sed contra: sensum quendam voluptatemque percipio, si ea quae mihi denegantur amicis video superesse. Vale.

como ainda por este feito, pois foi, ele mesmo, príncipe de província, elegeu-o como primeiro entre as mais altas condições de sua família, não pelas honras, mas pela sabedoria. 9. Por que, aliás, estou eu falando tantas coisas sobre um homem com quem não me é permitido conviver? Acaso é para que mais eu me angustie por não poder? De fato, estou ocupado com meu trabalho, tanto o mais ilustre como o mais desagradável¹³⁶. Sento diante do tribunal, assino registros, preparo tabuinhas, escrevo várias, mas muitíssimo indoutas cartas¹³⁷. 10. Costumo alguma vez – isso ocorre, de fato, ocasionalmente – inquirir a Eufrates sobre essas ocupações. Ele me encoraja e ainda afirma ser esta uma parte, talvez a mais bela, da filosofia: conduzir o negócio público, saber julgar, promover e exercer a justiça, coisas que eles mesmos ensinam a ter em

136 O trabalho a que Plínio alude nesta carta é o de *praefectus aerarii Saturni*, cargo exercido por ele provavelmente em 98 d.C. (MOMMSEN, 1873, p. 8; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 110; SOUZA, 2013b, p. 151; GIBSON; MORELLO, 2012, p. 21).

137 Essa afirmação feita por Plínio de que “[...] scribo plurimas sed illitteratissimas litteras [...]” é uma das menções na obra desse autor em que se pode perceber alguma reflexão metatextual mais específica a respeito da escrita epistolar. Note-se que Plínio aponta, ainda que sutilmente, para a existência de diferenças – provavelmente composicionais e estilísticas – entre as cartas escritas por e para o trabalho e aquelas escritas com apreciação mais literária. Essa referência, marcada por um jogo de palavras em que o autor opõe *litteras*, substantivo, ao adjetivo *illitteratissimas*, ambas formadas por uma base comum – *littera* –, colabora para um tom mais geral do encerramento da carta, marcado pela oposição *otium vs negotium*.

uso. 11. Apenas isso, no entanto, a mim não convence que mais valha fazer estas coisas que gastar todos os dias ouvindo e aprendendo com ele. Pelo que mais ainda exorto a você, que está livre, para que, quando, em breve, vier para a cidade – e, portanto, venha mais rápido por isso –, permita que ele o depure e lustre. 12. Eu certamente não invejo os outros, como muitos, pelo bem do qual eu mesmo careço, mas, ao contrário, alcanço certo sentimento de alegria, se vejo aquilo que é negado a mim sobrar aos amigos. Adeus.

Epístola 1.16

C. PLINIUS ATTIO CLEMENTI SUOS. Ao amigo Ácio Clemente

1 Amabam Pompeim Saturninum – hunc dico nostrum – laudabamque eius ingenium, etiam antequam scirem, quam varium quam flexibile quam multiplex esset; nunc vero totum me tenet habet possidet. 2 Audivi causas agentem acriter et ardentem, nec minus polite et ornate, sive meditata sive subita proferret. Adsunt aptae crebraeque sententiae, gravis et decora constructio, sonantia verba et antiqua. Omnia haec mire placent cum impetu quodam et flumine pervehuntur, placent si retractentur. 3 Senties quod ego, cum orationes eius in manus sumpseris, quas facile cuilibet veterum, quorum est aemulus, comparabis. 4 Idem tamen in historia magis satisfaciet vel brevitate vel luce vel suavitate vel splendore etiam et sublimitate narrandi. Nam in contionibus eadem quae in orationibus vis est, pressior tantum et circumscriptior et adductior. 5 Praeterea facit versus, quales Catullus meus aut Calvus, re vera quales Catullus aut Calvus. Quantum illis leporis dulcedinis amaritudinis amoris! Inserit sane, sed data opera, mollibus levibusque duriusculos quosdam; et hoc quasi Catullus aut Calvus. 6 Legit

1. Eu apreciava Pompeio Saturnino – refiro-me àquele, nosso amigo – e elogiava o seu talento mesmo antes de saber quão variado, quão flexível, quão abundante ele é. Agora, ele certamente me cativa, toma e domina por completo. 2. Eu o ouvi advogando em uma causa de maneira incisiva e intensa, mas não menos correta e elegante, quer pronunciasse algo elaborado, quer improvisado. Encontram-se nele sentenças adequadas e numerosas, uma construção séria e apropriada, palavras sonoras e clássicas. Tudo isso, que agrada muito quando conduzido com ímpeto e afluência, agrada se é revisado. 3. Você pensará como eu, quando tiver em mãos os seus discursos, que você facilmente irá comparar a qualquer um dos antigos, os quais ele emulou. 4. Também ele ainda mais irá agradecer em história, ou pela brevidade, ou pela clareza, ou pela delicadeza, ou pela pompa, e, acima de tudo, pela grandeza da narração. Nas disputas fictícias, há a mesma força que em seus discursos, apenas mais condensada, mais delimitada e reduzida. 5. Além disso, ele produz versos tais quais meu caro Catulo e como Calvo. De verdade! como Catulo e Calvo. Quanta elegância, quanta

mihi nuper epistulas; uxoris esse dicebat. Plautum vel Terentium metro solutum legi credidi. Quae sive uxoris sunt ut affirmat, sive ipsius ut negat, pari gloria dignus, qui aut illa componat, aut uxorem quam virginem accepit, tam doctam politamque reddiderit. 7 Est ergo mecum per diem totum; eundem antequam scribam, eundem cum scripsi, eundem etiam cum remittor, non tamquam eundem lego. 8 Quod te quoque ut facias et hortor et moneo; neque enim debet operibus eius obesse quod vivit. An si inter eos quos numquam vidimus floruisse, non solum libros eius verum etiam imagines conquiremus, eiusdem nunc honor praesentis et gratia quasi satietate languescit? 9 At hoc pravum malignumque est, non admirari hominem admiratione dignissimum, quia videre alloqui audire complecti, nec laudare tantum verum etiam amare contingit. Vale.

doçura, quanta mordacidade, quanta paixão há neles! Ele acrescenta, de fato, mas com a devida atenção, aos versos mais doces e delicados, alguns um tanto grosseiros; e nisso é como Catulo e Calvo. 6. Ele leu para mim, recentemente, algumas cartas. Dizia que eram de sua esposa. Acreditei estar lendo Plauto ou Terêncio em prosa. Quer sejam da esposa, como assegura, quer dele mesmo, como nega, é digno da mesma honra ou aquele que as escreveu ou aquele que tenha tornado tão douta a esposa que aceitou ainda virgem. 7. Por isso, ele está comigo o dia todo: é o mesmo antes que eu escreva, é o mesmo quando eu já escrevi, é o mesmo até quando descanso, mas não o leio sempre como o mesmo. 8. Eu não só incentivo, mas também aconselho que você também faça isso. O fato de estar vivo não deve ser um obstáculo para a obra dele. Se ele tivesse sido célebre entre aqueles que nunca vimos, acaso não procuraríamos não apenas os seus livros, mas com certeza também imagens suas? Agora, porém, a honra deste, por ser um contemporâneo, diminui como que por causa do enfado? 9. Mas isto é algo insensato e perverso: não admirar o homem mais digno de admiração porque é possível vê-lo, conversar com ele, ouvi-lo e tocá-lo. Convém não apenas louvar, mas, também, amá-lo. Adeus. Ao amigo Catílio Severo

Epístola 1.22

C. PLINIUS CATILIO SEVERO SUO S. Ao amigo Catílio Severo

1 Diu iam in urbe haereo et quidem attonitus. Perturbat me longa et pertinax valetudo Titi Aristonis, quem singulariter et miror et diligo. Nihil est enim illo gravius sanctius doctius, ut mihi non unus homo sed litterae ipsae omnesque bonae artes in uno homine summum periculum adire videantur. 2 Quam peritus ille et privati iuris et publici! quantum rerum, quantum exemplorum, quantum antiquitatis tenet! Nihil est quod discere velis quod ille docere non possit; mihi certe quotiens aliquid abditum quaero, ille thesaurus est. 3 Iam quanta sermonibus eius fides, quanta auctoritas, quam pressa et decora cunctatio! quid est quod non statim sciat? Et tamen plerumque haesitat dubitat, diversitate rationum, quas acri magnoque iudicio ab origine causisque primis repetit discernit expendit. 4 Ad hoc quam parcus in victu, quam modicus in cultu! Soleo ipsum cubiculum illius ipsumque lectum ut imaginem quandam priscae frugalitatis adspicere. 5

1. Já há algum tempo estou preso na cidade e, na verdade, bastante atemorizado¹³⁸. O que me atormenta é a longa e demorada doença de Tício Aristo, alguém que eu admiro e amo de modo especial. Não há nada mais sério, mais nobre ou mais douto que ele, de modo que, para mim, não é apenas um homem, mas as próprias letras e todas as boas artes que, em um só homem, parecem correr o mais alto risco. 2. Quão competente ele é no direito público e no privado! Ele detém tantos conteúdos, tantos exemplos, tanta tradição! Não há nada que você queira aprender que ele não possa ensinar. Toda vez que procuro algo que desconheço, encontro-o nele. 3. Há tanta integridade em suas falas, tanta autoridade, tão contida e adequada delonga. Existe algo que ele não saiba de pronto? Muitas vezes, no entanto, ele hesita e questiona-se em razão da diversidade dos argumentos, os quais ele retoma, distingue e examina desde o começo a partir da origem da causa. 4. Além disso, há tanta simplicidade em seu

138 Para Sherwin-White (1998, p. 136), essa afirmação indica que Plínio ainda não havia assumido o cargo de *praefectus aerarii Saturni*— o que ocorreu em 98 d.C. —, função que limitaria as viagens do missivista.

Ornat haec magnitudo animi, quae nihil ad ostentationem, omnia ad conscientiam refert recteque facti non ex populi sermone mercedem, sed ex facto petit. 6 In summa non facile quemquam ex istis qui sapientiae studium habitu corporis praeferunt, huic viro comparabis. Non quidem gymnasia sectatur aut porticus, nec disputationibus longis aliorum otium suumque delectat, sed in toga negotiisque versatur, multos advocacione plures consilio iuvat. 7 Nemini tamen istorum castitate pietate, iustitia, fortitudine etiam primo loco cesserit. Mirareris si interesses, qua patientia hanc ipsam valetudinem toleret, ut dolori resistat, ut sitim differat, ut incredibilem febrium ardorem immotus opertusque transmittat. 8 Nuper me paucosque mecum, quos maxime diligit, advocavit rogavitque, ut medicos consuleremus de summa valetudinis, ut si esset insuperabilis sponte exiret e vita; si tantum difficilis et longa, resisteret maneretque: 9 dandum enim precibus uxoris, dandum filiae lacrimis, dandum etiam nobis amicis, ne spes nostras, si modo non essent inanes, voluntaria morte desereret. 10 Id ego arduum in primis et praecipua laude dignum puto. Nam impetu quodam et instinctu procurrere ad mortem commune cum multis, deliberare vero et causas eius expendere, utque suaserit ratio, vitae

modo de vida, tanta modéstia em seus hábitos! Costumo considerar seu próprio quarto e sua própria cama como uma imagem da sobriedade antiga. 5. O que embeleza essas coisas é a grandeza de seu caráter, que ele mantém não pela exibição, mas sim pelo senso moral. Certamente não é na opinião da população que ele busca as recompensas por suas ações, mas sim no próprio feito. 6. Diante disso, dificilmente você conseguirá comparar a este homem qualquer um daqueles que ostentam sua dedicação à sabedoria pela forma física. Ele realmente não frequenta os ginásios ou os pórticos, nem usufrui o seu tempo livre ou o dos outros com longas controvérsias, mas ocupa-se com a toga e os negócios e ajuda muitos com a assistência jurídica e outros muitos com seu conselho. 7. Ele não perderia para ninguém em integridade, respeito, justiça, coragem ou, ainda, primazia. Você ficaria admirado, se presenciasse com que paciência ele suporta essa doença, como resiste à dor, como enfrenta a sede e como atravessa inabalável e imune os inacreditáveis calores das febres. 8. Recentemente me convocou e, comigo, alguns poucos a quem ele aprecia muito e pediu que consultássemos os médicos a respeito de sua terrível doença. Caso ela fosse intransponível, ele deixaria, por vontade própria, a vida, mas, se apenas fosse longa e penosa, ele resistiria e sobreviveria. 9. Tal ato deve ser atribuído

mortisque consilium vel suscipere vel ponere ingentis est animi. 11 Et medici quidem secunda nobis pollicentur: superest ut promissis deus adnuat tandemque me hac sollicitudine exsolvat; qua liberatus Laurentinum meum, hoc est libellos et pugillares, studiosumque otium repetam. Nunc enim nihil legere, nihil scribere aut assidenti vacat aut anxio libet. 12 Habes quid timeam, quid optem, quid etiam in posterum destinem: tu quid egeris, quid agas, quid velis agere invicem nobis, sed laetioribus epistulis scribe. Erit confusioni meae non mediocre solacium, si tu nihil quereris. Vale.

aos pedidos da esposa, às lágrimas da filha, e também a nós, seus amigos, para que não frustrasse, com a morte voluntária, nossas esperanças, se já não eram inúteis. 10. Isso, penso eu, é, antes de tudo, algo muito penoso e digno de especial louvor. É comum, para muitos, recorrer à morte por algum ímpeto e pelo instinto; deliberar verdadeiramente e ponderar sobre suas causas, de modo que seja o argumento a persuadir-se a decisão pela vida ou pela morte deve ser abandonada ou mantida, isso é apenas para alguém de caráter sublime. 11. Os médicos nos garantem desenlaces favoráveis, resta apenas que algum deus confirme essas promessas, e, enfim, eu me liberte dessa angústia. Uma vez libertado, retornarei a minha casa em Laurento¹³⁹, isto é, para meus livros e tabuinhas e para meu tempo de estudo. Agora, não me agrada escrever ou ler qualquer coisa, pois ora estou junto a ele, ora estou aflito. 12. Você já sabe o que temo, o que desejo e, ainda, o que farei em seguida. Escreva você, em compensação, o que tem feito, o que está fazendo e o que quer fazer, porém em uma carta mais alegre. Não será um pequeno consolo para a minha inquietação saber que você não tem nenhuma queixa. Adeus.

139 Essa propriedade de Plínio é descrita com detalhes na carta 2.17.

Epístola 2.3

C. PLINIUS NEPOTI SUO S.

1 Magna Isaeum fama praecesserat, maior inventus est. Summa est facultas copia ubertas; dicit semper ex tempore, sed tamquam diu scripserit. Sermo Graecus, immo Atticus; praefationes tersae graciles dulces, graves interdum et erectae. 2 Poscit controversias plures; electionem auditoribus permittit, saepe etiam partes; surgit amicitur incipit; statim omnia ac paene pariter ad manum, sensus reconditi occurrant, verba – sed qualia! – quaesita et exulta. Multa lectio in subitis, multa scriptio elucet. 3 Prohomiatur apte, narrat aperte, pugnat acriter, colligit fortiter, ornat excelsae. Postremo docet delectat afficit; quid maxime, dubites. Crebra ἐνθυμήματα crebri syllogismi, circumscripti et effecti, quod stilo quoque assequi magnum est. Incredibilis memoria: repetit altius quae dixit ex tempore, ne verbo quidem labitur. 4 Ad tantam ἔξιν studio et exercitatione pervenit; nam diebus et noctibus nihil aliud agit nihil audit nihil loquitur. 5 Annum

Ao amigo Mecílio Nepos

1. Uma grande fama havia precedido o próprio Iseu: revelou-se ser ainda maior. Há nele extrema facilidade, profusão e abundância. Ele fala sempre de improviso, mas tal qual tivesse elaborado por muito tempo, sempre em língua grega, ou melhor, em ático. Seus prefácios são elegantes, graciosos, suaves e, algumas vezes, solenes e elevados. 2. É ele que propõe a maioria das controvérsias, concede a escolha aos ouvintes e, muitas vezes, até o posicionamento. Levanta-se, veste a toga e começa. De pronto do fundo de seu pensamento chegam quase ao mesmo tempo até sua mão as palavras todas – e que palavras! – escolhidas e elaboradas. Revela-se muita leitura em seus improvisos, muita composição escrita¹⁴⁰. 3. Ele faz proêmios adequados, narra claramente, disputa com vivacidade, conclui com firmeza e ornamenta com elevação. Enfim, ele ensina, deleita e emociona, você duvidará qual deles melhor. Utiliza abundantes entimemas, abundantes silogismos,

140 Essa é uma ideia que Quintiliano defende no livro 10 de *Institutio oratoria* (1-4). Para esse autor, a facilidade da eloquência é alcançada a partir da constante leitura de outros autores e treinamento da própria escrita. Algo semelhante é aconselhado por Plínio, na carta 7.9, a Fusco Salinator.

sexagensimum excessit et adhuc scholasticus tantum est: quo genere hominum nihil aut sincerius aut simplicius aut melius. Nos enim, qui in foro verisque litibus terimur, multum malitiae quamvis nolimus addiscimus: 6 schola et auditorium et ficta causa res inermis innoxia est, nec minus felix, senibus praesertim. Nam quid in senectute felicius, quam quod dulcissimum est in iuventa? 7 Quare ego Isaeum non disertissimum tantum, verum etiam beatissimum iudico. Quem tu nisi cognoscere concupiscis, saxeus ferreusque es. 8 Proinde si non ob alia nosque ipsos, at certe ut hunc audias veni. Numquamne legisti, Gaditanum quendam Titi Livi nomine gloriae commotum ad visendum eum ab ultimo terrarum orbe venisse, statimque ut viderat abisse? *Ἀφιλόκαλον* illiteratum iners ac paene etiam turpe est, non putare tanti cognitionem qua nulla est iucundior, nulla pulchrior, nulla denique humanior. 9 Dices: 'Habeo hic quos legam non minus disertos.' Etiam; sed legendi semper occasio est, audiendi non semper. Praeterea multo magis, ut vulgo dicitur, viva vox afficit. Nam licet acriora sint quae legas, altius tamen in animo sedent, quae pronuntiatio vultus habitus gestus etiam dicentis affigit; 10 nisi vero falsum putamus illud Aeschinis, qui cum legisset Rhodiis orationem Demosthenis

concisos e perfeitos, algo muito requerido também na escrita. Sua memória é inacreditável: ele repete com clareza aquilo que disse de improviso e não escorrega em uma só palavra. 4. Ele alcançou tamanha abundância por meio do estudo e da exercitação. De fato, em seus dias e noites, ele não faz, ouve ou fala qualquer coisa além disso. 5. Ele já ultrapassa seus sessenta anos e, até agora, é apenas professor de retórica. Não há nada ou mais puro ou mais singelo ou melhor que essa classe de homens. Nós, no entanto, que somos moldados, no foro, pelos litígios verdadeiros, aprendemos muitas malícias, ainda que sem querer. 6. Não só a escola, mas também o auditório e a causa fictícia, é algo inocente e inofensivo, mas não menos aprazível, sobretudo para os mais velhos. Afinal, o que há de mais aprazível na velhice do que aquilo que era o mais agradável na juventude? 7. Por isso, considero Iseu não apenas o mais loquaz, mas também o mais feliz. Se ainda não está desejando muito conhecê-lo, é porque você é de pedra ou de ferro. 8. Então, se não por qualquer outra causa, mesmo por mim, venha para escutá-lo. Acaso você nunca leu que certo Garditano, movido pelo nome e pela fama de Tito Lívio, veio da mais distante parte da terra para vê-lo e, logo que o tinha visto, partiu? Contrária às artes, ignorante, desqualificada e, ainda, quase monstruosa seria

admirantibus cunctis, adiecisse fertur: τί δέ, εἰ αὐτοῦ τοῦ θηρίου ἠκούσατε et erat Aeschines si Demostheni credimus λαμπροφωνότατος. Fatebatur tamen longe melius eadem illa pronuntiasse ipsum qui pepererat. 11 Quae omnia huc tendunt, ut audias Isaeum, vel ideo tantum ut audieris. Vale.

a atitude de desconsiderar tamanha inteligência, em relação a qual não há nada mais agradável, nada mais belo e, finalmente, nada mais humano. 9. Você dirá: “Tenho aqui já alguns para ler não menos loquazes”. Tudo bem, mas sempre haverá oportunidade para ler; para ouvir, não sempre. Além disso, como geralmente se diz, emociona muito mais a voz viva. É possível que as palavras que você lê sejam mais penetrantes, todavia no espírito se acomodam mais profundamente aquelas que a fala, o rosto e mesmo o gesto do orador impõem. 10. A não ser que julgemos de fato uma mentira aquilo que se diz sobre Ésquines, que, tendo ele lido um discurso de Demóstenes para os cidadãos de Rodes, todos muito admirados, acrescentou: “Como seria se tivessem ouvido o próprio prodígio?”¹⁴¹ e tinha Ésquines, se damos crédito a Demóstenes, uma voz muito sonora. Ele reconhecia que aquele mesmo que as havia composto, pronunciou muito melhor as próprias palavras. 11. Tudo que foi dito aponta para isto: que você ouça Iseu, mesmo que apenas para que você o tenha escutado. Adeus.

141 Essa história era um lugar comum na Antiguidade. Conferir: Plínio (*Epistulae*, 4.5), Cícero (*De oratore*, 3.213) e Quintiliano (*Institutio oratoria*, 9.3.7).

Epístola 2.3

C. PLINIUS POMPEIO FALCONI SUO S. Ao amigo Pompeio Falcão

1 Tertius dies est quod audivi recitan-
tem Sentium Augurinum cum summa
mea voluptate, immo etiam admiratione.
Poemata appellat. Multa tenuiter multa
sublimiter, multa venuste multa tenere,
multa dulciter multa cum bile. 2 Aliquot
annis puto nihil generis eiusdem abso-
lutius scriptum, nisi forte me fallit aut
amor eius aut quod ipsum me laudibus
vexit. 3 Nam lemma sibi sumpsit, quod
ego interdum versibus ludo. Atque adeo
iudicii mei te iudicem faciam, si mihi ex
hoc ipso lemme secundus versus occur-
rerit; nam ceteros teneo et iam explicui.

4 Canto carmina versibus minutis,
his olim quibus et meus Catullus
et Calvus veteresque. Sed quid ad me?

Unus Plinius est mihi priores:
mavult versiculos foro relicto
et quaerit quod amet, putatque amari.
I nunc, quisquis amas, amare noli.
Ille o Plinius, ille quot Catones!

1. Há três dias que ouvi, com profunda
satisfação e, mais ainda, com fascinação,
Sêncio Augurino recitando. Ele os chama
de “poemas breves”. Muitos deles são sua-
ves, muitos outros elevados; muitos, ele-
gantes, muitos, delicados; muitos, serenos,
muitos, coléricos. 2. Há vários anos que,
acredito, nada desse tipo foi escrito com
tamanho plenitude, a não ser que me
engane ou a afeição por ele, ou porque ele
mesmo me engrandeceu com seus elogios.
3. Tomou como matéria para si o fato de
que, às vezes, também pratico alguns ver-
sos. Agora, então, farei de você o juiz do
meu próprio juízo, se me for possível lem-
brar o segundo verso dessa mesma obra,
pois os outros tenho de cor e já expus.

4. “Canto poemas em versos mesquinhos,
como outrora o caro Catulo,
e Calvo¹⁴², e os antigos. Mas que me
importa?

Um Plínio apenas substitui os anteriores:
deixado o foro, prefere os versinhos,

142 Há comparação com Catulo e Calvo também em 1.16. A ligação de Plínio com Catulo e com a poesia neotérica de um modo geral é um assunto bastante comentado pela crítica. Sobre isso, conferir Marchesi (2008, p. 54-96).

5 Vides quam acuta omnia quam apta quam expressa. Ad hunc gustum totum librum repromitto, quem tibi ut primum publicaverit exhibebo. Interim ama iuvenem et temporibus nostris gratulare pro ingenio tali, quod ille moribus adornat. Vivit cum Spurinna, vivit cum Antonino, quorum alteri affinis, utrique contubernalis est. 6 Possis ex hoc facere coniecturam, quam sit emendatus adulescens, qui a gravissimis senibus sic amatur. Est enim illud verissimum:

“γινώσκων ὅτι
τοιούτους ἐστίν, οἷσπερ ἤδεται συνών.”
Vale.

busca algo para amar e imagina ser amado. Aquele, ó, Plínio, aquele qual Catões! Vá agora, quem quer que ame, não ame!”¹⁴³

5. Você reconhece que é tudo tão perspicaz, tão adequado, tão claro. Garanto que todo o livro tem a mesma qualidade, eu o enviarei para você logo que ele tiver sido publicado. Por enquanto, estime esse jovem e agradeça ao nosso tempo por ter produzido um talento tal, que Augurino ainda ornamenta mais com seu caráter. Convive com Espurina, convive com Antonino, entre os quais, sendo parente de um, é amigo dos dois¹⁴⁴. 6. Observe, portanto, a partir disso, quão correto é esse rapaz, já que é estimado dessa forma por senhores tão ilustres. Não há nada mais certo que isto: “Você pode conhecer um homem pelas companhias que ele escolhe”¹⁴⁵. Adeus.

143 Embora estejamos utilizando o texto latino da edição de Radice (1969, p. 312), a tradução dos últimos versos do poema executa a mesma inversão realizada por Fernández (2005). O texto está em formato poético no original, mas optou-se por uma tradução em prosa, apenas mantendo a separação de versos em diferentes linhas. Tentamos manter, todavia, alguma musicalidade e estruturas mais poéticas, especialmente certa concisão.

144 Árrio Antonino (*Arrius Antoninus*) era, de acordo Radice (1969, p. 558), um *amicus* de Nerva. Foi *consul suffectus* em 69 e 97 e procônsul da Ásia em 78. Recebe três missivas de Plínio – 4.3, 4.18 e 5.15 –, todas são elogios aos seus versos em grego.

145 De acordo com Radice (1969, p. 313, nota 2), esse trecho é de Eurípedes (Frag. 812 N²). Conferir também Nauck (1856, p. 490).

Epístola 5.14

C. PLINIUS PONTIO ALLIFANO SUOS. Ao amigo Pôncio Alifano

1 Secesseram in municipium, cum mihi nuntiatum est Cornutum Tertullum accepisse Aemiliae viae curam. 2 Exprimere non possum, quanto sim gaudio affectus, et ipsius et meo nomine: ipsius quod, sit licet – sicut est – ab omni ambitione longe remotus, debet tamen ei iucundus honor esse ultro datus, meo quod aliquanto magis me delectat mandatum mihi officium, postquam par Cornuto datum video. 3 Neque enim augeri dignitate quam aequari bonis gratius. Cornuto autem quid melius, quid sanctius, quid in omni genere laudis ad exemplar antiquitatis expressius? quod mihi cognitum est non fama, qua alioqui optima et meritisima fruitur, sed longis magnisque experimentis. 4 Una diligimus, una dileximus omnes fere quos aetas nostra in utroque sexu aemulandos tulit; quae societas amicitiarum artissima nos familiaritate coniunxit. 5 Accessit vinculum necessitudinis publicae; idem enim mihi, ut scis, collega quasi voto petitus in praefectura

1. Eu havia me retirado para minha cidade natal quando fui informado de que Cornuto Tértulo tornou-se curador da Via Emília. 2. Não posso expressar de que modo fiquei alegre, não apenas por ele, mas também por mim. Por ele porque, mesmo que se afaste largamente de qualquer ambição, ele deve alegrar-se por ter recebido essa honra indicada por outra pessoa; por mim, porque me agrada ainda mais ver que um cargo similar a um já ocupado por mim é agora dado a Cornuto¹⁴⁶. 3. Não é, de fato, mais satisfatório elevar-se em título que ser equiparado a um homem excelente. Pois quem seria melhor do que Cornuto, quem mais íntegro, ou um exemplo mais claro de todos os tipos das louvadas virtudes antigas? Porque eu o conheço não pela fama, da qual, advinda de outros, a mais merecida e mais excelente, ele desfruta, mas sim de uma prolongada e copiosa experiência. 4. Juntos nós apreciamos, juntos já apreciávamos antes praticamente

146 Plínio foi nomeado para a cura *alvei Tiberis et riparum et cloacarum* em 104 d.C. (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 345; SOUZA, 2013b, p. 152).

aerarii fuit, fuit et in consulatu. Tum ego qui vir et quantus esset altissime inspexi, cum sequerer ut magistrum, ut parentem vererer, quod non tam aetatis maturitate quam vitae merebatur. 6 His ex causis ut illi sic mihi gratulor, nec privatim magis quam publice, quod tandem homines non ad pericula ut prius verum ad honores virtute perveniunt. 7 In infinitum epistulam extendam, si gaudio meo indulgeam. Praevertor ad ea, quae me agentem hic nuntius deprehendit. 8 Eram cum proscero meo, eram cum amita uxoris, eram cum amicis diu desideratis, circumibam agellos, audiebam multum rusticarum querellarum, rationes legebam invitus et cursim – aliis enim chartis, aliis sum litteris initiatus –, coeperam etiam itineri me praeparare. 9 Nam includor angustiis commeatus, eoque ipso, quod delegatum Cornuto audio officium, mei admoneor. Cupio te quoque sub idem tempus Campania tua remittat, ne quis cum in urbem rediero, contubernio nostro dies pereat. Vale.

todos aqueles – em ambos os sexos – que nossa época apresentou como exemplos a serem imitados. Tal compartilhamento tão estreito de amizades nos uniu intimamente. 5. Acrescenta-se a isso um vínculo nas obrigações públicas. Como você sabe, na prefeitura do Tesouro, como se tivesse sido indicado por mim, ele foi meu companheiro, companheiro, do mesmo modo, no consulado. Eu mesmo comprovei, mais que qualquer outro, que tipo de homem e quão grande homem era; quando então o acompanhava, como um professor e como um pai o respeitava, algo que merecia não tanto pela experiência da idade quanto pela de vida. 6. Por esses motivos todos é que felicito do mesmo modo a ele e a mim, e nem o faço mais em privado do que publicamente, pois enfim a virtude leva os homens às honras e não aos perigos, como outrora. 7. Eu estenderia minha carta para sempre, se desse liberdade à minha alegria. Volto, agora, para aquilo que estava fazendo quando a notícia me surpreendeu. 8. Estava com meu caro sogro, estava com a tia de minha esposa, estava com amigos que há muito tempo desejava ver, percorria meus pequenos campos, escutava muitas das reclamações dos camponeses, lia minhas cartas rapidamente e sem vontade – são de fato outros os papéis e outras as letras nas

quais fui instruído – e já me havia preparado para a viagem, 9. pois estou limitado pela brevidade da minha licença e, ao escutar sobre a magistratura de Cornuto, estou sendo lembrado da minha própria. Espero que sua querida Campânia o envie de volta a Roma no mesmo período, para que, quando eu tiver retornado à cidade, não careça de nossa amizade nem por um dia. Adeus.

Epístola 5.17

C. PLINIUS VESTRICIO SPURINNAE SUO S.

1 Scio quanto opere bonis artibus faveas, quantum gaudium capias, si nobiles iuvenes dignum aliquid maioribus suis faciant. Quo festinantius nuntio tibi fuisse me hodie in auditorio Calpurni Pisonis. 2 Recitabat *κατασπερισμῶν* eruditam sane luculentamque materiam. Scripta elegis erat fluentibus et teneris et enodibus, sublimibus etiam, ut poposcit locus. Apte enim et varie nunc attollebatur, nunc residebat; excelsa depressis, exilia plenis, severis iucunda mutabat, omnia ingenio pari. 3 Commendabat haec voce suavissima, vocem verecundia: multum sanguinis, multum sollicitudinis in ore, magna ornamenta recitantis. Etenim nescio quo pacto magis in studiis homines timor quam fiducia decet. 4 Ne plura – quamquam libet plura, quo sunt pulchriora de iuvene, rariora de nobili –, recitatione finita multum ac diu exosculatus adolescentem, qui est acerrimus stimulus monendi, laudibus incitavi, pergeret qua coepisset, lumenque quod sibi maiores sui praetulissent, posteris ipse praeferret. 5 Gratulatus sum optimae matri, gratulatus et fratri, qui ex

Ao amigo Vestrício Espurina

1. Conheço com quanto empenho você encoraja as artes liberais, quanta alegria alcança se os jovens nobres fazem algo digno de seus antepassados. 2. Por isso, o mais rapidamente que posso, noticio que estive hoje no auditório de Calpúrnio Pisão. Ele estava recitando *Catasterismo*, um assunto erudito e, certamente, ilustre. O tema havia sido escrito em elegíacos, não só fluentes, mas delicados e desenvoltos, elevados também, se a passagem convidasse a isso. O poema, correta e alternadamente, ora se elevava, ora se recolhia, mudava o sublime em rasteiro, o vazio em pleno, o grave em alegre, tudo isso com a mesma habilidade. 3. Ele valorizava essas coisas por meio da voz mais suave, e sua voz, por meio de sua inibição: havia em seu rosto grande rubor e grande cuidado, grandes ornamentos para quem recita. Realmente desconheço por qual razão o receio, mais que a segurança, se ajusta aos homens dos estudos¹⁴⁷. 4. Para que eu não diga ainda outras qualidades – embora muitas mais seja possível dizer, pois são mais belas nos jovens e mais raras nos nobres – terminada a recitação, beijei o jovem muito e longamente e, porque é a mais penetrante forma

auditorio illo non minorem pietatis gloriam quam ille alter eloquentiae retulit: tam notabiliter pro fratre recitante primum metus eius, mox gaudium eminuit. 6 Di faciant ut talia tibi saepius nuntiem! Faveo enim saeculo ne sit sterile et effectum, mireque cupio ne nobiles nostri nihil in domibus suis pulchrum nisi imagines habeant; quae nunc mihi hos adulescentes tacitae laudare adhortari, et quod amborum gloriae satis magnum est, agnoscere videntur. Vale.

de aconselhar, incentivei-o com meus elogios, para que continuasse aquilo que havia começado, e que transferisse aos seus descendentes a chama que seus antepassados haviam transferido para ele. 5. Felicitei sua magnífica mãe, também seu irmão, que, do auditório, não emanou honra menor por sua lealdade que Pisão por sua eloquência. De modo tão admirável demonstrou pelo irmão que recitava primeiramente preocupação e, logo depois, alegria. 6. Queiram os deuses que eu lhe noticie tais coisas mais frequentemente. Incentivo, de fato, que essa geração não seja estéril e vazia, também desejo intensamente que nossos nobres não considerem nada belo em suas casas que não as imagens de antepassados, as quais me parecem que agora, secretamente, louvam, exortam esses jovens e, porque ambos têm muita e suficiente glória, reconhecem-nos. Adeus.

147 Essa é uma ideia que Plínio também reafirma ao vituperar Régulo. Para Plínio (Epistulae, 4.7.3-4), “embora a força seja menor no interior dos bons do que no dos maus, assim como ‘ousadia significa ignorância e reflexão traz a hesitação’, também a vergonha enfraquece os espíritos retos e a audácia fortalece os pervertidos. Exemplo disso é Régulo [...]” (“*Quamquam minor vis bonis quam malis inest ac sicut ἀμαθία μὲν θράσος, λογισμὸς δὲ ὄκνον φέρει, ita recta ingenia debilitat verecundia, perversa confirmat audacia. Exemplo est Regulus [...]*”).

Epístola 6.11

C. PLINIUS MAXIMO SUO S.

1 O diem laetum! Adhibitus in consilium a praefecto urbis audivi ex diverso agentes summae spei summae indolis iuvenes, Fuscum Salinatorem et Ummidium Quadratum, egregium par nec modo temporibus nostris sed litteris ipsis ornamento futurum. 2 Mira utrique probitas, constantia salva, decorus habitus, os Latinum, vox virilis, tenax memoria, magnum ingenium, iudicium aequale; quae singula mihi voluptati fuerunt, atque inter haec illud, quod et ipsi me ut rectorem, ut magistrum intuebantur, et iis qui audiebant me aemulari, meis instare vestigiis videbantur. 3 O diem – repetam enim – laetum notandumque mihi candidissimo calculo! Quid enim aut publice laetius quam clarissimos iuvenes nomen et famam ex studiis petere, aut mihi optatius quam me ad recta tendentibus quasi exemplar esse propositum? 4 Quod gaudium ut perpetuo capiam deos oro; ab isdem teste te peto, ut omnes qui me imitari tanti putabunt meliores esse quam me velint. Vale.

Ao amigo Máximo

1. Ó dia feliz! Tendo sido convidado pelo prefeito da cidade para participar de um conselho, ouvi atuando, em lados opostos, dois jovens de grande perspectiva e de grande disposição: Fusco Salinator e Umídio Quadrato, um par emérito, que será um ornamento não apenas para o nosso tempo, mas para as próprias letras. 2. Há, em ambos, admirável integridade, firmeza sadia, comportamento adequado, linguagem correta, entonação viril, memória firme, grande talento e juízo equânime. Todas e cada uma dessas coisas me agradaram. Entre elas também o fato de que eles olhavam atentamente para mim, como se eu fosse seu mestre, professor. Para aqueles que os ouviam, eles pareciam estar me imitando e seguindo meus passos. 3. Ó dia – vou sim repetir – feliz! e que deve ser marcado com a mais branca das pedrinhas! O que poderia ser mais feliz para a sociedade do que seus jovens mais distintos procurarem renome e fama por meio da erudição, ou mais desejável para mim do que ter sido apresentado quase como um exemplo de direção correta? 4. Que eu alcance continuamente tal alegria é o

que peço aos deuses; a eles, sendo você testemunha, peço que todos os que considerarem futuramente que é de algum valor me imitar, queiram ser melhores que eu. Adeus.

Epístola 6.21

C. PLINIUS CANINIO SUO S.

1 Sum ex iis qui mirer antiquos, non tamen (ut quidam) temporum nostrorum ingenia despicio. Neque enim quasi lassa et effeta natura nihil iam laudabile parit. 2 Atque adeo nuper audivi Vergilium Romanum paucis legentem comoediam ad exemplar veteris comoediae scriptam, tam bene ut esse quandoque possit exemplar. 3 Nescio an noris hominem, quamquam nosse debes; est enim probitate morum, ingenii elegantia, operum varietate monstrabilis. 4 Scripsit mimiambos tenuiter argute venuste, atque in hoc genere eloquentissime; nullum est enim genus quod absolutum non possit eloquentissimum dici. Scripsit comoedias Menandrum aliosque aetatis eiusdem aemulatus; licet has inter Plautinas Terentianasque numeres. 5 Nunc primum se in vetere comoedia, sed non tamquam inciperet ostendit. Non illi vis,

Ao amigo Canínio

1. Estou entre os que admiram os antigos, no entanto não desconsidero, como alguns, os talentos de nosso tempo. Não está certamente tão cansada e exausta a natureza que já não produza algo de louvável¹⁴⁸. 2. Além disso, de tal modo ouvi, recentemente, Vergílio Romano lendo tão bem, para poucos, uma comédia escrita ao modelo da comédia antiga, que algum dia poderá ser um modelo¹⁴⁹. 3. Não sei se você o conhece, embora deva conhecer; ele é, de fato, notável pela proibição da moral, elegância do engenho e variedade da obra. 4. Escreveu mimos iâmbicos com finura, argúcia, maestria e, ainda, nesse gênero, com máxima eloquência; de fato, não há gênero algum em que não se possa dizer que ele é o mais eloquente. Escreveu comédias em emulação a Menandro e a outros da mesma época; é possível que você até as enumere

148 Plínio também faz essa afirmação em 5.17.6, quando elogia o poema astronômico de Calpúrnio Pisão. Essa ideia de que a terra tende ao esgotamento era comum na Antiguidade, como se verifica em Virgílio (*Georgicon libri*, 1.496) e Lucrécio (2.1150 ss.) (RADICE, 1969, p. 446; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 381; FERNÁNDEZ, 2005, p. 317).

149 Como aponta Sherwin-White (1998, p. 381), o teatro é citado em Plínio sempre como forma de recitação, ou seja, como texto escrito e lido, não como espetáculo. Conferir 1.15.2, 3.1.9, 5.3.2.

non granditas, non subtilitas, non amaritudo, non dulcedo, non lepos defuit: ornavit virtutes, insectatus est vitia; fictis nominibus decenter, veris usus est apte. 6 Circa me tantum benignitate nimia modum excessit, nisi quod tamen poetis mentiri licet. 7 In summa extorquebo ei librum legendumque, immo ediscendum mittam tibi; neque enim dubito futurum, ut non deponas si semel sumpseris. Vale.

entre as plautinas e as terencianas. 5. Pela primeira vez, agora, ele se aventurou na comédia antiga, mas não foi como se estivesse começando. A ele não faltou força, nem grandeza, nem sutileza, nem amargura, nem doçura, nem graça: as virtudes louvou, os vícios perseguiu; os nomes fictícios ele usou com adequação, os nomes verdadeiros com precisão. 6. A meu respeito, apenas, excedeu um pouco na extrema bondade, senão porque aos poetas é permitido mentir. 7. Enfim, arrebaterei dele o livro e enviarei a você para que leia, ou melhor, para que aprenda de cor; e não duvido que, uma vez que você o tiver aberto, não vai deixá-lo. Adeus.

Epístola 6.26

C. PLINIUS SERVIANO SUO S.

1 Gaudeo et gratulor, quod Fusco Salinatori filiam tuam destinasti. Domus patricia, pater honestissimus, mater pari laude; ipse studiosus litteratus etiam disertus, puer simplicitate comitate iuvenis senex gravitate. Neque enim amore decipior. 2 Amo quidem effuse – ita officiis ita reverentia meruit –, iudico tamen, et quidem tanto acrius quanto magis amo; tibique ut qui exploraverim spondeo, habiturum te generum quo melior fingi ne voto quidem potuit. 3 Superest ut avum te quam maturissime similibus sui faciat. Quam felix tempus illud, quo mihi liberos illius nepotes tuos, ut meos vel liberos vel nepotes, ex vestro sinu sumere et quasi pari iure tenere continget! Vale.

Ao amigo Serviano

1. Alegro-me e o felicito porque prometeu sua filha a Fusco Salinator. Sua família é patricia, o pai honestíssimo e a mãe digna de igual louvor; ele mesmo, um estudioso, literato e loquaz; menino por sua simplicidade, em amabilidade um jovem e um senhor por sua seriedade. E não estou me deixando enganar por meu afeto. Eu o amo efusivamente, é verdade – e ele merece, tanto por seu trabalho quanto por sua reverência –, todavia também é verdade que o critico tão mais violentamente quanto mais o amo e posso lhe prometer – como alguém que já o conhece bem – que você está para ter um genro melhor do que o que imaginou ou que estabeleceu em seus desejos. 3. Resta que, o quanto antes, ele faça de você um avô de crianças comparáveis a ele. Quão alegre será o momento em que eu tirarei dos seus braços os filhos dele e seus netos, como se fossem meus filhos ou netos, e segurá-los-ei quase que com a mesma autoridade. Adeus.

Epístola 7.25

C. PLINIUS RUFO SUO S.

1 O quantum eruditorum aut modestia ipsorum aut quies operit ac subtrahit famae! At nos eos tantum dicturi aliquid aut lecturi timemus, qui studia sua proferunt, cum illi qui tacent hoc amplius praestent, quod maximum opus silentio reverentur. 2 Expertus scribo quod scribo. Terentius Iunior, equestribus militiis atque etiam procuratione Narbonensis provinciae integerrime functus, recepit se in agros suos, paratisque honoribus tranquillissimum otium praetulit. 3 Hunc ego invitatus hospitio ut bonum patrem familiae, ut diligentem agricolam intuebar, de his locuturus, in quibus illum versari putabam; et coeperam, cum ille me doctissimo sermone revocavit ad studia. 4 Quam tersa omnia, quam Latina, quam Graeca! Nam tantum utraque lingua valet, ut ea magis videatur excellere, qua cum maxime loquitur. Quantum ille legit, quantum tenet! Athenis vivere hominem, non in villa putes. 5 Quid multa? Auxit sollicitudinem meam effecitque ut illis quos doctissimos novi, non minus hos seductos et quasi rusticos verear. 6 Idem suadeo tibi: sunt enim ut in castris sic etiam in litteris nostris,

Ao amigo Rufo

1. Ó! A fama de tantos eruditos é ocultada e roubada ou por sua própria modéstia ou por sua quietude! Nós, porém, tememos, quando estamos para discursar ou recitar alguma coisa, apenas os que expõem sua cultura, quando, na verdade, aqueles que se calam os ultrapassam largamente, pois reconhecem, com seu silêncio, o mais elevado dos labores. 2. É por experiência que escrevo o que escrevo. Terêncio Júnior, que, da mais honesta maneira, exerceu funções no exército de cavaleiros e, ainda, foi procurador na província da Gália Narbonense, retirou-se em seus campos e, com as honras que havia alcançado, dirigiu-se para o mais sossegado ócio. 3. Eu, tendo sido convidado para ir até lá em visita e prevendo que ele era um bom proprietário e um agricultor zeloso, já estava prestes a falar sobre essas coisas, nas quais eu pensava que ele estava versado, e eu já havia mesmo começado quando ele me chamou de volta aos estudos com a mais douda conversação. 4. E que elegância em tudo! Que latim! Que grego! Tamanha fluência tinha em ambos que, naquele que estivesse utilizando, mais parecia superar-se. Quanto ele já

plures cultu pagano quos cinctos et armatos, et quidem ardentissimo ingenio, diligenter scrutatus invenies. Vale.

leu, quanto ele guarda! Você pensaria que o homem vive em Atenas, não em uma casa no campo. 5. Que mais direi? Ele aumentou o meu cuidado e fez-me respeitar aqueles distantes e quase camponezes não menos que aos mais doutos que eu conheço. 6. Rogo para que você faça o mesmo: certamente há, tanto nos acampamentos quanto nas nossas queridas letras, muitos outros de aspecto rústico que, procurando cuidadosamente, você achará armados e equipados, porém também com o mais brilhante talento. Adeus.

Epístola 7.25

C. PLINIUS MINICIANO SUO S.

1 Hunc solum diem excuso: recitaturus est Titinius Capito, quem ego audire nescio magis debeam an cupiam. Vir est optimus et inter praecipua saeculi ornamenta numerandus. Colit studia, studiosos amat fovet provehit, multorum qui aliqua componunt portus sinus gremium, omnium exemplum, ipsarum denique litterarum iam senescentium reductor ac reformator. 2 Domum suam recitantibus praebet, auditoria non apud se tantum benignitate mira frequentat; mihi certe, si modo in urbe, defuit numquam. Porro tanto turpius gratiam non referre, quanto honestior causa referendae. 3 An si litibus tererer, obstrictum esse me crederem obeunti vadimonia mea, nunc, quia mihi omne negotium omnis in studiis cura, minus obligor tanta sedulitate celebranti, in quo obligari ego, ne dicam solo, certe maxime possum? 4 Quod si illi nullam vicem nulla quasi mutua officia deberem, sollicitarer tamen vel ingenio hominis pulcherrimo et maxime et in summa severitate dulcissimo, vel honestate materiae. Scribit exitus illustrium virorum, in his quorundam mihi carissimorum. 5 Videor ergo fungi pio

Ao amigo Miniciano

1. Apenas durante este dia eu me desocupo: quem está para fazer uma recitação é Ticínio Capitão, algo que ouvirei não sei se mais por dever ou por desejar. Esse homem é excelente e deve ser contado entre os principais ornamentos de nossa geração. Ele cultiva os estudos, aos estudiosos ele estima, incentiva e promove. Para muitos dos que escrevem algo, ele é um porto, um colo, um refúgio, além de um exemplo para todos, enfim, é um condutor e reformador da própria literatura já decadente. 2. Oferece sua casa para recitadores, frequenta plateias – não apenas em sua casa – com uma generosidade admirável. Estando eu um pouco na cidade, nunca me desamparou. De longe, seria tão mais indecoroso não retribuir seu favor quanto mais digna é razão para retribuí-lo. 3. Acaso, se estivesse envolvido em causas judiciais, eu não acreditaria estar comprometido com aquele que me acompanhasse à audiência? Agora, porém, porque toda minha ocupação é o cuidado com os estudos, estou menos comprometido com aquele que, com tamanha assiduidade, me honra com sua presença e, ainda, é alguém com

munere, quorumque exsequias celebrare non licuit, horum quasi funebribus laudationibus seris quidem sed tanto magis veris interesse. Vale.

quem eu sou capaz de me comprometer, se não exclusivamente, com certeza antes de todos os outros? 4. Porque, mesmo se eu não devesse qualquer troca de favores ou qualquer responsabilidade mútua, seria compelido a vê-lo, quer pelo talento desse homem, algo belíssimo e agradabilíssimo não apenas na superioridade, mas também em seu supremo rigor, quer pela dignidade do assunto. Ele está escrevendo sobre a morte de homens notáveis, entre os quais estão alguns dos mais caros a mim. 5. Desse modo, parece que realizo uma piedosa homenagem ao comparecer ao que são praticamente os elogios fúnebres – tardios, é verdade, mas não menos genuínos – daqueles em cujos funerais eu não pude estar. Adeus.

Epístola 9.22

C. PLINIUS SEVERO SUO S.

1 Magna me sollicitudine affecit Passenni Pauli valetudo, et quidem plurimis iustissimisque de causis. Vir est optimus honestissimus, nostri amantissimus; praeterea in litteris veteres aemulatur exprimit reddit, Propertium in primis, a quo genus ducit, vera suboles eoque simillima illi in quo ille praecipuus. 2 Si elegos eius in manus sumpseris, leges opus tersum molle iucundum, et plane in Properti domo scriptum. Nuper ad lyrica deflexit, in quibus ita Horatium ut in illis illum alterum effingit: putes si quid in studiis cognatio valet, et huius propinquum. Magna varietas magna mobilitas: amat ut qui verissime, dolet ut qui impatientissime, laudat ut qui benignissime, ludit ut qui facetissime, omnia denique tamquam singula absolvit. 3 Pro hoc ego amico, pro hoc ingenio non minus aeger animo quam corpore ille, tandem illum tandem me recepi. Gratulare mihi, gratulare etiam litteris ipsis, quae ex periculo eius tantum discrimen adierunt, quantum ex salute gloriae consequuntur. Vale

Ao amigo (Herênio) Severo

1. É grande a preocupação que a saúde de Passeno Paulo me causou, e, de fato, por variadas e justíssimas razões. Ele é o homem mais excelente, mais digno e o mais estimado por mim. Além disso, ele emula, expressa e traz de volta os clássicos em sua obra literária, principalmente Propércio, cuja linhagem ele dá continuidade. Sendo um descendente genuíno, é idêntico a ele mesmo naquilo em que foi mais singular. 2. Se você tiver em mãos os versos elegíacos de Passeno, irá ler uma obra impoluta, versátil, prazerosa e certamente escrita no território de Propércio. Inclinou-se, recentemente, para a poesia lírica, na qual personificou Horácio tal qual o fez em relação ao outro. Se laços de sangue tivessem influência na erudição, você pensaria que Passeno é também congênere de Horácio. Há nele extrema variedade, extrema versatilidade: ama como os amantes mais verdadeiros, sofre como as vítimas mais aflitas, louva como os mais generosos, graceja como os mais espirituosos, e, acima de tudo, tudo isso desenvolve tanto em conjunto quanto separadamente. 3. Eu mesmo, por causa desse amigo, por causa desse

talento, não estive menos abalado no espírito do que ele no corpo: quando ele finalmente se recuperou, eu também me recuperei. Dê-me felicitações, dê felicitações também às próprias letras, que, na doença dele, correram tanto perigo quanto, na saúde, conseguirão em glória. Adeus.

Apresentação geral do conteúdo das cartas citadas

Carta	Destinatário	Extensão (parágrafos)	Conteúdo geral
1.10	Ácio Clemente	12	Elogio ao filósofo Eufrates, homem que Plínio conheceu na província da Síria. O missivista exalta sua aparência física, sua capacidade filosófica e seu modo de discursar.
1.16	Erúcio Claro	9	Elogio ao estilo literário de Pompeio Saturnino, versado tanto na oratória quanto na história e na poesia.
1.22	Catílio Severo	12	Elogio a Tício Aristo, jurista romano que, bastante doente, estava sendo acompanhado por Plínio naquele momento. Os louvores da carta são dedicados à carreira e à capacidade moral de Aristo.
2.3	Mecílio Nepos	11	Exaltação da eloquência de Iseu, retor de origem síria que, no momento, estava em Roma realizando recitações – controversias – em língua grega.
4.27	Pompeio Falcão	6	Elogio aos poemas breves recitados por Sêncio Augurino, nos quais o próprio Plínio é citado.
5.14	Pôncio Alifano	9	Comemoração por Cornuto Tértulo ter sido nomeado curador da Via Emília. Plínio elogia a atuação pública desse personagem traçando um paralelo com sua própria experiência nos cargos públicos.
5.17	Vestrício Espurina	6	Plínio elogia Calpúrnio Pisão pela recitação de seu poema astronômico <i>Catasterismo</i> .
6.11	Máximo	4	Demonstração de alegria por ter visto os jovens oradores Fusco Salinator e Umídio Quadrato discursarem numa causa. Plínio destaca que ambos eram, de algum modo, seus discípulos em relação à oratória.
6.21	Canínio Rufo	7	Elogio a Vergílio Romano por uma comédia que recitou ao estilo da comédia antiga.
6.26	Júlio Serviano	3	Felicitação pelo casamento da filha de Serviano com Fusco Salinator. Plínio exalta as qualidades do noivo.
7.25	(Canínio) Rufo	6	Elogio a Terêncio Júnior, que, mesmo retirado a uma vida rústica, demonstrou grande erudição e conhecimento durante uma conversa.
8.12	Cornélio Miniciano	5	Plínio informa que assistirá a uma recitação de Ticínio Capitão e o elogia previamente pelo incentivo que dá à literatura de seu tempo.
9.22	(Herênio) Severo	3	Elogio a Passeno Paulo, poeta lírico e elegíaco, que esteve doente. Plínio exalta a habilidade poética de Passeno por meio da comparação com Horácio e Propércio.

Apresentação dos correspondentes e destinatários das cartas citadas

Carta	Destinatário	Informações biográficas	Elogiado	Informações biográficas
1.10	Ácio Clemente (Attius Clemens)	Personagem desconhecido (RADICE, 1969, p. 559; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 108), provavelmente originário da região Narbonense (SYME, 1985, p. 343). Recebeu a carta 4.2 (sobre a morte do filho de Régulo) e possivelmente a 9.35 (recebimento de um livro).	Eufrates (<i>Euphrates</i>)	Foi um filósofo estoico, natural de Tiro, rival de Apolônio de Tiana e discípulo de Musônio Rufo. Foi expulso de Roma por Domiciano em 93 d.C., para onde retornou durante o governo de Nerva (FERNÁNDEZ, 2005, p. 78; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 746). Provavelmente um não cidadão romano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 244), que se casou com filha de cidadão com influência política (<i>Epistulae</i> , 1.10). Plínio o conheceu na província da Síria. Não recebeu quaisquer outras cartas nem foi mais citado nelas.

Carta	Destinatário	Informações biográficas	Elogiado	Informações biográficas
1.16	Erúcio Claro (<i>M. Erucius Clarus</i>)	Era cunhado de Septício Claro (<i>Epistulae</i> , 1.1). Foi um cavaleiro romano originário da região Transpadana (GIBSON; MORELLO, 2012, p. 310). Foi citado elogiosamente na carta 2.9 (<i>commendatio</i> em favor de seu filho, Sex. Erúcio Claro).	Pompeio Saturnino (<i>Pompeius Saturninus</i>)	Foi, provavelmente, um advogado de ordem equestre originário da região Transpadana (SYME, 1985, p. 343). Sua carreira é desconhecida (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 103). Foi citado em 1.16 e 7.8; recebeu as cartas 1.8 (sobre a biblioteca dada por Plínio a cidade de Como), 5.21 (lamento pela morte de Avito e doença de Júlio Valente), 7.7 (Plínio expressa alegria pela amizade mútua de Saturnino e Prisco, um amigo em comum), 7.15 (resposta ao destinatário: envia notícias do que tem feito) e 9.38 (elogio a Saturnino por um livro publicado).
1.22	Catílio Severo (<i>L. Catilius Severus</i>)	Foi um notável senador sob Adriano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 473). Era provavelmente originário da Bitúnia (GIBSON; MORELLO, p. 310); para Birley (2000, p. 19), mais especificamente, de Apamea. Foi <i>consul suffectus</i> em 110 e 120. Recebeu a carta 3.12 (um bilhete aceitando um convite para jantar, texto em que há várias alusões literárias).	Tício Aristo (<i>Titius Aristo</i>)	Conhecido a partir de fontes jurídicas como um dos grandes advogados de sua época; nada se sabe de sua carreira. Para Syme (1958, p. 352), certamente não era senador e seu nome parece remeter a uma origem grega. Ele deve ter sido mais velho do que Plínio. Desempenhou um papel considerável nos textos do <i>Digesto</i> [<i>Corpus Juris Civilis</i> , de Justiniano] (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 136). Recebeu as cartas 5.3 (a respeito de alguns versos do próprio Plínio) e 8.14 (pedido de conselho a respeito de uma ação no senado).

Carta	Destinatário	Informações biográficas	Elogiado	Informações biográficas
2.3	Mecílio Nepos (<i>Maecilius ou Metilius Nepo</i>)	Há controvérsias sobre quem seria esse destinatário. Após levantar uma série de dados, Sherwin-White (1998, p. 146-147) conclui que: “O Nepos de Plínio pode ser Mecílio Nepos, mas ele pode ser também o Sabino de 9.2 e 18”. Possivelmente foi cônsul em 91. Na carta 4.26, Plínio afirma que Mecílio está prestes a ser procônsul em uma província, o que, para Sherwin-White (1998, p. 306), pode ter se concretizado provavelmente em 105 ou 106. Recebeu as cartas 3.16 (sobre os feitos de Arria), 4.26 (sobre a revisão das cópias de seu próprio livro) e 6.19 (sobre o aumento de preço das propriedades).	Iseu (Isaeus)	Foi um orador profissional e não, como Eufrates (1.10) e Artemidoro (3.11), um filósofo (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 146-147). Iseu foi um retor citado por Juvenal (<i>Saturae</i> , 3.74) e por Filóstrato (<i>Vida dos Filósofos</i> , 1.20). Não foi correspondente de outras cartas nem citado nelas.
4.27	Pompeio Falcão (<i>Pompeius Falco</i>)	Era um jovem amigo senatorial de Plínio e comandou uma legião e uma província (Lycia-Pamphyla) entre 101 e 105 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306). Segundo Radice (1969, p. 577), foi <i>consul suffectus</i> em 108 e legado sob Trajano e Adriano. Era genro de Sósio Senecio. Sua origem é incerta. Acredita-se que não era cisalpino (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306). Para Birley (2000, p. 80), ele provavelmente é da Sicília. Recebeu as missivas 1.23 (respondendo a Pompeio, Plínio dá seu parecer sobre a simultaneidade de atuações em processos judiciais e o tribunate), 7.22 (indicação de Cornélio Miniciano a um tribunate) e 9.15 (Plínio fala sobre sua estadia na Toscana, o trabalho que tem feito e pede notícias da cidade). Foi citado em 9.13 (longa carta sobre um processo judicial).	Sêncio Augurino (<i>Q. Gellius Sentius Augurinus</i>)	Foi procônsul da Macedônia e senador pretoriano sob Adriano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 306). Era mais jovem que Plínio (<i>Epistulae</i> , 4.27) e provavelmente originário de Verona (SYME, 1985, p. 348). Recebeu a missiva 9.8 (brevíssima nota em que Plínio elogia Augurino por tê-lo elogiado).

Carta	Destinatário	Informações biográficas	Elogiado	Informações biográficas
5.14	Pôncio Alifano (<i>Pontius Allifanus</i>)	Foi um amigo com quem Plínio compartilhou preocupações literárias (RADICE, 1969, p. 578); provavelmente também um senador e contemporâneo próximo de Cornuto Tértulo (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 343), originário da Campânia (<i>Epistulae</i> , 5.14 e 7.4). Recebeu as cartas 6.28 (agradecimento pela hospitalidade do destinatário na Campânia, ainda que ele não estivesse pessoalmente lá para receber Plínio) e 7.4 (resposta ao destinatário sobre o livro de hendecassílabos de Plínio, explicando suas razões em escrevê-los).	Cornuto Tértulo (<i>C. Julius Cornutus Tertullus</i>)	Era pelo menos quinze anos mais velho que Plínio (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 345) e provavelmente amigo do imperador Tito (p. 344). Pode ter sido, juntamente com Corélio e Júlio Basso, um dos amigos de Vespasiano e Tito que foram abandonados por Domiciano (p. 112). Originário de Perge ou Antália, na província da Panfília (SYME, 1958, p. 356), recebeu as missivas 7.21 (sobre os cuidados com uma inflamação nos olhos de Plínio) e 7.31 (<i>commendatio</i> de Cláudio Polião).
5.17	Vestricio Espurina (<i>T. Vestricius Spurinna</i>)	Foi um dos <i>veteres</i> admirados e seguidos como exemplos por Plínio. Gibson e Morello (2012, p. 115-123) dedicam-se mais longamente à discussão sobre a exemplaridade e a influência que Espurina, sendo de uma geração anterior (a do tio de Plínio), exerce sobre ele. Para os autores, essa exemplaridade está ligada tanto ao <i>cursus honorum</i> quanto ao modelo de <i>otium studiosum</i> . Sua origem é cisalpina ou narbonense. Teve longa carreira militar e política, especialmente próspera quando relacionada aos flavianos. Atuou na economia de Nerva e foi cônsul em 98 e 100 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 761). Já estava retirado da carreira pública no momento da carta, ainda que muito ativo intelectualmente (<i>Epistulae</i> , 3.1). Recebeu, juntamente com a esposa Cotia, a missiva 3.10 (Plínio informa o envio do texto elogioso que escreveu sobre o filho do casal, que teve morte prematura). Foi citado, entre outras cartas, em 2.7 (sobre as honras triunfais que recebeu, assim como a estátua do filho falecido, um elogio póstumo), 3.1 (Plínio descreve toda a rotina de Espurina em seus momentos de ócio, já aos 77 anos de idade) e 4.27 (sobre a eloquência de Sêncio Augurino).	Calpúrnio Pisão (<i>C. Calpurnius Piso</i>)	Era provavelmente mais jovem que Plínio, de uma família aristocrática tradicional de Roma, embora seu pai possivelmente tenha sido um conspirador contra Nerva e Trajano (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 761). Foi <i>consul ordinarius</i> em 111 (p. 349).

Carta	Destinatário	Informações biográficas	Elogiado	Informações biográficas
6.11	Máximo (<i>Maximi</i>)	<p>Nesta carta, encontramos grande dificuldade de identificação do destinatário, uma vez que há muitos <i>Maximi</i> na obra indicados apenas pelo sobrenome¹⁵⁰. De modo geral, o destinatário de 6.11 é identificado como Nóvio Máximo, originário da região Transpadana (BIRLEY, 2000, p. 76). Provavelmente foi cônsul em 78 (SYME, 1958, p. 348). Recebeu as epístolas 2.14 (o declínio da oratória em seus dias, especialmente na corte dos Centúvrios), 4.20 (elogio a um texto do próprio Máximo), 5.5 (lamento pela morte de Caio Fânio e elogio póstumo), 6.11 (elogio de Umídio Quadrato e Fusco Salinator), 7.26 (sobre a necessidade de manter-se virtuoso mesmo na doença), 8.19 (envio de um livro e comentário sobre problemas de saúde de sua mulher e escravos), 9.1 (Plínio incentiva o destinatário a publicar o mais rápido possível seus discursos contra Pompeio Planta) e 9.23 (demonstração de alegria pelo reconhecimento público tanto de seu talento quanto do de Tácito).</p>	Umídio Quadrato (<i>C. Ummidius Quadratus</i>)	<p>Era neto por adoção, de Umídia Quadratila (Plínio, <i>Epistulae</i>, 7.24). Sabe-se que tinha 23 anos em 107 d.C. Sua carreira não é conhecida até sua nomeação como <i>consul suffectus</i> em 118. Ele foi mencionado elogiosamente na carta 7.24 e recebeu duas cartas longas: 6.29 (conselho sobre em quais causas atuar e como) e 9.13 (detalhamento de um processo em que Plínio atuou ainda sob o governo de Domiciano).</p>
			Fusco Salinator (<i>Pedanius Fuscus Salinator</i>)	<p>Era um jovem, membro de uma família senatorial originária de Barcino, na Espanha. Foi cônsul em 118 d.C. Ele foi mencionado por Plínio na carta 6.26 (felicitação pelo casamento entre Salinator e a filha de Serviano) e recebeu as epístolas 7.9 (conselho sobre que rotina de estudos deve adotar), 9.36 (sobre a rotina de Plínio quando está na Toscana) e 9.40 (última carta do livro 9 sobre a rotina de Plínio quando está em Laurento).</p>

150 Sobre isso, conferir Sherwin-White (1998, p. 180-181), Syme (1985, p. 324-325) e Birley (2000, p. 70-71).

Carta	Destinatário	Informações biográficas	Elogiado	Informações biográficas
6.21	Canínio Rufo (<i>Caninius Rufus</i>)	Há vários <i>Rufi</i> na correspondência pliniana mencionados apenas pelo <i>cognomen</i> ¹⁵¹ . É provável que o destinatário desta carta seja Canínio Rufo, um proprietário de terras em Como e amigo literário de Plínio (FERNÁNDEZ, 2005, p. 181; SHERWIN-WHITE, 1998, p. 742-743). Recebeu as missivas 1.3 (sobre as ocupações de Plínio), 2.8 (ainda sobre as ocupações de Plínio), 3.7 (morte de Sílio Itálico), 7.18 (benefetorias municipais de Plínio), 7.25 (elogio a Terêncio Júnior), 8.4 (poema sobre a guerra na Dácia) e 9.33 (uma história sobre um menino e um golfinho).	Vergílio Romano (<i>Vergilium Romanum</i>)	É um personagem sobre o qual não possuímos informações (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 181; FERNÁNDEZ, 2005, p. 317).
6.26	Júlio Serviano (<i>L. Julius Ursus Servianus</i>)	Viveu entre 46/47 e 136 d.C. (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 475; RADICE, 1969, p. 571). Originário da <i>Hispania</i> , era filho adotivo de <i>Julius Ursus</i> ; foi legado na Germânia e Panônia em 98-101 e cônsul por três vezes: 97, 102 e 134 (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 386). Sherwin-White o considera um dos pilares do governo de Trajano por ter feito parte do grupo hispânico de sustentação desse imperador (p. 250).	Fusco Salinator	Conferir 6.11

151 Conferir Syme (1985, p. 341).

Carta	Destinatário	Informações biográficas	Elogiado	Informações biográficas
7.25	[Canínio] Rufo	Conferir 6.21	Terêncio Júnior (<i>Terentius Iunior</i>)	Foi um cavaleiro que atuou na Perúgia (Perúcia). Também era ex-procurador da Gália Narbonense (RADICE, 1969, p. 582). Segundo Sherwin-White (1998, p. 434), ele teria preferido a posição de cavaleiro aos riscos da classe senatorial. Recebeu as missivas 8.15 (breve nota em que Plínio envia mais livros para o destinatário) e 9.12 (Plínio dá conselhos ao destinatário a respeito de como educar um filho, recomendando menos rigidez em alguns aspectos).
8.12	Cornélio Miniciano (<i>Cornelius Minicianus</i>)	De acordo com Sherwin-White (1998, p. 744), foi um equestre e magnata municipal originário de Bérgamo, homenageado também em Mediolano e Otesia, que recebeu o posto de <i>praefectus cohortis</i> por Pompeio Falcão, legado da Judéia (107). Depois, foi <i>tribunus militaris</i> e <i>praefectus fabrorum</i> . Recebeu as epístolas 3.9 (carta longa em que Plínio explica em detalhes o processo dos Béticos contra Cecílio Clássico) e 4.11 (Plínio noticia que Valério Liciniano está dando aula de retórica na Sicília, relacionando esse personagem à história de execução de uma vestal ainda sob Domiciano).	Ticínio Capitão (<i>Cn. Octavius Titinius Capito</i>)	“Oficial equestre e homem de letras. Ele é o primeiro dos secretários de Estado nascidos livres conhecido (<i>a patrimonio</i> e <i>ab epistulis</i>), mantendo-se no ofício de Domiciano até 102. Mais tarde, foi <i>vigilum praefectus</i> ” (SHERWIN-WHITE, p. 759). Originário do norte da Itália, perto de Verona, ou mesmo de Roma (BIRLEY, 2000, p. 92), recebeu as cartas 5.8 (sobre a possibilidade de Plínio escrever história) e 8.12. Foi citado em 1.17 (elogio ao ato de Ticínio Capitão, que pediu permissão para fazer uma estátua em honra a Lúcio Silano).

Carta	Destinatário	Informações biográficas	Elogiado	Informações biográficas
9.22	[Herênio] Severo	<p>É difícil determinar o destinatário desta carta, em virtude de ter sido identificado apenas pelo <i>cognomen</i>. Há pelo menos cinco <i>Severi</i> correspondentes de Plínio: <i>Annius, Catilius, Herennius, Vetenius</i> e <i>Vibius</i>. Consideramos <i>Herennius</i> como sendo o possível destinatário da carta a partir das considerações de Sherwin-White (1998) e Radice (1969). Herênio Severo foi estudioso (<i>scholar</i>) e, aparentemente, um senador consular (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 744). Não recebeu nenhuma outra carta. Foi citado em 4.28 (Plínio solicita ao destinatário que procure um pintor para fazer retratos de dois cidadãos notáveis para a biblioteca de Herênio Severo).</p>	<p>Passeno Paulo (<i>C. Passenus Paulus Propertius Blaesus</i>)</p>	<p>Foi um cavaleiro (<i>equus</i>) romano, descendente de Propércio (SHERWIN-WHITE, 1998, p. 754; BIRLEY, 2000, p. 77). Além da carta 9.22, foi citado em 6.15 (trata-se de uma anedota contada a Vocônio Romano sobre a leitura de versos elegíacos de Passeno, na qual o jurista para quem a obra se dedicava interveio como se o poema falasse verdades).</p>



KÁTIA REGINA GIESEN

Nasceu em Cariacica, ES. É mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Interessou-se pela literatura latina na graduação e atualmente pesquisa o gênero epidítico e a obra de Plínio, o Jovem.



LENI RIBEIRO LEITE

É natural do Rio de Janeiro, doutora em Letras Clássicas (UFRJ) e professora de Língua e Literatura Latina na Ufes. É autora de *Latine Loqui: curso básico de Latim* (Edufes) e *Épica II: Ovídio, Lucano, Estácio* (Unicamp), entre outros.

A correspondência de Plínio, o Jovem, constitui um conjunto variadíssimo de mais de trezentas cartas, distribuídas em dez livros. Os nove primeiros foram organizados e publicados pelo autor. O décimo, publicado depois de sua morte, registra a correspondência com o imperador Trajano. Este vasto conjunto inclui um leque variadíssimo de assuntos e destinatários e foi, durante muito tempo, considerado principalmente como fonte para o estudo de fatos históricos e práticas sociais e culturais da época do império romano. Kátia e Leni, sem desdenhar este importante aspecto, abordam a correspondência pliniana como texto literário e tentam desvendar seus mecanismos de produção e recepção. Para atingir esse objetivo, servem-se não só do estudo dos gêneros discursivos na Antiguidade e suas inter-relações, mas também do arsenal teórico fornecido pela retórica antiga e pelas reflexões mais recentes da análise do discurso.

Pablo Schwartz